

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KRESLEY COLE

THE DARK CALLING

THE ARCANA CHRONICLES





KRESLEY COLE

THE DARK CALLING

THE ARCANA CHRONICLES



Novas intrigas, aventuras e atordoantes revelações enchem o penúltimo livro eletrizante da Série Crônicas Arcanas.

Em um mundo oscilando à beira...

Quando Evie recebe notícias de mudar o mundo — e quem sabe o jogo — ela tem problema em acreditar. Por que ela não se sente diferente? É possível que alguém em quem ela confie esteja mentindo?

Com inimigos em cada curva...

Tensão ferve dentro do castelo do Tempo Perdido enquanto Evie começa a duvidar de sua própria sanidade. Respostas podem ser encontradas do lado de fora da fortaleza deles, mas Morte vai ajudá-la a encontrá-las, ou impedi-la de saber a verdade sobre seu futuro e a possível sobrevivência de Jack?

Escuridão acena

Um misterioso e sinistro poder começa a afetar os Arcanas em seu caminho. Forçada a sair em terras devastadas sozinha, Evie deve depender de aliados inesperados. Mas uma batalha com Richter assoma, será que sua nova aliança pode derrotar a Chamada Sombria antes do inferno reinar na terra?

THE ARCANA CHRONICLES
KRESLEY COLE

O campo de batalha

Durante o Flash, uma explosão cataclísmica, a superfície da Terra foi esquentada até as cinzas, e corpos de água evaporaram. Virtualmente, toda planta viva foi morta, a maior parte dos animais também. A maioria dos humanos pereceu, as mulheres as mais atingidas. Após meses de seca total, por fim começou a chuva — então caiu constantemente, até os primeiros flocos de neve. O sol tinha cessado de se levantar, deixando o mundo numa noite sem fim. Praga se espalha. A fome está varrendo a terra.

Obstáculos

Milícias se unem, consolidando poder. Escravistas e canibais caçam novas vítimas. Os Bagmen (Bagger) — zumbis contagiosos criados pelo Flash — rumam pelas terras devastadas (as Cinzas) lamentando por sangue.

Oponentes

Os Arcanas. Em cada era escura, 22 jogadores com poderes sobrenaturais são destinados a lutar em um jogo de vida ou morte. O vencedor viverá como imortal até o próximo jogo, quando os caídos reencarnam. Nossas histórias são retratadas nas cartas dos Arcanos Maiores de um baralho de tarô. Sou a Imperatriz, nós jogamos de novo agora. Morte, meu inimigo ao longo dos tempos, é agora meu principal aliado. Na nossa mira: Richter, a carta do Imperador, quem massacrou um exército, assassinando minha amiga Selenia e possivelmente Jack, meu primeiro amor.

Arsenal

Conhecimento do jogo vai me ajudar a sobreviver a ele. Minha avó era uma Tarasova, uma profunda conhecedora do tarô. Antes de morrer, ela me ajudou a entender melhor meus poderes de Imperatriz: cura regenerativa, a capacidade de controlar qualquer coisa que tenha raiz ou floresça, tornados de espinhos e venenos.

Embora Morte me treine, meus poderes foram silenciados por alguma força desconhecida, bem quando eu mais precisava deles. Será que eu, junto com minha aliança de assassinos — renegados, bruxas e guerreiros — podemos nos defender da ira ardente de Richter?



— Os Arcanas Maiores —

- 0- O Louco, Guardião do Antigo (Matthew)
- I- O Mago, Mestre das Ilusões (Finneas)
- II- A Sacerdotisa, Governante das Profundezas (Circe)
- III- A Imperatriz, Nossa Dama dos Espinhos (Evie)
- IV- O Imperador, Suserano das Rochas (Richter)
- ~~V- O Hierofante (Papa), O dos Ritos Sombrios (Guthrie)~~
- ~~VI- Os Enamorados, Duque & Duquesa Mais Perversos (Vincent e Violet)~~
- VII- O Centurião, O Campeão Mau (Kentarch)
- VIII- Força, Senhora da Fauna (Lark)
- ~~IX- O Eremita, Mestre da Alquimia (Arthur)~~
- X- Roda da Fortuna, Senhora das Oportunidades (Zara)
- ~~XI- A Fúria, Ela que Atormenta (Spite)~~
- XII- O Enforcado, nosso Senhor Misterioso (??)
- XIII- Morte, O Cavaleiro Eterno (Aric)
- ~~XIV- Temperança, Coletora de Pecados (Calanthe)~~
- ~~XV- O Diabo, O Profano (Ogen)~~
- XVI- A Torre, Senhor dos Relâmpagos (Joules)
- ~~XVII- A Estrela, Arcano Navegador (Stellan)~~
- ~~XVIII- A Lua, Portadora da Dúvida (Selena)~~
- XIX- O Sol, Salve o Glorioso Iluminador (Sol)
- XX- Julgamento, O Arcanjo (Gabriel)
- ~~XXI- O Mundo, Este Impossível (Tess)~~



Dia 512 D.F.¹

Castelo Lethe

Você não sabe que está grávida?

Você não sabe?

Você não sabe?

Eu gaguejei:

— E-eu... o quê? —Tique-taque.

Merda de tique-taque. Estive lutando para poder aceitar a possível sobrevivência de Jack, tentando decidir se Matthew estava determinado a me deixar louca.

Agora isso?

As sobrancelhas loiras de Aric se uniram.

— Você está carregando o nosso filho — embora ele estivesse sentado ao meu lado na beirada da cama, sua voz parecia estar a quilômetros de distância. — Eu estava me questionando por que não havia me contado. Claramente você nem fazia ideia.

Não. Podia. Ser.

Eu tinha dezessete anos, superando um apocalipse e contando com uma viagem só de ida para enfrentar Richter. Apertei os lençóis quando a cama pareceu girar.

— Eu não sabia, porque isso não pode ter acontecido. Estou tomando anticoncepcional. Não tem como.

¹ Depois do Flash.

— Tem que ter. Paul testou seu sangue.

— Você deixou que ele tirasse meu sangue quando eu estava desmaiada? — A ideia dos dois fazendo um teste de gravidez em mim me irritou.

Minha reação pareceu surpreender Aric.

— Sim. Depois de minha esposa perder a consciência, solicitei que nosso médico determinasse o que estava mal. — Quando ele colocava desse modo, parecia ridículo questionar suas atitudes. — Você ficou inconsciente por um dia inteiro.

— Isso tudo?— Olhei para a janela. Uma nevasca caía forte na noite sem fim. Raios brilhavam tanto quanto a luz do dia, iluminando a chuva densa.

Minha última lembrança era de nós fugindo do ataque de Richter e Zara depois de nos encontrarmos com Finn. Então Matthew tinha me contatado, dando-me uma dor de cabeça de rachar e uma hemorragia nasal, mas me *deixando ouvir Jack*.

Matthew pode ter usado uma velha lembrança da voz de Jack me enganando a acreditar que ele vivia. Mas por quê?

— *Sievā*, quando você perdeu a consciência, eu fiquei desvairado.

Eu me volvei para Aric. Raios de luz prateados passavam pela persiana, acentuando sua aparência cansada. Ele obviamente não tinha dormido.

— Algo mais tem que estar errado. Eu poso sentir uma semente bem fundo no chão, e não seria capaz de dizer que há algo crescendo dentro de mim?

Ele franziu a testa.

— Não necessariamente.

— Então quanto tempo Paul acha que eu estou? — Durante semanas senti uma contagem regressiva sinistra dentro da minha cabeça. Estive pressentindo *isso*?

— O teste dele só confirma positivo ou negativo. Eu fiquei tão surpreso que pedi que ele refizesse.

Claro que Aric ficaria surpreso. O sonho dele era um filho. Ainda assim, mesmo quando quis tentar começar uma família comigo, ele tinha duvidado que Morte pudesse gerar vida.

Meu coração doeu por ele. Quando ele descobrir que foi enganado...

— Paul está mentindo pra você. Eu tomei uma injeção, lembra? Nós dois conversamos sobre isso. — Aric ficou deleitado por eu ter premeditado dormir com ele.

— Conversamos. Mas tenho que me perguntar como você está grávida se um contraceptivo foi administrado.

— Ele deve ter forjado os resultados — eu sabia que parecia insano, mas ainda esperava que Aric confiasse na minha palavra. — Você acredita nessa história? Que ele tentou me dar um anticoncepcional e eu recusei? Por que eu faria algo assim?

Parecendo escolher suas palavras com muito cuidado, Aric perguntou:

— Por que ele mentiria?

— Eu não sei — Paul sempre foi a pessoa mais útil neste lugar. Ele tomou conta tão bem da minha avó que eu poderia indicá-lo à canonização.

— Durante aquela época, você estava sob intenso estresse. E admitiu que as coisas ficaram confusas na sua cabeça.

Antes do Flash, eu havia sido programada pela vovó, depois reprogramada em uma ala psiquiátrica. Depois do nosso reencontro, ela quase tinha me programado outra vez. Em seus últimos dias, eu me recordo de pensar que meu cérebro parecia um queijo suíço.

Ou um maldito campo de batalha.

— Talvez tenham ficado novamente? — ofereceu Aric com gentileza. — Tem realmente certeza de suas próprias lembranças?

Argh! Eu queria não ter admitido meus problemas de memória para ele.

— Eu me lembro da picada da agulha. Lembro de contar as doses que Paul ainda tinha, achando que Lark poderia querer algumas assim que encontrasse Finn.

E se Paul tivesse me dado uma injeção de mentira? Não! Eu me recusava a acreditar nisso. Porque isso significaria... *Negativo. Não quero nem pensar.*

Deus, eu não precisava disso agora; o que eu precisava era descobrir se Jack estava vivo. E se eu... imaginei a chamada de Matthew?

Aric disse:

— Acho que você passou por muito trauma e tragédia. Como isso não poderia afetá-la? Especialmente durante uma gravidez?

Eu poderia matar Paul por isso! Não por eu acreditar que estava grávida, mas por Aric acreditar. Isso acabaria com o cavaleiro.

Embora ele tivesse adorado os pais, Aric os matou acidentalmente — e o filho que sua mãe esperava — com seu toque. Através de uma das visões de Matthew, vivenciei o pesar devastador de Aric. Mesmo depois de se passarem dois milênios, ele ainda carregava isso. — Você me disse que confiava em meu julgamento. Ajudei a salvar as nossas peles de Richter, e você considera mais a palavra de Paul do que a minha? Ele está mentindo, o que significa que ele é perigoso. Mesmo assim você o deixa livre por aí!

— Quando percebi que a versão dele dos eventos era imensamente diferente do que você me contou dois meses atrás, pedi que Lark o monitorasse com uma criatura.

O que só funcionava quando ela estava acordada.

— Eu vou confrontá-lo — pulei da cama.

Aric rapidamente se levantou para me ajudar.

— Na hora certa. Você precisa descansar.

Agarrei meu robe, colocando-o por cima da camisola.

— Por causa da minha suposta "condição"? Eu me sinto ótima.

— Podemos não discutir isso logo? Estou pedindo pra você esperar. Pode fazer isso por mim? — Quando hesitei, ele disse: — Deixe-me preparar um banho. Podemos conversar. Você pode relaxar e contemplar as coisas.

— Um banho? — Não um assassinato?

— Pode confrontá-lo mais tarde; ele não vai a lugar algum. Venha, amor.

Se eu estivesse grávida, definitivamente arrancaria as vísceras de Paul, e a Bruxa Vermelha — meu alter ego homicida — iria querer saborear essa morte. Talvez eu devesse esperar que meus poderes recarregassem um pouco. Enquanto minha adrenalina diminuía, minha fraqueza crescia.

— Certo — Por enquanto, eu cooperaria com Aric.

Permiti que ele me levasse do quarto, andando docilmente — igual como eu fazia sempre que as enfermeiras me levavam pela ala de doentes mentais.

Enquanto Aric enchia a banheira, os ventos rugiam lá fora.

— O que está havendo com esse tempo?

— Uma nevasca caiu não muito depois de voltarmos pra cá. Não tivemos nada além de neve e relâmpagos.

— O que aconteceu com Joules e Gabriel depois que eu apaguei? Tenho certeza que você foi muito educado ao chutar os dois para fora da pickup. — Um pensamento aleatório: *Onde está a aliança de casamento que estava no meu bolso?* Jurei que entregaria a Aric depois que voltássemos para casa com Finn.

— Infelizmente, não tive nenhuma educação ao ejetá-los — ele acrescentou meus cristais de banho favoritos à água, bolhas se formando. — Em minha pressa de conseguir cuidados médicos pra você, dirigi direto pra cá, sem me esforçar para ludibriá-los. Tenho pouca dúvida que nos seguiram. Circe confirmou ter visto algo pousar na outra montanha pouco antes dessa nevasca.

Amarrei o cabelo em um coque.

— Eles vão atacar? — Nossa aliança com eles quando todos trabalhamos juntos para sobreviver tinha sido suficiente?

Na beirada da banheira, Aric me ajudou a tirar a roupa.

— Se eles ficarem com muita fome, atacarão. Mas se conseguirem passar por Lark e Circe, serão frustrados pelas defesas da nossa casa. Nem mesmo o Flash poderia passar pelas nossas portas à prova de explosivos, e janelas à prova de balas. Manteremos o castelo confinado. — Ele tomou minha mão e me ajudou a entrar na água. — Entrando. A temperatura está aceitável?

Não. Eu queria esquentar minha pele. Estiquei a mão para a torneira de água quente, mas ele me impediu.

— Quente demais não é bom no momento — ele se levantou para ligar o aquecedor do banheiro, depois voltou para sentar ao lado da banheira.

— Sobre o que está falando?

— Enquanto você estava inconsciente, eu li um pouco. Tenho poucos livros sobre o assunto gravidez, mas dei uma olhada em todos. Banhos excessivamente quentes não são recomendados.

Ah, claro. Isso.

— Eu não estou grávida.

— Então por que *acha* que perdeu a consciência? — Ele mergulhou um pano na água. Ao passá-lo nas minhas costas, minhas pálpebras ficaram pesadas. — Por que acha que seu nariz sangrou? Eu li que ambos podem ser sintomas de gravidez.

Eu deveria confessar a ele que Matthew se comunicou comigo? Que *Jack* pode ter se comunicado? Ou Aric poderia tomar isso como prova de que eu estava louca?

Eu tinha mais de uma razão para confrontar Paul. *Eu* precisava saber se minha mente estava bem. *Relação lógica, Evie*. Se Paul me convencesse de que falou a verdade sobre a injeção, então eu saberia que estava biruta o suficiente para imaginar outras coisas — como a voz de Jack. Se eu decidi que Paul estava mentindo, então por que não

deveria confiar em minha própria mente? Por que não deveria acreditar que Jack estava vivo?

A razão me dizia que tudo estava confuso. Meu histórico me dizia que já tive problemas antes, e que tinha amontoado toneladas de estresse em cima dos ombros. Mas eu precisava acreditar.

Disse a Aric:

— A janela da caminhonete explodindo na minha cara pode ter tido algo a ver com os meus sintomas. Ou ansiedade. Paul mesmo disse que eu provavelmente tinha estresse pós-traumático. — Aquele filho da mãe. Enfiei as mãos debaixo das bolhas de sabão escondendo minhas garras roxas de espinhos. — Falou com Lark ou Circe sobre isso?

— As duas ouviram que você estava esperando um filho, claro. Há pouca coisa que elas não ouvem — Lark espionava usando suas criaturas, Circe a água.

Não tínhamos muitos segredos aqui no Castelo Lethe, também conhecido como o castelo do Tempo Perdido.

— Então elas podem ter ouvido a minha conversa com Paul.

Ele sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, não.

— Perguntou a elas? Por que não consegue simplesmente aceitar o que eu digo?

— Pode dizer sem dúvida alguma que ele mentiu?

Depois de hesitar, eu disse:

— Não. Mas não confio nele. — Infelizmente, eu também não confiava completamente em mim mesma.

Aric lavou um dos meus braços, depois o outro.

— Até que tenha decidido com certeza absoluta, trancarei Paul em seus aposentos. Isso a fará se sentir melhor?

— Por que está sendo tão compreensivo com ele?

— Nem tudo é preto no branco nesta situação — ele fez uma pausa com o pano. — Esta gravidez não me parece lamentável. Nem

merecedora de um ataque homicida. Embora seu cabelo tenha se avermelhado há pouco.

— Então Paul será inocentado porque você não considera isso *lamentável*? Ele está manipulando nossas vidas. — A minha mente.

— Ele é um servo leal a mim desde pouco depois do Flash. — Aric uma vez me disse que o médico havia crescido naquela área. Depois do apocalipse, ele encontrou Paul na cidade mais próxima cuidando dos ferimentos das pessoas, dividindo suas provisões com elas.

Aric o contratou, convidando-o para morar aqui para fazer de tudo — manutenção do castelo, reparos em veículos, cozinhar, limpar.

— Bem, ele não foi leal comigo — encostei os joelhos no peito. — E onde está a *sua* lealdade? Eu te disse que não estava pronta para ter filhos, que não queria trazer uma criança para um mundo assim. — Por uma fração de segundo, eu me perguntei se Aric havia conspirado com Paul. Meu ressentimento ferveu mais. Eu entendia por que a Carta da Força cuspiu ácido. Eu queria poder cuspir agora. — Não pode realmente querer uma criança.

Parecendo pisar cuidadosamente outra vez, Aric disse:

— Eu não *deixo* de querer. Talvez sua gravidez fosse inevitável. Afinal, uma deusa da fertilidade a imbuíu com poderes. Durante eras, a Carta da Imperatriz tem sido associada com maternidade.

E com ira; também fui imbuída pela deusa Deméter. Quando ela tinha se enfurecido o bastante, jogou uma maldição sobre a terra inteira.

Eu me lembro da Bruxa Vermelha dizer:

— Deméter sabe se conter ferozmente e dar abundantemente. DAR — pouco antes de aplicar eutanásia em uma colônia de vítimas da peste. Matthew tinha me dito: — Poder é o seu fardo.

Não ultimamente.

Aric continuou:

— Quando você quis usar o contraceptivo, eu concordei. Mas por qualquer que seja a razão, esta agora é a nossa situação. E eu

particularmente a recebo com prazer. Depois de toda morte que causei...

— Eu tenho dezessete anos!

— Sua atual encarnação viveu esse tempo, mas se contar todas suas vidas, você é bem mais velha. — Uma frustração igual apareceu em sua expressão, mas ele a reprimiu. — Não consegue ver por que isso poderia ser algo bom, *sievā*? Nós mudaremos a história. Transformaremos o jogo. Talvez até colocaremos um fim nele.

Essa possibilidade me encantava. Antes de perder Jack, o que eu mais queria era acabar com o jogo. Mas o fato permanecia: eu não estava grávida.

Aric tocou minha bochecha.

— Fale comigo. Preciso saber de todos os pensamentos nessa sua cabeça bonita.

A possível sobrevivência de Jack. As mentiras de Paul. A decepção iminente de Aric. Garras. Veneno. Punição.

— Acabei. — Com o banho. De querer soltar essa raiva.

Fiquei de pé na banheira, olhando com raiva quando Aric usou sua rapidez para me levantar e envolver um robe ao meu redor.

— Eu consigo andar.

— Como desejar — ele me colocou em pé lentamente. De volta ao nosso quarto, passei pelo espelho de corpo inteiro parando para ver minha aparência. Meus olhos estavam vidrados, as bochechas pálidas. Eu não *parecia* grávida.

No reflexo, avistei uma rosa branca em um vaso ao lado da minha cama, a roseira que Aric tinha cultivado de uma semente depois que transamos pela primeira vez.

Por um milênio, ele sempre levou uma rosa branca em seu estandarte. Eu havia pintado uma na parede que dava vista para a nossa cama.

Esse botão de rosa era um daqueles gatilhos de memória dos quais minha avó tinha falado? Se era, o que mais isso significava?

Aric se colocou atrás de mim e colocou as mãos nos meus ombros. Para qualquer outra pessoa viva, o contato com a sua pele era letal. Para mim, seu toque era morno e prazeroso. Juntos, nós éramos diferentes.

Se Paul me deu uma injeção de mentira, por que eu *não teria* ficado grávida? Depois de todas as vezes que Aric e eu transamos?

Sexo potencialmente sem proteção.

Engoli com dificuldade, então fechei os olhos para fazer um inventário mental do meu corpo, usando o mesmo poder que eu usava para encontrar sementes na terra.

Sentindo, sentindo...

Abri os olhos, dando de cara com o meu olhar vazio. *Oh, santo Deus.* Algo parecia muito errado comigo.

Outra olhada para o botão branco. Aric plantou mais do que uma semente de rosa dois meses atrás.

Eu estava... grávida.

— Percebe alguma coisa, não é?

Vida e Morte tinham se juntado — como eu poderia pensar que não haveria repercussões? Foi aí que me dei conta: eu sempre engravidaria dele. Ele tinha razão; de fato parecia mesmo inevitável.

Não queria dizer que Paul escaparia da minha fúria.

Nos últimos meses, ficamos todos confusos pelos meus poderes terem enfraquecido. Tirando a destruição de plantas global, culpei as mordidas dos Bagman que sofri ou o tempo — frio e sem luz solar na noite sem fim. Aric culpou o pesar que eu não me permitia sentir pela morte de Jack.

Qualquer que fosse o motivo, uma gravidez não *ajudaria*.

Como eu contribuiria na batalha contra Richter desse jeito? Eu agora estava realmente no banco de reservas — e continuaria por meses.

Aric encontrou meu olhar no espelho.

— Amor, tudo ficará bem se confiar em mim.

Paul tinha ganhado minha confiança. Os médicos da ala psiquiátrica queriam que eu confiasse neles. Vovó teve minha confiança. Matthew também. O Eremita também. *Me conte a sua história.*

Estava cansada de confiar, mal conseguia conter aquela raiva ácida. A Imperatriz não se deixava prender em uma jaula.

Nem se comprometia.

Aric tinha me visto como uma Bruxa Vermelha sedenta de sangue no passado e devia temer que eu voltasse à velha forma. *Deveria.*

Se Paul tinha ferrado comigo, ele ia morrer.

Disse a Aric:

— Eu *estou* grávida.

Seus olhos brilharam de emoção.

— Está sim, esposinha.

Eu sorri para o espelho.

— O que significa que vou matar Paul.



— Isso não pode ser desfeito — Aric me disse enquanto eu amarrava as botas. — Se você estiver errada, terá assassinado um mortal desarmado que é de grande serventia para todos aqui. Culpa por coisas do passado já estão a devorá-la.

— Paul me deu uma injeção e me disse que era um contraceptivo. Isso aconteceu — *eu tinha quase certeza disso*. Terminei de amarrar as botas. — Acho que é direito da mulher escolher quando começar uma família. Paul roubou minha escolha. Vou puni-lo por isso.

— Quem fará o parto do nosso filho? Depois de trabalhar como paramédico, ele cursou medicina por dois anos. É o único com experiência médica. Quando preparei este castelo para qualquer futuro provável, nunca imaginei que eu e você teríamos um bebê, não tenho outro médico para você.

— Este é um problema que eu sequer deveria ter que considerar — mais culpa em cima de Paul.

— Se não pelo seu bem, então pense no Mago — Finn teve a perna mutilada por uma armadilha de urso de um canibal. Depois voltou a quebrá-la enfrentando os Enamorados. O osso nunca chegou a se curar completamente. — Paul acredita que pode realinhar a perna do garoto.

Fiquei tensa.

— Ele não vai *encostar* no Finn — meu amigo brincalhão podia ser um trapaceiro, mas o Mago não seria páreo para as tramas de Paul.

Aric pareceu pego de surpresa pelo meu tom. Mudando de tática, disse:

— Por dois mil anos recompensei os serviços leais dos mortais que empreguei, oferecendo proteção e orientação. Não devemos a Paul alguma consideração depois do modo como ele cuidou de sua avó?

Recordei a expressão gentil do médico ao cobrir a vovó e uma dúvida insistente surgiu. Eu a reprimi.

— Paul salvou sua vida — Aric salientou. — Removeu balas do seu coração.

— Eu consigo me regenerar.

— Não quando está com uma doença contagiosa correndo nas veias. A rapidez dele pode ter sido a diferença entre sua sobrevivência ou morte. Somente por isso eu devo a minha gratidão eterna a ele.

— Acha que aquela doença contagiosa já passou? — bati com o dedo no queixo. — Ou talvez essa sua cria seja parte Bagger. — Afinal, só passou alguns meses que quatro Bagmen me morderam por ordem do Sol. *Com amigos assim...*

— Tenho confiança de que já passou. Lembra-se de como você se forçava a dançar mais? Estava repleta de saúde — com exceção dos meus poderes. — Mas isso traz a tona uma questão importante: você de alguma maneira encontrou uma forma de confiar na Carta Sol depois de sua traição, e ele se redimiou. Temo que se você suspender a confiança que tem em Paul, acabará se odiando. Principalmente se ele for inocente de maldade.

— Ele não é. Pelo motivo que for, ele mentiu pra você a meu respeito. Você me disse que não deixa víboras entrarem na sua casa. É ele ou eu. — *Vá. Vá para as terras devastadas.* Era o jogo me chamando?

Neste momento, eu ansiava partir. Descobrir se Jack estava vivo. Perdoar Matthew caso ele estivesse.

Talvez eu não estivesse ouvindo mais deles por estar muito dentro do castelo, longe demais do limite aquático de Circe. Lá nas Cinzas eu poderia ter uma chance melhor de examinar mais a fundo a mensagem de Matthew.

Mas Aric nunca me deixaria ir. Especialmente agora. Ainda mais culpa para se jogar aos pés de Paul.

— Não seja ridícula — falou Aric, no momento exato. — Você não vai a lugar algum.

Ele não falou que Paul iria embora. Revirando os olhos, fui até a porta.

Aric me seguiu. Fomos pela ala leste, desviando dos inúmeros animais andando e ocupando os corredores do castelo. Ele fechou a cara quando uma família de porcos-espinhos simplesmente nos olhou, recusando-se a sair do caminho.

Ao ultrapassá-los, eu disse:

— Está um gelo aqui — minha respiração esfumaçava. As vinhas e rosas que eu fiz crescer pelos tetos já estavam murchando.

— Comecei a economizar combustível. Apenas a nossa ala e os aposentos ocupados terão aquecimento de agora em diante.

— Você disse a Jack que tínhamos cinquenta anos de combustível.

— Isso foi antes de saber que teríamos um filho. Os recursos devem ter uma administração diferente agora.

— O que mais mudou? — Parei de andar. — Talvez nosso plano de termos nosso momento de glória juntos? — Ele e eu tínhamos concordado em tomar uma passagem só de ida enfrentando Richter e salvando a humanidade. — Conheço você, Aric. Eu sei que já está planejando esses movimentos novos no jogo... — De repente eu não conseguia respirar direito. — Um de nós vai ter que viver para criar um filho. Você vai me fazer ganhar o jogo!

Eu seria forçada a suportar a morte dele e depois a do nosso filho. Teria que suportar a vida de imortal sozinha por séculos.

Enquanto isso ficaria longe de toda a luta, incapaz de ter qualquer voz.

— Não — ele disse firmemente. — Lark me informou que não tem interesse algum na imortalidade sem o Mago, então falei com Circe. — Para ser o nosso bode expiatório Arcano? — Ela concordou em ganhar o jogo, em algum momento num futuro distante. Por enquanto, derrotaremos Richter e sobreviveremos a batalha. Faremos de tudo para vivermos. Os dois.

— Como? O que mudou?

— Eu queria ter uma resposta específica para te dar, mas não tenho no momento. Soube que vamos ter uma criança há menos de um dia. Durante eras idealizei certa existência, então alterei meus planos para ter uma vida ao seu lado. Agora tudo está sem controle mais uma vez. — Ele deu um passo para mais perto de mim. — Mas eu sei que devemos ser mais fortes, mais inteligentes e mais adaptáveis. Precisaremos de aliados como nunca antes. Faremos o que for preciso para sobreviver tempo suficiente para criarmos nosso filho *juntos*.

Não devo ter parecido convencida, porque ele disse:

— Já prevaleci contra o Imperador antes. — Usando a ira de Richter, sua força e fraqueza, contra ele. — Podemos superar novamente.

— E se falharmos? Se morrermos?

— Com o seu consentimento, Circe será a madrinha do nosso filho.

Embora as opções fossem poucas, provavelmente eu a teria escolhido. Ela adorava crianças. Em um momento raro de confiança, confessou-me que ela e o noivo tinham planejado três.

— Concordo. Ela é uma boa escolha.

— Também roguei que ela fizesse aquele feitiço da memória em nosso benefício. — Em jogos futuros, seríamos capazes de nos lembrar do passado... para que não nos matássemos. — Ela disse que é difícil de executar, mas que vai tentar.

Então ele não estava planejando me coroar vitoriosa. Meu alívio foi curto. Eu ainda tinha que lidar com Paul.

Aric levantou a mão e segurou minha nuca.

— Eu sei o que quero no futuro. Sei o que lutarei para ter. E o primeiro passo é fazer minha esposa acreditar em mim quando digo que este bebê é uma coisa boa.

Eu queria ser mais compreensiva com ele. Ainda assim, não conseguia de jeito nenhum manejar isso.

— O primeiro passo é se livrar do homem que me traiu — eu me soltei da mão dele e continuei pelo corredor.

Quando nos aproximamos da sala de lazer, ouvi Lark e Finn rirem com algum filme. O cheiro de pipoca amanteigada chegou até mim e meu estômago revirou.

Aric disse:

— O apetite do Mago só se iguala ao seu uso de gírias incompreensíveis. Enquanto você dormia, ele deve ter devorado o equivalente a um ano de rações.

Rações. Nunca ouvi Aric falar de comida nesses termos. Então estávamos conservando tudo? Ele tinha se preparado para alimentar *Ogen*; eu tinha que acreditar que Finn comia menos que um demônio/troll.

Chegamos na entrada da sala de lazer. Lá os pombinhos estavam juntinhos no sofá.

Lark fez uma pausa no filme.

— Olha! É a mamãe urso que acordou do cochilo!

Com a boca cheia de pipoca, Finn disse:

— A loirinha tá com um pãozinho no forno!

Eu reclamei:

— Aparentemente.

Lark escrutinou meu rosto.

— Ei, aonde está indo?

— Confrontar Paul. Parece que ele me deu uma injeção anticoncepcional de mentira. Depois mentiu e disse a Aric que me recusei a tomar uma.

Finn colocou o balde de pipoca gigante de lado.

— Péssimo! E por que isso?

Boa pergunta.

— Estou tentando descobrir.

Lark se endireitou.

— O que acontece se ele vacilou mesmo com você? — *Se?* — Estamos falando de exílio? — Ela acenou para a janela. Neve caía em uma torrente branca. — Porque isso praticamente seria como matá-lo. Está pronta para fazer isso?

— Isso e muito mais — ela não conseguia entender o que ele fez *comigo?*

— Finn precisa da cirurgia na perna — ela apontou um dedo com uma garra para o Mago. — Ele tenta esconder a dor que sente, mas não dá pra esconder coisas de uma garota que consegue ver por olhos de inseto.

— Eu tô tranquilo, gata — Finn pegou na mão dela. — Resumindo, não tô a fim de quebrar a perna de novo. E se Paul passou a perna na Evie, então ele tem que vazar.

Outra vez um *se*.

Lark murmurou:

— Você só está dizendo isso porque eu disse que Evie foi a responsável por você vir para cá. — Eu convenci Aric a deixar que Finn morasse no castelo.

Olhando nos olhos dela, ele disse:

— E esse é um ótimo motivo, hein?

Pouco convencida, ela se virou para mim.

— Ouvi um pouco do que sua avó falou naquelas últimas semanas. Ela estava cem por cento louca, e você ficava lá sentada, ouvindo aquilo hora após hora. Como não poderia se afetar? Você já tinha passado por muito. Talvez tenha se confundido com algumas coisas.

Quando vovó morreu, Aric tinha dito quase a mesma coisa — que eu estava chocada demais para lamentar. *Chocada* demais não era um modo de dizer *perturbada mentalmente*? Sacudi a cabeça.

— Eu me lembro de ir atrás de Paul para tomar o anticoncepcional, e lembro de conversar com *você* sobre isso. Eu te disse que havia umas doses extras, e você falou que deixaria a procriação com os animais.

A expressão vazia dela me deu arrepios.

— Você se *lembra* disse, certo?

Ela olhou para as garras animais.

— Eu me lembro de ter conversas femininas com você, mas não dessa especificamente.

Perfeito. Uma testemunha em potencial para gerar dúvida na minha história.

— Bem, metade do seu cérebro estava em um falcão na época — quando ela tinha procurado Finn sem descanso pelas Cinzas. — Você também não estava uma maravilha.

— Antes que faça qualquer coisa com Paul, pense nas consequências, Evie. Este castelo vai desmoronar sem ele. Podemos ter comida congelada, mas não temos o básico. Ele prepara tudo. Arruma tudo. Cozinha todas as refeições. Esfrega o castelo todo.

Suas palavras só me convenceram que éramos vulneráveis demais em relação a ele.

— Você listou coisas que ele pode *fazer* por nós. Não motivos para que seja confiável. — Continuei pelo corredor, deixando Lark e Finn com expressões de preocupação.

Ela falou:

— Ele te *curou* quando você apareceu com três balas no coração e sem pernas, por falar nisso!

Aric me alcançou quando me aproximei da porta de Paul. O médico ocupava um quarto grande ligado a um escritório espaçoso que foi convertido em uma área de exames. Quando entramos ele estava sentado à mesa, fazendo anotações.

No meu arquivo médico?

Ele nos olhou com um sorriso cheio de dentes, mas seus olhos azuis arregalados estavam preocupados comigo.

— Não sei se deveria estar de pé tão cedo. E eu teria ido até você. — Obsequioso como sempre.

Dúvidas afloraram. *Talvez você tenha enlouquecido, Eves. Talvez o ataque de Richter tenha sido a última gota d'água.*

Paul colocou a caneta na mesa e virou a cadeira para nos encarar.

— No que posso ajudar? Tenho certeza que você tem muitas perguntas. É excitante, não é? Sei que o chefe está fora de si de alegria.
— Ele acenou para Aric.

Antes que minha incerteza me dominasse, eu disse:

— Você me deu uma injeção. Por que não havia um contraceptivo nela?

Ele piscou e então falou com cautela:

— Porque você me disse que não queria um.

Eu apertei os punhos.

— Mentira. Há pouco mais de dois meses, na noite em que toda aquela neve caiu, eu estava chorando e você me perguntou como poderia me ajudar.

Paul passou a mão pelo cabelo negro cortado bem curto.

— Perguntei. Eu andava preocupado com sua saúde mental. Você estava muito introspectiva, apática e sem se alimentar.

Como se ele não tivesse falado, eu continuei:

— Quando me injetou no braço, você me disse que o anticoncepcional duraria três meses e eu disse que viver todo esse tempo parecia muito improvável. Sua resposta foi: "Melhor prevenir do que remediar".

Paul abriu os lábios.

— Não sei o que dizer. Não lembro das coisas do mesmo jeito. — Sua voz era gentil, seu comportamento confuso. — Eu me lembro de te dar uma injeção de vitamina B12. Pode olhar no arquivo. Está tudo bem ali.

— Não foi isso que aconteceu! — Minhas garras brotaram.

— Evie, foi *sim*.

Aric observava a interação com os músculos tensos, como se esperasse que tivesse que intervir — para salvar Paul. Aric acreditava mais nele do que em mim.

Esfreguei as têmporas. Talvez *eu* devesse acreditar mais neles do que em mim?

Não. Paul estava mentindo na cara dura! Por que razão doentia?

Olhando para as minhas garras terríveis, ele ergueu as mãos.

— Ê, vamos com calma. Ei, estamos em D.F. — Depois do Flash. — Talvez eu, é, tenha me confundido todo.

Por que ele tinha que ceder? Se tivesse continuado a negar, eu o teria esfolado.

— Não quero fazer nada que cause angústia em um paciente. Independentemente do que tenha acontecido no passado, você está grávida agora e não me parece muito bem. Por favor, deixe-me verificar seus sinais vitais outra vez.

— Não precisa. Você sabe que sou muito resiliente — minhas garras *doíam*. — Acha que um médico e suas mentiras podem me conter?

Quando meu cabelo começou a ficar ruivo de novo, Aric se aproximou de mim. Um aviso para que não usasse meus poderes? Como se eu pudesse! Embora minhas garras tenham se afiado, minhas vinhas ainda pareciam estar dormentes.

Paul exalou o ar.

— Mentiras? Acha que eu te negaria anticoncepcional propositalmente? Por que eu faria isso?

— Você sabe que não quero um filho e sabe que Aric quer. — Paul olhou para ele com um olhar nervoso. Mais uma vez, eu me perguntei se eles haviam tramado isso. Vovó teria acreditado que sim. *Não, Aric jamais faria isso comigo*. — Está tentando semear discórdia entre nós.

— Você fala como seu eu fosse uma pessoa ruim. Não sou. Só posso imaginar o horror que você testemunhou nas Cinzas, mas não sou como os vilões que encontrou. Não sou um canibal nem um cientista louco. Não sou um torturador vivendo em uma casa de horrores.

— E é isso que o torna ainda mais perigoso.

— A vida toda eu tentei cuidar dos outros. Ajudar. — Os olhos azuis de Paul eram sinceros, seu tom me convidando a entender e a ser racional. — Esse é o meu trabalho, meu chamado.

Chamado. Vovó havia mencionado a *chamada sombria*. Ela estava falando de Paul? Eu me lembrava de suas palavras: *Você precisa matar Morte. Ele se virará contra você — todos irão. Morte está me envenenando!*

E se Paul a tivesse machucado e ela achasse que Aric era o responsável? E se *Paul* era louco?

Ele deve ter perdido os entes queridos no Flash. O apocalipse o tinha pervertido como todos os outros sobreviventes que conheci?

— Do que minha avó morreu, exatamente? — Eu voltaria e estudaria cada palavra que ela escreveu na parte final das minhas crônicas. Faria uma compilação de tudo o que me disse... até do que eu considerava serem falas sem sentido.

— Sua avó estava doente, tinha sofrido vários derrames. — Em um tom que fazia competição ao de um psiquiatra, Paul acrescentou: — Evie, você não se *lembra* disso?

— Claro que eu me lembro. Quero saber por que ela piorou tanto na noite em que deixei o castelo.

— Ela vinha declinando gradualmente — ele se voltou para Aric. — Você lembra em que condição ela estava quando chegou aqui. Você me disse que temia que ela não sobrevivesse à viagem. Eu a mantive viva por meses depois disso. Quando ela faleceu, foi uma misericórdia.

Mesmo que Aric tenha realmente a encontrado em péssimo estado, questionei Paul:

— Você mostrou a ela misericórdia?

Encontrando os meus olhos, ele disse solenemente:

— Eu jamais faria mal a alguém sob meus cuidados. Jamais.

Ele era tão fácil de acreditar, francamente. Então por que eu não engolia nada daquilo?

Aric me olhou.

— Vamos sair e discutir umas coisas.

Paul se levantou, dirigindo a palavra a ele.

— Senhor, você sempre foi justo comigo. O que quer eu faça? Como posso me redimir isso? Eu preciso endireitar isso.

Deus, ele era bom. Aric parecia solidário. Eu não. Os cabelos da minha nuca se eriçaram. *Isso é tudo fingimento.*

— Minha esposa e eu vamos analisar a situação a fundo. Enquanto isso, você ficará confinado em seus aposentos.

Virei a cabeça bruscamente.

— O quê? — Não era o suficiente. Aric disse que deixaria Paul trancado até que eu decidisse seu destino. Eu já tinha decidido.

Paul me disse:

— Você passou por tanta coisa, Evie. Se precisar que eu fique isolado para se sentir confortável, ficarei com prazer.

Expondo minhas garras, eu disse:

— Eu preciso de você fora das nossas vidas...

Aric segurou meu braço e me acompanhou para fora, depois fechou a porta.

— Vou instalar uma tranca aqui depois de deixá-la no quarto.

— Trancá-lo não vai ser suficiente! Se ele fez isso, do que mais é capaz?

— *Sievā*, não consigo imaginar qualquer motivo para tais ações da parte dele.

— E se ele for louco?

— O que deseja que eu faça? Que execute alguém por ser doente mental? Depois do apocalipse?

Eu não queria que Aric matasse alguém que ele acreditava ser inocente ou doente, mas...

— Eu sei que ele está atuando. Sinto a maldade nele.

Depois de um momento, Aric assentiu gravemente com a cabeça.

— Então vou exilá-lo. Assim que a nevasca cessar.

Rangi os dentes.

— Quer que eu espere o tempo melhorar?

— Do contrário seria uma sentença de morte. O quanto ele pode ser perigoso, enjaulado em seu quarto? O que são mais alguns dias?

— O que irão ajudar? Se você acreditasse em mim, iria cortá-lo em pedaços! — Inalando buscando me acalmar, eu disse: — Não posso compreender isso. Meu marido, aquele que aplaudia meu bom senso, duvidando de mim. — Eu voltei em direção à nossa ala.

Na sala, Lark e Finn sentaram retos quando me viram.

— Bem?

Coloquei as mãos no quadril.

— Você já não sabe, Lark?

Ela deu de ombros sem vergonha. Naturalmente, havia usado uma de suas criaturas para espionar o meu confronto.

— E se Paul realmente confundiu tudo na época? Esse negócio de Arcanos seria muito para qualquer mortal absorver. Há poucos meses, ele estava em um depósito de carvão se escondendo de um troll enlouquecido. — Ogen.

— Quer que uma pessoa dessas faça uma cirurgia no seu namorado?

— Paul me parece bem agora — ela disse. — Bem o bastante para consertar a perna de Finn.

Eu fiquei encarando o Mago.

— Não deixe que ele encoste em você. Por favor, não.

Com os olhos bem abertos, ele sacudiu a cabeça.

— Nem iria.

Olhei dele para Lark.

— Me diga que você não está tomando nenhuma das injeções de anticoncepcional dele.

O rosto de Finn ficou vermelho. Lark me olhou com raiva.

Limpando a garganta, Aric disse:

— Paul será exilado assim que o tempo melhorar. Enquanto isso, não falem com ele. Lark, você levará as refeições dele e assumirá suas responsabilidades.

Ela abriu a boca para discutir, mas depois fechou. Seu olhar pousou em mim, os olhos tingidos de vermelho.

Como um sinal para ter cuidado.

Mais tarde, Aric e eu estávamos sentados lado a lado, fitando o teto em silêncio. A tempestade tinha se fortalecido, os ventos uivando pelo castelo. Raios surgiam a cada poucos segundos.

Aqui dentro as chamas crepitavam na lareira e a pele dele exalava calor. Olhei para seu perfil impecável.

Antes de termos ido para a cama, encontrei o anel de casamento que fiz para ele ainda no bolso do meu casaco. Uma ideia assustadora me ocorreu: *Fico feliz que não dei esse anel a ele*. Eu o escondi em uma gaveta ao lado da fita vermelha que Jack salvou de antes do Flash para mim. Aquela lembrança havia sobrevivido até meu encontro com Sol e Zara.

Aric se virou para me encarar e falou com a voz rouca:

— Converse comigo. — Enquanto eu lutava para organizar todos os pensamentos que corriam pela minha cabeça, ele disse: — Nós concordamos que se qualquer um de nós dois precisasse de algo fora dessa relação, nós conversaríamos.

— Não consegue entender como me sinto em uma emboscada neste momento? Eu não tenho só essa gravidez imposta a mim, contra a minha vontade, eu tenho que viver no mesmo lugar que o imbecil que me traiu.

Além de querer me vingar de Richter, assumi quatro novas missões: descobrir se Jack estava vivo, fortalecer os meus poderes de alguma forma, revelar provas de que Paul fez mal à minha avó e chutá-lo daqui.

— Estou tentando protegê-la.

— Como?

— Garantindo que nada que não possa ser desfeito ocorra. Você nunca engravidou antes, isso tudo é novo para nós, então vamos proceder com cautela.

Ele estava dando a entender que o meu julgamento estava ruim por eu estar grávida? Quando o meu julgamento seria considerado *ok*?

— Por que nem olha para as anotações que fiz? — Horas atrás eu tinha escrito tudo o que lembrava vovó ter dito. Para ser justa, a maior parte eu não entendia, mas alguns fragmentos estavam começando a fazer um sentido bem assustador.

Aric nem sequer tinha olhado para o que escrevi.

— Porque eu me lembro dela veementemente acusando a *mim* de matá-la. À luz disso, devo desconsiderar suas outras declarações.

— Talvez ela tenha confundido as ações de Paul com as suas, ou achado que você tinha ordenado que ele a machucasse. — No dia que morreu, ela me disse: — Ele está matando o seu último parente vivo. Um rato! O agente da Morte. Uma salamandra. Serpentes ao meio dia nas sombras. À meia-noite leva a minha vida! — E se ela considerasse Paul o *agente* da Morte?

— Está acusando Paul de assassinato a sangue frio? — perguntou Aric. — Ainda que ele nunca tenha demonstrado qualquer vislumbre de algo sinistro? Repetidamente ele se comportou com compaixão e lealdade. Maldade da parte dele não tem lógica. Não faz sentido.

— Mas confusão da minha parte faz?

Mudando de assunto, Aric disse:

— Não vamos falar sobre o nosso bebê?

— O mini Bagger que estou carregando? — Sol me disse que seus zumbis transmitiam uma "mutação baseada em radiação". Isso não podia ser nada bom.

— Nossa criança será mortal ou Arcano. Nada mais, nada menos. Eu vivi por muito tempo e sinto que tudo ficará bem — ele tocou minha barriga. — Eu peço que confie em mim.

Empurrei sua mão para longe.

— Você viveu por muito tempo. Juntou muita experiência. Mas não nessa área. — Minha cabeça começou a doer. Quando Matthew iria me contatar de novo? *Onde você está?*

Pela centésima vez, pensei no meu último contato com ele. Pela nossa conexão telepática irregular, ele sussurrou na minha mente...

— *Tenho um segredo. Ele não quer que eu conte pra você.*

Meu nariz tinha sangrado, minhas têmporas latejado. Eu tinha gritado mentalmente: *Saia da minha cabeça, Louco!* Ele havia me matado no primeiro jogo e deixado Jack morrer. Como se atrevia a entrar em contato comigo!

Ele me pediu para ouvir. Então ouvi a voz de Jack:

— *Que tipo de perigo ela corre? Merda, me diga! O que está por vir, coo-yôn?*

Eu tinha choramingado. *Jack??? É você?* Ele parecia tão próximo. Embora eu chamasse por eles, ninguém tinha respondido e eu desmaiei.

Aric estreitou os olhos de cor âmbar.

— Tem algo que não está me contando.

Até que ele confiasse em mim e nas minhas lembranças, não lhe contaria da mensagem.

— Você, Lark e Paul não param de falar como eu estava confusa quando vovó estava morrendo, que minha cabeça não devia estar boa.

— Você sofreu muita coisa, amor.

— Durante a mesma época, tomei uma grande decisão: ficar com você. Ser sua esposa. Talvez eu estivesse mesmo confusa. Talvez não devesse ter tomado nenhuma decisão a longo prazo naquele estado mental.

Ele abriu os lábios.

—*Sievā...*

— Ou confiamos tanto na minha memória *quanto* no meu julgamento, ou *desconfiamos* dos dois. O que vai ser? — Quando ele não respondeu, virei de lado, dando-lhe as costas. — Jack teria acreditado em mim.

Eu conseguia sentir o olhar de Aric. Seu suspiro perturbado me apertou o coração.



Dia 514 D.F.

— Um bebê a caminho, que encantador. — Uma corrente de água tinha acabado de escorregar pelo teto do berçário (de plantas), depois desceu em frente ao meu rosto como uma pluma de líquido.

Circe.

Eu estava sentada em um canto só com plantas à minha volta. No meu colo estavam minhas crônicas e a lista com as declarações da vovó.

— Nenhum lugar é inacessível para você?

— A irrigação é minha amiga — ela praticamente ronronou da água. — Que semana você teve, Evie Greene. Em sua tentativa de salvar o Mago, foi atacada pelo Imperador e pela Roda da Fortuna, depois auxiliada pelo Sol. Ao retornar, descobriu que foi fecundada por Morte. Ainda há esse drama do anticoncepcional... Perdi alguma coisa?

— *Não* estou a fim de falar disso. — O café da manhã que ajudei Lark a preparar me caiu mal no estômago. Minhas habilidades culinárias não melhoraram com o desuso.

Nos últimos dois dias, desci aqui para procurar pistas, praticar meus poderes — e evitar Aric. Esta manhã ele tentou me empurrar vitaminas.

Mesmo com as luzes ultravioletas ao máximo, mal consegui germinar sementes. Enquanto minhas emoções caóticas guerreavam, fúria e tristeza assumiam a frente.

Estava furiosa com Paul por ser um mentiroso ardiloso — e comigo mesma por ser enganada. Estava furiosa por Aric não confiar em mim.

Estava triste por não saber se Jack estava vivo. E se ele de algum modo tivesse sobrevivido, mas ele e Matthew agora estivessem com

problemas? E se a mensagem do Louco para mim foi na verdade um pedido distorcido de ajuda?

Antes daquele contato, eu não conversava com ele há semanas, não desde que li sobre sua traição no primeiro jogo.

De acordo com as minhas crônicas, no segundo jogo ele jurou nunca mais ganhar se eu o perdoasse. Eu o poupei, me aliei a ele, enquanto planejava envenená-lo posteriormente — igual ao que fiz com meus outros aliados: Aric, Larke Finn, os Enamorados e até mesmo Circe.

Se meus presentes aliados conseguiam superar o meu passado terrível, como eu poderia colocar o passado de Matthew contra ele? Aparentemente eu conseguia perdoá-lo pelo *meu* assassinato — mas não pelo de Jack.

Matthew, você está aí? Me responda! Jack? Você está... vivo?

Lágrimas começaram a se formar, então me virei da pluma d'água. Ela desceu do meu outro lado.

— Argh! Você é que nem uma aranha pendurada na teia.

— Se eu sou Charlotte, então você é Wilbur — quando não dei uma resposta, ela disse: — Vamos lá, queixo erguido. Isso não é o fim do mundo. O fim do mundo já aconteceu. — Embora parecesse brincalhona, um toque de fadiga marcava sua voz.

— Você não me ouviu mesmo falando da injeção com Paul?

— Não — para a minha cara de irritada, ela disse: — Eu tenho que dormir de vez em quando. E monitoro outros corpos d'água pelo mundo.

— Viu Matthew ou mais alguém pelas Cinzas? — Eu estava tentada a revelar que os ouvi, mas essa mesma hesitação surgiu. Algo me disse que em um futuro muito próximo eu precisaria de toda a credibilidade que pudesse reunir.

— Não vi ninguém. Teria dito a Morte caso visse.

— Mas não a mim?

A pluma pareceu dar de "ombros".

— Ainda não somos aliadas, mesmo que eu seja a madrinha do seu filho.

Uma rajada de vento sacudiu o castelo. As tábuas rangeram e caiu poeira do teto. Estávamos nos aproximando de uma era glacial?

— É frio nas profundezas? — Circe uma vez me disse que morava no fundo do mar no Triângulo das Bermudas. Ela me mostrou seu templo iluminado por tochas através de uma janela de água.

— Sim, comparado com as brisas quentes e os raios fortes com os quais sempre fui acostumada. Ao norte do castelo, a temperatura caiu ainda mais severamente. Não importa o quanto eu ferva meus rios e córregos, eles estão congelando. Sem eles, não consigo ver ou ouvir a aproximação de Richter. Sem água corrente em torno do castelo, não serei capaz de frustrá-lo.

Se o Imperador encontrasse o nosso lar, estaríamos debaixo de fogo. Literalmente.

— Richter não derreteria qualquer gelo?

— Serei capaz de apagar as chamas, mas não de preveni-las. Até lá, o mal estará feito. Sem sobreaviso, bem, como diria Fauna: vocês são alvos tão fáceis quanto patinhos no lago.

— Talvez a temperatura também o esteja enfraquecendo.

— Sim, agora ele terá o impacto de uma bomba atômica em vez de duas. Todos os jogadores que o derrotaram no passado o fizeram antes dele ficar forte demais.

Como Morte. Há dois jogos, ele montou uma estratégia para fazer o irado Imperador usar todo seu poder antes de derrotá-lo.

Aric disse que me ensinaria como lutar com um Arcano como Richter assim que eu recuperasse meus poderes e invocasse a Bruxa Vermelha como nunca fiz antes.

Eu não via isso acontecendo nem tão cedo.

Circe murmurou:

— Eu deveria ter afogado o Imperador antes desse frio se instaurar.

— Por que não afogou?

— Depois do Flash, achei que ainda não estava forte o bastante, não via a hora das chuvas — ela suspirou. — Talvez nunca tenha sido o meu destino prosperar nesse jogo. Certas catástrofes afetam mais algumas cartas. Isso parece designado para prejudicar a mim... e a você.

Porque eu precisava de sol? Recebi uma dose enorme de energia ao receber a luz de Sol.

— Quando acha que Richter virá atrás de nós?

— Logo, agora que temos companhia na vizinhança. Os seus alvos de maior valor são o Centurião, a Torre e o Anjo. Esses dois últimos montaram acampamento na outra montanha, só um pouco mais adiante da sua linha de árvores de espinhos e do meu decrescente alcance. — Eu tinha notado que o rio dela havia recuado desde que partimos para recuperar Finn.

Ontem Lark disse:

— Finalmente não sinto mais a respiração dela no pescoço. O que fazer com todo esse espaço de sobra? Talvez praticar a minha *faunagênese*? — *Era assim que ela chamava a sua regeneração animal.*

Em teoria, seu sangue conseguia reanimar todas as criaturas, não apenas seus três lobos familiares e falcão. Ela nunca tinha tentado isso antes.

Perguntei a Circe:

— Richter quer eliminar esses três Arcanos até mais que a mim?

— Todos eles podem atacar de longe. Depois do seu encontro com a Roda da Fortuna, duvido que ele te considera uma ameaça.

Zara tinha zombado de mim:

— A grande Imperatriz? Você é só uma garotinha fraca". — Sem meus poderes, eu *não era* uma ameaça. Não era de se admirar Aric ter hesitado em me falar do Imperador. Se eu chegasse a enfrentar Richter, acabaria morta.

Olhei para a barriga com raiva. *Você não está ajudando, criança.*

— Logo a Torre e o Anjo não vão ser mais preocupar ninguém — disse Circe. — Eles estão morrendo de fome. Acho que se pode dizer que estão às portas da Morte.

Eu não conseguia suportar a ideia deles famintos.

— Tem que haver comida lá.

— Como no Olimpo, o refúgio abundante do Sol? Da última vez que eu vi, os prisioneiros que você libertou estavam se rebelando. Caos foi a única coisa que você deixou plantado ali.

Não foi o meu melhor momento.

— E quanto ao santuário dos Enamorados?

— Saqueado pela outra metade do exército do caçador — o exército Azey de Jack. — Sem liderança, eles se espalharam ao vento. Havia instalações governamentais e abrigos antibomba bem estocados, mas Richter continua espalhando lava pelo subsolo, incinerando todos eles.

Inferno na terra. Nós precisaríamos de todos os Arcanos para lutar contra ele. Eu falaria com Aric para que desse comida aos meus amigos. Talvez eu pudesse pagar Gabe e Joules para que fizessem uma busca por Jack e Matthew! Assim que a tempestade parasse, eu entraria em contato com eles.

— Você está com fome, Circe? O que come, por falar nisso? — Eu nunca tinha lhe perguntado.

— O que eu conseguir arrastar para cá.

— Como um tigre? — Lark tinha suspeitado que a feiticeira havia roubado um tigre.

— O quê? Eu? Jamais!

Se os rios de Circe congelassem, o que ela poderia pegar?

— Precisa que a gente envie comida pra você? Podíamos tentar um barril à prova d'água ou coisa assim.

— É bem mais fácil eu vier em minha forma original para a terra firme e me alimentar.

— Não na forma garota-d'água que você usa para entrar no castelo?
— Eu vi o seu corpo líquido espreitando antes da neve vir. Nós encontramos pegadas molhadas perto da piscina.

— Mas que difamação! — ela gritou, mas podia ouvir humor no seu tom. — Ultimamente você não é a única brigando com os poderes. Minha forma aquática é difícil de manter. É mais simples materializar.

— Eu achei que todos concordamos que seu corpo não pisaria em terra firme enquanto o jogo continuasse. — Ou até Aric e eu morrermos e ela viesse buscar nosso filho.

— É terrivelmente quieto aqui embaixo neste abismo solitário. Vocês quatro se sentaram juntos hoje no café da manhã. — Sua voz foi definhando quando ela admitiu, — Senti uma inveja terrível.

— Sinto muito.

Tornando o tom brusco, ela disse:

— Enquanto você estava inconsciente, conheci oficialmente Lark e Finn.

Aparentemente, os pombinhos andavam colados sempre que Lark tinha tempo livre. A nevasca significava que ela estava de folga de suas obrigações de vigiar Richter. Mesmo que seu falcão pudesse suportar as rajadas de vento ártico, a visibilidade era nula.

— Finn quis compartilhar seus segredos de magia comigo — Circe deu risada. — Que adorável. Ele é apenas um ilusionista, capaz de criar cenas similares à realidade e ludibriar os sentidos, mas não muito mais que isso. Um artista de circo versus uma praticante. — Quando ergui as sobrancelhas, ela disse: — Ele não consegue selar invocações de sangue que perduram por séculos nem preparar poções esotéricas. Não controla um livro de feitiços que é tão antigo quanto os oceanos. Apesar de Finn poder simular a aparência de uma maré, eu posso manipulá-la. Expliquei tudo isso a ele. — Circe não era dada a delicadezas.

— Qual foi a reação de Lark?

— Presas e garras afiadas. Até as orelhas dela pareceram ficar pontudas. Na opinião dela, ele é um dos melhores. Eles já estão tão apaixonados, retomando bem onde pararam no último jogo. Pouco antes de você matá-los.

Não posso negar nada. Mas o comentário dela me fez cogitar o que a minha relação com Aric seria se não tivéssemos tido animosidades no passado. Talvez ele acreditasse em mim quanto a Paul.

Hoje mais cedo, Aric me disse:

— Eu o informei que ele será exilado assim que o tempo melhorar. *Sievā*, não vou voltar atrás nisso. — Seu olhar tinha ficado distante. — Não estamos dando a ele piedade com esse curso de ação. Exílio equivale a execução.

Verdade. Muitas vezes vislumbrei o castelo como uma nave espacial em uma lua deserta, com o único suporte para vida por perto: colheitas e gado, água limpa, lâmpadas ultravioletas e tanques de combustível. Mas não estava satisfeita só com o banimento, muito menos com um adiamento.

Perguntei a Circe:

— Notou algo de errado com Paul? Já o ouviu falar alguma coisa suspeita?

— Nunca. À luz dos acontecimentos atuais, suponho que você não queira mais que eu fique com ele?

Eu posso já ter mencionado isso.

— Eu fui enganada. Todos fomos. — Mas Lark e Aric ainda pareciam sob influência dele. O júri dependia de Finn. — O que você faria com Paul se estivesse no meu lugar?

— No passado você já o teria perfurado com suas garras venenosas, depois profanado seu cadáver com suas plantas. Nesta vida, você concordou em esperar por um exílio, com a misericórdia adicional de uma pausa na tempestade. Talvez seja diferente de antes.

Essa era a melhor coisa que Circe já disse para mim. Ótimo. Agora eu teria que concordar com o plano de exílio só para ficar bem com ela. *Não quero irritar a madrinha aquática.*

— Então, falando em selar invocações de sangue que perduram por séculos...

— Eu disse a Morte que procuraria um feitiço de memória como um presente para honrar minha aliança... com ele. — Eu nunca seria

perdoada por traí-la no passado? Continuará amansando ela. — Um feitiço desses me custaria muito.

Deixando o tom leve, provoqueei:

— Ah, mas você é a grande *praticante*. A não ser que ache que eu deva pedir a Finn?

— Você brinca com a sua sorte, Evie Greene. — Mas ela parecia achar graça.

— Então, você está congelando e eu grávida. Que par que somos.

— Coisas piores poderiam ter acontecido.

— Sério? — Eu estava com dificuldade em ver essa gravidez como algo além de uma invasão parasita, provavelmente não um detalhe que eu deveria compartilhar com a Dama das Profundezas adoradora de crianças. — Uma das últimas anotações que minha avó fez nas minhas crônicas foi *Ela nunca pode ficar com ele. Ela não tem ideia no que Vida e Morte se tornam*. Me parece bem terrível.

— Talvez vocês dois se tornem o Fim e o Começo. O fim do jogo e o começo de uma nova era.

— Vovó disse que a terra não voltará a ser o que era até que haja um Arcano vitorioso. — Até todos estarmos mortos com exceção de um.

— Embora isso fosse verdade no passado, você não sente como se o destino tivesse um papel nessa gravidez? Vida e Morte se unindo pela primeira vez? Talvez a chegada do seu bebê seja o que trará um rejuvenescimento à terra. Eu te disse que os poderes do Louco eram insondáveis, mas a Mãe Terra também tem poderes de nascimento e renascimento que não podemos entender.

— Mãe Terra, hein? Então eu boto a criança pra fora e o sol brilha?

Em um tom esperançoso, ela falou:

— Eu posso imaginar o choro de um recém-nascido limpando os céus para que o sol brilhe. Vejo mãozinhas minúsculas se mexendo em sintonia com a grama saindo do solo.

Eu pisquei para a pluma d'água. E todo mundo achava que *eu* era a maluca?

— Quando Aric e eu dormimos juntos pela primeira vez, o tempo enlouqueceu. Granizo apocalíptico, ventos fortes e raios. Nós dois tivemos a sensação de que estávamos cruzando uma linha que talvez não devêssemos cruzar.

— Hmm. Acha que os deuses estavam protestando?

— Parece insano quando você coloca dessa forma. Mas Matthew disse a Finn especificamente que os deuses marcam todos nós.

— Talvez ele quisesse dizer que eles estavam nos *escutando*. Uma gravidez como essa seria uma declaração gigantesca, uma mensagem que nós Arcanos não seremos definidos por nossas histórias.

Mesmo assim, todas as outras cartas continuavam me definindo pela minha. *Todos sabem que a Imperatriz quebra seus votos em cada jogo... A Imperatriz é uma traidora traiçoeira... Criatura, você se dobrou primeiro...*

— Em resumo, acredito que isso seja uma coisa boa — disse Circe.
— É do nosso interesse proteger você e seu filho.

Ao menos eu não adormeceria mais pensando se ela se voltaria contra Aric e eu.

— O que acontece se eu tenho esse bebê e nada mudar?

— O jogo se arrasta — a pluma se eriçou de repente. — Está ouvindo isso?

— O quê? — Tudo que eu ouvia eram grunhidos das várias espécies de animais lá em cima do castelo.

— Um som de toque. Parece que Morte está recebendo uma ligação.



4

Eu corri para o estúdio de Aric. Somente uma pessoa ligaria para ele. O Centurião.

Quando passei pela porta correndo, Aric estava sentado à mesa com o telefone no ouvido. Ele gesticulou para que me unisse a ele. Sentei em uma cadeira e coloquei minhas crônicas em cima da mesa. Espalhados pela superfície estavam papéis que pareciam inventários. Das nossas *rações*?

— Então estamos de acordo — falou Aric ao telefone. — Você tem as nossas coordenadas. Quando podemos esperá-lo? — Pausa. — Muito bem — ele desligou.

— Era Kentarch?

Aric me deu um de seus sorrisos sem reservas.

— Sim. Ele está a caminho do castelo neste momento.

— Qual era o acordo?

— Suas buscas de meses por sua esposa, Issa, alcançaram um beco sem saída — Aric me disse que Kentarch estava obcecado em encontrá-la. — Ele precisa das habilidades de rastreo de Fauna. Em troca, ele se unirá a nós e ajudará a proteger o castelo e seus habitantes.

— E se Issa não estiver viva?

— As chances são contra sua sobrevivência, mas se recusa a aceitar que ela possa ter falecido.

Parecia familiar.

— Se está tão preocupado com as rações, e com a convergência das cartas, por que convidaria outro Arcano para cá?

Eu sabia que Kentarch não era amigo dele. Há poucas noites, Aric me falou:

— Jack foi a coisa mais próxima que tive de um amigo desde que meu pai morreu.

Aric empilhou os papeis na mesa.

— Eu o convidei porque sua habilidade de teletransporte o transforma em um aliado crucial. Além disso, ele é um soldado condecorado com um histórico militar impecável e habilidades técnicas muito avançadas. Ele me disse que seu caminhão por si só já é uma arma, estocada com armas de fogo, um guincho e eletrônicos de alta tecnologia.

— Se ele consegue se teletransportar, por que precisa de um caminhão?

— Como com todos Arcanos, ele precisa conservar seu poder. — De acordo com as minhas crônicas, consegui derrotá-lo em um jogo passado porque ele estava esgotado. — E sua situação terrível com falta de alimento o enfraqueceu. Assim que ele estiver aqui e descansar, será um guardião inestimável, capaz de evacuar os habitantes deste castelo caso a necessidade se apresente. Sua presença me ajudará a dormir melhor à noite.

Pensei no comentário dos "patinhos na lagoa" de Circe. Ela não era a única preocupada com isso.

— Evacuar todos nós? Não apenas eu e a criança?

Ele inclinou a cabeça.

— Todos nós.

— Como é o Kentarch? — Quando Aric deslizou o olhar para uma pasta na mesa, eu provoquei: — Você tem, tipo, um dossiê dele?

— Sim — ele passou a pasta para mim.

Com as sobrancelhas erguidas, abri a pasta. A foto na primeira página era de um jovem com um uniforme militar e boina. *Uau.*

Kentarch era um gato, com pele escura e suave, olhos castanhos intensos e maçãs do rosto dignas de suspirar. Ele parecia ter uns vinte e cinco anos.

Eu passei a vista pelas informações básicas. *Nascido na tribo Maasai no Quênia... criado para ser um caçador de leões... quase morto por um leão... ainda tem as cicatrizes pelo torso.*

Antes do Flash, ele foi designado para treinar oficiais de áreas de conservação. Ele foi da caça a leões à proteção dos mesmos contra impiedosos caçadores ilegais. Isso que é mudança.

Eu sabia das minhas crônicas que ele também era chamado de Carruagem. Seu título era Campeão Cruel, sua carta sobre dualidade e vitória. Sua chamada Arcana era *Ai dos malditos vencidos*, e ele sempre se aliava a Morte e a Circe.

Fechei a pasta.

— Tem uma dessa minha?

Depois de uma leve hesitação, Aric foi até um armário e retirou outro dossiê. Por que ele nunca tinha me mostrado isso?

Outra pausa antes de passá-la para mim. O meu era bem mais grosso que o de Kentarch. Na primeira página havia uma foto lustrosa minha de algum evento social.

Meu rosto sorridente evidentemente tinha sido perfurado com uma faca.

Passei os dedos pelo rasgo do papel. *Tanta raiva.* Lembrei-me do nosso início neste jogo quando fui sua prisioneira; as noites que ele me atormentava me fazendo andar descalça por um terreno pedregoso; como tinha forçado aquele cilício farpado no meu braço para restringir os meus poderes.

Olhei para ele.

— Você me desprezava mesmo.

— Sim — sincero como sempre. — Suas ações justificavam meu desprezo.

— Os Enamorados foram formados pelo pai desajustado e pela minha história com eles. Tenho certeza que o Eremita também foi abusado pelo pai. Talvez esses Arcanos não tivessem se transformado em assassinos se seus pais os tivessem tratado decentemente. Se fosse ensinado um caminho melhor, *eu* poderia não ter me tornado uma assassina.

Mas não importava, o calor da batalha ainda teria me chamado. Minha mente tocou lembranças do que eu havia feito aos Enamorados em um jogo anterior antes que eu recuasse daquelas cenas grotescas.

— Ou talvez *assassina* seja o meu padrão. Aric, e se eu for... intrinsecamente má?

Ele não respondeu, o olhar perdendo o foco.

— Aric?

— Perdão. Esses pensamentos errantes vivem me surgindo. Estranho — parecendo se sacudir, ele murmurou: — Você estava dizendo?

— Esqueça — olhei mais uma vez para a pasta. A minha foto era pré-Flash. — Como você sabia que eu era a Imperatriz deste jogo?

— Sua casa sempre foi chamada de Haven. Tinha a idade certa. Eu pressenti.

Assim como eu pressentia que Paul era um mentiroso perigoso. Passei mais páginas me deparando com mapas aéreos da fazenda de cana-de-açúcar. Aric sabia exatamente onde eu estava. — Você poderia ter atacado antes do Flash.

Ele assentiu.

— Acho que uma parte de mim esperava que você perecesse.

— E lhe poupasse da confusão? Que base ótima nós temos. — Eu reprimi a vontade de perguntar a ele, *De que cor vamos pintar o quarto do bebê, querido?* — E agora eu carrego a cria de uma Imperatriz sanguinária e da Morte, temperado com um toque de zumbi. O que poderia dar errado?

Aric sacudiu a cabeça.

— Você não entende quão monumental é isso? Estamos mudando a história. Você queria pôr um fim ao jogo; essa criança pode fazer exatamente isso. Nosso destino parece selado. Parece *certo*.

— Pra você! — Eu gritei, batendo a pasta em sua mesa. — Claro que pra você é certo. Você é o Ceifador, e de repente acredita que terá uma linhagem. Mas sou eu que carrego esse fardo. O motivo real de você hesitar em castigar Paul é devido *ao que ele fez por você*. Por causa das ações dele, você conseguiu o que mais desejava, um filho.

Uma risada amarga.

— Acha que isso é o que mais quero?

— O quê então?

Aric se levantou.

— Eu me pergunto se ao menos me conhece.

Eu o vi sair pela porta. Ele me deixou com minha pasta. Parte de mim pedia que eu lesse o resto do conteúdo, mas também tinha medo.

Nossa relação estava tão tensa que não conseguiria aguentar o peso de uma pena no momento.



Dia 528 D.F.

Eu me virava e revirava na cama enquanto a tempestade sem fim continuava forte. Quando finalmente adormeci, uma cena de pesadelo surgiu.

Richter e Zara, a mortal Carta da Roda da Fortuna, estavam em um armazém trancado cheio de prisioneiros variados — homens, algumas crianças e até umas duas mulheres. Cordas amarravam os pulsos dos presos.

Zara estendeu a mão para tocar o rosto de um homem. Assim que suas peles entraram em contato, os olhos e as veias dela ficaram roxos. Ela tinha acabado de roubar a sorte dele!

Ela se dirigiu para o outro homem ao lado daquele, e depois ao próximo. Ela até se ajoelhou para enxugar as lágrimas de uma criança.

Quando colheu de todos eles, Richter acenou para que ela saísse. Eles trocaram um olhar enquanto ele trancava a porta atrás deles.

Lá fora, Zara lhe entregou uma faca. Enquanto ela olhava com uma fascinação doentia, Richter cortou a palma. Sangue se juntou, começando a brilhar e a esquentar, transformando-se em lava. Saía de sua pele, espalhando-se pelo chão, indo para mais perto do depósito.

Então ele começou a cozinhar aquelas pessoas lentamente...

Acordei sentada, os gritos agonizados deles ressoando em meus ouvidos.

Aquilo foi um sonho ou Matthew me mandou uma visão de Zara abastecendo suas reservas de sorte com sobreviventes?

Esfreguei os olhos, olhando para o lado da cama vazio de Aric. Ele raramente dormia ultimamente. Com um suspiro preocupado, eu me levantei, a ansiedade como uma corda em volta do meu pescoço.

Apesar disso, meu estômago roncou. Olhei para a barriga com raiva, depois vesti um robe bem grosso e chinelos. Talvez se eu conseguisse segurar a comida, ela me ajudaria a dormir. Enquanto a tensão crescia dentro do castelo, minha náusea seguia o mesmo ritmo.

Fui na direção da cozinha, a respiração começando a esfumaçar na escadaria. A tempestade de inverno continuava, a temperatura caindo. Paul permanecia no castelo.

Depois de remoer o que vovó disse e escreveu em seus últimos dias, fiquei mais convencida que ele lhe fez mal. Mesmo assim vivi debaixo do mesmo teto que seu assassino por mais duas semanas.

Passei por uma janela coberta de gelo e olhei de cara feia para a neve que caía. A natureza não estava cooperando comigo — nem com Circe. Sempre que ela dormia, o fosso se enchia de gelo. Para quebrar a superfície congelada ela pressionava seus poderes.

Frequentemente ouvíamos o gelo rachando na margem do rio, e então o *SLOSH* quando um bloco grande mergulhava na água.

Se o tempo não mudasse, ela travaria uma batalha perdida. Quando falei com ela uns dias atrás, ela pareceu progressivamente fraca e perturbada: "O gelo sufocando meus rios é como um protetor de ouvidos gigante. Quanto mais grosso o gelo, mais isolada me sinto." Ela tinha acrescentado em um sussurro, "Meu caixão de gelo..."

No andar de baixo eu passei pelas folhas secas cobrindo o chão. Todas as minhas videiras tinham morrido. Meus poderes não exibiam sinais de reverberar; minha Bruxa Vermelha parecia estar tirando uma longa soneca de inverno.

A luz na cozinha estava acesa. Eu não era a única atrás de comida a essa hora da noite. Seria Aric?

Ele e eu parecíamos ter chegado a um impasse. Quando ele não estava treinando a um grau obsessivo, ficava fitando as janelas, aguardando a chegada de Kentarch.

Uma vez tive a sensação que o castelo do Tempo Perdido era como um barril de pólvora. Agora parecia uma ogiva. Bem quando eu ficava a ponto de explodir com Aric, ele vinha pra cama e nós nos perdíamos no sexo. Ele era gentil, até mesmo reverente.

Ontem à noite, tentei outra vez me reaproximar dele.

— *Você vive dizendo que aqui é o meu lar, mas não parece. Não será enquanto Paul estiver aqui.*

Em um tom distraído, ele respondeu:

— *Tomei minha decisão. O resto é com a natureza.*

— *Você me disse que eu poderia decidir o destino dele.*

— *E decidiu. Mas eu escolhi o momento: depois da nevasca.*

Aquele comentário tinha me irritado muitíssimo.

Encontrei o Mago em um pijama de flanela assaltando a geladeira.

— Loirinha! — Seus olhos castanhos se acenderam. Desde que ele chegou ganhou peso, estava ótimo aqui — com exceção da sua perna.

Ouvia muitas vezes ele e Lark rindo ao explorarem o castelo. Eu invejava a simplicidade da relação deles. Eles não tinham bagagem e não desperdiçavam nem um segundo.

Ele me perguntou:

— Vai fazer outra tentativa de jantar?

Mais cedo, eu saí correndo da mesa para vomitar uma excelente comida. *Valeu, criança.* Jack uma vez chamou Matthew de péssimo recurso; eu atualmente estava presa a um.

— Talvez devesse.

Finn ergueu seu sanduíche de três andares.

— Toma. Fique com o meu — um bloco de maionese caiu em seu prato. *Ploft.*

Urgh.

— Não, obrigada. Vou comer uma torrada.

— Fique à vontade, chica. — Equilibrando seu prato, Finn escorou a muleta em cima da mesa da cozinha. Sem nenhum sinal de amargura, ele disse: — Quando se tem uma muleta, você sempre fica sem uma mão — e um Mago precisaria das duas. A chamada Arcana de Finn era *Não olhe para essa mão, olhe para esta*.

Coloquei uma fatia congelada de pão na torradeira, então enchi um copo com leite. Agora que Lark tinha assumido os deveres da cozinha, eu a ajudava o máximo possível. Sobretudo cortava coisas enquanto tentava não vomitar.

Ela já havia preparado refeições para o pai antes do Flash, então conseguia fazer algo decente. Mas não conseguia recriar Paul — como as massas recém-saídas do forno e as carnes suculentas e recém-caçadas; nossos suprimentos congelados continuavam a minguar.

Quando Finn se jogou em uma cadeira, ele bateu a perna ruim, apertando os dentes. Ele vivia com aquela dor todos os dias, só tinha uma esperança de consertá-la.

E ainda assim eu o atrapalhava, o que não tinha melhorado o meu relacionamento com Lark.

A determinação ferrenha dela tinha se fixado em um objetivo. Hoje mais cedo tivemos outro confronto:

— *Admita logo que está errada sobre Paul — ela exigiu. — Ele vai te perdoar. Aí então ele pode ajudar Finn.*

— *Eu não estou errada.*

Ela estudou meu rosto.

— *Então está certa?*

Certa da cabeça? Certa no sentido definitivamente sem dúvida? Eu não tinha uma boa resposta para dar, então perguntei:

— *Andou conversando com Paul quando vai levar as refeições dele?*

Ela espiou suas garras.

— *O chefe disse para eu não falar com ele.*

Em outras palavras, sim.

— *Lark, acredito que minha avó estava me alertando contra ele, então ele a matou.*

Ela bateu sua palma na testa.

— *Isso é muita estupidez, impura. Quem diabos mataria uma moribunda?*

Às vezes eu queria estrangular Lark. Ela era como uma irmã mais nova irritante. E como irmãs, nós brigávamos e fazíamos as pazes.

— Tenho uma piada pra você — Finn falou entre mordidas. — Como se chama o 69 dos canibais?

Eu levei meu leite e a torrada seca para a mesa.

— Um exercício de confiança?

— Não — seus lábios se curvaram. — Prato de entrada. Mas gostei do seu raciocínio, loirinha.

— Isso foi horrível, Finn — eu disse, mas tive que conter um sorriso.

Parecendo satisfeito, ele disse:

— O mundo pode estar diferente, mas ainda temos que achar humor. Ando trabalhando com Morte. Falei com ele hoje.

— Falou? — Embora Aric não considerasse Finn um amigo e provavelmente jamais fosse, ele se deu ao trabalho de dizer que o coração do Mago era bom. — Sobre o que conversaram? — Mordisquei a torrada, tentando decidir se meu estômago a seguraria. Chance de *cinquenta por cento*.

— Coisa de macho. Não posso trair o código. Mas quanto mais conheço o Ceifador, mais gosto dele. Você tem bom gosto para homens. — Ante minha expressão, ele disse: — Desculpa. Coisa idiota de se dizer.

— Não se preocupe. — Considerei pedir opinião a Finn sobre a mensagem de Matthew. Não, ele contaria a Lark, e ela a Aric.

— Então, tá animada para se tornar mãe? — Todos pareciam animados menos eu. Até Lark disse:

— Talvez isso possa acabar com o jogo. Finn e eu podemos ter a chance de uma existência normal juntos!

Dei a ele a cara que sua pergunta merecia.

— Eu tenho *dezessete*.

— Talvez nesta vida. Lark disse que você soma mais de um século entre suas encarnações. Todos nós, certo?

Tecnicamente eu tinha bem mais de cem anos. Eu achava que não conseguiria ver Aric com dois mil anos a não ser que aceitasse ser uma centenária.

Dando outra mordida, Finn falou: — Mesmo você sendo velha pra caramba, acho que vai ser uma ótima mãe. Fazer o papel de mamãe é o que Imperatrizes devem fazer, certo?

Quando eu era criança, brincava com filhotes dos animais da fazenda — não com bonecas. Eu nunca nem gostei de crianças.

— Como a Imperatriz, suponho que devo matar.

— Mas você é a Arcana que mais tentou *acabar* com as mortes. Pensei muito em você quando estava na estrada com Selenia. Se você pôde se aliar a ela depois dela te enganar, entendi que conseguia perdoá-la por tentar nos eliminar e tudo mais. — Em um tom mais suave, ele disse: — Acho que essa é a coisa mais importante para se fazer como um pai ou mãe: perdoar.

Os pais de Finn não tinham perdoado as pegadinhas involuntárias dele. Eles o mandaram para o outro lado do país, expulsando-o de sua adorada Califórnia.

— Falando em perdão — ele continuou — Joules e Gabe estão lá fora, morrendo de fome. O falcão de Lark os avistou, e eles pareceram péssimos.

Se Jack estava vivo, ele estava passando fome?

E mesmo assim aqui estava eu outra vez, enfiada em um castelo, sem ajudar, sem fazer nada a não ser contando o tempo.

Finn colocou o resto do sanduíche de lado.

— Morte não mudou de ideia sobre jogar um osso para eles?

— Ainda é um não bem firme — quando abordei o assunto um tempo atrás, Aric disse:

— Se alimentarmos os animais de rua eles nunca irão embora, e uma convergência maior de cartas poderia guiar Richter para cá mais cedo. Além disso, tenho a regra de não estender a mão para quem trama contra mim.

Eu disse a Finn:

— Talvez se Joules não estivesse tão determinado a eletrocutar Aric.

— Verdade. Eu tinha que tentar.

— Vou continuar tentando com ele — falei, mesmo que minha influência com Morte ultimamente fosse insignificante. Eu nem conseguia que ele expulsasse o assassino da minha avó antes do tempo mudar. — Como foi estar na estrada com Joules e Gabriel? — Eles três tinham se juntado depois da catástrofe no Forte Arcana e visado Richter. Sem sucesso.

— Além de me sentir segurando vela no bromance² épico deles? Foi legal. Às vezes eles se abriam sobre as vidas deles pré-Flash. Engole essa: Patrick Joules, o grande e poderoso Torre, cantava no coral da igreja.

— Insolente boca suja Joules? — quase todas as palavras que saíam da boca dele eram "porra". — Mentira.

— Juro! Um menino bonzinho de carteirinha. Pelo menos antes de conhecer Calanthe. — A Carta da Temperança foi o amor da vida de Joules. Infelizmente, Morte a matou para se defender.

Enquanto eu lutava para imaginar Joules no coral da igreja, perguntei:

— Gabriel não nasceu em um culto?

— Sequestrado por um quando era bebê.

— Jesus, que horrível.

² expressão em língua inglesa que designa o amor entre dois homens não sexual e não necessariamente entre parentes.

— Eles o veneravam como se ele fosse um anjo. — Na história dos jogos, Gabriel foi um guardião, um protetor do bem. — Uma coisa engraçada: Gabe não nasceu com asas. No Dia Zero, ele teve que saltar de uma montanha em um precipício e esperar que as asas brotassem das suas costas caminho abaixo.

— Puta merda! — Isso me lembrou de uma das minhas fugas de Aric, quando eu pulei às cegas de uma ponte, sem ideia se cairia em cima de destroços na água. Ele tinha tirado a armadura para mergulhar e me salvar — bem a tempo de canibais nos atacarem.

Baleado duas vezes, Aric se protegeu atrás de uma pedra. Nunca esquecerei seu rosto quando ele olhou para o céu, o olhar desolado. Estava pensando que a Imperatriz sempre lhe traria desgraça? Que ela sempre arruinaria sua vida?

Pigarreei antes de falar:

— Hmm, Gabriel deve ter tido muita fé para saltar sem asas.

Finn sacudiu a cabeça.

— Nem um pouco. Se ele não pulasse, teria tido uma "ajudinha" dos membros do culto. Ele estava se cagando de medo, mas não tinha escolha.

— Não foi um salto de fé? E eu aqui achando que você estava me contando essa história para me dar uma perspectiva com esse bebê.

— Acho que você é que nem Gabe... não tem escolha senão saltar — Finn piscou para mim e disse: — Já que é assim, quem sabe um salto de cabeça, loirinha?

Minhas asas apareceriam? Forcei um sorriso.

— Então, você e Lark estão pegando fogo. Mal saíram do quarto dela hoje.

Ele corou.

— Aproveitando a tempestade, já que as obrigações de vigilância dela diminuíram. Eves, me amarro na dela. — Ele puxou o colarinho do pijama. — A ponto de tipo, amor e tudo mais.

Quando não consegui conter um sorriso idiota, ele disse com raiva:

— Cala a boca.

Eu ri.

— Não falei nada! Fico feliz por vocês dois — meu sorriso desapareceu. — O que vocês estão usando como anticoncepcional?

Seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Caramba, mãe. Se precisa saber, juntei umas camisinhas quando estava na estrada. — *Que alívio*. — Quando cheguei aqui, minhas posses se resumiam a uma muleta, as roupas do corpo e um monte de látex. Morte surtaria se nós procriássemos, não surtaria? Ei, se tivéssemos um filho e você uma filha...

— Nem comece.

Ele ergueu as mãos com uma cara de quem quer aprontar.

— Finn, posso te dar um conselho? — Quando ele assentiu com avidez, eu disse: — Tente não pressionar Aric. Ele pode parecer um cara ok e normal, mas no fundo, ele ainda é um cavaleiro de outra era, ainda é um assassino. — Ele fez fortuna matando reis e derrubando regimes com um simples aperto de mão.

— Sinto pena do cara.

Eu pisquei.

— De *Aric*? — O bilionário hipnoticamente belo e sobrenatural? O homem com a vibe *eu exerço poder sobre tudo e todos sob meu domínio*?

— Claro. Ele tem que estar estressado. Tem que preparar nossas defesas, administrar nossos recursos, proteger você e o bebê que está por vir, além de todos debaixo do seu teto. E ele sabe o quanto você está infeliz. Isso tudo tem que ser um peso daqueles.

Então por que Aric não cede? Eu o peguei olhando para mim, como se pedindo para que eu compreendesse sua posição com relação a Paul. Ele não acreditava mesmo que o homem merecia ser banido.

— Eu tento ficar fora do radar — Finn falou. — Por exemplo, não contei a Morte que ando invisível e peladão pela sua residência sempre que tenho vontade. — Irrepreensível Finn. — Mas às vezes Lark fica um

pouco... agressiva. — *Sangue nos dentes e nas garras?* — Se importa se eu transmitir seu conselho a ela?

Fiz que não.

— Por favor, tente fazê-la entender. A paciência de Aric tem limite.

Ontem Lark foi sarcástica com ele pela primeira vez, tipo, na vida.

Aric havia resumido o incidente:

— Conforme o arsenal dela cresce, também cresce sua atitude. — Às vezes eu ouvia sons de animais na encosta das montanhas que eu não conseguia identificar — sons que me enchiam de medo.

Como faziam com a vovó.

Agora que Circe enfraquecia, Lark ficava mais corajosa, especialmente depois que ela usou sua "faunagênese" para reviver um corvo uns dias atrás.

Em meio a todos os poderes Arcanos que testemunhei, a habilidade de ressuscitar de Lark era louca até mesmo para mim. Assisti os primeiros movimentos do pássaro assombrada, apenas para estremecer pela brancura fria dos olhos dele.

Ela me disse que planejava mandar os lobos atrás de um zoológico frito pelo Flash, procurando pelas ossadas:

— Estou pensando em fazer um urso. Um marrom não seria incrível? Ou talvez algo para o fosso do castelo, para botar medo naquela feiticeira.

Mas também tive a estranha sensação de que Lark já estava fazendo isso em segredo.

Finn disse:

— Então falo com Lark e você pode dialogar com Morte sobre as coisas. Ele odeia saber que você está sofrendo.

Então talvez ele devesse fazer algo a respeito disso. Eu pediria mais uma vez na próxima vez que estivéssemos juntos.

— Quer ouvir um lance esquisito, loirinha? Sei que estamos numa situação bem complicada, mas nunca fiquei tão empolgado com a vida do que nas últimas duas semanas.

— Nem quando morava em Cali antes do Flash? Eu sei que você sonha surfar.

Com uma cara de bobo, ele disse:

— Eu sonho com Lark zilhões de vezes mais.

Um vento balançou o castelo, sacudindo as vidraças. Um som profundo e percussivo vibrou de onde era o lado esquerdo do rio. O gelo rachou, mas nenhum *SLOSH* veio depois disso.

Engoli em seco. O domínio de Circe aqui tinha ficado sólido. Talvez todos estivéssemos destinados a um caixão de gelo. Matthew já chamou a mudança climática de *Nevemargedom*³.

— Finn, e se o mundo não retornar ao que era? Como explicaremos o sol a essa criança? Ou como um *dia* se parecia?

— É para isso que estou aqui. Siga-me. — Ele se levantou, então foi mancando até a sala adjacente. Apontando para o sofá, disse:

— Dá uma sentada — quando sentei, ele canalizou o seu apresentador de circo: — Prepare-se para se deslumbrar! E se ofuscar! Pelo maior ilusionista *que já existiu!* — Ele ondulou a mão e uma nova cena nos cercou.

De repente estávamos em uma praia debaixo de um sol escaldante.

— Malibu?

Sorriso maroto.

— Você sabe.

— Isso é incrível. — Meu olhar ávido absorveu todos os detalhes: as gaivotas, a espuma nas ondas, a cerração subindo das areias. — Poderia ficar olhando para sempre.

Finn caiu no sofá de dois lugares colocando a muleta entre as pernas, mas a cena prosseguiu.

³ Neve + Amargedom.

— Lark e eu vamos ser os preferidos do seu filho. Depois de passeios de pônei e histórias para dormir cheias de ilusionismo, vamos enchê-lo de açúcar e depois dar um kazoo⁴ para ele.

Como se a tivesse conjurado, Lark veio descendo a escada com uma pantufa fofa de coelho e um pijama de flanela que combinava com o de Finn. Um trem de animais da floresta a seguia. Ela sentou ao lado de Finn, olhando para o espetáculo.

— Uau. Os detalhes são surreais. Ondas maiores, baby!

— Minha mina quer ondas maiores? Então vamos ter altos tubos aqui.

Não muito tempo depois, Aric entrou. Seus olhos começaram a brilhar quando me viu. Ele usava sua cota de malha com uma aparência gloriosa. Assim que absorveu a cena, disse:

— Faça-nos *sentir*, Mago.

— Eu posso fazer isso?

— Sabe como o encantamento começa e sabe o que quer.

O Mago fechou os olhos e murmurou algum encantamento. Logo as ondas quebrando começaram a sacudir a sala, abafando os sons da nevasca. Uma brisa agradável trouxe a umidade salgada até os nossos rostos aquecidos pelo sol.

Com cuidado para não se aproximar demais dos outros, Aric sentou do meu outro lado. Ele pegou minha mão entrelaçando nossos dedos, as pálpebras ficando pesadas só com o mero toque.

Enquanto fitávamos um pôr do sol vermelho fogo do Pacífico, uma paz se abateu sobre nós, uma sensação rara entre Arcanos. Eu só queria que Circe pudesse experimentá-la também. Se um café da manhã a deixou com inveja, o que essa experiência perdida lhe faria?

Finalmente entendi como consegui atraí-la para terra firme no passado...

Ao meu ouvido, Aric disse:

⁴ Instrumento de sopro que altera a voz muito utilizado na África para imitar sons de animais, lembra um apito.

— Alguns milagres ainda nos aguardam, amor.

Esperança era um broto buscando a luz. Assim que Paul fosse embora, poderíamos readquirir tudo o que perdemos.

Finn passou o braço em volta de Lark, parecendo prestes a explodir de felicidade. Ele suspirou:

— Eu amo muito vocês, gente.



6

Quando voltei para a cama, Aric estava em frente às janelas olhando para a noite iluminada por relâmpagos.

Ele usava apenas uma calça de couro de cintura baixa, o peito tatuado nu. Parecia um deus iluminado pelos flashes prateados.

Ainda procurando Kentarch?

Ele se virou para mim.

— Preciso conversar sobre algo.

Sentei apoiada na cabeceira da cama.

— Eu também — acenei para ele. — Você primeiro.

— Percebi uma coisa hoje à noite — ele sentou ao meu lado. — Não há milagres que eu deseje testemunhar sem você ao meu lado. Entretanto, sinto que a estou perdendo. Não posso... não posso te perder.

— Esse futuro me foi forçado. Mas posso largar o meu ressentimento — *onde estão minhas asas?* — assim que Paul for embora. E assim que não existam mais problemas de confiança entre nós.

Ele assentiu como se esperasse que eu dissesse exatamente isso.

— Falei com ele hoje, até revisei seu arquivo médico.

Apertei os lábios.

— É mesmo? A leitura foi boa?

— As anotações dele são meticulosamente detalhadas, sua explicação de acontecimentos lógica. Em suma, o relato de Paul faz

sentido para mim — Aric pegou a minha mão. — Mas eu não ligo. Ele deixará esta montanha amanhã, não importa o tempo. Eu o arrastarei se precisar.

Meu coração acelerou.

— O que causou essa mudança? — Então franzi a testa. — Ter se dado conta que está me perdendo?

Assentimento.

— Vou confiar cegamente em você, mesmo contra o meu melhor julgamento. Se afirma que aquelas coisas aconteceram, então acreditarei nisso. *Sievā*, eu a seguirei aonde for.

Em um mundo perfeito, ele teria dito que confiava em mim porque eu era *digna* de confiança. Ou que Paul não era. Aric praticamente falou que estava engolindo a minha versão — para não arriscar uma separação.

Mesmo assim eu aceitaria o que pudesse conseguir.

Prendendo meu olhar, ele murmurou:

— Eu olho em seus olhos e me pergunto por que ainda não havia feito isso.

Finalmente! Toda minha tensão parecia prestes a derreter— assim que Paul fosse embora. Só então eu confiaria a Aric as minhas esperanças quanto a sobrevivência de Jack.

Ele tocou meu rosto.

— Podemos começar de novo? Vai voltar para mim?

Eu conseguia? *Sim*.

— Voltarei — com um sorriso seco, disse: — E vou até trazer companhia comigo.

— Verdade — ele tocou em minha barriga ainda plana. Desta vez, peguei sua mão e a posicionei. Sua palma morna através da minha camisola.

Pontinhos de luz brilharam em seus olhos estrelados quando ele disse:

— Você me perguntou o que eu mais desejava. Meus sonhos são todos com você, passar a vida ao seu lado. Eu quero esta criança porque ela virá *de você* — sua mão estremeceu. — Jamais poderei esquecer que fui sua segunda opção. — Antes que eu pudesse protestar, ele disse: — Mas nós poderíamos compartilhar um vínculo que nenhum de nós jamais compartilhou. É isso o que eu mais desejo. Você o aceitará?

No Forte Arcana escolhi Jack e não ele. Desde então, firmei um compromisso com Aric. Olhando para o seu rosto nobre, eu sabia que o honraria — mesmo se Jack estivesse vivo.

— Você realmente acredita que essa criança vai nascer bem? Com vírus de Bagger e tudo?

— Estou te dizendo que nosso filho será incrível. E jamais menti para você.

Como com Gabriel e seu salto involuntário para o desconhecido, eu já estava caindo. Talvez devesse dar risada enquanto isso? Se eu podia levantar e andar com dez espadas cravadas nas costas — a visão que Matthew havia me mostrado — eu poderia sobreviver a uma gravidez.

— Aceita este vínculo?— Aric estava prendendo a respiração.

A noite parecia muito importante, aquele fio de esperança brotando em uma rosa branca.

— Só um segundo — quando eu me afastei e saí da cama, ele deu um suspiro desanimado.

Fui até meu armário e retirei o anel que eu havia feito para ele. A fita vermelha ao lado dele trouxe uma pontada de saudade, mas eu tinha tomado minha decisão. Voltei e tomei a mão de Aric e coloquei o anel preto em sua palma.

— Vou dar esse salto.

— Fez isso para mim? — Sua expressão era de adoração.

Eu assenti.

— Do *lignum vitae*.

Ele falou com a voz falha:

— Madeira da vida. — Ele colocou o anel no dedo, os olhos voltando a ficar estrelados. Murmurou algo em Letão. A intensidade quieta e a urgência daquelas palavras me afetaram, mesmo que eu não compreendesse seu significado.

— O que disse? — Eu repeti as sílabas na minha mente, querendo poder entender sua língua nativa.

— Por todos os deuses, eu a amo como a minha vida. Confiei em você minha sobrevivência e lhe confiei meu coração... que para mim é bem mais vulnerável. Pedi que tivesse cuidado com ele. — Ele me beijou de modo reverente, depois se abaixou para colocar os lábios na minha barriga. — E você cuidou.



Morte

Eu me liberei do abraço da minha esposa que dormia, o coração martelando de antecipação.

Ela havia aceitado este vínculo inquebrável entre nós. Meu polegar traçou a aliança nova em meu dedo anelar. Ela esforçou-se tanto para confeccioná-lo. Contemplei a habilidade artesanal com imenso orgulho.

Logo teríamos um filho juntos. Nas últimas semanas, não me permiti aceitar isso completamente — não até sentir que *ela* havia aceitado.

Tudo o que precisou foi a minha confiança cega.

O pensamento dela sentindo-se emboscada era insuportável pra mim. Eu sabia muito bem como era essa sensação. Estive preso dentro deste corpo mortal por dois mil anos. Confinado em minha armadura isolante.

Mas com ela eu pude me libertar.

À janela, observei a paisagem invernal. Esta montanha que outrora fora tão solitária, tão impregnada de morte, estava florescendo com vida.

Teria o Louco previsto essa gravidez?

Ele certa vez me fez uma previsão — *uma parte céu, uma parte inferno* — que eu nunca compartilhei com minha esposa. A parte do céu já havia se concretizado. Eu queria alertá-la do que poderia seguir, mas ela não precisava sofrer mais preocupações.

A Imperatriz é tão frágil quanto é forte.

Refleti sobre as últimas semanas que passei com meus pais, quando minha mãe estava grávida. Meu pai a tratava como se ela fosse feita de um material diáfano, protegendo-a de qualquer aridez. Eu me esforçaria para fazer o mesmo com minha esposa.

Além do mais, nenhum destino é imutável. Eu me recusei a acreditar no que o Louco me disse.

Fui até o banheiro para molhar o rosto. Após secar a pele, olhei-me no espelho.

Barba por fazer. Cabelo grande demais. Olhos transbordando de satisfação.

Murmurei em descrença:

— Eu vou ser *pai*.

Ela uma vez me disse que eu tratava meus livros como filhos. Eu respondi na época:

— Será o mais próximo que chegarei a tê-los — não mais.

Eu, um pai.

Como protegeria minha família? Como os alimentaria por uma vida? *Isso cabe a mim*. Nos meus sonhos mais improváveis, nunca considerei a possibilidade de um filho ao supor um futuro.

Paul havia preparado uma lista de itens cruciais para esta gravidez e para o recém-nascido. Apenas um local teria todos eles — a Casa dos Doentes, uma espécie de assentamento ao leste. Eu partiria assim que a tempestade aliviasse.

Culpa quanto ao destino do meu servo surgiu, mas a afastei.

Após secar as mãos, fitei-as. O toque da Morte. Meu toque. *E se eu não puder tocar meu próprio filho?*

Minha aliança de casamento brilhou, atraindo minha atenção. Uma calma me permeou. Com ela ao meu lado, poderíamos vencer qualquer coisa.

— Aric? — ela chamou sonolenta da cama. Sua voz suave e amorosa fez meus músculos ficarem tensos e minha pulsação acelerar.

Eu conseguia ver tão claramente: ela havia tentado me alcançar e encontrado apenas meu travesseiro.

— Estou indo, amor — falei em reposta. Eu seria um bom pai para nossa criança, mas antes de tudo, sempre seria o seu devotado marido.

Amanhã teríamos um grande número de cuidados e preocupações — um exílio e a repercussão dele. Esta noite eu agradeceria minhas bênçãos: uma esposa amorosa e um bebê a caminho.

Uma última olhada no espelho para encarar o homem mais sortudo que já conheci.



A Imperatriz **Dia 529 D.F.**

— Seria melhor colocar uma bala na cabeça dele — Lark atirou contra mim quando todos nos reunimos no pátio para descartar Paul.

A nevasca havia terminado justamente hoje. Os ventos estavam quietos e a neve não mais caía. Mas o céu preto e as nuvens grossas brilhavam intermitentemente com raios que não davam para ver. O rio, a expansão brilhando de gelo sólido, refletia-os.

Finn deu tapinhas na mão enluvada de Lark, murmurando:

— Tudo bem, babe. Tá tudo tranquilo.

Eu não recebi gesto algum de apoio da parte de Aric. Ele estava rígido ao meu lado, vestido com a armadura como se Paul merecesse uma dispensa uniformizada.

O médico se demorava no portão do perímetro com os ombros curvados. Agora usava traje de neve e uma mochila — gentileza de Aric.

Eu abracei minha própria jaqueta de ski.

— Ninguém vai matar ninguém — falei para Lark, embora as palavras de Aric penetrassem minha mente: *Exílio equivale a execução*.

Quando ela e eu tínhamos preparado o café da manhã, seu comportamento estava mais gélido do que a paisagem. A refeição foi igualmente tensa. Nenhum de nós comeu muito com exceção de Finn, que mastigava tudo com alegria, incluindo o presunto congelado que eu queimei.

Ele deve ter passado mal. Sua coloração estava estranha e suor se juntava na testa, mesmo com o ar gelado.

Quando ele afrouxou o cachecol, perguntei:

— Tudo bem?

— Vamos logo com esse espetáculo, tá? — Sua impaciência me surpreendeu. Sua única esperança de andar sem apoio estava prestes a sumir.

— Chame como quiser — Lark me disse. — Se Joules e Gabe estão a ponto de se acabar lá fora, você sabe que isso significa morte certa para um mortal sozinho.

Ótimo. Ele era um assassino.

Paul pigarreou. Com a testa franzida, ele disse:

— Vou para as Cinzas então? Para onde irei?

Estava mais convencida do que nunca que todo o seu comportamento era atuação.

— Não é da nossa conta. Vá. Agora.

Sua voz vacilou quando ele disse a Aric:

— Senhor, eu... estou com medo.

Droga, aquela confissão mexeu até com a minha simpatia. E se eu estivesse errada a respeito dele?

Eu já me enganei — de modos épicos. Tentei fugir do jogo: *errado*. Não dei ouvidos a cartas sábias como Aric e Circe quando fui resgatar Selena dos Enamorados: *errado*. Richter a queimou de qualquer jeito, exterminando o exército de Jack no processo.

Embora eu odiasse e não confiasse em Paul, a responsabilidade de matar um mortal pesava em mim.

Eu precisava que Aric segurasse minha mão e mostrasse apoio. Em vez disso, eu podia sentir sua decepção comigo. Depois da noite passada, achei que estávamos de acordo nisso.

Finalmente, ele falou:

— Isto não está certo.

— Sério, Aric? — Ele raramente voltava atrás. — O que aconteceu com confiar em mim? O que aconteceu com ir aonde eu for?

— Então escolha o caminho correto! Não vai mostrar nenhuma piedade, Imperatriz?

— Imperatriz? — Eu não conseguia me lembrar da última vez que ele se dirigiu a mim dessa forma. — Qual é o seu problema?

Paul falou:

— Por favor, não briguem por minha causa. Tenho certeza que vou ficar bem. Obrigado, senhor, por mais de um ano de proteção. É mais do que muitos receberam. — Ele se virou para partir, dirigindo-se para a estrada.

Ele deu um passo. Outro. Com um último olhar, saiu de vista.

Finalmente! *Já vai tarde.*

Mas Aric disse:

— Não, não, tudo isso está errado.

— Deixe ele ir — com Paul fora das nossas vidas, eu seria capaz de baixar minha guarda; eu daria o salto. — Por favor, Aric!

Finn disse:

— Sei que sou novo na parada e meu voto não conta realmente — Lark voltou os olhos para o rosto suado do Mago — e sei que estou prestes a passar a noite na casa do cachorro com a patroa porque ela é super fã de Paul. Mas sinto uma vibe sinistra vinda dele.

Mais alguém se sentia assim! *Eu não estou louca!*

Os lábios de Lark se abriram.

— Como pode dizer isso? Ele é meu amigo.

Finn passou a manga do casaco pelo rosto.

— Babe, quando ele me examinou e se ofereceu pra fazer a cirurgia, recusei na hora. Talvez seja o Mago em mim, mas sinto que tem alguma coisa errada com esse cara. Acho que ele é tão confiável quanto sushi de loja de conveniência.

— Deus, obrigada, Finn — fui até ele e segurei sua mão. — Você não sabe como isso me faz sentir melhor.

Com os olhos em Lark, ele disse:

— Só digo o que sinto — ele tinha cambaleado? — E espero que minha mina possa... minha mina possa... — ele pigarreou — entender. — O suor agora escorria pelo seu rosto. — Uau. Tem alguma coisa errada — ele tossiu uma vez, e então outra.

Eu me virei para Aric. Seu olhar continuava na estrada, mesmo que Paul não estivesse mais visível.

— Aric! Precisamos levá-lo para dentro.

Um som borbulhante saiu da garganta de Finn. Seu rosto estava ficando roxo! Calma, isso tinha que ser uma ilusão. Ele me disse que até certo grau elas eram involuntárias, e o estresse dessa situação deve tê-lo afetado.

— Isso é um truque?

Quando Finn desabou de joelhos, Lark me empurrou.

— Ele está engasgando!

Aric entrou em ação, levantando-o para fazer a manobra de Heimlich. Nada aconteceu. Ele tentou outra vez.

Desesperada, Lark correu para o portão.

— Paul, precisamos de ajuda! — Sem resposta. — Eu não o vejo na estrada! — Ele não poderia já estar tão longe na estrada da montanha.

Aric disse:

— Fauna, mande seus animais encontrá-lo.

Ela assentiu prontamente, e seus olhos ficaram vermelhos ao retornar correndo para nós.

Quando uma linha de espuma escorreu da boca de Finn, Aric o colocou no chão coberto de neve.

— O Mago não está engasgando. Isto é alguma espécie de toxina. Talvez um veneno ou peçonha.

Finn agarrou sua garganta. Ele comeu algo estragado? Ou...

— Oh Deus, Paul fez isso — vovó tinha acusado o médico de envenená-la.

Lark caiu ao lado de Finn.

— Já chega de falar de Paul! Se ele estivesse aqui, poderia dar um jeito nisso!

Os olhos do Mago estavam arregalados de medo.

— Não me deixe, Finn! Eu te amo.

Ele largou a garganta para apertar as mãos de Lark. *Ele acha que está prestes a morrer, está tentando confortá-la.*

Lark deve ter concluído o mesmo. Um grunhido alto deixou seus lábios. Caos explodiu. Os animais espalhados pela propriedade ficaram ensandecidos, latidos e uivos enchendo o ar.

As ilusões de Finn apareceram por todo o pátio. Ondas... um pôr do sol... uma mulher de meia idade com uma expressão severa... como Lark estava na primeira vez que a conhecemos.

Aqueles gritos animais ficaram cada vez mais altos. Eu estava prestes a gritar com eles.

— Cale-os para que eu possa pensar! — Eu me concentrei, tentando sentir se alguma toxina de origem vegetal estava dentro dele. *Sentindo...* Não era uma planta. Não poderia produzir um antídoto. Mas alguma toxina o estava matando. *Pense!* Nossa única esperança é que ele vomitasse o que quer que tenha ingerido. Ele precisava de um purgante!

Arranquei as luvas fora, então brotei minhas garras de espinhos. Em minhas crônicas, eu soube que poderia injetar mais do que veneno com elas.

— Você vai meter as garras nele? — Lark mostrou as presas, cobrindo Finn de maneira superprotetora. — Uma droga que vai!

— Vou injetar algo que o faça vomitar. Deixe-me tentar salvá-lo.

Ela finalmente cedeu.

— Se ele não sobreviver...

Enfiei as garras no pescoço dele, injetando-o. *Por favor, deixe isso funcionar.* Retirando-as esperei, os olhos no rosto dele buscando qualquer sinal.

Mesmo assim os olhos arregalados de Finn ficaram vidrados.

Lark gritou:

— Eu não escuto o coração dele!

Virei para Aric.

— Você sabe fazer reanimação!

Ele se ajoelhou ao lado de Finn, iniciando compressões no peito dele com as mãos enluvadas. Uma compressão após outra e mais outra.

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Lark.

— Finn não pode morrer. Não pode. E-eu acabei de me reencontrar com ele.

Aric estava suando quando se afastou.

— O Mago se foi. Não há nada que eu possa fazer.

Finn estava... morto.

Lágrimas me cegaram. Choque entorpeceu meu cérebro. Havia algo que eu precisava recordar, mas só conseguia ficar olhando para o rosto aterrorizado do meu amigo.

Lark gritou chorando, um som de gelar o sangue.

— *Quem fez isso com Finn?* — Ela ainda não acreditava que foi Paul?

Eu não sabia como ele conseguiu sair de um quarto trancado para envenenar Finn, mas sabia por que fez aquilo.

O Mago pressentia que ele não prestava.

Eu mal notei quando Aric levantou.

— Sente isso, *sievā*? — Ele inspecionou a área. — Há algo se aproximando.

— Richter? — Aqui seria o fim de todos nós?

Aric negou com a cabeça.

— Isto é mais como algo que a Carta da Lua poderia ter feito, uma sensação. Um pressentimento fatídico. Algum poder está entre nós.

Meu olhar dardejou para os lados.

— Onde? Como lutamos com isso? — O ar tremulou, e uma cúpula de luz amarela brumosa apareceu acima de nós.

Quando nos envolveu, os olhos de Aric brilharam.

— Uma mortalha cai sobre nós.

Mortalha. *Pall*⁵. Paul. Onde estava o médico?

O gelo no rio rachou mais alto que o normal, o som ecoando pela montanha como uma explosão de canhão.

Lark se levantou do corpo de Finn, os olhos ficando em um tom ainda mais escuro de vermelho, as presas afiadas.

— Eu sei o que aconteceu aqui. — Seu *tableau*⁶ondulou diante dela. Então a imagem começou a girar até ficar de cabeça para baixo. Revertida. Seu olhar animalesco pousou em mim, sua expressão prometendo vingança. — Você matou Finn. Você o envenenou.

Fiquei de boca aberta.

— Eu? Paul fez isso!

— Você fez o presunto. Finn foi o único que comeu para ser educado contigo. E você o tocou pouco antes dele começar a passar mal. Você meteu as garras nele e ele morreu.

— Está drogada? — Como poderia duvidar de mim depois de tudo o que eu fiz para reunir os dois? — Por que eu faria mal a Finn?

— Você o matou no passado! — Eu odiava que ela tivesse razão. Ela chegou mais perto, os movimentos predatórios. — Minhas criaturas vão retalhar você.

— Calma, Lark, pense no que está fazendo. — Incapaz de fazer sequer uma videira brotar, eu corri para o lado de Aric. — Ela está surtando! — Levantei os olhos para ele.

⁵ Mortalha em inglês.

⁶ A imagem das cartas do tarô.

Seu *tableau* do Ceifador também apareceu, girando e invertendo. Pouco antes dele se fixar em uma posição de cabeça pra baixo, ele me olhou nos olhos e disse com dificuldade:

— Corra para o castelo. — Parecendo travar uma batalha interior, ele pegou as espadas. — Corra... *de mim*.



Reagindo puramente por reflexo, eu dei um salto e corri pela neve.

A fortaleza estava confinada, apenas a porta da frente aberta. Passei pela entrada e então fechei a porta à prova de explosivos. Girei a tranca, mas nem mesmo essa barreira pesada evitaria que Aric entrasse por muito tempo.

— Não há para onde fugir, Imperatriz — ele disse do outro lado da porta. — Pela primeira vez desde que te conheci, minhas ideias estão claras. Sei que jamais poderei ter paz enquanto você viver.

— O QUÊ???

— Você me enfeitiçou. Me fez acreditar que me amava. Exatamente como fez antes.

— Você enlouqueceu, eu te amo sim!

— Mentiras! — Ele bateu na porta com sua força sobrenatural.

O que eu ia fazer?

— Tem algo acontecendo com você! Seu *tableau* está de cabeça pra baixo.

— Tudo que você diz é mentira. Nada mudou. Você matou o Mago, outro dos seus aliados, exatamente como faz a cada jogo! Nós confiamos; você nos trai. — Ele continuava batendo na porta: *bum... bum... bum*.

Eu estava presa nesta montanha com dois Arcanos que queriam me matar. Tinha videiras mortas correndo pelos tetos, mas mesmo que eu conseguisse revivê-las, Aric as destruiria facilmente. Minha única esperança era chegar ao viveiro, até as lâmpadas ultravioletas...

Um rosnado de enrijecer a espinha veio de trás de mim. Eu me virei devagar; Cyclops agachado no saguão, com saliva pingando das suas presas que mais pareciam lâminas. Mais animais enchiam a câmara mais à frente. As criaturas pelas quais eu passava todos os dias agora pareciam raivosas. Sob o controle de Lark, todas eram predadoras.

— Não, Cyclops. Não faça isso — levantei as mãos na minha frente, lutando para reviver videiras próximas. Lark realmente o faria me atacar? — Eu não machuquei Finn!

Do lado de fora, ela gritou:

— Você o envenenou! Cyclops, arranque as tripas dela!

O lobo de guerra gigante correu para cima de mim. Fechei os olhos com força. Videiras explodiram do teto, perfurando como lanças de madeira, fora do meu controle.

Um uivo. Quando abri os olhos de novo, a fera estava espetada, presa ao chão. Incapaz de se mover, ele me deu um olhar de confusão de partir o coração — aquele que uma vez foi meu companheiro de cama e era meu animal favorito.

— Cyclops, eu sinto muito mesmo — lembrando que ele se recuperaria, passei pelo lobo que choramingava.

Um trio de texugos, um dragão de Komodo e duas hienas rosnando bloquearam meu caminho para o viveiro. Quando elas avançaram para mim, gritei:

— Pare com isso, Lark! — Eu revivi mais videiras para que tirassem as feras do meu caminho, mas o dobro delas apareceu. Meus poderes já estavam falhando.

BUM... BUM... BUM.

Eu nunca chegaria ao viveiro antes que Aric derrubasse aquela porta. O arsenal de Lark estava me impedindo de chegar até o *meu*.

Não tinha escolha a não ser subir as escadas. Mal subi dois degraus quando uma onda de criaturas silvestres pequenas desceu. Eu chutei algumas, desviando-me do pior do ataque.

Subindo correndo tropecei em duas raposas. Caí pra frente... minha testa bateu na quina de um degrau.

— Ai! — Sangue escorreu para dentro dos meus olhos. Brotos explodiram das gotas vermelhas, enrolando as criaturas.

Apertando os dentes, eu segui em frente, conseguindo chegar ao segundo andar. Parei abruptamente, enxugando os olhos. Paul estava ao lado, guardado por Scarface e Maneater.

— Como diabos você entrou?

— Conheço cada câmara e passagem secreta deste castelo. Eu cresci aqui, era o filho do caseiro — abri os lábios. — Posso entrar em qualquer lugar, tenho acesso a cada centímetro do lugar. — Ele sorriu ao dizer: — Mesmo depois que fui "confinado".

Uma luz brumosa brilhava atrás da sua cabeça, da mesma cor que a da cúpula lá fora. Parecia estar se fortalecendo, espalhando-se.

Então uma imagem apareceu sobre ele. Um *tableau*. Eu já tinha visto antes: um homem pendurado de cabeça para baixo por uma corda em volta do tornozelo e amarrado a um galho de árvore. Uma explosão de luz amarela irregular circulava a cabeça do homem.

O Enforcado. Paul era a carta inativa.

Seu *tableau* também estava invertido. O que queria dizer que o Enforcado parecia estar de pé nos dedos dos pés. Não pendurado — porque ele estava em total controle.

— Você matou Finn — procurei um ícone, mas ele estava de luvas. — Envenenou ele e agora seus poderes foram ativados. — Tentei me lembrar de algo que li sobre essa carta. Ele era chamado de Nosso Senhor Misterioso — por tão pouco ser conhecido a seu respeito.

— Nós dois sabemos que *você* o envenenou. Exatamente como fez em jogos passados. *Você* é a princesa dos venenos, lembra?

Eu havia matado Finn neste jogo? Eu claramente recordava de ter matado antes.

Eu o cortei em tiras e o sufoquei com minhas videiras. Meu Deus, eu falei isso em voz alta! Sacudi a cabeça com força.

— Finn era meu amigo. Eu não o machuquei, foi você.

Paul inclinou a cabeça.

— Interessante. Mesmo quando a minha esfera de clareza se espalha você é capaz de resistir a mim.

Foi ele quem gerou aquela cúpula amarela. Enquanto Sol conseguia emitir uma luz pura de iluminação, a de Paul era uma bruma confusa. Ele deve ter o poder de fazer lavagem cerebral em Arcanos, o que explicava o porquê de Lark e Aric agora me quererem morta.

Então como eu *havia* resistido?

BUM... BUM... BUM. Aquela porta não aguentaria muito tempo.

Assim que eu matasse Paul a confusão com certeza acabaria, e então meu marido e amiga retornariam ao normal. Enquanto eu lutava para juntar veneno em minhas garras, chamei as videiras que revivi lá embaixo para que subissem as escadas. ganhando algum tempo para atacar, perguntei a Paul:

— Você sempre soube que era Arcano?

Lá fora, o rio de Circe continuava a rachar de um jeito sinistro. Eu sabia que ela não conseguia ouvir além do gelo. Ela estava pressentindo a ativação de Paul?

Ele apoiou um ombro na parede completamente relaxado.

— Quando espionei inicialmente Domīnija, o misterioso homem de negócios que comprou o lar da minha infância, senti que tinha uma espécie de conexão mística com ele. Então dei um jeito de entrar em sua vida doméstica e me tornar indispensável. — Paul me deu o sorriso que eu costumava achar charmoso. — Li tudo que consegui pôr as mãos por aqui, incluindo as suas crônicas. Depois de falar com a sua avó por horas a fio, suspeitei que talvez pudesse ser um Arcano, a carta inativa. Afinal, o destino gosta de nos reunir e eu já sonhei que possuía habilidades sobrenaturais. Mas como ativá-las?

— Matando um Arcano.

— Não é uma coisa fácil! Eu não queria levantar suspeita com uma morte inexplicável, então decidir matar alguém conectado ao jogo, a sua avó Tarasova. Os medicamentos corretos aceleraram seu declínio.

— Eu sabia! — Tudo que vovó disse e escreveu perto do fim se tornou claro. *Um rato em minha mesa rói os fiapos... a serpente se enrola na árvore e sufoca suas raízes.*

Paul era o rato, os fiapos vinham da corda do enforcado. Como uma serpente, ele se enroscou em volta de mim enquanto a sufocava — minhas raízes.

Mas vovó estava muito fora de si na época para me fazer entender.

— Ela descobriu quem você era.

— Eventualmente. Temi que alguém acabasse entendendo quando ela ficava tagarelando sobre meia-noite e meio-dia.

Compreensão.

— Doze é o número da sua carta.

— Evie recebe uma estrela! — Ele sorriu, rugas se formando em volta dos seus olhos azuis arregalados. — Quando apliquei sua última injeção, ela experimentou uma pequena janela de lucidez. Ela me fitou e disse: "Evie descobrirá que eu fui assassinada, mas vai culpar Morte. Ela me vingará. Eu quero isso."

Vovó escreveu em minhas crônicas: *Eu coloquei o fim em movimento.*

— Assim que sua velha e querida avó bateu as botas, senti minhas habilidades em curso e me estendi telepaticamente.

Aric disse que vivia tendo "pensamentos errantes". A telepatia de Paul era similar à de Matthew, funcionando como um rádio de comunicação? Poderes Arcanos frequentemente se sobrepunham — porque era assim com os poderes dos deuses.

O Enforcado podia ouvir pensamentos? Gritei mentalmente, *OLHA ATRÁS DE VOCÊ, PAUL!*

Mesmo assim ele continuou:

— O Ceifador e Lark foram fáceis de alcançar. Mas você e Finn... não muito. O Mago era imune a mim, eu sonhei que a carta dele era um contraste da minha, mas você não é naturalmente imune. — Ele estreitou os olhos, como se tentasse ver *dentro* de mim.

— Lavagem cerebral não faz efeito em mim, não desde que me libertei do controle mental da Carta do Papa. — Ainda se ouvia o gelo rachando lá fora. Paul também tinha alcançado Circe? Ela tentava se libertar para me ajudar? Ou para acabar comigo?

Irritação marcou suas feições.

— Eu não faço lavagem cerebral.

— Então quais são seus poderes? — Depois de tantos meses recebendo ordens e se esgueirando pelas sombras, aquele homem convencido deveria estar ávido para falar de si mesmo.

— O que *você* acha que são?

— Além da telepatia? Acho que possuí astúcia e dissimulação. — A sua aparência esquecível já era um poder por si só. Mal o notei no início da minha estadia aqui. — Definitivamente manipulação de confiança.

— O poder de mentir e sempre acreditarem? Isso é o mesmo que lavagem cerebral. — Bufando com indignação ele disse: — Eu não sou como o Papa! Pelo que li, ele usava contato visual para converter seus seguidores em drones sem cérebro. Minha esfera traz *clareza*. Quando inverte uma carta Arcana, elas não ficam estúpidas. Ainda possuem livre arbítrio. Apenas estão melhoradas. Enquanto o Papa mentia, eu mentalmente passo adiante verdades.

— De onde estou não faz muita diferença, Paul.

— Oh Evie, uma carta invertida quer dizer que só posso trabalhar com *o que está disponível*.

Então ele não podia manipular Lark e Aric a me machucar — a não ser que eles já tivessem uma inclinação para isso?

Como se para ilustrar, Lark gritou lá fora:

— Eu vou matar você, Imperatriz! Por que ele?

Paul estalou a língua fazendo "tsc, tsc".

— Ela não consegue decidir se mata você ou a si mesma. — Então sua característica Arcana mais forte, sua determinação implacável, não existia mais. — De uma coisa eu a convenci recentemente: da

necessidade de me proteger a todo custo. — Ele fez carinho em Scarface.

BUM... BUM... BUM. As dobradiças gritaram quando a porta se entortou.

Veneno finalmente se reuniu em minhas garras, minhas videiras subindo mais. Eu chegaria em Paul antes que Aric chegasse em mim?

— E Morte? — A carta dele era sobre acolher a mudança, esquecendo do passado e do ressentimento amargo. O inverso significaria que ele ficaria preso ao passado, e a nossa história era cheia de desconfiança, ódio e assassinato.

O presente que construímos seria destruído.

Paul sorriu outra vez.

— Odiar você é o modo de fábrica do cavaleiro, se quer saber. O que funciona bem para mim.

— Lark ouvirá tudo o que disse pelos lobos.

Ele olhou para as feras escravizadas.

— E ela me agradecerá por tramar contra você. Ela desprezava a sua avó, ficou feliz quando ela morreu. Eu fui útil para Lark, para todos aqui, menos você.

— Tramando? Como com aquele anticoncepcional. Agora eu sei por que você armou para mim.

Ele ergueu as sobrancelhas em desafio: *Sabe mesmo?*

— O Enforcado também é conhecido como o Traidor. — Seus olhos ficaram pesados de prazer, convencendo-me de que ele era igual a todos os outros Arcanos ruins com quem cruzei, assassinos perversos que gostavam de brincar com suas presas. — Eu só confiei duas coisas a você: o cuidado com a minha avó e o meu controle de natalidade, dando-lhe duas oportunidades de traição. Você me esfaqueou pelas costas as duas vezes. — Na realidade, ele era pior que os outros; nos outros eu nunca confiei!

— Hã-hã, Evie, seu cabelo está ficando vermelho. Já que não pode ser controlada, precisa ser destruída — os lobos rosnaram, mostrando

suas presas letais. — Vou apenas incitar Lark. — A luz em volta de sua cabeça brilhou.

Uma fração de segundo depois, os lobos se lançaram contra mim. Minhas vinhas subiram para se enrolar neles. Espinhos verdes amordaçaram seus focinhos e então bateram suas cabeças no chão.

Com as garras expostas, saltei em cima de Paul. Rasguei o braço que ele ergueu em defesa, meus espinhos alcançando o alvo. Meu veneno o apagaria em segundos.

Através dos rasgos em sua camisa, procurei cortes.

Nenhuma marca nele.

Como? Como isso era possível?

— Você se regenera como eu? — Mas a regeneração dele tinha que ser instantânea.

Enquanto os lobos lutavam contra as minhas videiras instáveis, ele inclinou a cabeça olhando para o braço.

— É incrível, Evie. Eu não posso ser ferido, não posso morrer. Acho que o Enforcado de certo modo já está morto. Eu transcendendo a morte.

Uma explosão soou quando Aric derrubou a porta.

— Venha até mim, Imperatriz. Vamos terminar isso de uma vez por todas — ouvi o toque rítmico de suas esporas indo até a escadaria.

Debati tentar atrasá-lo com mais videiras, mas queria que ele visse o *tableau* de Paul.

— Ele é O Enforcado. Venha vê-lo — olhei para a escadaria.

Aric estava subindo, as espadas empunhadas, a armadura negra brilhando.

— Sei disso. Ele me mostrou a verdade sobre você.

— A esfera é de Paul. Você sofreu uma lavagem cerebral dela!

— Eu vejo sua esfera. Sinto-a e a recebo com prazer. Ela me protege dos seus encantos e me dá uma clareza que jamais conheci — seus olhos ainda pareciam vidrados de fúria.

Eu não queria machucá-lo — mesmo que pudesse. O único lugar que restava para fugir era o terceiro andar.

— Tudo bem; me odeie, mas não machuque o seu filho.

Um pesar puro encheu seu olhar e ele esbravejou:

— Não existe bebê!

— Todo mundo neste castelo sabe que estou grávida! — Eu me convenci disso quando olhei para aquela rosa branca. Depois de dias vomitando constantemente, não havia mais como alguém duvidar.

Paul deu risada, seu convencimento palpável.

— Bem agora, quando Morte estava arrombando a porta, eu o informei mentalmente da sua trama, como você me forçou a forjar um teste de gravidez, para que ele sacrificasse a vida para proteger você e o seu filho de mentira. Agora que ele sabe a verdade, vai *me* proteger e te matar por enganá-lo.

— Não conseguiu forçá-lo a matar o filho, então tirou um teste falso de gravidez da sua bunda?

Antes que eu pudesse arrancar o sorrisinho de Paul com as unhas, Aric chegou ao topo, as espadas cortando minhas videiras.

Eu gritei de dor, tropeçando para trás na direção de outro lance de escadas.

Aric seguiu.

— Você é exatamente como sempre foi. Sempre sedutora. Sempre mentirosa. Eu sabia que nunca poderia confiar em você, mas a queria tanto. Fui fraco.

— Sua mente está sendo manipulada. — O Enforcado era poderoso *assim*? Capaz de controlar o atual campeão Arcano? Um imortal que viveu por milênios? — Paul tem o ícone de Finn, não eu! — Ergui as mãos.

Aric nem as olhou, nem pareceu me ouvir.

— Em nossa história, você buscou acabar comigo, mas nunca conspirou dessa maneira. Uma gravidez, Imperatriz?

— Foi *você* que teve que *me* convencer que eu estava grávida! Eu não queria acreditar. Mas aceitei. Nós dois aceitamos.

— Uma mentira é uma maldição que você joga em si mesma. Agora é hora de pagar pela sua.

Nada que eu dissesse dissuadiria Aric. Dei meia volta, correndo usando tudo o que eu tinha. O desespero estimulou meus poderes, e ergui uma parede depois da outra de espinhos, como fileiras de arame farpado.

Suas espadas cortavam o bloqueio enquanto forçava a passagem. Ele sabia o quanto aquilo me machucava, mas mesmo assim cortava.

Um pesadelo me recebeu ao fim da escada. Cobras sibilantes se enrolavam em volta do corrimão e caíam pelos degraus. Com um estremecimento, corri para aquele corredor polonês.

Presas picaram minhas botas enquanto eu pulava e desviava. Do corrimão, cobras atacavam meus braços, rasgando minha jaqueta grossa. Tufos de penas flutuaram no ar.

— Lark, já chega! —Dor explodiu em minha mão. Oh, merda! Uma conseguiu me picar. *Era venenosa?*

Eu seria imune, mas e a criança?

No terceiro andar arrisquei olhar para trás. Não vi hesitação nele enquanto aniquilava minhas defesas.

Para onde correr? Havia uma torre nesta ala. Talvez eu pudesse reforçar a porta com as videiras.

Subi aos tropeços o último lance de escadas, então tranquei a porta atrás de mim.

Lutando para me concentrar acima de todos os sons — as esporas de Morte, os animais, os prantos de Lark, aquele rachar sinistro do gelo — consegui algumas videiras para criar outra barricada.

As janelas deste aposento tinham trincos, diferente das seladas da minha torre. Mas também, Aric nunca teve a intenção de prender alguém aqui.

Eu abri uma janela, estremecendo com um sopro de vento. Olhei para fora com os olhos ardendo. A massa de rio gelado tinha se transformado em fragmentos brancos gigantes. Parecia que a terra tinha presas.

A cúpula amarela de Paul tinha se espalhado pela montanha para capturar o rio de Circe e meus espinhos. Talvez a Sacerdotisa não tenha sido tocada pela sua influência. Seu corpo e mente não estavam realmente aqui.

Espiei a enorme queda. Normalmente eu nem pensaria — simplesmente pularia. Se eu podia regenerar de uma queda de helicóptero enquanto os Bagmen contagiavam meu sangue, eu conseguiria me regenerar de qualquer coisa.

Mas a criança...

Gelo cobria o telhado escorregadio de xisto, as telhas brilhando nos relâmpagos contínuos. Fiz crescerem videiras com rosas do outro lado do castelo, mas elas congelaram com a tempestade. Ordenei que se espalhassem pelo telhado. Lentas para responder, elas precisavam que eu as rejuvenescesse.

Mas eu não tinha mais o que dar, não havia como abastecê-las.

Aric deu um berro; eu me virei bruscamente para ver uma espada romper minhas videiras. Ele estava passando pela porta e pela minha barricada como se passasse por papel.

— Você vai pagar, Imperatriz. — Ele chutou o que restava da porta.
— Vai pagar por me fazer acreditar.

Com o coração martelando subi no peitoril da janela. Outra rajada de vento quase me derrubou de volta no quarto.

— Nós nos amamos, Aric! Liberte-se do poder de Paul.

De espadas erguidas, ele foi se aproximando — um assassino de preto com um único alvo. O som assustador daquelas esporas estava a ponto de me enlouquecer!

Engoli em seco e pisei no telhado. Equilibrando as botas no telhado escorregadio, eu me afastei da janela alguns centímetros. Apesar do

meu casaco, o frio foi como um soco, expulsando o ar dos meus pulmões.

Uma tontura veio quando levantei a cabeça. O único lugar que me restava para subir era o pináculo do castelo.

Olhei por cima do ombro. Aric estava apoiado na janela, os olhos furiosos. Ele ofereceu a mão para me atrair mais para perto, para poder me golpear.

Eu já vivenciei sua fúria no passado, mas aquilo era diferente. Antes, mesmo quando fui sua prisioneira, seu olhar ainda traía ânsia. Agora não havia nada além de raiva. Ele parecia louco de raiva.

Lágrimas se formaram.

— Por favor, volta para mim, Aric. Estou usando o anel da sua mãe.

— E o arrancarei do seu dedo frio e morto exatamente como tirei aquela gargantilha do seu pescoço decapitado.

Quase vomitei.

— Se arrependerá disso por toda a eternidade. Você matou sua mãe quando ela estava grávida. Agora matará sua esposa e filho.

Ele hesitou por uma fração de segundo. Lutando contra a influência de Paul?

— Isso, Aric, lute contra ele! Paul é o Traidor!

Mas o inverso era muito forte. A desconfiança e a amargura de Aric venceram.

— Por falar em anéis — ele embainhou as espadas e então removeu uma manopla. Tirou o anel de casamento que fiz para ele. — Eu a deserdar, Imperatriz — ergueu a mão.

Sussurrei:

— Não faça isso.

Ele usou sua força profana para esmagar o anel. Quando abriu a mão, poeira negra se espalhou pelo vento. Seu ódio era mais forte do que a madeira da vida.

— Você é a próxima, Imperatriz. Não tem para onde ir.

Um corvo vinha voando que nem um bombardeiro de mergulho para me atacar!

— Não! — Uma videira saiu da minha palma para rechaçá-lo. O pássaro colidiu do meu lado, quebrando a telha de xisto, a cabeça explodindo. Pedacos de cérebro e ossos do crânio caíram no meu rosto. — Droga, Lark!

Um segundo pássaro fez o mesmo. Eu o bloqueei com as videiras, mas veio mais outro. *Isso não pode estar acontecendo*. Por entre o brilho destacado dos raios, vi um bando se aproximar. *Morcegos*.

Eles se juntaram ao meu redor arrancando meu cabelo, arranhando meu rosto.

— Oh, Deus, oh, Deus! — Meus pés saíram do lugar me desequilibrando.

Fiz dos meus braços um cata-vento. Oscilando, oscilando...

Em meio aos ventos, ouvi um assobio forte. Uma figura desceu das nuvens.

— *Gabriel!* — Ele vinha na minha direção, direto para dentro da bruma amarela de Paul.

A telha quebrou. Escorreguei.

Ao som da risada de Aric, eu caí.



Meus pés... flutuaram.

O Arcanjo me pegou em pleno ar! Ele me agarrou debaixo dos braços, as esporas bem afiadas aparecendo ao final das luvas que usava.

— Imperatriz, está tudo bem? — Gelo cobria seu cabelo preto comprido e rosto magérrimo. Seus lábios tinham um tom azulado.

— Tire a gente dessa esfera amarela. Rápido, Gabriel!

Ele não perguntou, apenas acelerou cada vez mais alto. Antigos buracos de bala em suas asas negras afunilavam pequenos sopros de ar ártico no meu rosto.

Quando Aric urrou de frustração, Gabriel me jogou para cima, capturando-me ao lado do corpo.

— Segure-se.

Eu me agarrei ao seu casaco ondulante quando ele deu uma virada brusca para a esquerda. Depois para a direita. Duas espadas passaram voando por nós. Aric arremessou suas preciosas armas em mim.

Pássaros e morcegos continuavam vindo. Gabriel se desviou deles, inclinando-se e girando. Rajadas sopravam, levando as outras criaturas com asas.

Estávamos livres. Estávamos... caindo?

Mais sopros de vento mandaram Gabriel girando no ar como uma flor de mimosa florescendo. Estávamos indo direto para as pontas de gelo afiadas de Circe! Ele grunhiu ao abrir as asas perfuradas por balas. Eu apertei os olhos me preparando para o impacto.

Nossa trajetória mudou.

Eu abri bem pouco os olhos. Tínhamos escapado das pontas dos blocos de gelo por poucos *centímetros*.

— Essa foi por pouco!

— O que está acontecendo, Imperatriz? Joules e eu ouvimos seus gritos e os animais se comportando de maneira frenética. Por que Fauna e o Ceifador iriam querer matá-la?

— Nosso médico é a carta arcana inativa. Ele fez lavagem cerebral nos outros. Onde está Joules? — A Torre nunca ficava longe de Gabriel, e raramente também de uma briga.

— Eu o deixei na outra montanha... — Ele parou de falar. — Como... o quê...? Ah, minha mente. Minha mente está tão clara.

A influência de Paul o estava afetando.

— Saia dessa luz amarela. Voe para além dela!

O *tableau* do Arcanjo estremeceu, depois se virou como uma roleta. Ele parou — na posição ao contrário.

Movimento no canto dos meus olhos cheios d'água. A mão de Gabriel foi devagar até a bainha de sua faca.

— Não faça isso, Gabe. O Enforcado está usando os poderes em você. Você fez um voto de nunca me ferir.

Ele mostrou as presas.

— Votos não significam *nada* para mim — Gabriel geralmente era direto, cheio de princípios e leal. O reverso dessas características não era muito promissor para mim. — Me ensinaram que você é um dos meus três arqui-inimigos, mas ignorei os ensinamentos para me tornar seu amigo. Agora devo executar uma morte que deveria ter ocorrido há meses.

— Não! — Eu de algum modo criei uma videira para segurar seu punho. — Saia dessa! — Como eu poderia lutar com ele no ar? Eu me debati para me soltar. Poderia ter alguma chance no chão.

Com um grito, Gabriel se desvencilhou da videira.

— Pare! Estou grávida.

Sua faca hesitou. E se a influência de Paul fosse limitada pela distância? Como o sinal de telefone? Estávamos nos aproximando do fim daquela bruma amarela.

— Com este bebê nós podemos acabar com o jogo.

Gabriel piscou os olhos verdes. Então os estreitou.

— Lembranças brotam na minha mente. Uma vez você cortou minhas asas — Paul devia estar passando informações que roubou das minhas crônicas. — Você decorou sua casa com elas, exibindo-as acima do console da lareira. Oh Imperatriz, essa morte será demorada.

Eu o feri com minhas garras de espinhos. Não tive coragem de usar meu veneno nele. Cinco lâminas cortaram suas vestes para alcançar a pele. Sangue jorrou. Ele gritou, soltando-me.

Eu mergulhei outra vez. Caindo!

Aterrissei... em um banco de neve. Meus dentes bateram, mas não me machuquei. A neblina amarela acabava a poucos metros de mim. Tropecei para frente, aumentando a distância. Gabriel me perseguiria? Paul poderia perder seu poder sobre o anjo.

Gabriel pairou no ar, mas não cruzou a fronteira.

— Cortei mesmo suas asas, Anjo. Venha me castigar por isso.

Ele permaneceu no lugar como se fosse uma pipa — com Paul puxando o fio.

— Quero minha mente clara. Preciso do conhecimento do Enforcado e ele precisa de combustível para sua esfera. — No momento ela ainda crescia.

Eu recuei vários passos.

— Está com medo de mim — provoquei. — Devo ter cortado suas bolas também.

— Típico da Imperatriz. Acha que vai me atrair de minha nova aliança? Sua hora vai chegar.

Uivos soaram do castelo. Os lobos se preparavam para caçar.

Gabriel sorriu, expondo as presas.

— E a hora é agora.

Os animais de Lark provavelmente seriam capazes de sair da esfera de Paul. Se fosse o caso, minha única chance de sobrevivência seria chegar até Torre na outra montanha. Eu me virei...

Faíscas me cegaram.

Joules! Não surpreendentemente, ele veio correndo para onde havia ação. Estava empacotado em roupas de inverno, apenas o rosto brilhante visível.

— Que porra é essa que tá acontecendo aqui?

Nunca achei que ficaria tão feliz em ver aquele magrelo irlandês.

Gabriel gritou:

— Ela me atacou quando tentei salvá-la — ele abriu o casaco, revelando os rasgos ensanguentados que eu fiz.

Joules ficou maluco.

— Você machucou meu mano? — Ele ergueu um dos seus dardos de raio.

Entre respirações, eu disse:

— Escute, Gabriel sofreu lavagem cerebral de uma carta nova, a carta inativa. Qualquer Arcano dentro daquela esfera amarela está sob o controle do Enforcado. — Lobos uivavam. — Joules, não temos tempo. Lark e Morte estão vindo atrás de mim.

Joules estava confuso — o que queria dizer que estava com muita raiva.

— Como se o Ceifador fosse eliminar a única fêmea que ele pode pegar!

— Estão atrás dela por um bom motivo, Patrick — disse Gabriel. — Ela envenenou o Mago.

Joules faiscou como um reator.

— Finn se foi?

— Sim, e a Imperatriz agora nos quer. No passado ela nos matou. Cortou as minhas asas para fazer um troféu.

Joules me deu um olhar incrédulo que sumiu quando eu não consegui negar.

— Isso é mais que doentio.

— Mas não matei Finn. — Se eu possuía mesmo algum poder de encantamento, agora era hora de usá-lo, eu o invoquei, dizendo a Joules: — Juro que não matei — tentando dar o voto mais convincente que podia, falei: — Juro pela vida de Jack.

— Jack está morto! Todos sabemos que Richter acabou com ele. — *Talvez não?*

Os lobos se aproximaram uivando. Eu encarei Gabriel.

— Então prove que eu sou uma mentirosa. Saia dessa neblina.

Gabriel ofereceu a mão.

— Venha ficar ao meu lado. Eu o protegerei.

Eu disse:

— Joules, se entrar ali também vai sofrer uma lavagem cerebral. Aqueles animais estão se aproximando bem rápido. Ele não vai nos ajudar.

Finalmente dúvida cruzou a expressão da Torre.

— Vem cá, meu chapa. Vamos nos encontrar na metade do caminho.

— Venha ficar comigo, Patrick. Você terá esclarecimento. Conhecerá todos os segredos do jogo. Se entrar para a minha nova aliança, garanto que estará a salvo de Fauna e de Morte.

— Me aliar com o bastardo que matou minha Cally? Agora eu sei que você ficou biruta. De todo jeito, vou me arriscar com essa vadia — ele apontou o polegar pra mim.

Obrigada?

— Junte-se a nós — o rosto de Gabriel ficou macabro. — E então ficará a salvo de *mim*.

Joules levantou o queixo pontudo.

— Prefiro morrer.

Gabriel acenou com uma asa na direção dos lobos.

— Isso está sendo providenciado.

Joules ficou de queixo caído.

— Você vai ficar aí me vendo ser devorado?

Eu agarrei seu braço ossudo.

— Precisamos correr! — Eu o afastei aos puxões de seu melhor amigo.

Ele veio, os olhos arregalados.

— Mas que merda? Me diga que tem um plano para desfazer isso.

— Eu tenho — menti. — Podemos salvá-los. Mas só se sobrevivermos.

Joules assentiu, determinação sobrepujando o choque. Ele gritou por cima do ombro:

— Vamos voltar para te pegar, Gabe. — Com uma última olhada, ele acelerou, assumindo a frente. — Precisamos de uma vantagem — ele apontou para o monte seguinte, uma elevação escarpada coberta de gelo. — Se eu chegar a um ponto mais alto posso acender isso aqui tudo. — Seu dardo brilhou confirmando o que dizia. — Estamos falando de vira-latas mortos por todo lugar.

— Três desses lobos são familiares dela. Não podem ser mortos — rugidos soaram. — Além disso, ela está mandando bem mais que vira-latas.

Enquanto corríamos, Joules arremessava cegamente raios para trás, explosões soando à distância. Arremessava um atrás do outro, começando a suar.

— Economize alguns. Vamos precisar deles.

Ele me olhou como se eu tivesse insultado sua masculinidade.

— Eu aguento a noite toda — arremessou uma raio. — E tenho um especial para o seu homem, Morte. Oh, espera, o Ceifador não é mais o seu homem. Cristo, Imperatriz, como você é rápida. Jack, Sol e Morte. Três caras em alguns meses.

— Não fiquei com Sol. Podemos nos concentrar nos eventos atuais?

Quando chegamos ao monte, ficamos calados ao lutarmos para subir. Fome claramente esgotava as energias dele e minhas pernas pareciam gelatina. Como eu chegaria ao topo?

Lutando... lutando... nos últimos metros tive que me arrastar pelo caminho que Joules fez.

Consegui! Lutei para ficar de pé. Ficamos apoiados nos joelhos para recuperar o fôlego.

Abaixo de nós, a lateral do monte se enchia de feras. Pelagens escuras na neve branca.

Olhei para trás. O monte era bem íngreme do outro lado.

Joules abriu a mão para produzir outro raio. Seu surgimento foi meio preguiçoso? Ele gritou:

— Preparem-se para um show de luz, idiotas. *O SENHOR DOS RAIOS ESTÁ NA...*

O chão desapareceu debaixo de nós. Em uma nuvem de neve, caímos do lado mais íngreme. Uma avalanche! Ela nos varreu como uma das correntes de Circe.

Meu grito foi cortado por uma dor horrível. O dardo de Joules tinha perfurado meu ombro. Nós fomos descendo cada vez mais. *Meus pés acima da cabeça. Tontura. O corpo sendo arremessado.*

PARADA — abrupta.

Por um segundo fiquei aliviada de estar imóvel até perceber que só via escuridão. Um casulo de neve. Sem *ar*.

Pânico surgiu. Como sair dali? Que direção era para cima? Com a cabeça girando, eu cavei freneticamente...

Um dardo perfurou o casulo na minha lateral. Frenética, mudei de direção e cavei na direção da lança.

Joules me puxou. Deitada de costas sorvi o ar avidamente. O ar nunca me pareceu tão bom.

Coberto de poeira de neve, Joules disse:

— Estava cavando na direção errada.

Então ele acabou de salvar a minha vida. Meu senso de direção nunca falhou em falhar.

Ele acenou para o meu ombro.

— Desculpa pela perfuração.

Sangue havia manchado a neve, mas eu não sentia o ferimento dormente. Frio e adrenalina eram ótimos analgésicos. Ficando de joelhos, inspecionei nosso novo ambiente. Acho que percorremos uma milha descendo aquela montanha, indo parar no que parecia uma ravina. Isso era uma antiga estrada?

Meu estômago revirou de novo. *Ai, não, agora não.*

Caí de lado e vomitei.

— Faça isso quando tiver tempo. Temos que ir.

Vomitei até meu estômago esvaziar. Enxuguei a boca. Fiz três tentativas para me levantar.

O som de uivos me incitou. Os lobos estavam bem além do limite de Paul, o que queria dizer que não parariam até nos pegar.

Crunch, crunch. Lobos precisam comer. Agora seriam os meus ossos.

Joules e eu fomos cambaleando pela ravina.

— Alguma ideia, Torre?

— Sim. Evitá-los — ele apontou para a nossa frente. Olhos enormes brilhavam na escuridão. Scarface bloqueava nossa saída.

Em uma rápida sucessão, Joules arremessou três raios. Quando o lobo bateu em retirada, Joules me puxou em outra direção.

— Ficando sem combustível aqui — ele deve ter feito uns cem raios. Sua pele não faiscava mais. — Quando quiser pode ajudar com umas videiras, Imperatriz.

— Estou sem energia por lutar com os outros.

— Qual é, você está escondendo o jogo. Não consegue brotar nem a porcaria de uma pétala?

— Estou grávida, ok?

Ele deu risada.

— E quem é o pai azarado? Morte? Você está tirando com a minha cara.

— Cale a boca e corre, seu duende de merda! Scarface vai voltar. E há mais centenas... — Parei de falar.

Mais à frente, olhos brilhavam de outro bloqueio animal. Maneater e companhia estavam à nossa frente. O grunhido de Scarface vinha de trás.

Estávamos emboscados.

Quando Meneater lambia o focinho impregnado de saliva, Cyclops se juntou a ela mancando. Outra vez vi algo parecido com confusão nos olhos dele. Dos ferimentos que eu fiz nele ainda saía sangue.

— Estamos cercados — Joules abriu a palma da mão, mas nada apareceu. Ele olhou surpreso para ela. — Sem forças? Nunca me aconteceu na vida.

— Onde está a "porra" do Senhor dos Raios?

— Eu nunca passei fome antes! — Ele fechou o punho. Com um grito, abriu a mão outra vez. Nada.

Enquanto os lobos dos dois lados fechavam o cerco, Joules e eu nos olhamos.

Eu precisava da Bruxa Vermelha; precisava de raiva. Só conseguia sentir exaustão e resignação.

Aric nunca se perdoaria por isso. Nunca. Ele de algum modo ganharia o jogo — sempre ganhava — e viveria como penitência até que pudéssemos ficar juntos de novo.

— Últimas palavras, Imperatriz?

— Olhe pelo lado bom, Joules. Você é tão insuportável que eles vão passar mal.

Ele me deu um meio sorriso.

— E você vai envenenar todos...

Luzes cegaram nossos olhos.



Uma caminhonete enorme entrou na ravina. Scarface se virou, rosnando para a nova ameaça.

IMPACTO. Um berro ensurdecedor soou quando ele saiu voando pelo ar. Joules e eu caímos no chão, tentando escapar de suas garras.

O lobo colidiu com Meneater e Cyclops, uma bola de demolição gigante. Eles se emaranharam em um monte de patas.

A janela da caminhonete desceu. Quando meus olhos se ajustaram à claridade, vi um homem com olhos intensos, uma boina e maçãs do rosto dignas de suspirar.

Kentarch! Seu *tableau* brilhou acima dele, um guerreiro com elmo conduzindo um carro de guerra movido a cavalo — e estava do lado certo.

— Entrem lá trás — ele soltou o comando com uma voz grossa e com sotaque.

Joules e eu corremos para a porta do passageiro. Puxei a maçaneta. Trancada.

— *Mais atrás* — ele anunciou.

Torre e eu trocamos um olhar e então corremos para a carroceria. Ele ainda me puxava por cima da tampa traseira quando Kentarch acelerou, jogando neve pra todo lado. Mais à frente, a bola de lobos se pôs de pé e saíram correndo do caminho.

As luzes instaladas no teto da cabine iluminavam uma massa de animais atrás de nós. Kentarch conduzia a caminhonete como um carro de guerra e o percurso era tão leve quanto — em outras palavras,

nem um pouco. Nós sacolejávamos, os enormes pneus no ar mais vezes do que não.

Redes de lona cobriam caixotes na traseira; Joules e eu nos agarramos nelas como se nossas vidas dependessem disso. O suor e o sangue no meu rosto começaram a congelar.

Joules murmurou palavras ao lutar para se segurar.

— Ele é o Carro de Guerra?

Assenti. Aric chamava Kentarch de Centurião por causa de jogos passados. Mas nossas cartas evoluíam *sim* — se sobrevivêssemos a esse percurso louco, eu jamais pensaria em Kentarch como outra coisa que não Carro de Guerra.

— Você conhece esse cara? Confia nele?

— Eu sei dele. Nunca o encontrei antes. Ele se aliou a Aric.

— E o Ceifador quer você morta.

Perguntei com raiva:

— Tem alguma sugestão?

A janela de trás se abriu.

— O que está acontecendo no castelo? — Perguntou Kentarch, parecendo tão calmo quanto Aric quando foi perseguido por mísseis. — Fui convidado para lá e uma zona de guerra me recepciona.

Soltei meu apoio e fui me esforçando até a janela.

— Morte e os outros sofreram lavagem cerebral do Enforcado. Vou contar tudo. Você se importa se entrarmos na cabine?

— Sim — a janela fechou, deixando uma abertura pequena.

Filho da mãe! Não era como se eu o tivesse matado no passado. *Oh, calma aí.*

Joules gritou:

— Temos companhia!

Olhei em volta. Os lobos tinham reagrupado e ganhavam terreno. Scarface liderava o bando, aproximando-se rápido. Ele retesou o corpo como se estivesse a ponto de saltar em cima de nós. Eu gritei:

— Pisa fundo!

Kentarch forçou o motor; escapamos do lobo por centímetros, a boca dele se fechando no ar. *SNAP*.

Ao irmos mais rápido, pássaros e morcegos mergulhavam na caminhonete, esmagando as cabeças no para-brisa.

O que havia mais à frente? Minha mente enevoada registrou a visão: um *urso* tinha acabado de fechar a estrada estreita da ravina.

Aquele não era um urso normal — Lark deve ter lhe dado sangue quando ele era filhote. O que significava que a coisa tinha se tornado gigantesca, quase tão grande quanto Ogen.

Ela já *tinha* um urso. O que mais ela criou e não nos contou?

A fera ficou nas patas traseiras, esticando os braços, passando as garras pelas paredes da ravina. Não havia como desviar. Nem como dar ré.

Joules abriu a mão livre, desejando que outro raio aparecesse.

— Puta que pariu, porra. — Quando não apareceu nada, ele gritou para Kentarch, — Bata nele! Se conseguirmos passar, a estrada fica livre.

— Ficou maluco? — Gritei. — É muito maior que um lobo. Vai destroçar essa caminhonete. — Mesmo que sobrevivêssemos à colisão, as outras feras cairiam em cima de nós.

— Prefiro morrer em uma batida do que devorado.

Pela brecha na janela, pensei ouvir Kentarch dizer calmamente:

— Isso vai doer.

Agarrei a lateral da caminhonete me preparando mais uma vez para colisão. Cedo ou tarde minha sorte acabaria. Minha aposta era que acabaria *agora*.

Até os pássaros devem ter sentido a colisão iminente — eles desistiram do ataque, circulando por cima da estrada.

Joules começou a recitar o Pai Nosso, depois parou para uma contagem regressiva.

— Cinco... quatro... três... dois... PORRA!

Mas a colisão que eu esperava não aconteceu. Arrepios me percorreram. O tempo pareceu desacelerar. De repente estávamos cercados pelo urso — estávamos... dentro do urso.

Seu poderoso coração trovejava bem diante dos meus olhos. *Tum-tum. Tum-tum.* Real ou não? Passamos como em câmera lenta.

Bem quando começamos a sair do seu corpo enorme, aqueles arrepios retornaram, e a caminhonete se solidificou — enquanto a carroceria ainda estava no urso.

Ele explodiu da pressão. Órgãos e pedaços de pelagem foram expelidos pelo ar. Sangue jorrou na traseira da caminhonete.

— O-o que aconteceu?

— O mano ali na frente teletransportou a camionete inteira *por dentro* do urso. E aí vai uma frase que eu nunca achei que diria.

Eu tinha visto... o coração dele. Kentarch moveu a massa do veículo — pela massa daquele urso. Não era de estranhar Aric estar tão animado para que seu aliado se juntasse a ele.

— Escapamos deles? — Perguntei.

— Nada pode nos alcançar agora.

Na nossa frente: uma estrada desolada. Atrás de nós: lobos demovidos. Maneater estalou os dentes para Scarface e uma briga irrompeu entre eles.

Joules berrou para a noite:

— Se fodeu, Fauna!

Olhei para o outro lado, minha atenção voltada para o topo da montanha ao longe. *Aric.* Ele estava montado em seu cavalo Thanatos, iluminado pela névoa amarela.

Afastei o cabelo que batia no meu rosto. Ele embainhou as espadas.

O bastardo já as tinha recuperado. *Isso que é prioridade, Ceifador.*

Para a minha própria sobrevivência eu precisava ficar longe do meu marido, o pai do meu filho. Minha única esperança era que ele saísse daquela esfera. De algum modo consegui gritar:

— Venha me pegar, Morte! — Enquanto por dentro eu implorava, *Por favor, Aric, por favor venha me pegar...*



12

Quando eu não consegui mais aguentar o frio, bati na janela traseira cheia de gelo, fazendo careta de dor ao machucar as juntas dos dedos. Meus dentes estavam batendo tanto que faziam barulho.

— P-podemos entrar?

Kentarch olhou pelo retrovisor.

— Carro de Guerra, *por favor*. Estou congelando, ferida e sem poderes.

— Por que eu confiaria em você?

— Porque se eu tivesse minhas habilidades, não teria precisado que você salvasse nossas vidas lá.

Joules acrescentou:

— Nós já tínhamos aceitado que éramos ração de lobo. Não por opção.

Notando sua jaqueta camuflada, eu disse:

— Qual é, soldado. Nós somos o que você chamaria de ameaças neutralizadas.

Kentarch diminuiu a velocidade e parou o carro.

— Tentem me machucar e eu os coloco dentro de outro animal. Ou de uma rocha.

Que maneira horrível de morrer.

— Entendido.

Joules e eu descemos da traseira. Indo rápido até a porta do passageiro, subi na frente, deslizando pelo banco enorme, com Joules bem atrás de mim. Kentarch voltou a acelerar.

— Saudações, Carro de Guerra — Joules olhou para a cabine espaçosa com admiração. — Isso que é customização.

Eletrônicos cobriam o painel — tudo de um display com um termômetro externo, uma caixa de energia, até um monitor pequeno com coordenadas GPS. GPS ainda funcionava? Aric disse que a maior parte dos satélites estavam intactos.

Compartimentos transbordavam. O quebra-sol tinha compartimentos para ainda mais utensílios: uma lanterna em formato de caneta, um par de ferramentas irreconhecíveis, e a foto de uma mulher linda e sorridente mais ou menos da idade de Kentarch. Um rifle estava preso ao teto do carro, bem fácil ao alcance.

— Tem um nome para essa besta?

Dando de ombros, Kentarch aumentou o aquecedor. Sua jaqueta ondulou, revelando uma pistola num coldre. Ele também tinha um par de facas presas à coxa.

Ergui as mãos para o calor.

— Obrigada. — As pontas dos meus dedos estavam sem cor e aquela picada de cobra estava inchando. Eu devia ter regenerado das duas marcas minúsculas — *então, ela definitivamente era venenosa*.

O olhar de Kentarch absorveu os ícones na minha mão antes dele voltar a encarar a estrada cheia de neve.

— Você disse que o Enforcado fez uma lavagem cerebral em Morte. Quem é esse novo jogador?

De acordo com Paul, *lavagem cerebral* não eram as palavras certas, mas eu não tinha uma melhor no momento. Assim que meus dentes pararam de bater, eu disse:

— O Enforcado, também conhecido como o Traidor, é um médico que vivia no castelo. É conhecido como Paul. Não fazíamos ideia de que ele era a carta inativa.

Joules disse:

— Eu achava que esse jogador precisava acabar com outro para dar uma abastecida nos poderes — seu rosto ficou triste. — Ah, é. O Mago.

— Paul matou a minha avó, uma Tarasova, preparando os seus poderes. Hoje ele eliminou Finn. O Mago era imune a sua influência, então Paul o envenenou, depois pôs a culpa em mim.

Joules socou a janela do passageiro.

— Eu vou fritá-lo.

Cruzei os braços.

— Entre na fila.

Kentarch olhou pelo retrovisor lateral do seu lado, analisando a área.

— O que era aquela névoa amarela?

— Paul a chama de *esfera da clareza*. Ela inverte as cartas, alterando suas personalidades. Na verdade, dá até para ver o *tableau* delas virarem de cabeça para baixo.

Joules passou os dedos pelo cabelo castanho.

— Não é por menos que Gabe foi tão imbecil comigo.

Kentarch falou um palavrão em voz baixa.

— Eu finalmente alcanço aquele lugar para recrutar ajuda e não há ninguém para ajudar.

Ele nos expulsaria agora? O Carro de Guerra só tinha uma missão, e nem a Imperatriz nem a Torre poderiam assisti-lo.

— Mas *haverá* ajuda. Se libertarmos todos no castelo, Lark pode localizar a sua esposa como o planejado. — Se Issa ainda estivesse viva. — Os animais de Fauna tinham localizado o Mago nas Cinzas.

E agora eu queria que eles não tivessem localizado.

Joules perguntou a Kentarch:

— Então, você é mesmo um aliado da Morte? — Exibindo sua falta de filtro, ele acrescentou: — Saiba que eu planejo o fim dele quase todos os minutos de todos os dias.

Eu me virei para ele.

— Já chega! — *Não dê a Kentarch mais um motivo para nos abandonar.* — Se você quer Gabriel de volta, todos teremos que trabalhar juntos para derrotar o Enforcado.

— Todos nós, é? — Joules deu uma risada áspera. — Somos só um trio, e você tá cheia. Emprenhada. Prenha.

— Como é?

— Está grávida! Vai derrotar aquela carta com o quê? Com o tornozelo inchado?

Eu olhei para Kentarch para ver se ele ficou surpreso com essa notícia.

Ele deu de ombros.

— Morte me contou sobre o bebê. Já está quase com três meses?

— Dois e meio, mais ou menos. — Essa gravidez sobreviveria a veneno de cobra, uma avalanche, um raio e um passeio dos infernos de caminhonete?

— Não consigo acreditar que Gabe e eu ficamos por aqui passando fome enquanto você ficava prenha com outra boca para alimentar. Muito menos do bastardo do Ceifador.

— Primeiro de tudo, meu bebê não é um bastardo. Eu e Aric somos tecnicamente casados — ao menos, antes dele esmagar a aliança e me rejeitar. — E não fiz isso de propósito. Paul me deu uma injeção me dizendo que era um contraceptivo. Ele sabia o quanto eu não queria uma criança. Sabia que Aric queria. Paul estava tentando nos dividir.

— Morte quer um guri? — perguntou Joules. — Chocante.

Kentarch disse:

— O Ceifador acredita que uma criança entre dois Arcanos pode derrubar o jogo.

Joules foi ficando atipicamente sério.

— *Pode?* — Seu melhor amigo era um Arcano; Joules queria jogar aquele jogo doentio quase tanto quanto eu. *Nem um pouco.*

Eu exalei.

— Olha, eu só trabalho aqui. Mas quem sabe? Circe acha que essa criança nascerá em um mundo novo. Tudo o que eu sei com certeza é que nada assim já aconteceu. Aric viveu por três jogos e nunca ouviu a respeito.

Joules disse de má vontade:

— Eu também não estava nas crônicas de Cally.

Ergui as sobrancelhas com interesse.

— Você está com elas? — *Eu quero.*

Joules levantou o queixo pontudo.

— Posso estar.

— Qual é o seu plano agora? — Kentarch perguntou.

Eu deixei o assunto das crônicas morrer.

— Eu duvido que Paul vá deixar o castelo, então vamos ter que entrar para matá-lo — mais fácil falar que fazer. Provavelmente seria melhor evitar contar a eles o quanto ele era invencível. — O que significa que vocês dois irão precisar de alguma proteção contra a influência dele.

— Gabe gosta de perambular — falou Joules. — Ele pode voar da gaiola e sair daquela esfera. Então meus problemas terão acabado.

Eu sacudi a cabeça.

— Eles não vão sair. — Naquela montanha, Aric tinha se posicionado no local mais extremo, mas não cruzou o limite para nos perseguir. — Eu acho que faz parte do controle de Paul sobre eles.

Kentarch estreitou os olhos.

— Por que o Enforcado não conseguiu te controlar? Você era imune como o Mago?

No geral, algumas cartas não eram afetadas por poderes Arcanos específicos. Eu vividamente me recordava de envenenar Ogen sem sucesso. Mas de acordo com o Enforcado, eu não possuía uma imunidade inata às suas habilidades. Embora confiasse pouco no que

ele dizia, não *senti* que era um contraste dele, uma fraqueza secreta. E a princípio, eu fui um pouco influenciada.

— Acho que os efeitos da lavagem cerebral não me afetam mais, não depois que me liberei do controle mental do Papa.

Joules disse:

— Ah é, você detonou ele.

Kentarch olhou mais uma vez para os meus ícones e senti as bochechas esquentarem.

Joules apontou para o peitoral magrelo.

— Talvez *eu* seja imune como Finn.

— Só há uma maneira de descobrir. Vocês estão dispostos a apostarem a própria vida?

Isso fez Joules calar a boca.

Kentarch verificou os espelhos retrovisores novamente.

— Então, como combatemos esse inimigo?

— A Sacerdotisa. Circe é uma feiticeira, então minha esperança é que ela possa fazer um feitiço. — Eu me lembrei da visão daqueles enormes pedaços de gelo pontiagudos. Ela estava tentando chegar até mim — mas eu não tinha certeza do *porquê*. Respirei fundo, decidindo acreditar nela. — Ela provavelmente não foi afetada pelo Enforcado já que ainda está segura em seu abismo. Acho que estava tentando me ajudar a fugir.

O comportamento de Kentarch ficou contemplativo.

— Estranho eu e ela sermos aliados em jogos passados, e eu não ter lembranças dela.

— Ela sempre foi leal a você — comigo também. Eu só não tinha retornado aquela lealdade até este jogo. — Podemos tentar contato com ela. Ela é minha amiga. — Claro que ela saberia como derrotar Paul, um jogador que eu nem tinha sido capaz de arranhar.

— Amiga? — Joules zombou. — Ouvimos que ela te atacou do lado de fora do Forte Arcana.

— Só um pouco. Ela não atacou com muita vontade.

Joules revirou os olhos.

— Ah, bem, nesse caso...

— Se alguém tem uma ideia melhor, sou toda ouvidos.

— Como invocamos essa feiticeira? — perguntou Kentarch, fazendo parecer que estávamos invocando o kraken⁷.

Circe daria risada disso. Eu nos imaginei rindo juntas. Então a realidade retornou. Meu marido queria me matar e Finn estava morto. Risadas estavam muito distantes, nem apareciam no fim do horizonte.

— Eu geralmente só faço bastante barulho e bato na água. Não funciona sempre.

Kentarch ergueu as sobrancelhas.

— Eu tinha antecipado algo mais... formal.

— Teremos que achar um corpo d'água que não esteja preso em gelo. Quanto maior, melhor. Preferivelmente o mais próximo possível do Triângulo das Bermudas.

— Eu só consigo me teletransportar para lugares onde já estive, e esse é o máximo de sul que já viajei neste país. Poderíamos dirigir até a costa mais próxima.

— Isso nos colocaria nos Outer Banks⁸. — Bem onde minha avó foi trancafiada. Parecia que meu destino seria sempre ir para lá, com exceção de que Jack era quem deveria ter me levado; esse tinha sido nosso plano. — Entraremos em contato com Circe do Atlântico.

A ideia de ainda mais distância entre mim e Aric fez meu peito doer, mas o meu MacGuffin⁹ me esperava. O que eu encontraria? Provavelmente algo que eu deveria ter descoberto desde o começo.

Olhando da estrada para o mapa do GPS, Kentarch disse:

— Se o caminho estiver limpo, devemos chegar em menos de uma semana.

⁷ Monstro mitológico em forma de lula gigante.

⁸ Várias ilhas na costa da Carolina do Norte.

⁹ Objeto de desejo ou motivador que o protagonista de uma história persegue, sobre o qual a narrativa pouco explica.

— Isso tudo? — O homem que eu amava estava sob a influência de um assassino Arcano que traía por diversão.

— Sim, precisamos ter cuidado com ameaças.

— Opa, calma aí — falou Joules. — Nós suspeitamos que um dos esconderijos de Richter fica entre essas montanhas e a costa. E se Circe *estiver* sob a influência, ela poderia usar o oceano para nos afundar.

Eu me volvei para Kentarch.

— Não se o Carro de Guerra puder nos teletransportar.

Ele assentiu.

— Precisarei de tempo para me recuperar.

Impaciência martelava dentro de mim.

— A influência de Paul provavelmente vai continuar se espalhando. E Aric e os outros serão patinhos no lago contra Richter se não estivermos todos unidos.

Joules perguntou:

— Richter não sofreria uma lavagem cerebral também?

— Ele pode saber o que aquela névoa amarela é e evitá-la completamente. Mais ainda, ele e Zara não tem que chegar perto; eles podem atacar o castelo de longe. Precisamos nos apressar.

Kentarch encolheu os ombros largos.

— Sem comida eu me canso facilmente.

— Você e eu — Joules investigou uma bolsa camuflada. — Tem alguma coisa para mastigar nesta caminhonete?

— Nada. Não como há dias. Com sorte, encontraremos outros viajantes. Minha audição é aguçada, então saberei se alguém se aproxima.

— Para saquear?— Roubar os mantimentos que os mantinham vivos?

— Exatamente, Imperatriz — disse Joules. — Alguns de nós não esteve vivendo naquele castelo quentinho e sagrado. Aqui fora é cão comendo cão. A sobrevivência do mais apto.

— Não venha me dar lição de moral, cantor de coral. Depois do massacre de Richter, eu peguei a estrada sozinha, só com a droga de um braço, saqueando pessoas. — Claro, raciocinei que meu roubo de inocentes não contava, porque eu tencionava voltar e mudar o futuro. Meus roubos nunca teriam acontecido. *Planos muito bem elaborados e tal...*

Kentarch disse:

— Eu prefiro não ferir os outros, mas farei de tudo para voltar a encontrar Issa.

Eu tive que suspirar.

— Você realmente a ama.

Sua voz baixou uma oitava.

— Irreservadamente.

Sem reservas. Aric tinha me amado, mas ele claramente tinha reservas.

— Sinto como se o tempo estivesse se esgotando — Kentarch agarrou o volante com mais força. — A pressão para encontrá-la tem sido imensa.

Mais cedo ou mais tarde, Kentarch nos deixaria para uma aliança com Paul?

Como se lesse minha mente, Joules disse:

— Se retornar ao castelo, eles ainda poderiam te ajudar. Com ou sem lavagem cerebral, Lark ou Gabriel poderiam rastrear sua esposa pelo cheiro.

Dei um olhar daqueles para Joules. *Pare de colocar ideias na cabeça dele!* Eu rapidamente rebati:

— Se você se juntar a eles, Paul não permitiria que você nem ninguém sáísse da sua esfera para procurar por ela. Ele provavelmente faria você acreditar que ele viu o corpo dela ou que ela não o queria mais.

Kentarch disse:

— A vida toda lutei para ter um controle absoluto sobre mim mesmo e sobre meu destino. Várias vezes consegui a vitória de derrotas certas. — *Ai dos malditos derrotados.* — A ideia de render meu livre arbítrio a outro homem, principalmente a um assassino covarde, me parece mais uma ida sem volta para o inferno.

— Então estamos de acordo — eu disse. — Me entenda: não há cenário em que Paul vá ajudar a você se não for para o benefício dele.

A barriga de Joules roncou alto.

— Estou morrendo aqui — ele me deu uma cotovelada. — Você consegue fazer frutas. Que tal algumas pra viagem?

— Eu gastaria as mesmas calorias que me custaria para fazer. Senão mais. E não tenho muitas reservas.

Ele me olhou.

— Como é que está tão magrela? Está grávida e tinha toda a comida do mundo.

Dei de ombros. Ai, agora a dor no meu ombro voltou.

— Não posso manter dentro de mim.

— Então o que acontece quando matarmos o Enforcado? Gabe e eu ainda vamos estar ferrados. Morte nunca vai nos deixar viver no seu covil. Eu voto para nos livrarmos de Paul e do Ceifador e depois assumir o lugar.

— Sério, Joules?

— Como você vai voltar com Morte depois do que ele fez?

— Porque eu senti o quão consumidor o controle mental Arcano pode ser. O Papa quase me fez *comer* um pedaço de um homem que eu tinha acabado de conhecer. Nem sei explicar como o impulso era forte. A influência de Paul reverteu a carta de Aric.

Verbalizando o meu pior medo, Joules disse:

— Não posso evitar pensar que o Ceifador reverteu para aquilo que era.

De acordo com Paul, isso era exatamente o que havia acontecido. A expressão nos olhos de Aric... a maneira como ele esmagou a

aliança... Um ódio forte daquele jeito poderia ser fabricado por outra pessoa?

Se não, então a ira de Aric sempre esteve lá, cozinhando em fogo baixo. *O modo de fábrica*. Ele tinha consciência daquilo?

Mesmo se eu o salvasse, que tipo de futuro teríamos se uma parte dele abrigava tamanha animosidade?

Respirei fundo para me acalmar.

— Aric é um bom homem — quando livre de Paul. — Espero que um dia você consiga enxergar isso. Mas não importa, vamos precisar de todos os Arcanos que pudermos juntar para lutar com Richter.

Kentarch disse:

— Ela tem razão quanto ao Imperador. Além disso, eu protegerei o Ceifador enquanto puder. Ele me ajudou depois que o Flash aconteceu.

— Tudo bem — resmungou Joules. — Mas eu juro pra você, Imperatriz, assim que o Imperador se for, não respondo por mim com relação a Morte.

Eu teria que lidar com isso depois. *Chute a lata quando chegar nela*. Jack costumava dizer isso. A cada quilômetro, eu me aproximava ou me afastava dele? Claro, ele podia estar morto.

— O que é toda essa parafernália? — Joules apontou para o painel.

— Equipamento que coletei desde que eu e Issa viemos para este continente e achamos esta caminhonete.

Joules pegou uma espécie de joystick, mexendo nele. Uma das luzes montadas no teto iluminou nossos arredores.

— Puta merda! — Ele era como uma criança com um brinquedo atirando aquele feixe de luz por todos os cantos. — O que é isso? Tem tipo uns mil lumens?

— Tem três mil lumens. E é um equipamento crucial.

— Eu o usarei crucialmente.

Kentarch parecia obsessivo com seu carro de guerra, então fiquei surpresa por Joules não ter a boca que falava demais socada.

— O pessoal deve tentar levar esse equipamento o tempo inteiro.

Kentarch disse:

— Eu tenho uma sequência de ignição que deve ser digitada para ligar o motor — notei uma fileira de interruptores minúsculos debaixo do volante. — E uma alavanca escondida tranca os eixos, impossibilitando que o carro saia do lugar. Então se qualquer um dos dois pensar em me incapacitar e tomar o carro, não vai chegar muito longe.

Franzi a testa.

— Incapacitar você?

— É difícil imaginar alguém como você matando — *Você não conheceu a Bruxa Vermelha*. — Mas os seus ícones me lembram dos fatos.

— Nas duas vezes foi para me defender. Esse cara — aponte para o ícone de lanterna do Eremita — gostava de sequestrar moças para fazer experiências sádicas. Eu encontrei os restos de um dos experimentos dele congelando nas correntes que ele a forçava usar. Esse cara aqui — toquei no ícone de dois dedos do Papa — era o líder de uma horda de mineiros canibais. Ele mantinha as vítimas vivas em sua "dispensa" subterrânea, comendo-as pedaço por pedaço enquanto ainda estavam vivas para manter a "carne" fresca. — Olhei nos olhos de Kentarch com o queixo erguido. — O que acha de mim agora?

— Isso me faz refletir o que fiz para merecer a sua fúria. Logo depois do Flash, Morte me disse para ter cuidado contigo, que você já me matou antes.

— Matei. Mas agora sou diferente. — Enquanto eu conseguisse manter a Bruxa Vermelha na coleira. Isso não parecia ser uma preocupação no momento, ela nem tinha dado sinal de vida quando eu estava no cardápio dos lobos. — Aric só não tinha percebido ainda.

Kentarch parecia pouco convencido.

Joules perguntou a ele:

— Como é que você e o Ceifador se falaram?

— Ele me mandou um telefone via satélite antes do Flash. Depois do apocalipse, eu entrei em contato com ele. Ele respondeu muitas questões sobre as minhas habilidades e nos convidou para este país.

Joules iluminou uma ponte. Depois um carro queimado.

— Teletransportou para cá?

— Sim. As planícies da África tinham pouca proteção do Flash. Eu sabia que nossa única chance de sobrevivência era encontrar o misterioso Morte. Mas só estive nos Estados Unidos uma vez, para um seminário de tecnologia na capital, Washington.

Eu falei:

— E você só pode teletransportar para locais onde já estive.

— Precisamente. Posso fantasmear quando quiser...

— Fantasmear? — Cada Arcano parecia ter seu próprio linguajar. As marcas brilhantes na minha pele eram *glifos*. Videiras e árvores eram os meus *soldados*.

— Tornar meu corpo e outros objetos intangíveis, passar por paredes e coisas assim.

Joules disse:

— Ou explodir ursos. Aquilo foi bem grandioso.

Kentarch deu de ombros com modéstia.

— Mas teletransporte deve ter um ponto final. Mesmo que não tivéssemos ideia do que encontraríamos em um continente diferente, armazenei o máximo de força possível e então demos um salto de fé.

Joules murmurou:

— Saltando pra dentro do nada.

Eu acrescentei:

— Sem asas — Torre e eu nos olhamos. Ambos imaginando o salto de Gabriel?

Kentarch assentiu.

— Materializamos em Washington. Por pouco. Grandes distâncias e pesos são igualmente difíceis de teletransportar ou fantasmear. — Então o que fantasmear essa enorme caminhonete custou a ele hoje? — Assim que chegamos, encontrar combustível e água suficientes para a viagem da capital até as montanhas se provou quase impossível. Então fui separado de Issa. Ela deve ter sido levada de mim.

Joules disse:

— Para mim parece que ninguém poderia levar alguma coisa sua.

Kentarch apenas fitou a estrada. Perdido em lembranças?

Eu o incitei.

— O que aconteceu?

Ele piscou.

— Mantê-la a salvo dos Bagmen e saqueadores enquanto eu buscava os provimentos forçou os limites da minha habilidade. Eu finalmente a levei para uma cobertura deserta. Eliminei todas as ameaças do prédio, então teletransportei os entulhos para bloquear a escada, afinal, nunca precisaríamos dela. Assim que senti que ela estava protegida em seu refúgio acima da cidade, fui atrás dos mantimentos. Água era a nossa maior preocupação na época. Um dia eu localizei um poço. Voltei para ela, na intenção de comemorar. Ela não estava mais lá.

— Quem poderia ter chegado nela? — Perguntei.

— Isso é o que me atormentou. *Quem?* Interroguei sobreviventes por meses, mas cheguei a um verdadeiro beco sem saída.

— Talvez a sua senhora tenha te largado. — Sem tato. Sem-tato-Joules.

— Nunca. E ainda que ela tenha decidido me abandonar, como faria isso? Minha barricada impenetrável ainda estava no lugar.

— Parece um truque de mágica — eu disse, recordando Finn. Meu Deus, como ia sentir a falta dele. Mesmo durante o apocalipse, ele ainda reteve sua atitude feliz e bem-humorada. Suas palavras passavam em minha mente: *Nunca fiquei tão animado com a vida como fiquei nessas últimas duas semanas.*

Elas literalmente foram suas últimas. No Forte Arcana ele me disse que estava convencido de que morreria jovem, que tinha feito as pazes com isso. Ele achava que todos deveríamos...

Kentarch mexeu no mapa do GPS para focar na nossa localização atual; depois virou em uma nova estrada.

— Houve uma força militar que se mobilizou não muito longe da cidade. Talvez um helicóptero tenha pousado no telhado e a levou sob mira de arma. — Mais pra si mesmo, ele disse: — Mesmo que eu também tenha bloqueado o acesso do telhado. Talvez tenham descido de rapel. — Sacudindo a cabeça com força, ele disse: — Não saber praticamente me enlouqueceu.

— Se alguém pode encontrá-la, esse alguém é Lark — eu falei, acrescentando rápido — assim que Paul for derrotado e ela tiver se recuperado. Então nosso primeiro passo é Circe.

Como o jogo queria, estávamos seguindo um *MacGuffin*, o que significava que com certeza cruzaríamos o caminho de outros Arcanos.

Mas encontraríamos Circe — antes que Richter nos encontrasse?



13

— Pare a caminhonete! — gritei. Estávamos viajando há algumas horas, e Joules tinha acabado de focar as luzes em um Bagger sem perna se arrastando pela estrada. — Preciso chegar perto dele.

Kentarch mal desacelerou.

— Perdão? Eu sempre passo por cima deles.

Contei rapidamente sobre a história incrível do Sol e da Imperatriz, confidenciando como Sol havia me traído, mas no final se redimido. E agora nós nos comunicávamos pelos Baggers.

O Carro de Guerra parecia descrente. *De que parte?*

— Se ele pode controlar os Bagmen, por que permitir que eles machuquem humanos?

— Ele não pode comandar todos ao mesmo tempo. Não mais que Circe pode afetar todos os corpos d'água e Lark todas as criaturas. Não culparíamos Fauna por todos os ataques de animais.

— Mas a Carta do Sol controlou *de fato* os Baggers que se alimentaram do seu sangue. Como foi capaz de perdoá-lo por isso?

— Também tive que fazer coisas que espero que sejam perdoadas pelos outros, e acredito em karma — Kentarch ainda não tinha se decidido ao meu respeito, e tudo bem, contanto que ele parasse o carro. — Olha, Sol tem olhos por todo lado. Podemos pedir a ele que procure por Issa.

O Carro de Guerra freou bruscamente, colocando o carro no acostamento. Ele botou o carro em ponto morto. O motor desligou. Com uma faca a postos, ele saiu da cabine.

A noite estava gelada, neve caindo.

Joules abriu a porta e também desceu. Relâmpagos reluziram acima dele no céu baixo e pesado de nuvens.

Com toda aquela eletricidade perto de nós, achei que Torre fosse ficar mais forte. Até ele admitiu:

— Esses raios estão chamando meu nome. Eu seria imbatível se pudesse comer. — Mas ele já tinha se recuperado o suficiente para produzir um raio para esta investida.

Eu deslizei pelo banco em direção à porta, sentindo menos dor no ombro. Minhas habilidades ofensivas podiam estar reprimidas, mas minha regeneração funcionava. As pontas dos meus dedos tinham recuperado a cor normal, e da picada na minha mão tinha escorrido o veneno.

Desci da cabine alta. A caminhonete era colossal, tão grande que eu e Joules a tínhamos apelidado de Besta. Kentarch teria combustível suficiente para nos levar até o Atlântico?

Enquanto cobríamos quilômetros pela escuridão eterna, eu tinha varrido os olhos pela estrada atrás de armadilhas de traficantes humanos, dizendo a Joules e a Kentarch:

— A ameaça é real. — Nós passamos por cidades com o mesmo padrão de destruição salpicado que Jack e eu vimos ao deixarmos a Louisiana.

Em uma rua, os prédios tinham sido incinerados pelo Flash. Em uma mais adiante eles estariam intactos. Todos sem mais nada, é claro; zero recursos deixados para trás.

Chegando mais perto do Bagger, estudei sua aparência. Ele foi um homem adulto — tudo o que restava de sua roupa era uma gravata em farrapos. Ele gemeu, tentando me alcançar, os olhos leitosos arregalando.

Fora esse zumbi, não tínhamos visto nenhum animal nem qualquer alma viva. Essa área parecia ser uma zona da morte. Com *m* minúsculo.

Então por que eu tinha aquela sensação tão familiar de estar sendo observada? Esfreguei a nuca. Era outro Bagger? Ou as criaturas de Lark nos alcançaram? Eu disse aos rapazes:

— Fiquem de olho em animais sentinelas.

Kentarch assentiu. Eu aprendi que o Carro de Guerra era um homem de poucas palavras. Joules havia preenchido o silêncio sem calar a matraca.

— Eu sou irlandês — foi o que ele disse mais cedo — então está nos meus genes distribuir apelidos. Posso te chamar de Kenny?

Kentarch havia demonstrado uma paciência interminável com ele.

— Não, não pode.

— É melhor do que Tarch. Tudo bem, Tarch, então!

Eu perguntei:

— Qual é o meu apelido?

— Só dou apelido pra gente que eu gosto. Mas se eu tivesse que dar, eu te chamaria de *tart*¹⁰. Tarch e a tart! — Eca!

Assim que chegamos no Bagger, o fedor de podre quase me derrubou.

Joules se balançou, parecendo desconfortável.

— Acha que a Carta do Sol vai te ouvir?

— Ele provavelmente não estará monitorando um Bagger solitário, mas talvez eu possa chamar sua atenção. Tenho que tentar — perguntei a Kentarch: — Consegue imobilizá-lo?

Ele colocou a bota na cabeça da criatura, forçando-a a me encarar.

Eu me ajoelhei no limite do seu alcance, prendendo a respiração.

— Sol, consegue me ouvir? Sol? — Nenhum reconhecimento brilhou naqueles olhos desintegrando. — Vamos, Sol! — Engolindo meu medo, eu me abaixei mais e gritei: — SOL! PRECISAMOS DE AJUDA! — Nenhuma resposta a não ser os gemidos sem sentido da criatura.

¹⁰ Tart é uma expressão depreciativa para designar mulheres, como piranha, "piriguete", putinha, em português. Aqui foi mantida só para exibir a similaridade entre os apelidos no inglês.

— Já deu, Imperatriz — Joules levantou mais o casaco. — Esse morto-vivo não tá a fim de conversar, e o carro está quentinho.

Eu me levantei.

— Tudo bem.

Em um tom irritado, Joules disse:

— Vai só deixar ele aí? Agora Baggers estão fora dos limites também?

— Eles ainda são um perigo para a nossa espécie. Até Sol não se importaria se nós eliminássemos zumbis aleatórios. Um de vocês fará as honras?

Imediatamente Kentarch deixou a faca cair, espetando o cérebro do Bagman. Seu corpo ficou imóvel.

Recolhendo a lâmina, Kentarch a limpou no solado da bota de combate e então a embainhou na coxa.

— Podemos muito bem parar pela noite. — *Noite* era um termo relativo esses dias, mas os olhos dele estavam injetados de sangue de fadiga.

Assim que voltamos para a caminhonete, Joules tirou seu cachecol puído, fazendo um travesseiro contra a janela.

— Alguém vai ficar de vigia? Estamos bem dentro de território canibal.

Eu deveria estar exausta, mas meus nervos estavam ligados.

— Eu pego o primeiro turno.

— Ei, Carro de Guerra, cuidado com essa aqui — Joules apontou para mim — ela é uma sedutora.

Revirei os olhos para ele. Quando tínhamos parado antes para guinchar um carro da estrada, levei Joules de lado para sondar sua impressão do nosso novo companheiro me perguntando se podíamos confiar nele. Kentarch certamente não confiava em nós. Ele ocultava os movimentos quando digitava o código. Garantindo que não o mataríamos em seu sono?

Joules tinha sorriso para mim.

— Você me quer sozinho porque quer me seduzir, é? Mais um na sua lista de homens condenados? Sem sorte, Imperatriz, sou fiel à lembrança de Cally. — Às vezes eu tinha mais que uma leve vontade de estrangular Torre.

Ele cochilou rapidamente, seus roncos baixos competindo com o som do estômago vazio.

Kentarch bateu os dedos no volante, claramente querendo verbalizar uma pergunta.

— Pergunte logo, Carro.

— Você *acredita* que o jogo pode ser interrompido?

— Eu costumava me esforçar para conseguir esse objetivo — até minha avó aparecer. Ela tinha razão sobre tantas coisas.

Ela me aconselhou a guardar sementes por todo o castelo para proteção, mas ali eu tinha me sentido segura. As plantas que cultivei dentro foram mais por decoração e eu as tinha deixado definharem. Ela me disse que Morte e todos os meus amigos se virariam contra mim.

Bingo. A culpa pesava muito em mim. Perto do fim, temi ficar perto dela. Parte de mim a tinha... odiado. Relembrar das desculpas que eu dei para não a ver partia meu coração.

Mesmo assim, tudo o que ela queria era me alertar — me proteger. Sua única parente. Ela queria que eu fosse fatal porque eu estava imersa em um jogo fatal. Como ela deve ter se chocado quando percebeu que eu estava apaixonada pelo meu inimigo milenar.

Eu disse a Aric que reescreveríamos a história. Isso não era o mesmo que desafiar o destino? Se destinos não pudessem ser mudados...

Não, eu me recusava a acreditar nisso. Se alguma vez chegasse a aceitar, então eu deitaria e nunca mais levantaria.

Kentarch falou em voz baixa:

— Não acredita mais que possamos terminá-lo.

— Talvez seja possível. Mas provavelmente não antes do mundo ficar além da salvação. Os deuses gostam dos seus jogos e nós todos

somos peões. — *Por que eu?* Por que eu fui requisitada para essa palhaçada?

— Então precisamos descobrir como lutar contra os deuses em vez de uns contra os outros, controlar o baralho. — Ele se apoiou na porta do motorista. — Que batalha esplêndida seria. — Depois de um tempo, ele também adormeceu.

Eu acreditava que o Carro era um cara disciplinado e com uma cabeça decente. Mas também suspeitava que ele cortaria minha garganta com uma música no peito se fosse para salvar sua esposa.

Mas ele me fez pensar. E se todos os Arcanos tivessem se juntado para lutar contra nossos destinos de merda?

Cada um de nós possuía uma miríade de fraquezas e forças. Ogen era imune ao meu veneno, mas sofria de hidrofobia. Embora Joules não tivesse muita força física, ele conseguia eletrificar o corpo para se defender. As asas de penas negras de Gabriel eram imponentes, mas também um enorme alvo. O todo poderoso Aric tinha sucumbido à influência de Paul, mas o azarado Finn não foi afetado.

O que poderíamos ter conseguido se uníssemos os esforços de vinte e dois Arcanos?

Até mesmo os deuses tremeriam?

Apoiei a cabeça para trás e fitei o teto, pensamentos à toda. Essa era a minha primeira noite longe de Aric em meses. Tentei recordar uma lembrança do seu sorriso sem reserva, mas tudo que vi foi aquela raiva em seus olhos.

A imagem dele na janela foi marcada a ferro no meu cérebro para sempre. Aprendi algo naquele momento: *Fúria é um tipo de loucura.*

Será que ele se recuperaria? Alguma parte escondida sua entendia o que tinha feito? Qualquer que fosse a resposta, ele devia estar sofrendo.

Como Lark estava lidando com sua tristeza? Uma nova preocupação surgiu. O que aconteceria se ela tentasse a sua *faunagênese* — em Finn?

Não, Paul jamais permitiria. Os poderes do Enforcado se ativaram com aquela morte.

Fechando os olhos, relembrei da visão da praia de Finn. Aquele último pedaço de harmonia foi a calma antes da tempestade. Anos pareciam ter passado, mas na verdade foi menos de um dia.

A voz de Finn ecoava em minha mente. *Eu amo muito vocês, gente.*

Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas.

Embora eu chorasse em silêncio, Joules acordou. Com uma voz rouca, ele disse:

— Finn também era meu amigo.



14

Dia 536 D.F.

Ainda no pé da colina

— Eu digo para alugar ela na Casa dos Doentes por uma temporada.

— De jeito nenhum. Os Stix pagarão mais por ela.

— Mas eles iriam querer ela intocada. E cara, precisamos reconhecer nossas limitações.

— Com licença, senhores — falei aos meus dois cafetões enquanto eles debatiam o que fazer o comigo. *Stix? Casa dos Doentes?* Eu não tinha ideia do que eles estavam falando e não me importava. Eu só queria ter absoluta certeza de que eles mereciam o que iam receber: suas execuções. — Olha, não quero atrapalhar nenhum de vocês. — Minha atuação de donzela em apuros já estava ficando velha.

O hálito de um deles fedia a lixo radioativo. Eu coloquei o nome de Hal nele. A outro tinha um bigodão sujo de comida. Ele era Stach¹¹.

— Por favor, me libertem. — Eu não estava conseguindo passar um nível acreditável de pânico. — Estou tentando voltar pra casa, para o meu marido. — Não era mentira.

Depois de pararem a van de serial killer que eles dirigiam, eles tinham me abordado com armas — um taco e o que provavelmente era uma pistola sem munição. Eles me perguntaram se eu estava sozinha, e eu tinha dito que sim.

Definitivamente uma mentira. Kentarch e Joules estavam agachados atrás de um trator tombado.

¹¹ De *mustache*, bigode.

Eu ainda hesitava roubar de gente inocente, então sempre que Kentarch ouvia um veículo se aproximando, ele e Joules desapareciam, e eu andava pela estrada para fazer a minha rotina de donzela. Se alguém tentasse me machucar, os rapazes apareciam e os não inocentes perdiam tudo. Inclusive as vidas.

Tudo que eu tinha que fazer era dar um sinal. Kentarch os eliminaria facilmente com seu rifle, pistola e facas arremessadas. Joules normalmente se continha de usar lanças de eletricidade quando eu estava por perto. Seus raios tinham a tendência de explodir uma boa área.

Meus poderes continuavam fora de linha.

— Você nunca mais vai ver seu marido, coisa linda — Hal me falou de muito perto. Parecia que alguém tinha lhe dito para comer cocô e ele obedeceu. Ele ficava lambendo os lábios rachados enquanto me secava. — Mas logo você terá uma porção de caras para te fazer companhia.

Eu estava tão cansada disso. Na última semana, encontramos um número surpreendente de sobreviventes; acho que eles tendiam a convergir como os Arcanos.

Não tão surpreendente — todos eram pessoas ruins. Conseguimos vinte e três galões de gasolina, uma bolsa kit de emergência para mim, meia garrafa de gim, e uma caixa de comida enlatada de gato da marca Sheba.

Eu recusei minha porção de comida de gatinhos, temendo que a colocasse para fora de todo jeito. Quando Joules enfiou os dedos em uma lata para colocar pedaços na boca, eu saí correndo para vomitar.

Minha arriscada fuga do castelo parecia não ter feito nada para interromper minha gravidez. A fadiga estava cobrando seu preço. Minhas dores de fome eram constantes, a dor como um ferimento velho e mal cuidado.

Talvez Hal e Stache tivessem comida, algo que evitasse meus sonhos com *hush puppy*¹², sorvete, purê de batata e cheeseburger com queijo extra derretido.

¹² Salgadinho frito feito com farinha de milho típico da culinária americana.

Tirei o pensamento da comida, minha mente turva passeando pelos últimos dias. Conforme Kentarch, Joules e eu descíamos das montanhas, a temperatura aumentava e a cobertura de neve ficava mais esparsa.

Os rios e lagos só tinham congelado parcialmente. Eu saudava Circe dos maiores. Sem resposta. Nem ouvi mais de Matthew. *Jack, está aí?*

Embora confiasse nos meus novos companheiros de viagem até certo grau, nunca lhes contei sobre a mensagem do Louco. Enquanto o tempo passava, a sobrevivência de Jack parecia cada vez menos acreditável, até para mim.

Também nunca falei sobre os detalhes do ataque de Aric no castelo — nem quando acordava aos gritos. Meus pesadelos com Richter agora alternavam com os de Aric...

Nós já deveríamos estar bem adiantados, mas tantas estradas estavam destruídas ou bloqueadas com veículos. Sempre que a Besta não conseguia guinchar nem passar à força, Kentarch tinha que nos teletransportar.

Ele também estava usando o teletransporte todas as noites para medir o alcance da influência do Enforcado. O último relatório de Kentarch foi: *Ela é imprevisível e esporádica.*

Fome e excesso de uso enfraqueciam as habilidades do Carro como um todo. Hoje mais cedo ele tentou teletransportar a caminhonete para o outro lado de uma ponte destruída. Nós fomos de tangíveis a matéria instável e de volta enquanto ele apertava os dentes. Ele não conseguiu nos mover nem um centímetro, então tivemos que fazer a volta e circular.

Depois o contorno do seu corpo tinha variado, fazendo-o parecer um fantasma, depois um homem e depois um fantasma.

No momento, eu poderia andar mais rápido, mas nunca reclamei por poder dormir na cabine quentinha da Besta. Uma vez perguntei a Kentarch:

— Por que você não anda com um kit de emergência? Sua resposta:
— Essa pickup é o meu kit. — Várias vezes por hora, seu olhar vagava para a foto de Issa no visor.

Seu carro de guerra era uma arma e um refúgio ambulante em uma coisa só, mas era uma ferramenta exigente, que solicitava ainda mais combustível. Como o meu próprio chupa-recurso.

— Isso mesmo! — Disse Stache me despertando da minha viagem.
— Então estamos de acordo. — Ele começou a me forçar para a van.

— Pessoal, se vocês quiserem viver além de uns segundos a mais, então me soltem e sigam seu caminho.

Stache apertou mais o meu braço.

— Outra palavra sua, corto sua língua e te forço a comer.

— Literalmente? Ou é só modo de dizer? Ultimamente ninguém sabe.

Stache levantou a mão para me estapear. Antes que eu pudesse impedir, Hal agarrou seu pulso.

— Não deixe marcas nela. Eu a quero bem bonita. Não tem motivo para se divertir com ela até chegarmos na Casa dos Doentes.

Eeeeeee, acabamos por aqui.

— A vida de vocês acabou — dei o sinal. — Venha, toque — falei para eles — mas pagarão um preço.

Uma faca passou voando por mim, como um projétil. A lâmina perfurou o rosto de Hal. Ele rodopiou antes de cair.

Com os olhos arregalados, Stache me soltou e correu. Ele não deu cinco passos quando outra faca se afundou em suas costas. *TUK*. Um golpe mortal.

Kentarch veio recolher as facas. Da primeira vez que ele fez um arremesso desses, eu fiquei boquiaberta. Sua mira era tão excepcional, que até Joules — que não era fraco nesse ponto — tinha ficado impressionado.

— Vamos rápido com essa — Kentarch permanecia tão reservado quanto Joules tagarela. Ele gostava de falar de coisas táticas na maior

parte ou de mente sobre matéria, e nunca oferecia informações da sua vida na África.

Enquanto Kentarch retirava o combustível, Joules investigava a van dos homens me atirando as mochilas deles para que as inspecionasse. Eles tinham fotos de família, provavelmente roubadas de outras vítimas. Eu consegui uma lanterna e dois seixos de sílex para colocar na minha bolsa de emergência. Não era muito um acerto na loteria.

Levantei a cabeça, de repente sentindo que nos observavam.

— Kentarch, você vê ou ouve mais alguém por perto?

Ele verificou a área.

— Não, Imperatriz.

— Provavelmente não é nada.

— Comida! — gritou Joules da van. — Eles têm comida. Um vasilhame cheio de sopa.

Eu apostava que conseguia segurar uma sopa! Fui correndo.

Joules segurava um recipiente cheio de um caldo escuro. Ele arrancou a tampa e inalou.

— Dá um cheiro nisso!

Embora a sopa estivesse fria, o aroma delicioso me alcançou. Meu estômago estava ansioso! Minha primeira refeição em dias.

— Parece que vamos variar nossa dieta de comida de gato...

Um dedo mindinho flutuou na sopa. Um couro mole. Com uma unha grande e suja.

Joules gritou e atirou pra longe o recipiente.

E aí vomitou bem do meu lado.

Já chega. A sopa canibal foi um ponto decisivo pra mim. Minha determinação deu lugar ao peso da depressão. Meus olhos se encheram d'água, o lábio estremecendo.

Enquanto seguíamos, Kentarch ficava olhando da estrada para o meu rosto.

— Tivemos um pequeno contratempo com a comida, mas ganhamos um combustível valioso. No geral, nossa missão foi um sucesso.

Olhei para ele com raiva nos olhos marejados.

— Um pequeno contratempo? Você alguma vez perde a calma? — O mais perto que o vi perder foi quando Joules quase abriu uma garrafa de cerveja Tusker que ele encontrou em algum lugar da caminhonete. Kentarch tinha gritado:

— Largue isso *devagar*. Como se sua vida estivesse em jogo. — Depois ele admitiu: — É a favorita da minha esposa. Encontrei a garrafa no dia que a perdi e a protejo desde então. Acredito que vamos bebê-la juntos quando nos reencontrarmos.

Agora ele respondeu:

— Você precisa comer do estoque que temos, Imperatriz. Se não por si mesma, então pelo seu bebê.

— Eu nunca vou conseguir segurar — a única coisa pior que comer Sheba seria vivenciar ela saindo em forma de vômito.

Joules descansou a cabeça na janela.

— Não consigo parar de pensar em comida de verdade. Gabe e eu costumávamos sentir cheiro de bacon fritando no castelo. Quase enlouqueceu a gente. Fatias chiando, suculentas...

Ficamos calados, perdidos em nossos próprios pensamentos.

Sentia falta de Aric. Sentia falta da vida que tivemos juntos. Sentia saudade de Jack. De comida feita para seres humanos sem pedaços de gente nela.

Como sempre, eu me perguntei o que Aric estava fazendo em seu castelo solitário e como Lark estava suportando. Eles fizeram um funeral para Finn? Talvez tenham enterrado ele no monte, perto da vovó.

Eu me perguntei se Aric tinha deixado a pintura que fiz na parede do nosso quarto. Ele regaria a rosa que ele cultivou desde a semente — ou a destruiria?

Franzi a testa. Eu poderia simplesmente *perguntar*. Virei-me para Kentarch.

— Pode me emprestar o telefone?



15

Morte

Quanto mais tempo eu conseguiria permanecer neste castelo sem enlouquecer? Estava sentado em meu estúdio, mirando a noite lá fora, afiando minhas espadas.

Esta tarefa costumava me acalmar, mas por dentro, eu estava um caos.

Kentarch, meu aliado de longa data, havia me traído, levando minha esposa duas caras para dentro das Cinzas.

Eu continuava pensando em sua imagem, ferida, na traseira daquele carro, distanciando-se cada vez mais do meu alcance.

Enquanto ela vivesse, eu correria o risco de ser vítima de sua beleza e encantos, porque era fraco quando se tratava de minha inimiga.

Passei a pedra de amolar pela extremidade da espada. Evidentemente, não havia limites para o que eu acreditava quando saía dos lábios dela. O Ceifador, pai? Minha nuca esquentou e eu rangi os dentes pela minha idiotice.

A esfera de clareza do Enforcado me protegia dos seus feitiços, o que ela saberia. Como Paul tinha explicado:

— A Imperatriz me queria morto porque eu posso defender você e os outros dos poderes dela. Sou o único que ela não consegue hipnotizar.

Mas sua esfera não estava se espalhando rápido o bastante. Nós, Arcanos, a abastecemos a princípio, fazendo com que se expandisse por esta montanha. Agora ela crescia em períodos intermitentes.

Eu não poderia alcançar a Imperatriz sem deixá-la. Não era uma opção.

Uma sombra passou pela minha janela, o Arcanjo voando em seu turno de vigia. Ele e Fauna dividiam esses deveres.

Depois de perder o Mago, ela estava provando ser cada vez menos útil. Embora enviasse criaturas para rastrearem a Imperatriz, seu impulso de sempre desaparecera.

Ela se mudou para o jardim zoológico, dormindo continuamente, parecendo confusa sempre que estava acordada. E mantinha seus lobos próximos, como se pressentisse uma ameaça emanando de mim.

Deveria. Ergui a espada para inspecionar o corte. Junto com minha nova clareza mental, meus impulsos assassinos ficavam mais fortes a cada dia. Eu estava voltando ao Ceifador dos velhos...

Meu telefone tocou. Eu o fitei em cima da mesa.

Ela. Eu sabia que era a Imperatriz ligando do telefone de Kentarch. Meu peito se contraiu, cada espaço de minha pele sentindo-se febril. Coloquei a espada de lado e peguei o telefone. Paul entrou justo quando atendi:

— Imperatriz.

— Aric.

Ela era a única pessoa que me chamava pelo nome de batismo em mais de dois mil anos. Uma palavra suave dela me causava arrepios pelo corpo.

Eu havia me acostumado ao toque. Acostumado a me ir pra cama com ela. A amá-la. E se, por algum milagre, ela pudesse ter sido verdadeira?

Paul estudou minha expressão. Mesmo que eu mascarasse minha reação a ela, ele notou e ficou obviamente desapontado.

Eu devia cuspir na cara do seu esclarecimento? Como o efeito dela ainda se prolongava?

— Por que ligou?

— Sinto falta do meu marido.

Meus deuses.

— Sinto falta... da ideia de você. — Eu me peguei debatendo se poderia ignorar tudo que ela me fez e levá-la de volta à minha cama. *Tamanho é o seu poder.*

Não. Nunca. Eventualmente ela tentaria me envenenar. Esse era o seu *Modus operandi*.

— Mas sempre soube que se viraria contra mim.

— Não me virei. Você está sendo influenciado por Paul.

— Ele me mostrou a verdade. Por causa dele, escapei do destino do Mago.

— *Paul* matou Finn, não eu! — Então ela pareceu se esforçar para controlar as emoções. — Ele pôs um fim na vida do meu amigo, um adolescente doce que respeitava e admirava você.

— Ah, minha bela venenosa, *you* despachou o Mago, como geralmente faz.

— Então como uma carta inativada como Paul se ativaria? Por que *ele* tem o ícone de Finn? Olha a mão dele.

— Ele apostou que você falaria disso outra vez como "prova".

Com um sorriso, Paul exibiu a marca do Mago para mim — o símbolo de ouroboros. A cobra comendo seu próprio rabo simbolizava o poder eterno de transformação.

— Então como explica isso, Aric?

— Quando Paul retornou ao castelo, seu veneno tinha destruído os órgãos e a mente do Mago, mas seu corpo ainda se prendia à vida. Paul administrou um tônico que pôs um fim ao sofrimento do garoto.

— Você fez reanimação cardiopulmonar nele. Consegue sentir a morte e nos disse que ele estava morto. Então se eu tenho culpa, *eu* é que deveria ter ficado com o ícone.

— Eu estava enganado. O Mago ainda vivia. Os próprios poderes do garoto devem ter alterado a minha percepção.

— Uma resposta pra tudo, hein? Paul me disse que ele não era um monstro como os que eu tinha enfrentado, mas o Traidor é pior. Nunca confiei nos Enamorados, no Eremita, nem no Papa. Nunca dependi do Diabo.

— Ah, mas eu sim. Ogen era o único que conseguia remodelar minha armadura com o sua força demoníaca. — O metal não era vulnerável a pressão ou calor, a não ser que estivesse nas mãos da carta do Diabo. E agora minha veste sempre estaria comprometida por eu ter cortado um pedaço para fazer o cilício que usei nela. A Imperatriz era responsável pela única fissura em minha armadura. *Bem como em minha vida.* — Eu me arrependo de ter matado Ogen para salvá-la — ouvi um arfar chocado? Eu consegui chocá-la.

Ao fundo, ouvi a Torre murmurar:

— Pergunte sobre Gabe.

Eu disse:

— O Arcanjo se juntou à nossa nova aliança e parece ansioso para enfrentar a Torre.

Ela fez um som de frustração.

— Se você tem uma razão para me odiar, então tudo bem, posso quase entender. Fomos inimigos por mais tempo do que aliados. Mas Gabe e Joules sempre foram melhores amigos. Então por que Gabe se viraria contra Joules, se não fosse por Paul?

— O Arcanjo descobriu que Torre e sua amante, Calanthe, pretendiam eletrocutá-lo assim que ele não tivesse mais utilidade. Três é demais, não?

— Deixe-me adivinhar: Paul disse isso a vocês? E estão acreditando? Joules ama Gabe como um irmão.

— E ainda assim...

Ela não tinha confiado aquilo à Torre. O que estava pensando? Que nova estratégia adotaria?

Vários segundos se passaram antes que ela dissesse:

— Agora já estou com três meses. Logo estará aparecendo.

— Ainda persiste com esse absurdo de gravidez. — O que era pior? Suas conspirações? Ou o fato de ainda agora *eu desejar tal família*? Eu a odiava mais por isso.

— Aric, nós vamos ter um filho juntos, mas só se eu sobreviver pelos próximos seis meses. Pense o que quiser sobre mim. Me castigue, mas não castigue o nosso filho.

Apertei os olhos. Quando os abri, meu olhar emitia luz.

— Quer que eu acredite que não apenas a inseminei, mas também que sua gravidez prossegue?

Fauna conseguiu ao menos uma picada venenosa. O Arcanjo informou que a Imperatriz e Torre foram levados por uma avalanche e que ela havia sangrado copiosamente.

— Acredite. No momento, essa é a nossa realidade.

— Você consegue soar convincente, concedo isso — tão convincente. Meu olhar foi para Paul. Quase que imediatamente, veio uma lembrança de quando ela me seduziu para me levar pra cama. — Exatamente como fez séculos atrás. Como se fosse ontem, posso recordar o seu olhar... pouco antes de me dar seu beijo venenoso. É por isso que eu nunca a chamo pelo seu nome. Apesar *disso* poder mudar, *you* não é capaz.

— Eu te disse que não posso mais me sentir culpada por coisas que fiz em outra encarnação. Disse que não continuaria a pagar pelo passado. Você disse que entendia e que nós começaríamos do zero. Mas não fizemos isso, fizemos?

— Eu estava preparado para tanto; você não.

Silêncio me respondeu. Que truque ela tentaria agora?

— Falaremos sobre isso depois que eu acabar com Paul. Me entenda, Ceifador, eu vou te consertar.

— Quanta bravura, venenosa. Como vai derrotar um jogador incapaz de se ferir? — Paul demonstrou que passar uma faca em sua pele não provocava cortes, ela era tão protegida quanto a minha armadura. *Minha odiosa perdição*. Infelizmente, o Enforcado não

possuía poderes de ofensiva, era totalmente dependente de mim e da nossa aliança.

Transbordando confiança, a Imperatriz disse:

— Se ele não é vulnerável, por que não venceu todos os jogos? De alguma forma, algum dia, outras cartas o eliminaram.

— Bom argumento. Paul deve ter uma fraqueza, mas é desconhecida pelos Arcanos que restam, então ele pode muito bem possuir nenhuma. — O Enforcado sorriu para mim.

— Talvez seu toque da Morte possa matá-lo.

Dei uma olhada para Paul.

— Talvez seja verdade, mas diferente de você, não traio minhas alianças.

— Aric, você vai voltar ao normal um dia. Mas tenho que me perguntar se *nós* podemos. A culpa vai te torturar.

— Torturar? Eu sonho em te causar dor. — Para que se iguale à minha. — Atravesse meu caminho e conhecerá mais agonia do que qualquer outra criatura viva já sofreu. Devo avisá-la.

— Me poupe, Ceifador. Tenho certeza que tem pouca coisa pior do que passar fome grávida. E pensar que você me encheu o saco para tomar minhas vitaminas.

— Minha Imperatriz está faminta. Isso me deixa feliz. Lembre-se: exílio equivale à execução.

— Não tem como argumentar com você — ela falou com uma longa exalação sofrida. — Eu gostaria de falar com o Enforcado.

Isso será bom.

— Claro — passei o telefone.

Paul sorriu ao falar:

— Evie, há quanto tempo.

Com meus sentidos apurados, eu conseguia facilmente ouvir o lado dela da conversa:

— Qual é o seu plano para o futuro?

— Suportar o apocalipse com meus aliados. Espalhar minha influência até que todos Arcanos estejam a salvo de você. Então nós a caçaremos e arrancaremos essa sua bela cabeça do seu corpo.

As palavras de Paul me irritaram. Apesar do meu ódio contra a Imperatriz, ela ainda era minha esposa. Embora *eu* pudesse ameaçá-la... *outros não podiam*.

— Essa criança pode salvar o mundo e seu plano é nos matar? — ela perguntou, e considerei por um momento se *ela* acreditava estar grávida. Pega em suas próprias mentiras? — O que vai ganhar com isso, Traidor? Só mais uma chance de fazer maldade?

— Eu realmente sinto certa satisfação por você estar curtindo a sentença que pretendia pra mim. — Seu sorriso ficou convencido.

A Imperatriz era uma mentirosa, sedutora e assassina. Mas em todas as nossas histórias, ela também foi um inimigo formidável. Aquela carta emergente lhe devia respeito.

— Já chega.

Sentindo minha irritação, Paul disse rapidamente:

— Tenho que ir, Evie. Vamos manter contato.

— Oh, Paul — sua voz baixou para o tom sussurrante de seu chamado Arcano — nós nos veremos muito em breve.

A Imperatriz

Quando desliguei, lutei para conter minha ira impotente e desesperança. A ligação só havia piorado minha depressão.

Aric, volte para mim.

Para os olhares questionadores de Joules e Kentarch, eu disse:

— Gabriel ainda está lá. Os três ainda estão sob o domínio de Paul. Ainda estamos aqui passando fome. Meu marido está sendo controlado por puro mal.

As mãos de Kentarch se apertaram no volante.

— O que significa que o Enforcado está *vencendo*.



16

Dia 543 D.F.

Na última semana, invoquei Circe cada vez com mais desespero. Nem sequer uma ondinha em resposta. Nada de Matthew também.

Sempre que tentava me comunicar com ele, eu me perguntava novamente se tinha imaginado a voz de Jack. Como sempre, não sentia como se tivesse uma percepção firme do que era real ou não.

Relembrar o tom de Aric ao telefone não ajudava o meu estado mental. Aquele tom me lembrava da hostilidade dele quando me fez sua prisioneira neste jogo. Ele me ameaçava constantemente me provocando com a aproximação da minha morte: *Será este o dia que decaptarei a criatura?*

Desde então, passei a depender dele, a contar com seu amor. Ele era a minha alma gêmea; nosso destino era ficarmos juntos. Então como ele podia dizer aquelas coisas odiosas pra mim?

Se minha mente estava tão ferrada quanto todos viviam pensando, então talvez os meses que fiquei com ele em seu castelo foram um sonho. Talvez eu estivesse dormindo esse tempo inteiro e fosse acordar presa a Thanatos, uma prisioneira atravessando um terreno terrível descalça.

Eu possivelmente preferia isso a estar grávida.

Dia 545 D.F.

Ainda nenhum sinal de Circe.

Tínhamos começado a ficar loucos confinados na Besta. Claustrofobia dentro da cabine. E sempre que encontrávamos um abrigo de aparência decente, passávamos a noite dentro, acendendo uma fogueira. Kentarch era útil em conseguir preciosa lenha para a fogueira. Uma porta. Uma cadeira. Um berço.

Mas nada pra comer. A comida de gato estava começando a parecer boa.

Dia 546 D.F.

Eu estava certa. Comida de gato tinha um gosto pior caminho acima. Como minha melhor amiga Mel teria dito em minha situação: "É melhor que alguém apareça com a porra de um filé mignon nessa porcaria, senão eu vou SURTAR."

Dia 548 D.F.

A má e grande Imperatriz soluçou quando chegamos às nossas últimas latas de Sheba.

Aric, seu bastardo, volte para mim.



Dia 550 D.F.

— O que posso fazer por você, Imperatriz? — Morte me perguntou em um tom agradável.

Quase delirando, peguei o telefone de Kentarch da caminhonete e depois voltei sorrateira para as nossas acomodações atuais, uma caverna iluminada por uma fogueira, para fazer a ligação.

— Aric, preciso voltar para casa. — Eu temia que Kentarch fosse deixar nossa frágil aliança, mas aqui estava eu, fazendo isso primeiro.

— *Casa?* — Deus, como ele conseguia soar tão depreciativo? — Você quer dizer *meu* castelo?

— Você precisa vir me buscar. — Eu me ajoelhei ao lado da pilha de lixo da caverna, pegando uma lata de comida de gato vazia. Com os olhos cheios de lágrimas, corri o dedo por ela atrás de mais um pouquinho. Nada. Eu já tinha lambido aquela lata.

Naquele momento, eu desprezava Aric.

Quando atirei a lata longe, minha aliança brilhou na luz do fogo, a pedra âmbar atraindo minha atenção. O anel estava tão folgado em meu dedo que eu tive que cobri-lo com seiva para que não caísse.

— Eu queimo para *pegá-la*, Imperatriz. Infelizmente, não posso partir no momento — sua voz era uma mistura perfeita de bom humor e frieza. — Você entende, tenho uma susceptibilidade particular aos seus encantos.

Enquanto ele falava, eu passava os olhos pela caverna. Não havia ninguém ali comigo e, ainda assim, eu tinha a sensação de ser observada. Falei para ele:

— Sinto os olhos deles em mim o tempo inteiro. — Isso estava me enlouquecendo!

— Olhos de quem?

— E-eu não sei. Eu os sinto — Matthew me disse para ter cuidado com os Bagmen, traficantes, milícias, canibais e os Arcanos Menores. Eu já tinha enfrentado todos esses grupos menos o último. Ele dizia que eles nos observavam, tramando contra nós.

Eles poderiam estar nos seguindo?

Perguntei a Joules se havia menção dos Arcanos Menores nas crônicas de Cally. Ele tinha respondido:

— Em partes. Basicamente, a única maneira de saber que eles existem é se algo der muito errado no jogo. Eles não têm autorização para nos ferir e não podemos machucá-los.

Aric disse:

— Sua permanência nas Cinzas está cobrando um preço, Imperatriz. Não está fazendo sentido.

— Não é apenas as Cinzas. Contra todas as probabilidades, ainda estou grávida. — Tontura era a minha mais nova companheira; dormir era só o que eu queria fazer. — Não posso aguentar muito mais.

Tarde da noite de ontem enquanto eu me revirava em meu saco de dormir, Kentarch murmurou:

— Chega. — Ele sentou ao meu lado e retirou uma faca da bainha. Senti uma pontada de medo até ele enrolar a manga da camisa.

— *Você precisa se nutrir — ele ergueu a faca acima do seu antebraço. — Vamos, Imperatriz, você supostamente é sedenta de sangue.*

— *Hã-hã — respondi fraca. — Talvez essa seja a porta de entrada do canibalismo. Não quero ser canibal. — Eu simplesmente vomitaria mesmo. A ideia de vomitar sangue quente me deu ânsia.*

— *Meu povo frequentemente tomava sangue de gado. E os Maasai não eram canibais.*

Falei para ele:

— *Você precisa de sangue — as maçãs do rosto invejáveis de Kentarch agora estavam grotescas.*

— *Se ela não quiser eu quero — Joules também parecia de olhos fundos e esquelético — eu desisto.*

Agora eu falei para Aric:

— Você me disse que não pararia até que eu fosse sua para sempre. Que nunca descansaria. Eu *sou* sua. Mas você está me jogando fora. Jogando a *gente* fora. — Lágrimas se derramaram. — Me leve de volta, e use o silício para controlar minhas habilidades até seu filho nascer. Depois me mate se ainda quiser.

— Ah, o silício — seu tom parecia risonho. — Eu o encontrei nos escombros do viveiro depois da sua batalha com Ogen com sua carne ainda presa a ele.

Eu tinha forçado Lark a arrancá-lo de mim para que eu pudesse lutar. Com a lembrança daquela dor vomitei, mas não havia nada em minha barriga para vomitar.

— Se você ao menos soubesse da história por trás dele... Venha para o meu castelo e discutiremos sua proposta.

— Eu não posso *chegar* aí! — Mal reconhecia minha voz derrotada. *Fome* estava revertendo a minha personalidade. Esses dias, minhas emoções se revezavam entre choro e fúria.

Eu me sentia uma ex-bêbada, chorando para voltar em um segundo e brigando no outro. *Venha me buscar no bar, eu te odeio.*

— Está chorando? — Ele perguntou com uma risada. — Por todos os deuses, suas lágrimas me alegram. Claro, elas secarão assim que desligar o telefone. Você sempre foi uma farsante talentosa.

— Aric, *Es tevi mīlu* Eu te amo. — Ele disse que sua alma ficaria dentro de mim, bem ao lado da minha.

— O sentimento não é mais recíproco.

— Quer que eu implore? — A Bruxa Vermelha *jamaís* imploraria; ela ainda parecia estar curtindo o cochilo.

— Sim, Imperatriz. Eu gostaria imensamente. Me implore e considerarei o silêncio.

Engolindo meu orgulho, eu comecei a abrir os lábios para dizer...

— Ei, isca, vem cá! — Joules gritou da entrada da caverna. — Você tá no leme. Conseguimos pegar um vivo, então é só seguir o fluxo.

Eu fiquei aliviada ou irritada por ser interrompida? *Os dois.*

Aric disse:

— Você está em uma caverna, próximo a uma estrada. Nem sequer deixou a base da montanha ainda? Vou garantir em enviar os predadores mais cruéis de Fauna aos seus arredores.

— Tanto faz, Morte. — Minhas emoções foram catapultadas para a raiva efervescente do espectro da ex-bêbada. — Você poderia ter tudo o que sempre quis. Mas está deixando a *porra do seu cozinheiro* te controlar. Lembre-se disso — desliguei e coloquei o telefone no bolso do casaco pouco antes de Joules aparecer.

— Estava falando com o Ceifador? — Sua pele faiscou de irritação.

— Um momento de fraqueza. Não vai se repetir.

— Como é que você pode ligar para ele e eu não posso falar com Gabe? — Joules provavelmente sentia falta dele tanto quanto eu sentia de Aric. Ou melhor, do *antigo* Aric.

— Porque você tem um temperamento que Gabriel vai saber como cutucar. Ele poderia te fazer revelar os nossos planos. — Que eram: encontrar Circe antes de morrermos de fome.

— Eu não tenho a porra de um temperamento! — Olhamos para os lados quando sua voz ecoou nas paredes da caverna. Baixando o tom, ele disse: — Só vim te chamar. Tarch ouviu um motor vindo pela estrada. Tenho um bom pressentimento quanto a esse.

Eu levantei, então quase caí. Joules agarrou meu braço e me acompanhou até a entrada da caverna.

Não muito distante, a pista iluminada pelos raios se perdia de vista. Gavinhas de neblina flutuavam a uns quatro metros do pavimento.

Kentarch já estava deitado à espera ao lado da caminhonete, a faca a postos. Ele deu uma olhada para mim e disse:

— Devia ter tomado o sangue.

Quase caí quando Joules me soltou.

— Puta que pariu, isso só vai funcionar se conseguir ficar em pé direito. Senão eles vão pensar que você pegou a peste. — Ele mesmo se apoiava em um dardo como se fosse uma bengala.

Kentarch disse:

— Comande seu corpo mentalmente para aguentar ficar de pé por mais cinco minutos. Lembre-se: sua mente exerce domínio sobre seu corpo.

Mostrei o dedo médio para ele. Às vezes também sentia vontade de estrangular Tarch.

Fui aos tropeções para a estrada. Enquanto esperava, tornei a me lembrar da minha ligação para Aric. Nos dias dourados do nosso relacionamento, aquele bastardo tinha dito que devíamos nos comunicar. Talvez ele devesse ter me informado que ainda trazia uma mega bagagem do nosso passado!

Em vez disso me disse que era um planeta fora do eixo. Aparentemente, ele encontrou o seu eixo de dois mil anos e já estava girando.

Foda-se ele. Foda-se. Baixei o olhar para minha aliança. Ele destruiu a que dei a ele; eu jogaria fora a que ele me deu. Eu a tirei e joguei para longe.

— O que acha dessa, Ceifador?

Joules gritou:

— Finalmente.

Pling.

O som leve dela batendo no pavimento para mim foi ensurdecedor.

— Nããão! — Como eu pude? Caí de joelhos me arrastando pelo asfalto tostado pelo Flash e pedaços de neve. — Onde está? — Fechei os olhos para sentir a seiva, as mãos se movendo...

Ali! Prendendo a respiração, coloquei-a de volta. Se eu realmente decidisse tirá-la, sabia que Aric estaria para sempre perdido para mim.

Kentarch inclinou a cabeça para o lado.

— Uma moto se aproxima. O piloto não terá muitas provisões nem muito combustível. Vamos deixar que esse siga.

— Uma *moto*? — O som do motor me alcançou... lembrando-me da chegada de Jack a Haven a tantos meses atrás. Uma vida atrás.

— Ela provavelmente acha que é o Caçador — Joules disse a Kentarch. — Ele tinha uma moto.

— Quem é o Caçador?

— Um humano que se chamava Jack — Joules, aquele filho da mãe, acrescentou: — Ele foi o namorado número um antes do Ceifador e do Sol. A linha do tempo segue assim: ela trepou com Morte em uma vida passada, depois com Jack nesta. Depois Morte. Depois Jack de novo. Depois Sol e depois Morte.

— Droga, nunca fiquei com Sol! Eu disse que éramos só amigos.

Como se eu não tivesse falado, Joules disse:

— Jack era um ótimo motoqueiro. Corajoso e esforçado como ninguém. Mas morreu no massacre de Richter.

Kentarch franziu a testa para mim.

— Pensei que você tinha testemunhado o ataque, Imperatriz. Não o viu morrer?

— Vi.

Mas eu o ouvi através de Matthew.

Mas Jack era imbatível.

O barulho da moto ficou mais alto. *E se? E se? E se?*

Kentarch estava me estudando, como se eu tivesse decidido uma batalha interna que ele travava a meu respeito. *Sim, Carro de Guerra, eu sou louca. Problema atrás de problema.*

Eu tinha acabado de rastejar pelo chão para encontrar a aliança do Ceifador, e agora estava imaginando outro homem voltando dos mortos.

A moto se aproximou, parecendo como se estivesse correndo na direção de alguma emergência. Jack estaria correndo para me encontrar.

— Sei que não pode ser ele, mas...

— Esperança é uma coisa engraçada — Kentarch terminou para mim. — Quando caçadores ilegais me atacaram pela primeira vez, eles falaram que me deixariam viver se eu me rendesse. Eu sabia que não deixariam, mas me enchi de desespero de ver Issa outra vez. Minha esperança mentiu para mim, sussurrando em meu ouvido: "Acredite nesses homens e voltará a ver sua esposa." Me diga, Imperatriz, você confia no sussurro de sua esperança?

Eu confiava? Queria acreditar em qualquer coisa que me dissesse que Jack estava vivo. Mas talvez estivesse assustada demais com todo o sofrimento que teria que suportar para confiar na minha esperança. Talvez minha esperança estivesse morrendo lentamente.

A moto estava bem na curva. Aquela neblina sinistra soprou em câmera lenta, como um lençol nesses comerciais de amaciante de roupas.

O tom de Joules ficou irritado.

— O Caçador está morto. Finn nos disse que Jack e Selena foram levados com o exército. Sabemos de fato que Selena torrou, e ela sempre estava ao lado de Jack. — Eu sabia disso. — Gabe e eu vimos o vale. Ou o que costumava ser um. Ninguém poderia ter sobrevivido àquilo. Principalmente um mortal. E já que esse não é a reencarnação de Jack, prepare-se para encarar um morto-vivo.

Eu tentei levantar. Falhei. Tentei de novo.

Um motoqueiro de capacete com um visor pintado emergiu da neblina. Apertei os olhos para tentar ver seu contorno.

Ele era alto, musculoso. Basicamente do mesmo tamanho de Jack.

Primeiro instinto? Acenar para ele. Segundo? Ficar onde estava e olhar com raiva para o que com certeza era uma pessoa má.

Consegui ficar de pé e o homem me viu. Puxei o capuz pra baixo e nós nos olhamos enquanto ele passava por mim...

A roda da frente da moto caiu em um buraco. Ele voou pelo guidom, o corpo rolando pela estrada, a moto deslizando ao seu lado.

Eu corri até o local do acidente. A moto estava deitada de lado ainda ligada, o pneu da frente danificado. O motoqueiro estava deitado por perto.

Kentarch e Joules me rodearam, armas erguidas.

Eu me deixei cair ao lado do motoqueiro, meus glifos cintilantes refletindo em seu visor. Meu coração batia erraticamente, a respiração ofegante.

— Por favor, seja ele. Por favor, seja ele. Por favor, seja ele. — Não, minha esperança ainda não havia morrido. Estava para morrer?

Toquei o visor com as mãos tremendo. Eu o abri.

Jackson Daniel Deveaux.

Meu Jack estava *aqui*.

— Vi-ivo. — Agarrei seus ombros enquanto meu olhar absorvia avidamente seu rosto, aquelas maçãs largas, a mandíbula masculina, o queixo teimoso. — Oh, Deus, você está bem? — Ele usava a mochila com o kit de sobrevivência de sempre e uma balestra.

Ele abriu os olhos cinzentos e piscou para mim, depois levantou lentamente a mão para o meu rosto.

— *Peekôn?* — perguntou. — Mas que diabos você está fazendo aqui fora? — Ele arrancou o capacete.

Meu coração trovejou. Tontura invadiu minha cabeça.

— Jack? É você mesmo? — Meu equilíbrio vacilou. Com a graça de uma pedra, eu fui pra frente e caí em cima do peito dele.



Eu não perdi a consciência — precisava ficar acordada para ter certeza que Jack não desapareceria outra vez — mas meu cérebro parecia em curto-circuito.

Eu senti ele me levantar. Ouvi Joules dando direções para a nossa caverna, apresentando ele a Kentarch pelo caminho.

Lá dentro, Jack me deitou gentilmente perto do fogo.

— Quando foi a última vez que vocês comeram?

Joules disse:

— Estava para perguntar se você tinha alguma coisa pra mastigar.

— *Non*. O couro do meu cinto está começando a parecer gostoso.

Preciso vê-lo! Pisquei os olhos para que abrissem.

— Você... você está vivo. Co-como? Eu te vi... eu te vi morrer. — Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, borrando minha visão. Eu as enxuguei com raiva. Nada poderia borrar a visão de Jack.

Ele tinha perdido peso — estava tão definido quanto Aric agora.

— Estou aqui — sentando ao meu lado, ele pegou minha mão e levou aos seus lábios. — Selenia salvou minha vida. Ela pressentiu o Imperador segundos antes dele atacar e me empurrou em uma mina abandonada.

Meu Deus.

— Ela te protegeu até o fim.

— *Ouais*. Ela protegeu — Jack tirou um cantil da mochila. — Aqui, *bébé* — abrindo a tampa, ele o colocou nos meus lábios. — Por que está aqui fora nas Cinzas? Você devia estar segura no castelo de Domīnija.

Eu bebi.

— Como sabia disso?

— *Coo-yôn* me disse.

— Onde ele está? — Eu não podia mais culpar Matthew por deixar que Jack morresse.

— Ficamos juntos na estrada por um tempo, mas ele foi embora.

— Então por que ele não me disse que você estava vivo?

— Richter estava na área, então *coo-yôn* não quis ligar o rádio Arcano para entrar em contato com você. Não queria revelar a localização de ninguém. Além disso, não era certo que eu sobreviveria.

— Foi por pouco assim?

Um assentimento estoico.

— Ele me disse que Morte salvou você de Richter. Então onde está Domīnija? — Jack viu minha aliança. Sua testa se franziu e uma dor nua e crua encheu seus olhos cinza.

Eu o traí com Aric. Eu deveria ter acreditado que Jack de algum modo voltaria para mim. Mas por outro lado, eu não saberia o que era amar Aric.

Claro, eu também não estaria grávida nem largada nas Cinzas.

O que eu devo dizer? Maldita tontura e choque! Eu não conseguia me concentrar, não conseguia ordenar os meus pensamentos caóticos.

— Se o Ceifador não está aqui, sei que está a caminho.

Eu sacudi a cabeça.

Em uma voz que pode ter revelado uma mínima esperança, ele perguntou:

— Morto?

Joules estava sentado do outro lado da fogueira.

— Quem me dera. Aquele filho da puta tentou matá-la. Colocou-a pra correr do castelo.

Jack ficou de queixo caído.

— *Bébé?*

— É complicado. Ele sofreu uma lavagem cerebral. Lark e Gabriel também.

— Como o Papa fazia?

— Parecido. — Eu não estava preparada para contar que Aric pode ter sucumbido a um ódio enterrado, a uma ira assassina, e à incapacidade de esquecer o passado.

Joules disse:

— Paul, o médico deles, era o Arcano inativo, o Enforcado. Ninguém dentro daquela fortaleza enorme, quentinha e cheia de comida sabia. Então Paul envenenou Finn para ativar os seus poderes. Apagou o Mago da existência.

— Não o Finn — Jack soltou um palavrão baixo, a expressão abalada. — Eu vou arrancar as tripas desse *fiis de pute*. — Jack havia passado mais tempo com o Mago do que qualquer outra pessoa ainda viva.

Joules jogou mais lenha na fogueira.

— O Enforcado tem uma esfera amarela que se espalhou pelo castelo de Morte, cercando a montanha inteira. Se algum Arcano cruza o limite, sofre uma lavagem cerebral. Quando Gabe ouviu a Imperatriz gritando, saiu voando para salvá-la. Então foi tomado de surpresa como o resto deles. Nada de bom...

Eu disse:

— Paul convenceu Aric, Gabriel e Lark que *eu* matei Finn. Os lobos dela cercaram a mim e Joules. Estaríamos mortos se o Carro de Guerra não tivesse interferido — acenei na direção de Kentarch, sentado mais afastado.

Joules acrescentou:

— Ele nos teletransportou, ou foi mais para fantasmeou, *por dentro* de um urso gigante. Então materializou a caminhonete e explodiu a bunda do mamífero.

Kentarch pareceu desconfortável com o elogio, mas veio se sentar mais perto do fogo.

— Teletransporte, hein? Meu sincero agradecimento — Jack assentiu para ele, absorvendo de cara aquela nova loucura Arcana. Então se voltou para mim. — O que aconteceu com a sua *grand-mère*? *Coo-yôn* me disse que ela estava no castelo.

— Paul a matou. Ela teria morrido de causas naturais, mas ele acelerou.

— Ela também? *Condoléances*, Evie. — Ele passou as costas dos dedos esfolados pela minha bochecha. — Vocês têm um plano para lutar com esse Enforcado?

Eu assenti.

— Circe, a Carta da Sacerdotisa, é uma feiticeira. Ela pode ser capaz de lançar um feitiço que neutralize o poder de Paul. Nós temos tentado entrar em contato com ela em rios e lagos até chegarmos à costa. — Enquanto Jack parecia deixar tudo se infiltrar, eu disse: — Onde você ficou esse tempo todo? Por que não voltou para o forte?

— Eu fiquei inconsciente numa inundação na mina. Quando acordei, estava acorrentado.

Eu tinha tantas perguntas. Como escapou deles? Para onde Matthew estava indo quando eles se separaram? Mas primeiro...

— Sinto muito sobre o seu exército.

Aquele músculo na mandíbula de Jack se contraiu, seu sinal revelador. Sempre que o via fazer isso, sabia que estava contendo as emoções — a barragem prestes a estourar.

— Vou fazer Richter pagar pelo que fez. De alguma forma, algum dia.

Ele falava como Jack, parecia com Jack. Mas parecia mudado. Mais velho. Ainda mais endurecido. Como não estaria?

— Venho dizendo a mesma coisa. Achei que ele tinha aniquilado o exército, Selenia e você. — Outra onda de tontura me atingiu. — Para onde estava indo ainda agora?

— Eu direi depois. Mas primeiro, temos que arrumar comida pra você. Vou seguir para oeste e ver se consigo catar alguma coisa.

— Acha mesmo que vou deixar que saia da minha vista. Adorável.

Kentarch disse:

— Nós viemos do Oeste. Não há nada.

— *Merde*. Faz dias que não passo por ninguém que eu possa roubar. Às vezes consigo pegar uma cobra ou um rato — ele bateu na balestra presa ao ombro — mas dessa vez nada.

— Então seu nome de Caçador foi merecido? — Kentarch inclinou a cabeça. — Eu poderia teletransportar você para um local cheio de caça. Mais carne do que seria capaz de comer.

Hã?

— É mesmo? — Jack perguntou com suspeita. — Você parece bem útil. Como é que *você* não foi e...? — Ele parou de falar com uma expressão de entendimento. — Está falando dos animais no castelo de Morte. As criaturas de Lark.

Kentarch assentiu.

— *Eu* não posso entrar naquela esfera.

— Mas um civil poderia — os olhos de Jack se iluminaram. — É isso aí, Carro.

— Nada disso, Carro! — Agarrei a mão de Jack. — Você não ouviu a parte do urso gigante? É perigoso demais — ele acabou de voltar pra mim!

— Acha que vou te deixar morrer de fome quando existe alternativa? Joules vai ficar com você, te fazer companhia. Kentarch e eu voltamos logo.

— Isso não é o mesmo que caçar um crocodilo de um parque estadual da Louisiana. Isso é Morte, Lark e Gabriel. Eles não vão te deixar simplesmente entrar lá, encher o seu carrinho de compras e sair empurrando ele. Ela tem centenas de criaturas agora e, sob a influência dela, todas são assassinos.

Jack sorriu.

— Então ela não vai dar falta de um faisão ou dois.

— Lark está muito mais forte agora do que você lembra. Ela fará de tudo para me machucar, o que significa machucar você.

Ele tirou a mão do meu aperto fraco.

— É o único jeito — levantou-se. Quando tentei segurá-lo, ele pareceu se forçar a se afastar. — Não vai me convencer nisso.

Ele estava arriscando a vida por que planejava um futuro comigo? Ele não sabia de tudo.

— Tem uma coisa que eu preciso contar...

— Ele já decidiu, Imperatriz — interrompeu Joules. — Vocês vão ter muito tempo para conversar depois. Mas por enquanto, não vai querer que nada prejudique sua motivação nem seu *foco*. Não quer que ele acabe morrendo, quer?

Olhei para Torre com raiva. Egoísta?

— Essa caçada não vai acontecer. Jack, você não vai.

Sem vacilar, ele disse:

— Eu sei que é difícil, mas juro que volto — ele se virou para Joules. — Se alguma coisa acontecer com ela...

Torre criou um dardo.

— Deixa comigo.

Jack endireitou os ombros e encarou Kentarch.

— Vamos, Carro. Nunca teletransportei, mas Deus, estou tinindo para roubar das terras de Domīnija.

— Precisa de um rifle? Algo mais que uma besta compacta?

— Vou no silêncio. Deslizo pra dentro, coloco umas aves no saco, dou o fora. Eles nem vão saber que estive lá.

Se eu pudesse fazer brotar uma videira, amarraria Jack a mim.

— Não posso perder você outra vez — ergui a mão para usar meus poderes, mas nada aconteceu.

— Evie, eu te prometo que volto.

— Não temos tempo a perder — Kentarch agarrou o braço dele.

Uma videira fina finalmente disparou da minha palma. Ela só bateu no ar. Eles já tinham desaparecido.



19

O Caçador

— *Mère de Dieu* — murmurei quando tocamos uma nova paisagem cheia de neve. Eu tinha teletransportado oficialmente. Uma coisa eu podia dizer era: desde que conheci Evangeline a vida nunca foi monótona.

Quando vi pela primeira vez seu rosto naquela estrada, tudo dentro de mim se acendeu — do jeito que sempre fazia perto dela. Dessa vez eu não *quase* caí por cima do guidom da moto.

Falei para Kentarch:

— Você podia ter deixado eu me despedir direito dela, dando um toque maior de *finesse* à situação. Lembre que acabei de voltar dos mortos. — E agora ela teve que me ver sumir outra vez.

Na última vez que me perdeu, isso acabou com ela. Nem podia imaginar pelo que ela estava passando lá naquela caverna. Custou-me toda determinação que eu tinha para deixá-la ali.

Um milhão de outros pensamentos rodava no meu cérebro sobrecarregado.

Evie está sofrendo. Tenho que dar comida pra minha garota. Não minha garota — ela está com o anel de Aric. Deus, ver aquilo... é como levar uma facada. O que eu esperava? Deixei ela com Domīnija, deixei que pensasse que eu estava morto. Quando ela descobrir a verdade, vai acabar comigo. Eu acabei de teletransportar mesmo?

Um pensamento se sobressaía: *o que vai acontecer entre eu e Evie agora?* Eu teria que confessar ter decidido desistir dela. Por causa de Matthew, eu a abandonei para o homem que depois tentou matá-la.

Kentarch disse:

— Confie em mim quando digo que ela está com uma necessidade grave de comida. Não temos tempo a perder.

Ele estava certo. Eu a imaginei lá, parecendo tão frágil. Quando voltasse, Evie e eu teríamos uma longa conversa.

Fechando mais o casaco esfarrapado, inspecionei a área. Kentarch me trouxe para o topo de um enorme monte. Desse ponto de vantagem, eu conseguia ver um castelo espalhado pela montanha vizinha. Um fosso congelado com enormes blocos de gelo pontiagudos o circulava. Uma névoa suja amarela envolvia toda a elevação como uma redoma de vidro.

— Esse lugar é muito sinistro — e eu achava que *Haven* parecia assombrada?

Desse lado do fosso, uma linha de arbustos com espinhos tão grandes quanto árvores se arrastavam pela paisagem. Evie deve ter criado aquela fortaleza.

— Por mais sinistro que possa ser, aquela fortaleza está abastecida para sobreviver a um inverno nuclear prolongado.

Ê, Domīnija tinha me falado dos luxos que ele possuía. Isso foi parte do motivo para eu desistir de Evie.

Peguei o binóculo na minha mochila para averiguar a construção. Luzes elétricas brilhavam das janelas, enquanto tochas iluminavam o lado de fora. Fumaça saía pelas três chaminés. Senti o cheiro de carne cozinhando e minha boca se encheu d'água. Em uma de muitas calhas, Gabriel estava agachado como uma gárgula.

Eu até conseguia imaginar Domīnija andando de um lado para outro de um quarto. Ele tinha tudo. *Tudo*. Alguma parte sua compreendia o que havia perdido? O que fez com a mulher que amava? Ela deve ter ficado tão confusa.

Guardei o binóculo e Kentarch e eu começamos a descer o monte na direção da redoma.

— Tenho que colocá-la de volta nesse castelo.

— Vai matar o Ceifador para fazer isso?

— Matarei qualquer ameaça a ela. O resto depende de Domīnija — eu estava em conflito. Por um lado, eu o odiava pelo que fez a ela sob influência. Mas daí me lembrei como o Papa tinha feito uma lavagem cerebral e tanto em Evie. Morte poderia ser responsabilizado por suas ações quando não estava em seu estado mental normal?

Além disso, eu sentia uma gratidão imensa por ele ter salvado Evie do ataque de Richter.

— Você deve querê-la de volta — falou Kentarch. — Vai insistir com ela?

Ela me assombrava mais do que nunca. Vê-la outra vez só deixava tudo pior. Mas ela esperava curar Domīnija — o que queria dizer que esperava voltar para ele. Falei para Kentarch:

— Acabarei fazendo o que for melhor para ela. É a história da minha vida com aquela garota. Já se apaixonou?

Ele sorriu sem achar graça.

— Pode-se dizer que sim. Minha esposa Issa e eu fomos separados há meses. Eu a procuro desde então. Vim para este castelo buscar assistência para encontrá-la.

Bonne chance, Kentarch. Boa sorte, porque a sua Issa muito provavelmente já estava morta faz tempo.

Ao nos aproximarmos da cúpula, desamarrei minha balestra. Um pouco além do limite estava o forte de Evie, uma floresta congelada de plantas espinhosas gigantes. Os galhos assustadores pareciam se mover sob a luz amarela oscilante.

Esse lugar me lembrava das histórias que minha mãe costumava ler para mim, de florestas de inverno enfeitiçadas cheias de magia e de vilões malignos.

Só que aquela era de verdade.

Trilhas de neve serpenteavam por dentro dela, forjadas pelo que deveria ser animais bem grandes. Outro urso? Verifiquei minhas flechas acionadas por botão, sabendo que seria preciso mais do que elas para dar conta de algo tão grande.

Em um tom apressado, Kentarch disse:

— Se Fauna estiver acordada, vai ser capaz de farejá-lo. Se suas feras o perseguirem sua única esperança é voltar aqui pra mim.

Eu assenti, sem ansiar por um encontro com lobos supercrescidos — ou coisa pior.

— Sem pressão — mais neve começou a cair. *Merde*. Aquele não era meu ambiente preferido de caça e o frio estava enrijecendo minha perna ruim. — Vou entrar. — Caso algo acontecesse comigo, eu me virei para dar uma última mensagem para Evie, mas decidi contra.

Se eu morresse duas vezes, nenhuma mensagem curaria a ferida.

— Tenha cuidado, Caçador — murmurou Kentarch. — Toda espécie de criatura ronda ali dentro.

Atravessei a fronteira, indo para a floresta de espinhos. Uma onda de vertigem me atacou e suor começou a porejar na minha pele. Eu quase me sentia bêbado. Não comia há dias.

Sacudi a cabeça com força. Uma missão de sucesso poderia significar a diferença entre a vida ou a morte da minha garota. *Fica espero, Jack*. Eu fiz isso minha vida toda. Mesmo antes do Flash, minha sobrevivência sempre tinha dependido da minha habilidade de caça. A sobrevivência de Clotile e de *mamère* também.

Quando entrei mais fundo dentro dos espinhos, comecei a ouvir cantos de pássaros. Dúzias deles empoleirados em galhos altos. Uma bolada de animais!

Hoje a gente vai comer bem. Ergui minha balestra. Mirei...

RUUUSH. Eles se espalharam em um frenesi de penas, cantando uma retirada. Eu fiquei imóvel. O que os tinha assustado? Lark já estava de olho em mim?

Uma quietude incômoda caiu sobre a floresta. Todos os meus sentidos me diziam que o perigo estava à espreita, mas continuei a andar mesmo assim.

Respirei fundo quando vi trilhas mais largas adiante. Espera... minhas próprias pegadas? Tinha andado em círculo? Enxuguei o suor da testa. *Jack Deveaux não se perde*.

Nem mesmo em florestas encantadas.

Espiei mais de perto e avistei um segundo par de pegadas, quase tão grandes quanto as minhas. Aquelas me seguiam. Algum animal que eu não reconhecia, algo grande, estava *me* perseguindo.

Arrepios correram pelas minhas costas. Eu me endireitei com os músculos tensos. O dedo no gatilho da balestra. *Não sou mais o caçador por aqui...*

Um rugido veio dos galhos acima de mim. Eu rodopiei, erguendo a balestra.

Olhos dourados brilhavam no escuro. Um fascinar de presas quando uma fera saltou em cima de mim. Atirei.

Antes de conseguir atirar outra vez, um corpo pesado caiu na neve a poucos centímetros das minhas botas. Minha flecha saía de um de seus olhos.

Uma leoa! Ela parecia ter uns cem quilos. Não era de se espantar todos os outros animais terem fugido.

Olhei para todos os lados enquanto colocava a balestra no ombro. Como levar meu prêmio até Kentarch?

Eu *com certeza* levaria. Poderíamos comer por dias.

Um grito veio do castelo. Lark! Ela deve ter sentido a morte. Adrenalina corria pelas minhas veias. De jeito algum deixaria aquela leoa. Eu me abaixei e segurei a carcaça por baixo das patas dianteiras, manobrando o corpo para levar no estilo bombeiro.

Agora levantar. Droga, eu conseguia levantar aquela fera. Eu levantei Matthew. Mas isso foi antes do meu ferimento.

Vamos lá, pernas, não me decepcionem. Com um berro, joguei a fera por cima dos ombros. Meus joelhos dobraram, a perna ruim gritando de dor. Mas dei um passo para frente.

Um pé na frente do outro... por Evie... um pé... Pulmões assobiando para respirar, a cabeça rodando, eu me forcei a seguir.

Quase metade da distância. Eu esperava.

Atrás de mim, criaturas começavam a me perseguir. Seus rugidos e uivos eram esporas nas minhas costas. Outra leva de adrenalina. *Um pé... um pé...*

Atrás da esfera de névoa amarela, avistei Kentarch. Sua boca estava aberta.

— Matou um leão? Com uma besta?

Um assobio veio do ar atrás de mim. Eu conhecia aquele tom. Gabriel vinha na minha direção.

Mais perto do limite, mais perto.

— O anjo está vindo a toda! — Kentarch estendeu a mão, mesmo com o olhar focado no céu atrás de mim. — Derrube esse peso morto, seu maluco!

De jeito nenhum. Desenterrando a última das minhas reservas, forcei meus músculos que queimavam para continuarem. *Por Evie. Por Evie. Mais rápido, Jack! Garoto, você não sabe correr?*

De perto demais, Gabe berrou:

— Você é meu!

Saltei os últimos metros passando a fronteira, desabando pra frente na neve. Kentarch tirou a leoa de cima de mim, então me arrastou vários metros para longe da redoma.

— *Ahhhh!* — Gabe urrou sua fúria. As asas derrubaram neve quando ele mudou de direção.

Tentando respirar, eu me virei cambaleando para encará-lo.

O Arcanjo flutuava perto da beirada, presas e garras expostos.

— Cumprimente-me adequadamente, Caçador. Venha apertar minha mão. — Suas asas estavam bem mais largas do que antes, e agora uma garra de aparência letal saía de cada junta.

Falei ofegando:

— Vou passar.

Olhos enlouquecidos e cabelo selvagem, ele parecia uma versão psicótica de si mesmo. Se isso me chocava, como Evie deve ter se

chocado quando Domīnija se virou contra ela? Ela tinha sorte de estar viva.

Gabe se virou para o Carro de Guerra.

— Junte-se a nós e encontraremos sua esposa.

Kentarch estava tentado a aceitar a oferta? Eu disse:

— Não quer saber como Joules, o seu leal aliado, está indo lá fora nas Cinzas? Vou dizer a Torre que perguntou por ele.

Gabe mal me olhava, a atenção em Kentarch.

— Você não precisa se juntar à nossa aliança. Apenas nos traga a Imperatriz que mandaremos todas as criaturas de Fauna para localizarem Issa.

Não gostei nada daquilo. Eu me levantei com dificuldade e bati no ombro de Kentarch.

— Nós temos que ir, parceiro — um coro de uivos soou. — Ele só está ganhando tempo para Lark.

— Você está certo — Kentarch agarrou meu braço e o pescoço da leoa. — Ainda não consigo acreditar que você matou uma leoa.

Entre arfares, perguntei:

— O quê? Isso é muito difícil?

Seus lábios se torceram.

— Vamos, Caçador.

Quando ele começou a nos teletransportar, olhei de volta para Gabe — bem quando a garra de sua asa atacou além da esfera.

O ar soprou na minha garganta quando desaparecemos. O Arcanjo não rasgou minha jugular por milímetros.



A Imperatriz

Eu andava de um lado para o outro da caverna, usando as calorias que não tinha. Comecei a hiperventilar imaginando todas as coisas que os Arcanos poderiam fazer com Jack.

Lobos rosnando, as garras de Gabriel, a força e velocidade sobrenatural de Aric. Se Jack enfrentasse o Cavaleiro Eterno ele morreria. Com um golpe de espada eu perderia os dois para sempre.

Joules estava sentado perto do fogo:

— Como você planeja contar ao velho Jack que está para formar família?

— Esse será um bom problema para se ter — apertei as têmporas. — Não consigo fazer isso de novo.

— Ainda está apaixonada pelo Cajun.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Claro que estou! Nós não *rompemos*, Joules. Ele foi roubado de mim.

— Então o que vai fazer agora? Está carregando a cria profana da Morte.

Não importa o que tinha acontecido, eu ainda tentaria salvar Aric, do mesmo modo que tentei salvar Jack. Os dois tinham merecido minha lealdade.

Contanto que um não ferisse o outro.

— Caso esteja se perguntando, meu voto vai para o Caçador.

— Talvez Jack tenha encontrado alguém ali fora. Não nos vemos há meses — por quanto tempo ele foi escravizado?

— Qual é, Imperatriz. Não é como se mulheres crescessem em árvores inexistentes esses dias. Mesmo que crescessem, Jack só iria querer saber de você. Gabe, Tess e eu, a gente entrava e saía quando ele construiu o Forte Arcana. Todos os dias ele rezava para te encontrar e te deixar segura lá dentro.

Minhas lágrimas caíram.

— Claro, seja quem for que você vá escolher, vai precisar voltar ao castelo. Por que não vai com o Cajun e nós tomamos o lugar? Jack é bom com estratégias.

Pare de chofre.

— Não acredito que está usando a minha dor para me empurrar uma ideia de tomar a casa de Aric...

— Cuidado! — Joules gritou quando sombras se materializaram na caverna.

Kentarch e Jack apareceram, arrastando algo com eles.

Fui correndo aos tropeços até Jack, colocando os braços em volta dele. Alívio me preencheu até eu registrar sangue.

— Você se machucou! — Minhas mãos voaram por ele, procurando ferimentos, tirando neve cheia de sangue.

— Não é meu sangue, *peekôn*. Estou bem — ele parecia esgotado, mas de bom humor.

Kentarch com certeza estava.

— O seu Caçador merece o nome. Ele matou uma leoa com uma mera flecha.

Joules se agachou ao lado da criatura. Seus olhos sem vida fitavam o nada.

— Fauna tem um leão na sua carta.

Em jogos anteriores, leões a cercavam. Uma vez perguntei por que agora preferia lobos. Toda prática, ela respondeu: "Eles se adaptam melhor ao terreno daqui."

Lark ficaria furiosa com essa perda.

— Jack, achei que você pegaria um porco-espinho ou coisa assim.

— Quando ele perdeu o equilíbrio, eu disse: — Precisa sentar e descansar.

— *Bonne idée* — boa ideia. Ele praticamente caiu próximo à fogueira.

Sentando ao seu lado, tirei o cabelo molhado de sua testa.

— Tem certeza que não se machucou?

Kentarch respondeu por ele.

— Ele carregou esse animal em meio à neve, o que deveria ter sido um feito impossível, enquanto o Arcanjo o perseguia.

Joules virou a cabeça depressa.

— Você viu o meu mano?

Jack assentiu.

— Desde quando ele tem garras nas asas?

— Um dos anciões do culto dele disse que elas cresceriam eventualmente, junto com as asas ficando maiores e mais fortes. Deve ser toda a comida que ele está engolindo no castelo — Joules falou um palavrão. — Não dá pra acreditar que ele ainda está sob a influência.

— Gabe estava corrompido — Jack olhou para mim. — Foi desse jeito que Domīnija ficou?

— Pior. Gabriel não tem um histórico com você nem motivo para te odiar. E você não é um Arcano.

Joules cutucou a carcaça da leoa com o dardo.

— Essa é uma dos familiares delas? — *Cutucada. Cutucada.* — E se voltar à vida?

Kentarch avaliou o animal.

— Os familiares dela não são gigantes como aqueles lobos?

Eu sacudi a cabeça.

— Não, os lobos cresceram tanto porque tomaram o sangue dela quando eram filhotes. O falcão dela é de tamanho normal. Esta leoa pode estar ligada a ela.

Joules saiu de perto.

— Podemos *comer* um familiar?

Jack disse:

— Depois do que acabei de fazer para trazê-la, vamos comer essa carne até os malditos ossos.

Àquela altura, eu não tinha qualquer escrúpulo em jantar uma das criaturas de Lark, mas qual seria o gosto de uma leoa? Meu estômago conseguiria segurar?

— Provavelmente vamos querer arrancar sua cabeça o mais rápido possível. — Nós? No momento eu não conseguia nem cortar manteiga com uma faca quente.

Kentarch gesticulou para Joules.

— Você e eu vamos cortar a carne lá fora.

— Tarch, estou mais para o consumo final. Menos para a produção, entende? Mas eu sou bom demais nisso.

— *Agora*, Torre.

Enquanto os dois levantavam a leoa, Jack começou a se levantar, mas Kentarch o dispensou.

— Fique e descanse — olhando para mim, ele disse: — Tenho certeza que vocês têm muito a conversar. — Então ele não tinha revelado meu segredo.

Perfeito. Agora caberia a mim.

Na entrada da caverna, Kentarch se virou e disse a Jack:

— Um leão me marcou quando eu era mais jovem, quase me tirando a vida — ele nunca falou nada da sua infância para mim e Joules — e agora uma leoa nos salvará de morrer de fome. Bom trabalho, Caçador.

Jack deu um assentimento solene para ele.

— Obrigado pela carona, parceiro.

Essa troca me lembrou de como as pessoas respondiam a Jack. Ele obtinha lealdade porque as pessoas gostavam realmente dele. Aric obtinha lealdade por medo.

Assim que ficamos sozinhos, Jack tirou a balestra e a mochila.

— A adrenalina está passando — ele tirou o cantil do bolso do casaco.

Quando me ofereceu, levantei a mão.

— Estou bem. — Só ver o seu rosto era um luxo para mim. Ele estava a salvo. Quente. Maior que tudo. Cheguei mais perto.

Um dos meus maiores arrependimentos foi nunca lhe dizer que o amava. Como ele reagiria a essas três palavras? E à novidade que eu tinha pra contar?

Ele deu um gole e olhou para as chamas. Ele estava se lembrando de ter escapado por pouco de Richter?

Precisando confortá-lo, peguei sua mão.

Ele se virou para mim e uma ânsia iluminou seu olhar. Então ele tocou na minha aliança.

— Então, você e Domīnija, hã?

Com a voz baixa, eu disse:

— Achei que você estivesse morto. Todos achamos.

— Então isso é tudo que precisa ser dito — ele deu outro gole. — Vocês se amarraram?

— Não oficialmente nesta vida. Meio que remanesceu do jogo passado — Aric nunca tinha nos considerado *não* amarrados. Nem quando tentava cortar minha cabeça.

— Eu queria muito ver a cara do Ceifador quando Gabe contar a ele que estou vivo. — Eu só conseguiria imaginar a fúria de Aric. — Ainda não consigo acreditar que ele te atacou.

— Paul inverte uma carta, trazendo pra fora os piores traços dos Arcanos. Dá até para ver um *tableau* virando de cabeça pra baixo. A

resistência de Aric à mudança e sua ira ganharam a frente. Sua raiva mal resolvida do passado veio para o presente e ele me odiou. Ele realmente teria me matado.

— Me conte tudo que aconteceu.

Olhando para o amado rosto de Jack, voltando a memorizar cada feição, eu lhe contei sobre o Enforcado e seus poderes. Sobre o envenenamento de Finn e sobre o ataque de Lark e Aric. Sobre Gabriel e Joules me resgatarem, e Kentarch salvando o dia.

Jack absorveu tudo. Ele ficou calado por um momento, então perguntou:

— Por que você não foi afetada pelo Enforcado?

— Aric uma vez me disse que fiquei imune à lavagem cerebral depois do meu encontro com o Papa. — Mas eu não sabia por que escapei de uma carta invertida. Depois de tornar a contar tudo a Jack, comecei a ver o quanto aqueles poderes eram distintos.

Ele fechou os punhos ao dizer:

— Vou matar o Enforcado pelo que ele fez com você. E com Finn também.

— O problema é *como*. Eu não disse isso aos outros — olhei para a entrada da caverna e baixeí a voz — mas meti as garras nele e nada aconteceu.

— Ele se regenera como você?

— É difícil de explicar. A pele dele simplesmente não sofreu nada. Aric me disse que ele é invulnerável.

Jack murmurou um palavrão.

— Acha que existe algum modo de atrair o Ceifador pra fora daquela redoma? Gabe não parecia disposto a sair.

— Nem Aric. Ele acredita que ela o protege do *meu* feitiço, dando-lhe toda a clareza mental necessária. Desde a minha fuga, eu tento incitá-lo a sair, mas ele se recusa.

— Como fala com ele?

— Kentarch tem um telefone via satélite que ainda funciona. Liguei para Aric algumas vezes. Ele foi cruel. Jack, você nem pode acreditar o quanto. — Ele esteve a ponto de me fazer implorar, tinha curtido minhas lágrimas. Antes que eu descesse por aquela toca de coelho, eu disse: — Vamos falar de outra coisa, ok? — Eu ainda precisava contar a Jack do bebê, mas ele parecia tão exausto. — Como escapou dos traficantes?

— O Louco apareceu e me resgatou.

Ergui a sobrancelhas.

— *Matthew* te salvou?

— Bem na hora certa também. Eu machuquei a perna bem feio e não iria viver muito, estava prestes a ser servido de café da manhã para os outros escravos. Odeio a porra dos traficantes. — Jack explicou a carnificina que *Matthew* provocou e como ele sentiu naquele momento que não sabia nada sobre o Louco.

Eu estremeci.

— Para onde acha que ele foi?

— Sei lá. E não procurei por ele depois que foi embora. Mesmo que ele tenha salvado a minha vida, nós discordávamos de algumas coisas.

— Como ele ter permitido que todas aquelas pessoas fossem mortas por Richter?

— *Coo-yôn* disse que tinha um motivo. Disse que ele vê longe.

Parecia familiar. Essa seria a sua desculpa para deixar que Finn morresse?

— Eu digo a mim mesmo que algo pior aconteceria com eles. — Mais uma vez Jack fitou as chamas. — Um ataque de canibais ou a praga. Digo a mim mesmo que o raciocínio dele era puro. Tinha dias que até acreditava nisso. — O destino de Finn poderia ter sido pior?

Sim. Definitivamente sim.

Jack limpou a garganta e me encarou.

— Então, quais são os detalhes de Circe? — Ele não queria falar do massacre mais do que eu queria discutir Aric. — Ela é quem lutou com você fora do Forte Arcana?

— Sim, mas ela e eu chegamos a um entendimento desde então. Se estiver livre da influência de Paul ela vai tentar nos ajudar. Só precisamos encontrá-la.

— Ok. Pelo menos temos um plano — depois de hesitar um pouco, ele disse: — Tem uma coisa que eu preciso te contar...

Uma comoção na boca da caverna anunciou o retorno de Kentarch e Joules trazendo carne da leoa.

— Posso esperar — Jack murmurou para mim.

— Queríamos dar mais tempo para vocês conversarem — Kentarch colocou um espeto em cima da fogueira — mas a fome chama. — Assim que a leoa começou a assar, ele passou para cada um de nós um espeto com uma fatia de carne crua da cor de carne de porco.

Enquanto assávamos a carne nas chamas, minha atenção ia e voltava de Jack — *Ele está mesmo aqui comigo?* — para a carne. Minha boca ficou cheia d'água.

Joules inalou forte.

— Sente o cheiro, por favor. Espero que não atraia companhia. Esse aqui é o território de Richter, afinal.

Jack girou seu espeto.

— Qual foi a última vez que ele foi visto?

Eu disse:

— Há algumas semanas nos encontramos com ele e Zara. Ela é a Carta da Roda da Fortuna, e é piloto de helicóptero. Já cruzei com ela antes.

— Qual é o poder dela?

— Sorte. Ela consegue roubar a sorte só tocando. Estava a ponto de roubar a minha quando Lark e Aric me resgataram.

— Richter está atrás de depósitos de comida — falou Joules. — Tudo que eles não conseguem levar de volta para o esconderijo, eles incineram. Ninguém sabe o motivo.

Jack disse:

— Eu me perguntei por que os suprimentos tinham secado tanto nos últimos tempos.

— Imperatriz, conte a ele sobre o outro aliado de Richter! O velho Jack vai gostar disso. Gostar não, adorar.

Conforme eu relatava de forma relutante minha parceria com Sol, o músculo na mandíbula de Jack se contraía mais e mais.

— Deixa eu entender isso direito: ele fez Baggers *jantarem* você?

— Ele também salvou as nossas vidas de Zara e Richter.

Joules disse:

— Estávamos na caminhonete de Morte em modo de fuga. Sem saber que íamos direto para uma ponte explodida e com certeza teríamos morrido. Mas Sol fez os Baggers nos mostrarem outra rota. Você não viveu até ver um Bagger pedindo carona com o polegar.

Verdade.

— O senso de humor de Sol é uma das razões que eu gostei dele.

A expressão de Jack ficou sombria.

— E aposto que ele também gostou de você.

— Não dessa forma. Ele é bem paquerador, mas seu coração já tem dona. — Donos. A tragédia da vida amorosa dele só se equiparava à minha. — Além disso, eu estava tão louca para te salvar, que me comportei da pior maneira Imperatriz com ele.

Jack perguntou:

— Como sabe qual Bagger é... útil? Quais estão sob o controle de Sol?

— Não sei. A probabilidade maior é de não estarem. Ele só consegue ver por um número limitado deles, e só quando está acordado.

— Como Lark com as suas sentinelas animais.

— Exatamente — falei, mesmo se quisesse que Jack não precisasse virar um perito nesse mundo mortal para o qual eu o arrastei. *Insanidade Arcana*.

Joules indicou a carne assando com a cabeça.

— Parece boa. Vamos ver se a Imperatriz consegue não vomitar isso...

— Por ser uma carne tão exótica — acrescentei rápido.

Kentarch inclinou a cabeça para mim, provavelmente se perguntando por que eu ainda não confessei sobre o bebê.

Jack pegou o meu espeto da minha mão para soprá-lo antes de me devolver.

— Isso vai ter um gosto bom. Você também vai achar.

Dei minha primeira mordida averiguadora. Carne de leoa era uma mistura de porco e vaca.

— Não é ruim. — Enquanto Joules e Kentarch mastigavam, eles não tiravam os olhos de mim, como se esperassem que eu vomitasse.

Mas meu estômago recebeu muito bem aquela comida como se recebesse um amor há muito tempo perdido. Caí dentro, voraz.

Todos fizemos isso. Jack revirou os olhos de prazer. Joules tinha gordura espalhada na bochecha.

Regeneração disparou pelo meu corpo. Dores foram diminuindo enquanto me curava. Energia me enchia. *Carne de leoa; quem diria?*

— Outra rodada de espetos? — Joules perguntou.

— De modo algum — respondeu Kentarch. — Vamos guardar o resto. Se racionarmos, teremos carne por alguns dias.

Depois de nos servirmos umas três vezes, fiquei satisfeita e quentinha pela primeira vez em semanas. Jack estava aqui comigo e o futuro não era mais tão sombrio.

— Sua cor está voltando, *peekôn*. Incrível o que uma refeição pode fazer. Como estão seus poderes? Vamos, mostre pra mim.

Joules deu risada.

— Ê, Imperatriz, mostra algumas videiras pra gente — *Imbecil*. — Talvez uns morangos para a sobremesa?

— Meus poderes estão um pouco instáveis ultimamente. — Mudando de assunto, eu disse: — Matthew te disse onde me encontrar?

— *Non*. Eu sabia que você estava no castelo de Domīnija, mas ele se recusou a revelar a localização antes de dar o fora. Mas me deixou uma mensagem escrita na fuligem. Achei que se ele se deu ao trabalho de escrever algo, eu deveria decorar. — Limpando a garganta, Jack disse: — *O Flash ensinou a eles que todos os sonhos são pesadelos. Eles se tornaram maus sonhadores. Todos saudamos maus sonhadores como bons*.

— O que isso quer dizer? De quem ele está falando?

— Está perguntando pra mim? — Jack bebeu do cantil.

— Então para onde estava indo?

— Para o Azey do Norte.

— Para liderá-los? — Isso faria sentido. Mais uma vez como general deles, ele teria conseguido recrutar homens para ajudar a procurar por mim.

Ainda assim, ele negou com a cabeça.

— Eu só queria mostrar minha cara. Não desaparecer, como algum covarde.

— Espera um minuto. Não estava tentando me encontrar?

Jack esfregou a mão na nuca.

— Matthew me disse que você estava segura com Domīnija e a sua *grand-mère*. Eu queria que você seguisse com sua vida.

Não consegui respirar direito.

— Você ia me deixar acreditar que... que estava morto?

Kentarch se levantou.

— Vamos deixar que vocês falem em particular.

— Uma porra! — Falou Joules. — A gente já está para chegar na hora da pipoca.

Kentarch o agarrou pelo colarinho e o levou para fora.

Assim que ficamos a sós de novo, Jack disse:

— Eu ia te deixar viver em paz naquela fortaleza, a que Domīnija fez questão de descrever para mim, a com todos os confortos que eu nunca poderia te dar.

— Você lembra como falamos em sermos um time? Eu pedi que você não tomasse decisões por nós dois sozinho. Mas foi isso que você fez!

— Matthew me mostrou as visões de você logo após o massacre. Eu vi... não, eu vivenciei, o que você passou para me trazer de volta. Eu senti você se acabando por mim, e não podia deixar que isso acontecesse de novo.

Ele tinha me visto balançar o cadáver esquelético de Tess?

— Não cabia a você tomar essa decisão.

— Eu queria comida, abrigo e segurança para você. Só poderia te dar mais Cinzas. Inferno, achei que morreria logo de qualquer forma, então para que te fazer sofrer mais? Evie, você parecia estar dançando na ponta de uma faca.

Eu dancei.

— Coo-yôn me levou ao cemitério que você fez para mim e *pauvre défunte* Selenia. — *Pobre falecida*. — Ele me disse que você trilharia um caminho com Domīnija. Eu queria isso pra você, sem importar o quanto essa ideia me revirasse por dentro.

Jack me amava mais do que amava a própria vida. Eu sabia disso, mas nunca tinha ficado tão evidente quanto agora.

— Eu disse a Matthew para manter minha sobrevivência em segredo e me deixar enterrado.

— Bem, ele *não deixou*. Há mais de um mês ele me mandou uma mensagem da sua voz. Eu achei que você poderia... rezei para que tivesse sobrevivido.

— Do que inferno ele está brincando? — Então parecendo se acalmar, ele disse: — Sabendo o que eu sabia na época, ainda teria feito a mesma escolha.

Eu abri a boca.

— Como pode dizer isso?

— Antes do Enforcado, você deve ter vivido feliz com o Ceifador. Está usando o anel dele.

— Bloqueei uma parte do meu coração. — Amei Aric, mas meu amor deve ter sido abafado pela minha dor, pelo torniquete que usei para evitar que meu coração sangrasse. *Gira, aperta, constringe*. — Eu nunca consegui entregar o meu coração todo a ele... e ele sabia disso. Ele achava que meus poderes estavam sofrendo porque eu nunca me deixei passar pelo luto de perder você. — Prendendo o olhar de Jack, eu disse: — Eu escolhi *você*.

— E não devia ter escolhido! — Ele jogou uma pedra na fogueira. — Não entende? Você ia acabar com a Morte de todo jeito, ou ficando com o Ceifador ou morrendo aqui comigo.

— Estou aqui com você agora. Claro, você com certeza só está de passagem. Ao menos vou poder me despedir dessa vez.

Jack me olhou como se eu tivesse blasfemado.

— Eu não vou descansar até que você esteja segura e fora das Cinzas. O que significa fazer tudo que for preciso para te levar de volta ao castelo.

— Até tentar derrotar Morte?

Hesitação.

— Matthew me disse que o Ceifador salvou sua vida quando Richter atacou. Isso é verdade?

Eu assenti.

— Quando eu estava naquele buraco dos traficantes com medo de ter te matado, disse a mim mesmo que Domīnija era rápido e com sentidos fortes. Disse a mim mesmo que ele teria vindo te resgatar de

Richter. Acho que esse foi o único motivo para eu não ter enlouquecido lá embaixo.

— Ele me salvou sim. Eu estava indo na direção do fogo quando ele me pegou e me puxou de volta.

Jack vacilou.

— Estou dividido. Quero matar Domīnija por ter te machucado. Mas como posso se ele salvou a sua vida?

Também estou dividida. Estava irritada por Jack continuar a tomar decisões unilaterais, mas também percebi que Matthew o manipulou por motivos próprios. Jack devia ter estado doente e exausto — a confiança totalmente abalada pelo massacre — quando Matthew também desferiu outro golpe. Ainda assim...

— Você ia mesmo me deixar pensar que tinha morrido. Nunca mais iria me ver.

— Ser nobre é como levar uma facada no peito — ele passou os dedos pelo cabelo negro e espesso. — Eu queria fazer o certo com você, mas tudo que fiz foi te colocar de volta nas Cinzas. Deixei você com um homem que tentaria te matar poucos meses depois.

Um homem que tinha me engravidado — *e depois* tentado me matar.

— As coisas que fiz para te trazer de volta...

— Eu não podia te impedir, não podia me comunicar com você. Estava preso naquela mina.

Ele tinha razão. Eu exaleei incapaz de continuar sentindo raiva da escolha de Jack. Era um sacrifício nascido do amor. As ações de Matthew, contudo...

Trimmmmm. O telefone tocou do lado de fora.

Kentarch entrou correndo.

— É ele.

Joules estava bem atrás dele, faiscando de raiva.

— Eu tenho umas palavrinhas pra dizer para aquele filho da puta. E para o Enforcado.

Surpresa em sentir minhas garras coçarem, estalei:

— Deixe tocar — *Implorar, Aric? Implorar?*

Kentarch arqueou as sobrancelhas. O telefone eventualmente parou de tocar.

Depois... *Trimmmmmmm*. Aric não ia parar.

— Ah, tudo bem. Eu atendo — peguei o telefone e aceitei a ligação.

— Evie falando. Como posso ajudar?

A voz rouca de Aric veio da linha:

— Há quanto tempo sabe que ele vivia?

— Tive a primeira onda de esperança na noite que pegamos Finn. Matthew entrou em contato comigo. Meu nariz sangrou por causa da mensagem.

— E não sentiu a necessidade de revelar isso ao seu marido? Ainda mais evidência de que nossa relação não era o que você fingia ser.

— Planejei contar tudo depois que Paul fosse banido. Mas isso não importa. O que importa é que Jack está vivo, e que nos trouxe um banquete.

— Que mudança tremenda do seu comportamento de hoje mais cedo.

Minhas bochechas arderam ao me lembrar daquela ligação. Aric uma vez me chamou de deusa, disse que eu derrubei inimigos. Mesmo assim, eu tinha chorado que nem uma criança: *E-eu quero voltar para casa*.

— Desconsidere tudo o que eu disse antes.

— Apreciou o seu jantar então?

— E como! A companhia também.

— Fauna tinha orgulho daquela leoa. Você devorou a criatura simbólica dela, a fera que marca sua carta, seu próprio *tableau*.

— E estava *hum, hummm*, deliciosa! Por favor, agradeça a ela por nós. Eu só não sei o que ela fez para criar uma leoa de carne tão macia,

mas o sabor é excepcional — Joules deu risada. — Comida na estrada pode ser uma surpresa maravilhosa. Você deveria sair mais.

Ao fundo escutei lobos uivando. *Lark* uivar.

— Você enfurece a Rainha das Feras por conta e risco. Ela está te caçando neste exato momento.

— Ela já vem me caçando. Ela crê, erroneamente, que eu matei Finn.

— Ainda em negação, Imperatriz?

— Eu adoraria bater papo e receber mais porções do seu ódio, mas prefiro colocar o assunto em dia com Jack.

— Contou a ele sobre a sua prole fictícia? — Sua risada seca me deu arrepios.

— Planejo.

Jack falou:

— Diga a ele que estou prestes a ficar bem íntimo com a mulher dele. Se ele não gosta disso, então venha aqui fazer alguma coisa. Diga a ele pra parar de se esconder atrás dessa esfera *comme un lâche*. — Como um covarde.

Pude ouvir Aric esmagar alguma coisa. Ele *poderia* ser persuadido a sair daquele castelo?

— Oh, Morte não liga para o que eu faço. Ele renunciou a mim. Destruíu o anel que fiz para ele. Acho que agora estou solteira.

— O mortal corteja a própria ruína — Aric falou com os dentes cerrados. — Se o deseja tanto assim, arrancarei a cabeça dos dois com apenas um golpe.

— Vai precisar nos encontrar primeiro.

— Isso é justamente o que você quer. Não vai provocar uma ação de minha parte, Imperatriz.

Então para que comentar? Ele estava preocupado em ser provocado a fazer algo impensado? Um silêncio se estendeu entre nós. Enquanto eu me perguntava no que ele estava pensando, meu temperamento começou a se acalmar. Mesmo que eu tivesse me

alimentado e regenerado, minhas emoções ainda pareciam todas fora do lugar. Emoções na gravidez eram para ser malucas, certo?

Valeu, criança. A bênção que continuava abençoando.

Falei para os caras:

— Volto em um minuto. — Ignorando a testa franzida de Jack, saí da caverna para uma escuridão congelante.

— Escute, Aric — deixei a voz baixa. — Uma vez você me disse que desejava o impossível: eu ter te escolhido. Se vier atrás de mim agora — apertei os olhos com força — eu escolho você. — De alguma forma eu falei essas palavras, mesmo com meu peito doendo ante a ideia de ter que dizer adeus de novo a Jack.

Mas me comprometi com Aric. Nós íamos ter um filho, pelo amor de Deus.

Se Aric pudesse combater a influência do Enforcado tempo suficiente para nos dar uma chance, eu honraria aquele compromisso. Se não pudesse, ainda lutaria para libertá-lo.

— Nós começamos uma vida juntos e eu voltarei para ela, apesar do fato de Jack ter salvado a mim e ao seu filho. Apesar do fato de você ter tentado nos matar.

— Lembra-se quando eu disse que Morte era tudo que eu seria pra você? Usou seus poderes para me enfeitiçar, mas agora eu tenho novamente o controle das minhas faculdades. Todos os seus aliados cairão, como tiros contra minha armadura.

— Eu podia ter te matado, mas não matei. Lembra quando eu arranhei você, mas não injetei veneno? E quando o deixei inconsciente, mas não o machuquei?

— Tudo uma trama. Como sua avó aconselhou, você me manteve como protetor. Ainda assim agora eu serei sua ruína, Imperatriz. Como já fui duas vezes.

Fúria surgiu tão rapidamente que me pegou desprevenida. Eu temia que do mesmo jeito que me apaixonei por ele, eu deixaria de amá-lo e passaria a odiá-lo.

— Não, a não ser que venha atrás de mim. Ah, mas tem medo demais de me encarar. Que pena. — Pegando suas palavras emprestadas, eu disse: — Nosso jogo não tem graça se você é fraco. — *Desliguei.*

Reagrupando-me, voltei para a caverna. Três olhares questionadores me receberam.

— Eu tinha que desligar na cara dele.

Joules riu.

— Agora ele vai ferver de raiva.

O suficiente para vir me encontrar?

— Hoje a aliança de Paul está ganhando um pouco menos. Vamos continuar nossa viagem para a costa.



21

Dia 551 D.F.

Ainda na P#\$@#% no pé da montanha*

— É *assim* que você invoca Circe? — Jack perguntou com uma risada. Eu vinha chutando ondas e gritando pela costa de um lago de tamanho médio. — Achei que tinha algum tipo de ritual de invocação de Sacerdotisa ou coisa assim.

Minha garganta estava rouca, e eu sem fôlego. Tudo o que eu fazia era provocar ondas na superfície.

— Um mito comum.

Vínhamos dirigindo tarde da noite quando Joules tinha avistado água não muito longe da estrada. Embora estivéssemos indo mais rápido, continuávamos na base da montanha. O lago ficava em uma bacia de rochas, uma cratera com três lados altos.

Kentarch estava com os olhos turvos e não via a hora de parar. Neve caía intermitente, e ele teve que teletransportar a caminhonete por vários entulhos emperrados, o que sempre o enfraquecia.

Jack tinha oferecido pegar o volante, mas Kentarch recusou educadamente. Como Joules colocou:

— Ninguém dirige o Carro de Guerra a não ser o Carro de Guerra.

Ele e Kentarch estavam agora na cabine recuperando o sono.

Eu fiquei feliz por esse tempo a sós com Jack — mas agora não poderia mais adiar em contar sobre o bebê.

— Que tal a gente subir até aquele penhasco e jogar umas pedras de lá? — Perguntou Jack. A neve leve tinha diminuído, uma trilha cheia de pó branco subia pelo monte.

— Escalar? — Mesmo com toda a carne de leoa que comi, e não coloquei para fora, o meu nível de energia caiu da euforia inicial que eu senti. O sugador-de-recursos deixava meu corpo fraco.

— A não ser que queira descansar um pouco no carro?

Eu precisava passar um tempo fora da Besta.

— Não, vamos.

Quando começamos a subir a trilha, espiei a forma alta de Jack ao meu lado. Eu alguma vez me acostumaria em vê-lo? O dia todo eu sentia uma vontade de me beliscar. Sempre que ele me pegava olhando, ele piscava ou apertava a minha mão.

Ele estava vivo. Estava de novo comigo. Como sempre, eu me perguntei como ele reagiria à minha novidade. Ficava repetindo aquela noite na cabana de Finn quando ele me disse:

— Não tem nada que possa acontecer com você que a gente não possa superar.

Nós provamos aquilo várias e várias vezes.

Quando Jack e eu alcançamos o topo, sentamos na beirada com as pernas penduradas, da mesma forma que fizemos no velho moinho na noite do meu aniversário de dezesseis anos. O lago era lindo, rodeado de gelo, espelhando o céu iluminado por relâmpagos. Quanto tempo até que congelasse completamente?

— Parece que não te vejo faz horas — ele pegou a minha mão e aquela compatibilidade natural fluiu entre nós.

Deus, como senti falta disso.

— Esse cheirinho de madressilva, hein? — Ele me deu seu sorriso devasso, sexy como sempre. — Eu sou um homem feliz.

Não deveria parecer tão certo. Eu estava casada. De certa forma. Eu amava Aric. Sim, meu marido me queria morta e me decapitou em duas vidas, mas todas as relações tinham problemas, certo?

Por outro lado, minha respiração falhava toda vez que eu olhava para o rosto de Jack. Como eu podia querer reencontrar Aric de um jeito tão desesperador, e ao mesmo tempo desejar fugir com Jack?

Baixando os olhos para o meu rosto, ele perguntou:

— O que tá se passando por trás desses olhos lindos?

Eu limpei a garganta para revelar, mas amarelei.

— Você, hmm, parece estar se dando bem com o Carro de Guerra.

Mais cedo, Joules e eu tínhamos descansado na carroceria da caminhonete enquanto Jack e Kentarch estavam na frente, conversando com uma camaradagem fácil sobre armas, caça e modificações prováveis na Besta.

Pouco antes de eu adormecer, Kentarch disse a Jack:

— Eu sei o que todos pensam, que a minha esperança de que minha esposa continue viva é fútil. Mas você voltou dos mortos. Isso me faz acreditar ainda mais que irei encontrá-la.

— Eu voltei e encontrei uma situação diferente — Jack não fazia ideia do quanto. — Está preparado pra isso? — Eles ficaram calados, mas ambos perdidos em pensamento.

Agora, Jack disse:

— Eu gosto de Kentarch, mas não quero você sozinha com ele. Gabe ofereceu um acordo a ele: você por Issa.

Ai, merda.

— Eles estão com a mulher dele?

— *Non*, mas eu ficaria bem surpreso se eles não estivessem procurando por ela além de procurarem por você.

— Kentarch nunca se submeteria voluntariamente a ter a mente controlada.

— Ele não tem que se juntar à aliança; somente fazer a troca. Eu o respeito, mas também entendo seus motivos. Na situação dele, eu entregaria um Arcano que mal conheço por você. Num piscar de olhos.

Porque Jack era sempre leal — até demais. E mesmo assim eu escondia um segredo enorme dele.

— Vou ter cuidado com Kentarch.

Um aceno satisfeito.

— Então, sua *grand-mère* te ensinou sobre o jogo?

— Ensinou. Ela tinha as crônicas da Imperatriz — algo da minha infância que eu tinha esquecido completamente. — Fiquei sabendo que Matthew me matou no primeiro jogo. Eu formei uma aliança com ele e ele me traiu.

— *Coo-yôn*? Isso é uma brincadeira? — Quando eu neguei com a cabeça, ele disse: — Eu disse que eu mal o reconheci quando ele veio me resgatar. Minha visão estava turva, mas quando olhei pra ele, achei que estivesse vendo outra pessoa. Ele era como um *sosie*, um gêmeo do mal.

— Foi exatamente assim com Aric! Tinha tanto ódio nos seus olhos. Mas para ser justa, eu merecia muito daquele ódio. No passado, *eu* era a *sosie*; eu era tão ruim como se pode ser. Jack, e se eu ficar daquele jeito de novo? — Lembrei quando já cheguei a pensar *EU SOU a Bruxa Vermelha! Evie é um pedaço de mim!* — E se a minha essência for ruim?

Jack sacudiu a cabeça com firmeza.

— Nesta vida, você luta com força e sem cansar pelas pessoas que ama. Não existe culpa nisso.

— Infelizmente, não importa como sou neste jogo. Paul leu cada palavra das minhas crônicas, então agora ele consegue informar todo mundo telepaticamente do quanto ferrei com eles no passado. Sabe, minha avó ficou instável perto do fim, mas previu que Aric se voltaria contra mim, que todos eles se voltariam. Será que foi profético?

— Mas eles não *quiseram* se voltar contra você. Eles não tomaram a decisão de te trair. O Ceifador normalmente morreria por você, eu sempre contei com isso.

Eu arqueei uma sobrancelha:

— Jack, Aric pode não ter sofrido uma lavagem cerebral completa. Bem, pode não ter sido *apenas* a lavagem cerebral. — Expliquei o que

Paul me disse, sobre trabalhar com o que já existia. — Não acredito que o Enforcado possa fabricar tanta amargura e desconfiança. O ressentimento de Aric deve ter sempre existido.

Latente, como uma semente com um potencial terrível.

— Por mais que eu não queira dizer isso, eu sei que Morte te ama.

— Não o bastante para superar o controle de Paul.

— *Coo-yôn* te alertou sobre um Arcano tão poderoso assim? Um que não pudesse matar?

— Quando falamos sobre como identificar a carta inativa, ele me disse: "Não pergunte, se quiser saber." Talvez o que ele quis dizer foi para nunca perguntar a própria carta, considerando que Paul tem o poder de manipular a confiança. Ótimo conselho. — Eu não sentia falta nenhuma da conversa em código de Matthew.

Jack inclinou a cabeça.

— O que fez no jogo seguinte depois que *coo-yôn* te matou?

— Ele se arrependeu profundamente de suas ações e jurou nunca vencer novamente, então me aliei a ele, dizendo a mim mesma que me livraria dele no tempo certo. Mas isso nunca aconteceu. — Já que eu continuei morrendo. — Eu sempre me senti próxima a Matthew, mas talvez ele tenha me levado a sentir isso. — Mesmo que ele não pudesse manipular emoções, pelo menos era o que eu achava, ele pode ter afetado as minhas lembranças do passado. — Não sei como me sinto em relação a ele. Não consigo me decidir.

— Você não tem que decidir, não tem que saber como se sente. *Peekôn*, que tal a gente só chutar esse lata estrada abaixo?

Eu não consegui evitar sorrir.

— Senti sua falta, Jack.

Seu sorriso em resposta sumiu quando ele perguntou:

— Como era a vida de casada? Com Domīnija? — Ele olhou para o outro lado e atirou uma pedra.

— Ele tentou muito ser um bom marido e me fazer feliz, em alguns pontos, eu fui. — Estranhamente, o retorno de Jack deixou meus

sentimentos por Jack ainda mais pungentes. *Tudo* parecia mais forte, minhas emoções quase transbordavam. Finalmente, eu poderia soltar aquele torniquete. — Mas também fiquei devastada por ter perdido você.

— Eu vi sua reação na visão de Matthew — sua voz ficou agitada de emoção. — Eu sempre quis fazer a diferença, ter *importância*. Quando você fez aquele túmulo, eu me senti importante. De um jeito que nunca me senti antes.

— Nem com o seu exército e liderança?

— Nem ali — ele atirou outra pedra. — Antes do Flash, eu nunca achei que iriam... sentir minha falta.

— Deus, e como eu senti — engoli em seco. — Quando Aric soube o que fiz para trazer você de volta, ele ficou destruído. Eu não tinha só te escolhido, mas me recusei a aceitá-lo mesmo depois de você ter morrido.

— Mas eventualmente aceitou.

— Eventualmente.

— Como isso funcionou no jogo? Eu estava certo quando previ que Morte tinha um bode expiatório?

— Sim. — Intrigas Arcanas: um dos motivos de eu ter escolhido Jack e não Aric. — Ele estava indo deixar Lark vencer depois dele e eu termos passado uma vida longa juntos. Mas com Richter fechando o cerco, nós reavaliávamos as nossas chances de sobrevivência e decidimos por um feitiço de memória para que não nos matássemos nos jogos futuros. Agora tudo mudou. Vovó disse que a terra não voltará a ser o que era até o jogo acabar. E ela acreditava que o único jeito de acabar com isso é com todos nós, menos um, morrendo. Se isso for verdade...

— Morte e eu não devíamos mesmo ficar juntos. Esfreguei as têmporas.

— Richter provavelmente vai vencer mesmo.

— A gente não pode deixar isso acontecer, *bébé*.

— Aric e eu planejamos enfrentá-lo como heróis. E eu posso finalmente admitir que esse tipo de ideia de minha parte só surgiu por eu ter perdido *você* — agora eu estava grávida. Agora nada fazia sentido. — Algumas semanas atrás, Aric queria que eu falasse de

você. Fiquei preocupada de magoá-lo com as minhas lágrimas, então protelei.

Ele queria saber por que a neve me deixava triste e o que a fita vermelha significava. Eu a deixei na minha gaveta no castelo. Estava perdida para sempre?

Jack passou o braço em volta de mim.

— Eu voltei. Estou bem aqui.

Eu me apoiei nele, e por vários minutos ficamos ali aproveitando aquela tranquilidade. Então algo frio beijou minha bochecha. Um floco de neve. O primeiro de muitos.

Jack e eu levantamos os rostos para observar a neve. Pra variar, eu não tinha motivo para ficar triste.

Na noite que o perdi, estive a um segundo de expressar meus sentimentos. *Sem mais arrependimentos*. Eu me afastei para encará-lo.

— Quando saí a cavalo do Forte Arcana atrás de você, eu estava acabando de erguer o *walkie-talkie* para te dizer uma coisa quando aquele inferno aconteceu.

— O que era?

Engoli em seco.

— Eu amo você, Jack. Nunca pude te dizer essas três palavras.

Ele fechou brevemente os olhos como se quisesse saborear aquele momento.

— Esperei muito tempo pra ouvir isso.

— Achei que nunca teria a oportunidade de dizer.

Segurando meu olhar, ele tocou meu rosto.

— Eu sabia. Ouvi na sua voz naquela fita em que você conta sua história. Senti quando dormimos juntos. A tumba que você me fez removeu qualquer dúvida.

Ah, é. Eu entalhei *Eu te amo* ao fim do epitáfio.

— Então não é mais novidade, hein?

— Você dizer essas palavras me deu uma sensação deliciosa na alma. Eu queria ouvir isso pelo resto da vida, porque não tem jeito, Evie. *Je t'aimerai toujours*. — Com as sobancelhas próximas, ele se abaixou para me beijar, e eu queria aquele beijo.

Queria seu calor e segurança. Queria que meu coração batesse forte por algo diferente de pavor.

Seus lábios pressionaram os meus e aquele fogo entre nós ardeu quente como sempre. Canalizei minhas emoções — meu medo, a saudade dele, a felicidade por ele ainda estar vivo — naquele beijo.

Ele agarrou minha nuca me puxando mais perto até compartilharmos a respiração. Ele tomou meus gemidos com os lábios. Os dele vinham do peito e me fizeram apertar os dedos dos pés.

Deus, é tão bom beijá-lo. Senti tanto a falta dele. Meu Jack está vivo. Enfie os dedos no cabelo dele, franzindo a testa quando uma preocupação insistente se intrometeu no nosso beijo. O que é isso? Tem alguma coisa errada.

O anel.

Eu estava usando uma aliança de casamento que pertenceu à mãe de Aric. Interrompi o beijo.

— Espera. Não posso.

Ofegante, Jack disse:

— Me escute. Eu sei que também ama Domīnija. Sei que você ficou com ele. Não ligo. A gente ainda tem uma ligação.

Ela sobreviveria à minha revelação?

— Jack, tenho que te contar uma coisa.

— Eu também tenho.

Enquanto eu reunia minha coragem, dei sinal para que ele falasse primeiro.

— Depois de fugir dos traficantes, eu fiquei péssimo. Achei que a febre iria me matar com certeza. Matthew me arrastou para um banco de neve pra baixar a minha temperatura. Eu estava delirando, mas

Evie, juro que conseguia te tocar, sentir o teu cheiro. Eu conversei com você. Te toquei.

Meus olhos se arregalaram.

— Quando foi isso? Eu caí uma noite deitada na neve e imaginei te beijar!

Surpresa iluminou seu rosto.

— Eu imaginei cada floco de neve em seus lábios — ele absorveu minha expressão estupefata. — Nós temos uma ligação, Evangeline. Não podemos negar.

Eu sacudi a cabeça.

— Não nego. Então o que fazemos agora?

— Ainda acredito que a gente tem que colocar você naquele castelo. Mas e se não pudermos curar Domīnija da influência do Enforcado? Pode ser que ele nunca volte ao normal.

— O que está dizendo? Estamos falando em matar Aric? Por se for, essa conversa termina agora.

— Os seguidores alienados do Papa ainda querem se vingar de você mesmo depois da morte do bastardo.

Eu não tinha considerado isso.

— Pode ser que Morte sempre vá querer a sua cabeça, que sempre vá carregar aquele ódio. Estou dizendo que vou eliminar qualquer coisa que te ameçar.

— É mais complicado que isso. — *Como dizer aquilo?*— Jack, tem algo que você precisa saber.

— Pode me contar qualquer coisa — seu olhar firme me acalmou. — Nada que diga pode mudar o que eu sinto.

Aqui vai tudo de uma vez.

— Eu... a coisa é que... quando achei que você estava...

— Espera — ele colocou um dedo nos lábios.

Sussurrei:

— O que foi?

— Acho que escuto um Bagger. — Ele pulou de pé, depois me ajudou a levantar. Seu olhar procurava enquanto preparava a balestra. — Ali — ele apontou para uma pilha de pedras a pouca distância do mesmo penhasco.

— Ele se enterrou sozinho? — Sabíamos por experiência que eles gostavam de se enterrar.

— Meio que parece uma cova improvisada.

A pilha de pedras se ergueu e moveu, pedras deslizando para o lago. Uma mão esquelética surgiu. Depois outra.

— Vamos, Jack!

Ele mirou a flecha.

— Não até que eu o mate. — Naturalmente. *Jack e Baggers*.

Espera, a criatura estava acenando pra nós? Parecia quase estar nos mandando embora. Quando sua cabeça decomposta apareceu, a pele coberta de cinzas caiu dos ossos. Não dava para saber se era homem ou mulher.

Era minha imaginação ou o olho que restava ao Bagger parecia desesperado? *Espera*. Sol estava tentando se comunicar através da criatura!

— Não — bati no braço de Jack na mesma hora que ele puxou o gatilho. A flecha errou a cabeça do Bagger, acertando a garganta.

— Mas que inferno, Evie?

Eu passei por Jack me dirigindo ao zumbi:

— Hmm, Sol?

Um grunhido alto e um balanço de cabeça.

— Estamos com problemas?

Concordância de cabeça. Sinal de "vão embora".

— *Ããããã. Ao. Ao.*

— Vão?

CONCORDÂNCIA.

Eu me virei às pressas.

— Temos que correr, Jack!

Ele agarrou minha mão e descemos a trilha correndo.

— Kentarch! — Eu gritei. — Acorda!

Na metade do caminho para o nível do solo, Jack parou de vez, inclinando a cabeça. Com os olhos se arregalando, ele gritou:

— *LÁ VEM!*



Um assobio agudo sacudiu a noite quando uma trilha de luz e fumaça passou correndo pelo céu. Um míssil voava diretamente para a caminhonete. Kentarch e Joules ainda estavam na cabine!

— ACORDEM! — gritei novamente. Não tinha tempo para fugir. Eu precisava fechar os olhos, mas não podia desviar o olhar.

Pouco antes do impacto, a caminhonete *desapareceu*.

— Isso! Vai, Kentarch!

O míssil explodiu no lado da montanha.

— Se abaixa, Evie! — Jack me jogou no chão, cobrindo-me. Ele grunhiu quando pedras caíram em suas costas.

— Jack! Você está bem?

— Já estive melhor. Acho que a corda da minha balestra arrebentou.

— Pare de me cobrir — consegui falar debaixo dele, os ouvidos zumbindo. — Eu regenero, lembra? — Mas e o meu bebê?

Jack conseguiu se livrar das pedras, prendendo a balestra estragada no ombro. Ao me ajudar a levantar, um helicóptero apareceu na distância.

Não havia como confundir aquele helicóptero; o nariz dele estava pintado como a boca aberta de um dragão.

— Zara está aqui — a terra rugiu debaixo de nossos pés. — E Richter — tremores sempre anunciavam sua presença.

— Temos que atravessar a passagem antes deles bloquearem — Jack apontou para uma abertura estreita na beira do lago. — Consegue correr?

Eu assenti e corremos pela trilha de pedra. Mesmo que Jack mancasse, ele ia me puxando, praticamente me levando.

Nós acabamos de chegar à beira do lago quando vi uma luz flamejante subindo por aquela passagem. Engoli em seco.

— Oh, santo Deus.

Richter. O Rei do Inferno.

Em uns trinta metros, ele vinha em cima de uma onda de lava bem na nossa direção, bloqueando nossa única saída. Ainda mais alto que Jack, ele era um brutamontes sem pescoço, como Circe havia descrito. Fogo corria em volta do seu corpo nu, rodeando-o. Seus olhos minúsculos eram da cor vermelho-fogo.

Por que ele simplesmente não tinha nos bombardeado logo ou encheu aquela tigela de rocha com lava? Enquanto ele continuava a se aproximar, vi dois ícones em sua mão direita: uma lua de Selena e os triângulos sobrepostos dos Enamorados. Ele colheu o ícone deles da Arqueira — quando transformou minha amiga em cinzas.

Fúria me encheu, mas não senti a ressurreição de meus poderes. Eu tinha jurado substituir as risadas de Richter com gritos. Sonhei em torturá-lo. Onde estavam os meus poderes?

— Finalmente consegui conhecer a Imperatriz dos Arcanos — ele disse, a voz ressoando no eco da cratera.

Suando de calor, ergui as mãos, conseguindo fazer brotar algumas videiras desordenadas. Assim que alcançaram Richter, elas viraram cinzas. Com um grito recolhi as mãos. Meus esporos e tornado de espinhos simplesmente desintegrariam.

Richter deu um sorriso convencido.

— Isso é tudo o que tem, Imperatriz? Não me surpreende ter se escondido atrás das saias da Morte. Zara estava certa, você é a mais fraca de todos nós.

Jack me empurrou para trás de si.

— *Richter* — ele cuspiu o nome. — Você destruiu meu exército. Matou Selenia. Eu vou te matar bem devagar. — Ele tentou pegar a balestra... só pra desistir; deve ter se lembrado do arco danificado como eu.

— Me matar, é? Como chegaria perto pra isso? Sou forte e quente demais pra morrer.

A não ser que alguém o atacasse de longe. Para onde Kentarch e Joules tinham se teletransportado? Essa era uma oportunidade perfeita para atacar!

Jack teve a mesma ideia. Ele murmurou em Francês:

— Enrole. Dê tempo para que eles voltem.

Eu perguntei:

— Por que você está aqui, Richter? — O helicóptero de Zara tinha se afastado. Ela procurava algum local para aterrissar?

— Sol disse que você era bonita. Bonita não lhe faz justiça — aqueles olhos pequenos vagaram por mim. — E você regenera? Talvez possa sobreviver à minha *marca* especial de atenções. Alguns demoram mais do que os outros.

Vômito subiu para a minha garganta.

— Sol? — Eu tinha que fingir que odiava a Carta do Sol. — Onde está aquele covarde? Com medo demais para nos enfrentar?

— Ele ficou vigiando nosso refúgio com sua horda de Baggers. Quando se tem tanto quanto temos, é melhor ficar de olho — ele olhou para trás de nós. — E onde está seu aliado Morte? Problemas no paraíso?

— A caminho daqui para nos encontrar. Ele já o derrotou antes e derrotará outra vez. É melhor correr.

— Ele não vem — falou Richter, soando tão confiante que me perguntei se ele sabia de Paul. — Em nosso último encontro, você precisou de quatro Arcanos para te resgatar. Quem vai te salvar agora?

— O que você quer, Richter? — Circe disse que ele amava uma calamidade, mas tinha que haver mais. — Por que está destruindo os suprimentos de comida?

Ele deu de ombros, e um fio de chama subiu de cada um de seus ombros, indo para o ar.

— Por que o fogo queima? Porque ele consome para existir. *Eu* consumo para existir. Imperatriz, minha fome não tem fim, mas há muita coisa no mundo que o Flash não consumiu.

Ele incinerava as coisas para ficar forte?

— Por que machucar pessoas?

Um sorriso repulsivo se formou no seu rosto volumoso.

— Nada me satisfaz, mas corpos torrados é o que chega mais perto.

Eu apertei os punhos. Estava enfrentando outro Arcano que não respondia à razão, que continuaria matando a não ser que o impedíssemos.

— Você não me parece alguém que pensa muito, então serei bem clara. Mais cedo ou mais tarde, não terá mais o que queimar. E aí?

— Eu vencerei o jogo Arcano. Porque é isso o que sou, um vencedor. Quando o mundo voltar ao normal, eu fritarei tudo novo que aparecer.

— Então por que ainda estamos vivos?

Richter acenou na direção de Zara. O refletor dela varria o chão. Ela *estava* tentando pousar.

— Pouco antes de Zara roubar sua sorte, as criaturas de Fauna chegaram. Zara fica irritada quando não tem a sorte que quer. Ela vai consertar isso agora.

Jack falou entredentes:

— Então ela vai roubar a nossa sorte e depois você nos torra? — Bem como nos meus sonhos.

— Vou manter a Imperatriz viva por um tempo. Deixar que se recupere entre uma visita e outra.

Dois jogos atrás ele me torturou durante meses, queimando os meus membros que se regeneravam até finalmente tostar minha cabeça. Meu estômago revirou.

— Agora entendo o que é o inferno.

Como eu poderia impedir? Eu ficava ouvindo as palavras da minha avó: *Enquanto você não abraçar sua maldade, não terá chance contra o Imperador.*

O que mais ela me ensinou? Desesperada, sondei mentalmente a terra atrás de sementes enterradas.

Eu poderia despachar plantas no subsolo. Se eu as fizesse grossas o bastante, talvez elas pudessem alcançar Richter antes de queimarem.

Ali! Meus olhos se arregalaram. Detectei sementes bem fundas no solo, até mesmo debaixo da rocha — o que poderiam ser centenas e centenas de milhares de possíveis soldados. Elas eram antigas. Como abastecê-las?

— Inferno? — Richter queimou mais, o calor me deixando tonta. — Não devia me irritar. Meu temperamento é verdadeiramente explosivo...

— Ei, isso é por Selenia e Tess! — Do topo da parede da cratera, Joules lançava raios em Richter.

Seu braço se moveu num borrão quando ele arremessou cinco — não, dez — não *quinze* lanças. Elas caíram como chuva em cima do Imperador.

Mesmo assim Richter só curvou o peito. Nós nos preparamos para explosões que nunca aconteceram; as lanças *derreteram* como metal. Uma por uma, gosmas prateadas se juntaram à sua lava.

— Apareça, Torre! — Richter produziu uma terrível bola de fogo nas mãos. Enquanto ele procurava a localização de Joules, berrava: — Pare de ser um frouxo! — Mirando, Richter ficou tenso, prestes a jogar aquela bola de fogo...

Um rifle disparou do lado oposto da cratera. Kentarch! Três disparos barulhentos soaram.

Por favor, Deus, que isso funcione.

A alguns centímetros da pele de Richter, aquelas balas se transformaram em um trio de fumaças. As balas simplesmente desintegraram.

Jack sussurrou:

— *Jesus*.

De repente avistei Kentarch no ar *acima* da cratera. Ele estava se teletransportando de um lado para o outro — com uma rocha do tamanho de um carro. O Imperador poderia ser esmagado? Na metade do caminho, Kentarch a derrubou em cima dele.

Prendi o fôlego.

Chamas irradiaram do corpo de Richter. Ainda mais fumaça emergiu ao redor dele quando a rocha se transformou em lava. Ele saudou Kentarch.

— Valeu pela cobertura, idiota.

O calor... era demais. Por que o Imperador não estava enfraquecendo? Arfando, eu fitei a lava borbulhando à nossa volta. O tempo pareceu desacelerar enquanto minha mente lutava para processar a cena.

Pela primeira vez, *eu* podia ver o futuro. Quando Richter ganhasse, ele lideraria o inferno na terra. Fogo e enxofre. Lava e fumaça. O mundo inteiro teria essa aparência.

Um escape do inferno.

Jack tropeçou, mal conseguindo me manter de pé.

Eu disse a ele:

— Temos que chegar na água.

— *Non*. Ela vai ferver.

O gelo já não existia; vapor saía da superfície.

Através de uma névoa, avistei Kentarch e Joules na beira da cratera. Kentarch estava ensopado de suor, seu contorno vacilando. Mover aquela caminhonete e rocha o enfraqueceram.

Até os Arcanos capazes de atacarem de longe não eram mais ameaças.

O helicóptero subiu às pressas. Em uma neblina de flashes, uma das metralhadoras de Zara cuspiu balas, comendo a rocha em uma trilha até Kentarch e Joules.

Eles não tinham escolha a não ser correr. Enquanto fugiam, Joules atirou quatro raios nela. Eles aceleraram pelo ar.

Ela inclinou a aeronave, mas jamais conseguiria evitar um golpe direto...

Raios caíram do céu batendo nos dardos, tirando cada um deles do curso. As armas da Torre passaram inofensivamente pelo helicóptero.

Golpe da mais louca sorte.

Ele urrou sem acreditar. Antes de poder atirar outro raio, Zara ativou uma segunda metralhadora, disparando contra ele e Kentarch. Eles não tinham para onde correr, só arriscar uma queda enorme.

Kentarch agarrou o braço de Joules e tentou teletransportar, mas eles não desapareceram. Zara disparou uma enxurrada de balas. Pouco antes da primeira onda os atingir, Kentarch ficou intangível, fantasmeando ele e Joules.

Um segundo passou. Outro. Como eles conseguiriam continuar com aquilo?

Click, click, click. Ela ficou sem munição!

Mas a última bala ricocheteou uma pedra. Kentarch oscilou; a pedra caiu nele bem naquele instante.

Ele gritou e eles caíram pela beirada da cratera, fora de vista. Eles sobreviveriam à queda?

Eu me virei para Richter, ameaças morrendo na língua. Ele tinha chegado mais perto como uma cobra durante o ataque de Zara.

Ondas de tontura me golpearam. Com suor ardendo os olhos, implorei que a Bruxa Vermelha despertasse.

— *Jack...* — Ele apertou minha mão enquanto um fogo do inferno nos cercava. *Fique consciente. Fique consciente.*

Aquele monstro já tinha me tomado Jack uma vez antes. Eu estava prestes a permitir que me tomasse de novo?

— Agora, onde estávamos? — Perguntou Richter. — Ah sim, eu estava dizendo que todo Imperador tem a sua Imperatriz. O que significa que você é minha.

Esperei que Jack me dissesse que aquele não era o fim. Que nós venceríamos de alguma forma. Em vez disso, ele pegou a sua faca *Bowie* de caça e murmurou em Francês:

— Não vou deixar que ele te leve viva.



— Hora de se livrar do peso morto. — Quando Richter se virou para encarar Jack, ele cometeu um erro.

O Imperador... riu.

Saltei de pé, parando a mão de Jack. Aquele som odioso tinha permeado meus pesadelos. Era um gatilho, ativando algo sombrio e primitivo dentro de mim.

Ira se desdobrou como uma flor brotando, logo tão alta quanto um carvalho. Minha visão ficou borrada. Meus glifos brilharam. A Bruxa Vermelha acordou. *Abraçar a minha maldade, vovó?*

Ácido correu pelas minhas veias.

Invoquei aquelas sementes antigas, meu corpo tremendo com prontidão. Novas pétalas caíram do meu cabelo avermelhado.

Continue rindo. Quando a Bruxa Vermelha gritou pedindo sangue, eu abasteci as legiões de sementes com o meu interior, o poder tão farto como nunca estive desde que fiz o túmulo de Jack.

Reconhecimento me bateu. O torniquete em volta do meu coração não tinha *emudecido* minha raiva e dor, ele só funcionou como uma *represa*.

Enquanto minhas legiões cresciam e começaram a forçar caminho para a superfície, uma vibração forte sacudiu o chão, como se a terra tivesse grunhido. Um tremor feito por mim.

— Venha, Richter — minha voz ficou ofegante. — Toque...

Não cheguei a terminar a frase, porque tive um vislumbre de algo tão horrendo que os meus pulmões se fecharam.

A verdadeira profundidade do meu poder.

Havia um buraco negro de ira com a boca escancarada dentro de mim. Um poço sem fundo de fúria.

Outro tremor. *Meu.*

A risada de Richter vacilou quando ele se moveu para manter o equilíbrio. Seus olhos arregalaram brevemente, depois se estreitaram em mim, como se perguntando: *Isso foi você?*

Jack murmurou:

— Evie?

Poder é o meu fardo. Ele transborda de um poço sem fundo.

Se eu algum dia chegasse perto de encostar naquele poço, deixaria efeitos colaterais para todo lado — como Richter com suas tempestades de fogo? Eu amaldiçoaria o mundo como Deméter?

Uma exibição de poder sempre tinha seu custo em um Arcano. Se eu liberasse a medida completa das minhas habilidades, meu corpo iria se exaurir?

Como o de Tess?

Richter sacudiu a cabeça, como se tivesse acabado de imaginar aqueles terremotos. Afinal, eu só era uma garotinha fraca. Aquela força não poderia ter se originado de mim.

— Venha em paz com a gente, Imperatriz, e viva por um tempo.

Exatamente como eu, Richter também possuía um poço de ira. Aquelas sementes tiveram sua tumba debaixo daquela rocha; talvez eu e o Imperador já tivéssemos travado uma batalha há séculos, ou os deuses que representávamos.

Se eu equiparasse a minha raiva à de Richter... *nós somos a opção nuclear. Ninguém vence.*

Em todas as minhas batalhas, nunca senti mais medo que agora. Não de Richter.

Eu temia a mim mesma.

Tinha acabado de recuar da minha conexão com aquelas sementes, quando algo foi subindo pela minha espinha. Sibilando, como uma serpente gigante.

Richter estava agora com a atenção atrás de nós? Seu sorriso nojento sumiu quando ele foi erguendo a cabeça. E erguendo mais.

Uma gota de água escaldante caiu no meu pescoço. Olhei por cima do ombro para a onda enorme que se formava.

— *Circe*.

Jack soltou um palavrão em voz baixa.

— Não, ela vai nos proteger — eu esperava que sim.

A bola de fogo de Richter flutuava acima de sua palma.

— Quer um pouco disso, puta da água?

A voz de Circe soou da onda:

— É *Senhora Puta da Água* pra você. — Seu tom pareceria friamente insolente para os outros, mas eu conseguia detectar sua fadiga. — Corra agora, incendiário. Não estou com humor para o seu comportamento infantil hoje.

— Não quer lutar comigo? Com muito medo?

Ela suspirou com tédio.

— Hmm. Eu provavelmente deveria te afogar. Mas por outro lado, minha diversão seria interrompida antes da hora. Você começa seus incêndios por prazer, eu me deleito em apagá-los. Igual como fiz quando você massacrou aquele exército.

— Eu fervei metade da sua onda.

— E eu transformei *toda* sua lava em rocha. — A parede de água foi arqueando acima de nossas cabeças na direção dele, como se ela estivesse querendo ficar cara a cara com o Imperador. — Sabia que eu consigo *sentir* os gritos das minhas vítimas das profundezas? Elas sempre gritam pouco antes de eu substituir o ar em seus pulmões... por *mim*. Me diga, garotinho, por quem você vai gritar?

Os olhos vermelhos dele vasculharam a parede dela novamente, medindo sua força.

— Você vai ter o que merece, Sacerdotisa. Meus inimigos sempre têm. — Sinalizando para Zara, ele se virou para sair em cima daquela corrente de lava. Ela ondulou como uma cobra pelo chão, deixando uma cicatriz de queimadura.

O helicóptero desviou da rota por um segundo antes de inclinar para seguir a direção de Richter.

Por cima do ombro, ele falou:

— Virei atrás de você, Imperatriz — sua risada ecoou. — Em breve será a sua vez!

Assim que eles se foram, eu gritei:

— Por que não o matou, Circe?

Sua onda recuou, balançou e caiu sobre o leito do lago. Uma onda quente bateu em mim e em Jack nos derrubando. Ele teve que se segurar em mim até a água assentar.

Quando ele me ajudou a levantar, cuspi e soltei um palavrão.

— Com aliados assim...

Circe torceu o nariz:

— Não há de quê por salvar suas vidas. — Uma pequena coluna de água se ergueu e então se transformou em uma expansão plana, uma janela para o seu templo onde ela estava sentada em um trono de coral.

Nas poucas ocasiões que eu a vi pela janela, ela sempre parecia estar perfeitamente composta e calma. Agora seu cabelo negro comprido estava cheio de nós, os olhos castanhos amarelados atormentados. Seus trajes de espuma do mar pareciam tortos, e ela segurava o tridente com uma mão trêmula.

Jack piscou ante a visão dela, depois disse:

— Você pode ter nos salvado hoje, mas agora Evie está na mira. — Se ele ficou chocado com a janela de água de Circe, ele logo se recuperou. Mais loucuras Arcanas com as quais ele nunca deveria ter que lidar.

— Ora, se não é o Caçador, General Jack Deveaux — seu sotaque da ilha mais pronunciado que o normal. — Eu vigiei seu forte por um tempo.

— Não o bastante.

— Estava ocupada vingando seu exército. Falando nisso, você não deveria estar morto com eles?

Tique, tique, tique fez aquele músculo da mandíbula.

— Calma Jack.

— Respondendo sua resposta, Evie Greene, eu não tentei matar Richter porque estou fraca, o que significa que meu controle está sofrendo. Eu não queria que vocês cozinhassem nem se afogassem. Bem, não *você*, especialmente. Seu bebê.

Girei a cabeça na direção de Jack.

Ele abriu a boca.

— Você está *grávida*?

— Ele não sabia do meu afilhado? — O riso contido de Circe se transformou numa tosse.

— E-eu estava prestes a contar pra ele — entrelacei os dedos. *O que dizer?* — Jack...

Angústia e perplexidade travaram guerra em seus olhos cinza.

— Vocês dois discutam isso depois — disse Circe. — O Imperador pode retornar e eu só aguento certo tempo. — Para Jack, ela disse: — Eu gostaria de falar a sós com a Imperatriz. É melhor você ir ver como estão os outros.

Jack piscou rapidamente, como se readquirisse os sentidos. Ele olhou entre mim e Circe.

— Vai ficar segura com ela?

— Relaxa, Caçador — disse Circe. — Se eu quisesse a Imperatriz morta, ela já estaria. Há meses que tenho minha corda aquática em volta do pescoço dela, mas nunca agi.

Ele olhou para o meu rosto, depois na direção da minha barriga.

— Eu volto.

— Tenha cuidado — falei quando ele começou a atravessar a passagem.

Choque me abalou. Tínhamos acabado de enfrentar Richter — fumaça ainda saía de lava espalhada — e agora Jack sabia do meu segredo.

Mas eu aprendi sobre mais um: o potencial do meu poder devastador. Eu vim bancando a anfitriã para um ódio sem limites esse tempo todo.

Tinha mesmo me preocupado com a falta de sol ou com o contágio de Bagger minando meu poder? Nada poderia miná-lo.

Nada a não ser *eu*. Aric estava certo: sufoquei meus sentimentos de uma maneira tão completa que enfraqueci minhas habilidades.

— Ops — disse Circe. — Você realmente deveria ter contado a ele.

Eu ainda estava olhando na direção dele.

— Vou acabar matando-o antes que tudo seja dito.

— Com vilões como Richter por perto, sim. A não ser que o Imperador também enfraqueça. Eventualmente, aquele incendiariozinho vai ficar sem combustível.

Como corpos torrados. Estremeci.

No passado, Morte tinha esperado para atacar quando o Imperador se esgotou. Mas agora Richter parecia estar apenas se aquecendo.

— Mas você não estava invocando a Grande Sacerdotisa para ajudar com Richter. Ainda não. Você quer derrotar o Enforcado. Pressenti a ativação dele no castelo.

Meu olhar se voltou para Circe. Eu precisava deles em Jack, mas esperei semanas para falar com essa mulher. Ela era a chave do meu futuro, a aliada que acabou de salvar nossas vidas.

— Sim. Ele envenenou Finn e inverteu as outras cartas.

— O *chamado do mal*.

Eu franzi a testa.

— Minha avó falou disso.

— Todos nós corremos o risco das nossas cartas inverterem. Qualquer emoção incontrollável pode reverter um Arcano. Fúria, dor, tristeza. Lembre-se, o *tableau* dos Enamorados era reverso.

Matthew os descreveu como *reversos, perversos*.

— Já senti fúria, mas não sucumbi ao chamado do mal. — Então o que aconteceria se eu mexesse no meu poço de ira? Toda vez que invocada os meus dons de Imperatriz, eu brincava com uma força primitiva... e não tinha ideia do custo. — Depois do massacre de Richter, eu quase perdi a cabeça.

— Mas *não perdeu*. O inverso vem quando você *perde*. Ou então o Enforcado consegue inverter uma carta só com o pensamento. — Ante a minha expressão exasperada, ela disse: — O chamado do mal existe sem o Enforcado, mas o Enforcado não existe sem o chamado do mal.

Agora que esclarecemos essa parte...

— Por que Paul não conseguiu me inverter? Eu posso ser imune à lavagem cerebral, mas esse não é o seu único poder.

Ela olhou para a minha barriga.

— O Enforcado não consegue controlar mortais. Talvez seu filho tenha te protegido.

O ar me deixou. Meus pensamentos sobre aquele bebê eram tão conflitantes quanto sempre. Eu não sentia muita vontade de protegê-lo. Mas talvez ele tivesse me protegido?

— Paul me disse que não poderia fazer Aric e Lark me odiarem sem que eles já tivessem uma predisposição para isso. Isso é verdade?

— O que você quer saber é se o Enforcado pode plantar uma árvore onde não existe solo. Não posso dizer com certeza.

— A raiva de Aric no passado *era* real — mais uma vez, que tipo de futuro teríamos?

— Claramente — ela ergueu um ombro magro. — Já que a minha é.

Apertei os lábios.

— Ele pode ser salvo ou não? — E se a influência de Paul durasse mesmo depois que o matasse? Aric poderia *já* estar perdido para sempre.

— Muito pouco se sabe sobre o Enforcado, mas creio que a sua morte colocará um fim na sua esfera. Sem ela, ele não exerce influência.

— Sua morte? Só um problema: ele é invencível até onde sei.

— Verdade. Ele não pode ser ferido pela maioria das armas. Para ganhar uma carta assim é preciso mais do que balas ou facas. — Ou garras. — Recordo que ele tem uma fraqueza com relação a uma arma específica, mas não me lembro qual é. Eu andei pesquisando.

Eu tirei o cabelo do rosto.

— Talvez você possa usar algum tipo de feitiço para localizar isso?

— Talvez. Este templo é o meu livro de feitiços, as paredes são cobertas com encantamentos, todos escritos em letras minúsculas. Eu não comi nem dormi, ocupada demais lendo todas as palavras.

— Qual é o tamanho do seu templo?

Ela se levantou do trono.

— Vasto. — A janela de água a seguiu enquanto ela vagava por uma passagem iluminada por tochas. Eu conseguia ouvir tentáculos deslizando, mas não conseguia ver abaixo da sua cintura. Quando ela entrou em outro cômodo, um chão de ladrilho se fechou em volta dela.

Impaciência me consumia — por que Jack ainda não tinha voltado? — mas senti que estava prestes a obter uma revelação de Circe.

Ela parou ao lado de uma parede para traçar os dedos por uma seção de texto escrito em uma língua estrangeira, e a luz do fogo iluminou uma barbatana no braço. Ela estava ficando mais como uma sereia, como Lark estava ficando mais animalesca?

Eu vi Circe em minhas memórias de jogos passados. Ela parecia uma garota normal, com o corpo modificado por algumas escamas. Agora ela podia ter tentáculos em vez de pernas.

— Circe, o que está acontecendo com você? Seu corpo está mudando?

— Talvez eu seja mais eu em meu templo. Talvez esteja me tornando o que realmente sou a cada dia que passo aqui embaixo.

— O que isso quer dizer?

— Eu me sinto tão cansada, Evie Greene. O frio me dói os ossos. Invasores reclamam o meu domínio como deles. Eles poluem todos os meus átomos. Ouço *muito* o que dizem. *Um pouco* do que você diz. *Nada* do que minhas correntes suspiram. Os invasores não me trazem presentes apropriados.

— Como assim? Que presentes? — Circe conversando em código? Mas eu não tinha feito o mesmo ao telefone com Aric? Ele me disse: O que diz não está fazendo sentido, Imperatriz.

— Se eu recebesse um sacrifício adequado, um cuja falta seria imensa, eu poderia ver mais além, poderia readquirir minha força e controle do meu elemento. — Revelando mais de seu domínio do que nunca, ela entrou em outro cômodo. Dentro havia uma mesa de pedra entalhada com símbolos de tridente e manchada com sangue. Aquilo era um altar de sacrifícios?

De jeito nenhum.

— Ogen costumava exigir sacrifícios.

— A Carta do Diabo queria poder. Exatamente como eu — aqueles tentáculos voltaram a deslizar. — Eu *sou* uma Sacerdotisa, sabe. Espera que não tenha rituais de sangue?

E pensar em fazer dela a madrinha do meu filho. Estava mais para deusa-madrinha. O que me lembrava...

— Há pouco você disse afilhado. Por que acha que estou grávida de um menino?

— Porque sou uma feiticeira poderosa e sei das coisas.

Ah. Então Aric teria um filho. Minha mão foi para a barriga, mas tudo que eu sentia era conflito.

— Por falar nisso, Imperatriz, eu realmente comi o tigre de Fauna, um cuja falta ela sentirá muito, e estava delicioso.

Eu murmurei:

— Nós comemos a leoa dela.

— Bravo! E meu aliado Kentarch matou seu urso. Leoas, e tigres e...

— Não. Não continue.

— Tudo bem — ela resmungou. — Você era mais divertida em vidas passadas.

Olhei para trás dela. Mosaicos cobriam as paredes, desenhos de ondas gigantescas destruindo portos e monstros devorando navios.

— Você controlou esses monstros no passado?

Ela riu.

— Claro que não, Imperatriz. Eu *era* o monstro. O terror das profundezas.

Que maravilha.

— Todos que ouvem o meu chamado temerão meus poderes catastróficos.

Por que isso parecia tão familiar?

— Conversamos sobre isso em um jogo anterior?

— Hmm — seu olhar foi perdendo o foco e ela oscilou. — Muita atividade na costa. Eu fiquei longe por muito tempo. O naípe que não sabia onde estava está bem aqui.

— Um naípe? Eu não entendo. — Eu estava assustada e exausta, e precisava saber se Jack e os nossos amigos estavam bem. — Droga, só me diga o que fazer.

Sem resposta.

— Circe, me dê uma ideia de quanto tempo vai levar para que eu possa enfrentar Paul. Ele já matou um dos nossos aliados. O que vai impedi-lo de matar mais um?

— Eu não sei. Também tenho tempo limitado. Todos os meus corpos estão congelando. Estou passando fome aqui embaixo. Talvez possa descobrir um modo. Mas se isso continuar, eu morrerei. Ir para terra firme pode ser a minha única esperança.

— Que tipo de esperança é essa? Você sempre *morre* quando vem para terra firme.

Circe me encarou com um meio sorriso irônico.

— Quanta preocupação, Evie Greene. Assim você aquece até os mariscos do meu coração de gelo.

Jack a chamou de longe.

— Precisamos de ajuda aqui.

O sorriso dela diminuiu.

— Vá até eles.

— Como acho você de novo?

— Como com todas as coisas, você descobrirá as respostas que precisa na costa. Espere por mim lá.

— Onde, especificamente?

— Vá para a costa mais próxima. Depois prossiga — sua voz sumiu e sua janela de água afundou no lago.

— Argh. Isso não faz sentido! — Eu corri pela passagem, depois fiz a volta para o outro lado da cratera. Lá o fogo ainda queimava, a fumaça ardendo meus olhos.

Joules apareceu.

— Vou pegar curativos na caminhonete — ele estava todo coberto de sangue e tinha uma expressão de puro choque.

— De quem é esse sangue?

— Tarch se feriu. Feio.

Eu corri passando por ele e encontrei Jack ajoelhado ao lado de Kentarch. O Carro de Guerra estava sentado escorado em uma pedra, segurando o braço. Fitando o nada, ele não demonstrava emoção.

Sangue cobria o chão, tinha esguichado no rosto de Jack. Ele usou o cinto para fazer um torniquete no antebraço de Kentarch.

— Evie, pode dar alguma coisa a ele para ajudar com a dor?

— Claro. O que aconteceu? — Esfreguei os olhos, tentando ver o ferimento entre toda a fumaça

Jack se levantou, depois foi para uma pequena fogueira. Sua faca estava esquentando nas chamas, a lâmina vermelha de tão quente.

— A gente vai ter que cauterizar o ferimento.

Eu me virei para o Carro de Guerra e finalmente vi. Fiquei sem ar.

Sua mão direita não existia mais.



Jack dirigiu a *Besta* num ritmo furioso.

Kentarch estava desmaiado de costas, murmurando em seu sono.

Antes de Jack selar sua ferida, o Carro despertou tempo suficiente para dizer os códigos da *Besta* para Jack e *recusar* minhas plantas medicinais.

Não importa. Eu injetei-lhe uma dose generosa, dizendo:

— Pense em Issa. Pense em tempos melhores por vir.

Ele olhou para mim com a alma nos olhos.

— Você me matou? Como fez antes? — Mesmo depois de toda a merda que tínhamos passado juntos, ele ainda me considerava fria o suficiente para envenená-lo...

Dei uma olhada para o perfil forte de Jack. Minhas emoções estavam ficando sombrias, enrolando-se dentro de mim. Fiquei horrorizada com o que aconteceu com Kentarch e assustada até minha medula pelo que eu tinha vislumbrado.

Jack apertou o volante com dedos brancos. O que devia estar pensando de tudo? Temia sua reação à minha gravidez.

Joules perguntou:

— O que deu ao Tarch?

— Um analgésico sedativo de ferida. Quer um pouco?

Ele parecia preocupado-ferido-céptico.

— Por que a Sacerdotisa não *tsunamisou* Richter?

Debati se revelava a verdade. Mas qual o objetivo de fingir?

— Ela está fraca. Mal conseguiu fazer frente para assustar o Imperador —perguntei a mim mesma como um poço de ira iria afetá-la.

— Isso é fantástico! Como podemos lutar contra eles? O Imperador é imune a... a *tudo*. E Zara? Quais são as chances de que o relâmpago, meu próprio elemento, acabaria por salvá-la?

— Coincidências anormais são seu poder. Mas deve ter se esgotado por agora. — Infelizmente, eles só iriam caçar sobreviventes para se reabastecerem.

— Esgotado? Não antes do poder dela fazer isso — Joules acenou para o braço de Kentarch. — Quais são as chances que um pedaço de pedra plana pudesse cortar de forma limpa sua mão da arma?

Jack disse:

— Neste momento, estou mais preocupado com o fato de nos encontrarem novamente. Sol deve ter sido quem nos apontou.

Joules bufou.

— Tanto por um homem lá dentro, Imperatriz.

— Ei, ele usou um Bagger para nos alertar sobre a abordagem de Richter, ok? E então nós os avisamos. Então, se não fosse Sol, teria sido um dos mísseis de Zara na sua *bunda*. Em todo caso, tenho certeza que ele tem que ajudá-los. Só o mantém vivo enquanto for útil para eles, o que ele deve saber.

Joules perguntou:

— O que Circe falou sobre o Enforcado?

Como dizer isso sem esmagar toda a esperança deles?

— Ela está pesquisando uma arma para matá-lo. Disse para irmos pra costa e esperar por ela falar com a gente — quase isso. — Também estaremos mais seguros de Richter ali, mais perto das grandes águas. Assim que ela tiver um plano, entrará em contato conosco. — Mas com sua taxa de deterioração, seria cada vez menos ajuda?

— Onde na costa? — Joules queria saber.

Não tenho ideia. Pensei que deveríamos continuar nossa direção para o Outer Banks.

— Vou saber mais quando chegarmos lá.

— Grandes instruções, Imperatriz. É melhor ligar isso ao GPS — ele riu sem humor. — Talvez eu não devesse estar trabalhando para resgatar ninguém do Enforcado. Se Jack e eu salvarmos a Morte, então nós nos sacrificamos às Cinzas, e Gabe também. O Ceifador nunca compartilhará seus recursos conosco.

— Joules, prometo a você que se me ajudar Aric irá recompensá-lo. Ele lhe dará uma condecoração.

— Não posso comer uma medalha. Só quero aquele bacon que nós sentimos o cheiro. Inferno, pelo menos Gabe tem comida e abrigo quente agora. Ele está prosperando lá.

Jack disse:

— Gabe está vivendo com uma espada sobre seu pescoço. Só sobrevive enquanto o Enforcado disser. E quem Paul vai eliminar primeiro quando os suprimentos alimentares diminuïrem? — O olhar de Jack deslizou para mim. Ambos sabïamos que Aric montou o castelo para sustentar pessoas por dïcadas.

Enquanto os geradores tivessem combustïvel, o Ceifador poderia usar essas luzes solares para cultivar vegetais e animais. Sïculos de planejamento montaram sua casa. Tudo para ele.

Eu disse:

— Olha, a conclusïo é que Aric é o ùnico Arcano vivo que sabe como matar Richter. Me entenda: salvar Morte pode significar salvar o mundo.

O olhar de Joules escureceu até que eu pude quase ouvir seus pensamentos: *nada de bom vem da Morte*.

— A pior viagem de estrada em que jï estive — ele murmurou, encostado na porta — vou tirar um cochilo. Me acordem quando tiver ainda mais diversïo.

Como podia dormir num momento como este? Logo seus roncos suaves soavam atrï, efetivamente deixando eu e Jack sozinhos.

Toquei seu braço.

— Eu sei que tudo isso é... muito.

Quando os mïsculos de Jack se esticaram debaixo da minha palma, puxei minha mïo de volta.

— Por favor, fale comigo. Preciso ouvir como estï se sentindo sobre tudo isso.

Ele tirou o olho rïpido da estrada.

— Nï sei. Confuso. Imaginei uma criança se juntando a nï quando estivïssemos mais velhos. Agora é sua e de Domïnija — ele apertou brevemente os olhos, como se o pensamento trouxesse nova dor. — Vocï dois fizeram isso de propïsito?

— Nunca! Paul me deu uma injeçïo de anticoncepcional, ou foi o que pensei. Disse a ele que nï queria ter uma criança num mundo como este. E jï disse a Aric que sou muito jovem.

— Domïnija queria que vocï tivesse seu bebï?

— Sim. *Nïo*. Primeiro sim, mas depois mudou de ideia. Ainda assim, depois de descobrir, ficou feliz. Acha que poderia descarrilar o

jogo. Além disso, simplesmente quer uma família. Até hoje sente falta da dele.

— Conte-me sobre isso — Jack sempre sentiria falta de sua amada mãe e sua irmã Clotile. — E se o Ceifador conspirou com o Enforcado? E se armaram?

— Não, não acredito nisso. Confio em Aric. Ou *confiei* nele — o olhar de fúria da Morte atormentava minhas lembranças. — Estou muito confusa também.

— Como ele pôde atacar você e seu filho?

— Paul o convenceu que menti sobre a gravidez. Agora Aric me odeia por “enganá-lo” por acreditar nisso por um tempo.

— Vou matar esse médico.

— Não se eu chegar a ele primeiro. Eu o quis morto desde que soube que estava grávida.

O olhar de Jack caiu no meu estômago antes de voltar para a estrada.

— De quanto tempo está? As mulheres às vezes perdem bebês.

— Mais de três meses, acho. Tenho a sensação de que este está aqui para ficar.

— Você não parece muito feliz com isso.

— Acho que ter um bebê é a coisa mais louca que alguém poderia fazer durante um apocalipse, ainda mais durante um jogo mortal. Na melhor das hipóteses, não sou mais à prova de balas. Na pior das hipóteses, está drenando meu corpo.

Todos os meus pensamentos reprimidos saíram:

— E como essa criança poderia ser normal? Apenas semanas antes de engravidar, zumbis me jantaram. Desde então, fui morta por uma víbora, pega numa avalanche, esfaqueada, passei fome e quase fui esmagada por Richter. E não é como se pudesse sair e conseguir uma ultrassonografia. Sem mencionar que minha avó me avisou que Vida e Morte se tornariam algo terrível. Provavelmente estou carregando o anticristo. Claro, ela estava meio louca quando me disse isso, o que me lembra: grandes genes que estou passando.

— Espera. Circe disse seu afilhado. Se não fez um ultrassom, como ela sabe que é um menino?

— Ela sentiu isso porque é uma bruxa.

— Então, ela não pode sentir se algo estiver errado?

Hã. Bom ponto. Mas então, o julgamento de Circe não contava. Além de seu declínio mental, gostava de um sacrifício sangrento ocasional e de ser um monstro marinho.

— O que a Sacerdotisa disse sobre sua gravidez?

Eu admiti:

— Ela fez parecer que a criança me protegeu do poder de inversão de Paul, seu *chamado do mal*. Isso não funciona com os humanos, e o bebê pode ser um mortal normal.

— Isso é alguma coisa, não?

— Circe provavelmente é tendenciosa. Acha que este bebê poderia inaugurar uma nova era, a chave pra salvar o mundo. Ela me chamou de Mãe Terra e me lembrou que meus poderes e história eram todos sobre nascimento e renascimento.

— Uma nova era? — Jack disse, uma nota melancólica ressaltando suas palavras. — Acredita que algo assim pode acontecer?

Suspirei.

— Esse desenvolvimento pode afetar os jogos futuros? Sim. Mas não acho que ter um filho vai fazer o sol brilhar de novo. Estou prestes a aceitar que apenas a conclusão natural do jogo pode fazer isso. — Este assunto sempre fez minha cabeça doer. — Jack, entendo se desejar se afastar desta missão. Quero dizer, isso é realmente errado.

— Vou parar quando estiver segura. Estar nas Cinzas de certa forma é uma sentença de morte. Estar aqui quando está grávida? Poderia carregar um alvo nas costas.

— O que significa que você terá um enquanto estiver perto de mim.

— Nunca achei que ia viver muito de qualquer maneira. Acho que o tempo médio de sobrevivência aqui é um ano. Não estou na média, então talvez possa durar mais três anos. Se chegar aos vinte e três, vou fazer um baile.

Então como poderia me separar dele novamente? Se Aric voltasse ao normal e eu voltasse para ele, Jack iria embora. Nunca mais o veria.

— Temos que te proteger no castelo, agora mais do que nunca. Essa fortaleza é sua única esperança. Seja o inferno ou inundação — que experimentamos recentemente — deve estar lá quando for dar a luz.

Mordi meu lábio inferior.

— Como pode me ajudar quando fui engravidada por outro homem?

— Acha que vou abandonar você só porque está grávida? Isso é algo que meu pai pode ter feito, mas não sou ele. — Emoção começou a ferver nos olhos cinzentos de Jack. — Vou ajudá-la, não importa o quê, Evangeline. Sempre vou.

Não podia aceitar isso. Não havia nenhuma vantagem para ele — apenas mais loucura de Arcanos, Morte e morte. Quando Jack decidiu me deixar para fazer um futuro com Aric, esteve livre por um tempo.

— Não estamos... juntos. Como pode arriscar sua vida pela minha? Ele me lançou um olhar como se estivesse louca.

— Como pode perguntar isso? Tem meu coração na sua mão. Eu disse a você, nunca vou conseguir isso de volta.

Eu tinha seu coração na minha mão e ele tinha meu espinho na sua pata. Quase senti como se eu... o condenasse de alguma forma ao longo do caminho.

Não de propósito, mas dava no mesmo. Esfreguei minha testa dolorida.

— O que vai acontecer agora?

— Não quero fazer pressão sobre você com outra escolha, então me deixe dizer como isso vai ser. Se Domīnija puder ser salvo, e confio que ele não vai se entregar a essa raiva novamente, então vou deixar você voltar para sua vida. Se não pudermos salvá-lo, vamos derrotá-lo e tomar esse castelo. Você e eu vamos morar lá e criar esse filho pelo tempo que pudermos.

Minha respiração falhou. Jack estava se oferecendo para criar o filho de Aric?

Lá atrás, Joules disse:

— Eu sei pelo que estou esperando.

Atirei-lhe um olhar feio. Ele deu de ombros e fechou os olhos novamente.

Encarando Jack, eu disse:

— Há algo mais que precisa saber. Não posso ganhar este jogo. Prefiro morrer do que ficar imortal.

— Olhe pelo lado positivo, *peekôn* — ele olhou para a noite. — Você provavelmente não terá escolha sobre isso também.



25

O Caçador **Dia 553 D.F.**

Tinha acabado de abrir uma lata de gasolina quando Joules desceu da caminhonete para se juntar a mim.

— Esta coisa é uma beleza, hein? — Ele disse.

— Isso ela é — Embora o tanque de combustível com extensor de autonomia fizesse milhares de milhas, estávamos vazios... Por sorte, Kentarch tinha latas de reposição atrás. Hora de alimentar a *Besta*.

Durante os últimos dois dias, estávamos fazendo progressos lentos, tirando cochilos na cabine.

Tinha deixado Evie adormecida no banco da frente. Ela parecia exausta, seus cílios faziam sombra contra as manchas roxas debaixo de seus olhos. Alisei o cabelo de sua testa e murmurei, “*À moi*”. Mas ela não era minha. Não mais.

— Entãaa — começou Joules — sua garota está grávida do filho do Ceifador. Como está levando essa notícia?

Em conflito como sempre. Evie seria mãe, logo teria o filho de outro homem.

Dizia isso a mim mesmo sem parar. Ainda assim, precisava atraí-la para mim toda vez que sentia um fio de seu cheiro de madressilva. E aquele beijo no lago? Ela estava me contando algo com aquele beijo, algo que eu estava desesperado pra ouvir.

Ela me ama tanto quanto antes, talvez até mais. Mas saber disso tornava essa situação mais difícil.

— Ouvi notícias melhores — *Elle me hante*. Ela me assombra.

— Qual seu jogo agora, Caçador?

A última coisa que ela precisava, depois de tudo que passou — e em sua condição — era eu colocando pressão. A parte estranha sobre isso: tive a sensação de que ela *esperava* que eu fizesse.

— Manter o curso — eu disse, não importa o quanto eu quisesse dizer a ela que fugiríamos juntos.

Meus velhos problemas permaneciam. Não tinha *nada* para oferecer. Ela precisava de comida e segurança mais do que nunca. Precisava voltar ao castelo do Morte.

Nosso sonho de Haven nunca funcionaria sem alimentos e suprimentos.

— Realmente acredita que Circe vai salvar o dia com algum tipo de arma?

Esvaziei uma lata, depois peguei outra.

— Tem que.

— Então vamos pensar sobre como vamos fazer isso. Em vez de uma missão de resgate do Ceifador, vamos planejar uma aquisição hostil. Saqueamos o castelo, você e a Imperatriz ficam com a casa, e todos enfrentamos o apocalipse.

Tão incrivelmente tentador. Mas...

— Uma criança pertence a seu pai.

E maldição, devia à Domīnija pela vida de Evie. Pela minha também.

Joules se inclinou contra o lado do caminhão.

— Evie pode fazer promessas por ele o quanto quiser, mas nós dois sabemos que Morte nunca compartilhará seus recursos conosco. Especialmente agora que há um pequeno Ceifador a caminho.

— Não estou ansioso para cantar louvores ao homem que se casou com a única mulher que sempre amarei...

— E a engravidou.

—... mas Domīnija é honrado. Você ajuda a reuni-lo com sua esposa e filho, então ele irá recompensá-lo.

Tinha que admitir que realmente gostava do homem. Tire o drama em torno de nós, e eu quase podia imaginar a gente sendo *amigo*. Esvaziamos mais de uma garrafa de uísque juntos e achei que ele era honesto, inteligente e corajoso, já que a noite foi longa.

Evie podia pensar que o bebê dela e de Domīnija seria uma mistura dos piores do mundo; não via nada disso.

Na verdade, provavelmente me preocupava mais com essa criança do que ela parecia se importar. Misturado com todo meu ciúme e confusão, eu sentia um estranho sentido de proteção.

Se eu estava em conflito, não podia imaginar como ela devia se sentir.

Ela admitiu que essa criança poderia protegê-la do Enforcado, mas ao mesmo tempo, culpava o bebê por drená-la...

— Só pense na minha ideia — disse Joules. — Vou tirar água do joelho — ele se afastou.

Quê? E as pessoas achavam que *eu* falava engraçado?

Kentarch saiu da caminhonete parecendo terrível, como um homem que perdeu uma parte do corpo apenas alguns dias atrás.

Cauterizar foi uma ótima maneira de deter a perda de sangue, mas isso deixou a porta aberta para a infecção — especialmente porque ele parou de comer. Os medicamentos baseados em plantas de Evie devem ter ajudado porque não desenvolveu febre e seu pulso estava curando sem problema.

Quando cauterizei a pele, o cheiro me lembrou de quando me queimei para me livrar da marca dos Enamorados no meu peito. E então, quando fiz isso para Selena.

Esfreguei minha cicatriz. Destruir essa marca odiosa foi ideia do Morte. Outra coisa pela qual eu lhe devia.

Disse a Kentarch:

— Precisa comer alguma coisa. — Ainda tínhamos leão. Estava guardando minha parte para Evie e o bebê. Aparentemente, ela tinha vomitado tudo antes dessa carne. Ela não vomitou desde então.

Kentarch piscou para mim como se eu tivesse falado sem sentido.

— Tirar do nosso abastecimento quando não posso mais contribuir?

— Contribuir?

— Não posso implantar armamento ofensivo e meu poder de teletransporte não está funcionando. — Ele tinha se esforçado tanto contra Richter que ainda não conseguia nem tremular. Não foi capaz de voltar a Morte para verificar a esfera.

Por mim estava tudo bem. Prefiro que Kentarch não saiba se essa aliança localizou sua esposa. Evie estava mais segura dessa maneira.

Ele continuou:

— Meu pai me ensinou que há poder em excelência. O contrário não vale então? Que sem excelência há apenas fraqueza? Que uso terei para Issa assim? — Ele levantou o coto.

— Bem, o velho Jack Deveaux está aqui para te ensinar algo também: qualquer coisa é melhor do que nada. Se você comesse reabasteceria seu poder mais rapidamente. Quanto a atirar, não pode apontar com sua mão esquerda?

Ele ergueu o queixo, amargura em seus olhos.

— Não. De modo nenhum.

— Então aprenda como fazer — joguei a lata de gasolina vazia na mala da caminhonete. — Aprendi a atirar com qualquer mão em pouco tempo. — Dei um tapinha na balestra sobre meu ombro. A primeira coisa que fiz foi consertar as cordas.

— Você fez?

— *Ouais*. Você também pode — vi uma faísca em seu olhar lutando contra essa amargura. — Olha Kentarch, sua esposa pode estar viva como pode não estar. Mas se estiver, vai precisar do que for que possa trazer à mesa. — Fechei a mão sobre seu ombro. — É mente sobre matéria, amigo.

Com seu sotaque acentuado, ele disse:

— Acredito muito na força da mente.

— *Bien*. Tem trabalho a fazer. Vamos treinar todos os dias.

Ele assentiu, sua postura mais reta que antes.

Evie abriu a porta da cabine e desceu antes que eu pudesse ajudá-la. Aproximou-se para sentar numa rocha próxima. Parecendo perdida em pensamentos, começou a trançar seus cabelos.

Meus dedos arderam para passar por esse comprimento sedoso. Seu suéter subiu, revelando sua barriga que mal estava arredondada. Com sua dieta constante de leão estava se cobrindo de carne, tão curvilínea como quando a conheci pela primeira vez.

Luxúria era um soco nas minhas entranhas. As fantasias corriam tumultuadas pela minha cabeça. Não deveria ansiá-la desse jeito. Mas Deus, *ansiava*.

Kentarch deve ter lido meus pensamentos. Numa voz mais baixa, disse:

— Você a quer tanto e ainda luta para devolvê-la aos braços de seu rival?

Sacudida interna.

— Vou lutar para levá-la à segurança. Ela precisa estar dentro desse castelo. Se isso significa voltar com ele...

Kentarch parecia estar considerando isso.

— Poderia me encontrar na mesma situação que você. E se Issa estiver carregando o filho de outro homem?

— O que faria? — Eu respeitava as opiniões de Kentarch.

— Comemorar que ela está viva. Tenho tanto amor por ela que se espalharia para qualquer bebê que ela carregasse. Nossa conexão é tão forte que me tornaria pai , apenas em virtude dela se tornar mãe.

Isso é o que está acontecendo comigo?

— Quanto mais cuidar e proteger quem você ama e seu bebê, mais vai pensar em ambos como seus.

— E aí? — Então como eu aceitaria perdê-los quando Domīnija voltasse ao normal e os quisesse de volta?

— Caçador, seja o que for que possamos fazer com esta missão, precisamos ser rápidos sobre isso.

Olhei para a barriga de Evie. Explodindo todas as minhas reservas estava essa proteção estranha — um sentimento tão forte que me assustou.

— *Ouais* — falei a Kentarch. — Temos que nos mexer rapidamente.



26

O Dia da Imperatriz **556 D.F.**

— Nunca estive numa duna tão alta — disse a Jack enquanto escalávamos um monte de areia escura sob um céu iluminado. Ele insistiu em ir antes de mim, fazendo-me seguir sua trilha.

— Eu também — ele fez uma pausa, e eu o alcancei. Olhando pra mim, ele disse: — Isso é exatamente como planejamos todos esses meses atrás.

— Sim — de alguma forma, chegamos a Outer Banks. *Juntos*. Tinha sido nossa missão, a razão pela qual nos juntamos no começo.

Naquela época, não tinha ideia do que Aric significaria para mim — ou quão fortes meus sentimentos por Jack se tornariam.

Nos últimos dias, sentia seus olhos em mim constantemente. Eu o vi se aproximar, apenas para abaixar a mão, como se não tivesse mais o direito de me tocar. Ou talvez estivesse tentando manter a distância. Para proteger seu coração.

Mas sempre que ele finalmente parava para dormir, eu me enrolava ao lado dele, desejando o contato físico, o conforto de sua força.

Depois de hesitar, ele sempre me puxava pra perto. Ele também precisava do contato.

— Vamos parar pra respirar — ele abriu seu cantil e me entregou. Tudo que restava era água, algumas porções de carne de leão e a sagrada garrafa de cerveja Tusker de Kentark.

Aceitei o cantil, mas disse:

— Estou bem.

— Não parei por você — ele apontou o queixo para minha barriga.

Jack mostrava mais preocupação com meu filho do que eu. Sua lealdade era tão forte que protegeria até mesmo o filho de outro homem.

Quando tomei um gole, olhei para a caminhonete. Joules e Kentarch ficaram com a *Besta*. Joules ria enquanto equilibrava um

dardo faiscante no dedo indicador, enquanto Kentarch praticava jogando sua faca. Ele agora mantinha a pistola e as facas ao alcance de sua mão esquerda.

Tivemos sorte que o Carro estivesse cicatrizando bem; o outro único lugar que poderíamos conseguir ajuda não era opção.

Começamos a pegar uma mensagem de rádio gravada do mesmo lugar que Hal e Stache falaram *Casa dos Doentes*. “Você ou um ente querido precisa de assistência médica? Na Casa dos Doentes nós podemos ajudar. Nossos médicos estão a postos para salvar vidas. Venha conosco para negociar e ser tratado hoje!” O porta-voz parecia um advogado adulator: *Já esteve em um acidente?*

Jack ouviu na estrada que a Casa dos Doentes era uma base militar comandada por uma gangue que comercializava drogas, cuidados médicos e *mulheres*.

Seu olhar pensativo observou os arredores. Aqui na costa a neve tinha dissipado. Fomos de cobertores brancos imaculados ao cinza que todos odiávamos — como arrancar um curativo limpo para revelar uma ferida infectada.

— Sempre pensei que era meu trabalho trazê-la aqui. Não. Meu trabalho era levá-la à segurança, para um lugar que pudesse chamar de casa. Não fui bem sucedido ainda.

— Vamos encontrar esse lugar, Jack. De alguma forma — seria o castelo? Tudo dependia de Circe.

— Então, aqui era onde sua avó estava no fim do mundo?

— Sim — estudei a cidade costeira. *Apocalypse: Estilo-Praia!* Como ela tinha sobrevivido por tanto tempo? As cidades pelas quais passamos, uma vez estiveram cheias de conchas, guarda-sóis e toalhas de praia — agora sem produtos enlatados.

— Como Domīnija a encontrou?

— Como você, há pouco que ele não consiga encontrar — ambos tinham talento inato para recursos e abastecimento.

— Ele a tinha no castelo durante todo o tempo que nós três ficamos na estrada? — Eu assenti. — Por que ele não usou essa carta quando você estava prestes a tomar sua decisão entre nós? Parece que isso o tornaria o favorito.

— Percebeu o quanto eu me ressentiria da coerção — admiti. — Ele disse que sentia algo tão forte por mim que acreditava que eu deveria sentir o mesmo. — Ante a expressão incômoda de Jack, mudei de

assunto. — Conte a vovó sobre você. Ela disse que gostaria de me ver com um garoto do *bayou*.

Um músculo saltou no maxilar dele.

— Por que me diz algo assim? — Ele disse áspero. — Nunca estive mais fora do meu alcance.

— Jack? — Ele parecia exasperado comigo, como se eu tivesse esquecido minha mochila com kit de sobrevivência ou algo assim.

— Desculpe — ele passou os dedos pelos cabelos. — Eu te disse o que o futuro traria, e não estou gostando das minhas chances.

— Você disse que tinha que estar convencido que Aric voltaria ao normal e manteria sua raiva sob controle. Eu estava relembrando da minha fuga dele, e talvez não esteja gostando de suas chances. — Se a confiança que Aric e eu compartilhamos tivesse desaparecido como uma miragem do deserto, não estava ansiosa para marchar toda essa areia escaldante naquela direção novamente. — E não esqueça, quando o aceitei como meu, acreditei que você estava morto. É como expliquei a Joules, você e eu não terminamos. Estávamos planejando um futuro juntos. Agora... — Eu mordi meu lábio.

— Agora não temos informações suficientes para tomar uma decisão. Então vivemos no limbo.

O que não era justo pra Jack.

— Não sei mais o que fazer. — No momento, minha missão era encontrar com Circe, planejar uma retirada e salvar Aric.

Depois disso? Sei lá.

— Seu filho vai precisar do pai dele.

— Não tive o meu por muito tempo. E olha como me tornei mentalmente bem ajustada.

— Estou falando sério, sei disso melhor que ninguém. — Ser abandonado por seu pai marcou Jackson. Mas percebi que todas as suas dificuldades antes do Flash o fortaleceram, preparando-o para provas cada vez mais desafiadoras.

Ele e eu estávamos vivos por causa de suas dificuldades.

Ele estudou meu rosto.

— O que está pensando, *ma belle*?

— Lembra de quanta inveja havia no ensino médio? Eu invejava Mel porque tinha dois pais. Grace Anne me invejava porque eu morava numa casa grande. Gostaria de poder voltar e contar a todo mundo:

quanto mais perfeita for sua vida, menos preparada está para o futuro. Se você não tem merdas pra lidar, está prestes a ser metralhado.

— Acredita nisso?

Eu segurei seu olhar.

— Minha mãe me disse uma vez que os diamantes nascem da pressão, mas nunca entendi o que ela queria dizer até te conhecer.

Suas sobrancelhas se juntaram e sua voz tornou-se áspera.

— De verdade?

— Jack, seu passado, e como lidou com isso, é por que nós dois ainda estamos respirando.

Um rubor tingiu suas maçãs do rosto largas. Incomodado com o elogio, tossiu no punho e disse:

— Vamos continuar. Como uma sombra, você — ele apontou para a areia. — Não quero que pise numa surpresa.

— *Minas de Bagman* — murmurei, e começamos a escalar.

Quando cruzamos a duna para contemplar a vista iluminada, meu coração afundou. Não havia nada. Nem uma gota d'água.

— Jack?

— Está bem. Não achei que o oceano subisse aos seus níveis normais ainda.

— Circe me disse pra ir para a costa e depois continuar. Mas imaginei que haveria outro alvo para atingir. Não isso — acenei para o horizonte — nada.

— A pergunta é: quanto confia nela?

— Com minha vida, agora que estou grávida. Mas ela não está bem. — *Quem estava? Olá, poço sem fundo.* — Talvez ela tenha confundido as coisas.

— Um dos mapas de Kentarch mostrava uma plataforma de terra que costumava ficar debaixo do mar com dezenas de quilômetros de largura. Isso cai numa trincheira. Minha aposta? Conseguimos um novo litoral.

Tentei entender isso.

— A *Besta* tem gasolina suficiente para nos levar ao limite dessa plataforma, mas não pra voltar. Então tentamos roubar mais combustível e comida? — Não encontramos nada no caminho para cá. — Ou arriscamos nossa chance lá?

Pensei em Aric passeando pelo castelo solitário. Imaginei o sorriso de Finn na sua última noite vivo. Pensei em quão vulnerável Lark estava sob o julgo de Paul.

Posso não confiar cegamente que Aric e eu possamos recuperar o que perdemos, mas ainda lutaria para libertá-lo.

— Vamos arriscar.



Dia 557 D.F.

— Imaginava isso? — Jack murmurou em nossos arredores.

Tínhamos dirigido quilômetros e quilômetros depois do último condomínio de alto nível queimado para uma paisagem submarina que não estava mais debaixo do mar.

A marcha era lenta, a plataforma repleta de âncoras e detritos, armadilhas, destroços afundados e até mesmo aviões quebrados. Enormes esqueletos de baleias eram tão grandes quanto casas. De vez em quando passávamos por um *Bagger* emergindo da areia, lutando para nos pegar.

De acordo com o indicador de elevação de Kentarch, deveríamos estar bem abaixo da superfície. Queria que Aric pudesse testemunhar essa cena surreal comigo. Como poderia descrevê-la?

A névoa espessava quanto mais descíamos nos retardando ainda mais. Raios iluminavam as nuvens cinzentas. Movi o foco, escolhendo destroços através da névoa misteriosa.

Atrás, Joules disse:

— Este lugar deixa minhas bolas encolhidas.

Kentarch fez um som concordando, seu olhar alerta.

Jack tocou o indicador de combustível.

— Acabamos de passar do ponto de não retorno.

Engoli em seco.

— Tem certeza que estamos no caminho certo?

Ele apontou para a tela do mapa.

— Diretamente para leste.

Continuamos num silêncio ansioso, descendo outra colina, dando a volta num par de esqueletos de baleia...

De repente, um clarão iluminou o céu no horizonte.

— Quem iria disparar isso? — E por quê? Matthew me avisou para tomar cuidado com armadilhas, como *uma luz na escuridão*.

— Está vindo da direção da trincheira — Jack abaixou sua janela e fez a *Besta* desacelerar até parar. Um motor acelerou em algum lugar da noite. Outro seguiu, e mais outro. Ele apagou os faróis.

— Companhia a noroeste — para meu benefício, ele acrescentou: — Norte de onde atingimos a primeira plataforma.

A névoa escura ficou mais brilhante. Feixes de luz dispararam para o céu.

— Aquilo são faróis?

— De jeito nenhum — disse Joules. — Há muitos deles.

Jack parou a *Besta* sobre um monte de areia. Um silêncio atordoado reinou.

Finalmente eu disse:

— Estou vendo o que acho que estou vendo?

Jack assentiu.

— Tráfego.

Não muito longe, dezenas de caminhonetes e buggies trafegavam pelo que parecia ser uma estrada de areia. Enquanto passamos um dia abrindo caminho nos detritos, eles estavam indo em direção à plataforma.

— Por que estão correndo?

— Não tenho ideia. Estão indo na direção dessa luz.

Joules bateu no ombro de Jack.

— De volta a terras desconhecidas, como dizia minha velha mama: Sempre que você ver uma fila misteriosa, Patty, é melhor se apressar para ela.

— Mesmo com vocês no pacote, muitos sobreviventes podem representar uma ameaça para Evie e Tee — seu novo apelido para meu filho, abreviação para *p'tee garçon*. Bebezinho.

— Não temos escolha além de continuar — disse Joules. — Estamos sem nada, acabados.

O que mais podíamos fazer? Apesar da atração, meu instinto me disse para ir em direção à luz.

— Jack, esse deve ser o lugar onde Circe queria que fôssemos — e ela era nossa única vantagem para salvar Aric.

Jack me lia tão bem.

— Então, para salvar Domīnija, deveria arriscar você e Tee? De jeito nenhum.

Kentarch disse:

— Se nos metermos em problemas, acredito ter conservado força suficiente para nos teletransportar para o continente.

Jack e eu olhamos para ele.

— Comer de fato alimenta o reabastecimento de um Arcano.

— Bem, então isso muda as coisas, *non*? Não gosto de ser o último da fila. O que você acha, Kentarch? Quer ver o que esse Carro pode fazer?

— Manda ver, Caçador.

Jack olhou de relance para mim.

— Sei como gosta de ir rápido.

— Então enfia o pé, Cajun.

Ele deslizou um sorriso pra mim, e espiei a semelhança entre ele e Brandon, seu meio-irmão morto. Por um momento, fui transportada um milhão de anos antes do Flash. *Uma manhã ensolarada em uma estrada da Louisiana...*

Jack acelerou, jogando areia pros lados e entrando no trânsito. Qual prêmio nós todos estávamos atrás?

Depois de cortar dois motoristas de uma vez, ele se aproximou agressivamente de um terceiro, que recuou de medo. Ele desviou em torno de uma caminhonete parada, quase tão grande quanto a nossa, e entrou numa vaga estreita entre dois veículos. Ganhamos do carro que estava liderando, um buggy modificado com canos de descarga de grandes dimensões.

Jack olhou pra esquerda, depois jogou pra direita, manobrando ao redor do carrinho. Mal passamos por ele quando nossos faróis iluminaram uma placa pintada à mão: *JUBILEU. Todas as coisas boas fluem para nós.*

Joules inclinou-se pra frente.

— O que está acontecendo?

Através do nevoeiro espiei uma estrutura. Trabalhei o holofote cada vez mais alto sobre uma imensa pilha de contêineres de navios. Entre eles, mastros de veleiro subiam de forma ameaçadora.

— É uma parede gigante — disse Jack. Tochas iluminavam uma ampla abertura com um par de portões enormes. — Acho que estamos entrando.

Sem ideia do que vamos encontrar. Quando nos aproximamos da entrada, murmurei:

— Por favor, não deixe isso ser uma armadilha dos canibais.

Atravessamos os portões. À nossa frente havia uma fila de homens vestidos com trajes de descontaminação e apontando rifles pra nós.

— Jack!

Ele pisou nos freios. O veículo derrapou na areia, parando meros pés na frente dos homens. No entanto, não fizeram nenhum movimento, pareciam mais preocupados em manter a fila — contra nós. Cada um usava uma braçadeira vermelha. Designando uma unidade ou algo assim?

Outras duas dúzias ou mais de veículos se aproximaram enquanto os portões começavam a fechar. Eles se fecharam, bloqueando vários outros carros.

Minha ansiedade aumentou.

— Isto é algum tipo de armadilha.

No entanto, os outros recém-chegados estavam comemorando, gritando.

— Conseguimos!

— Estamos dentro!

— Vencemos a corrida!

Fora da muralha, os motoristas excluídos buzonavam e amaldiçoavam. O que aconteceria com eles?

Todo mundo começou a desligar seus motores, então fizemos o mesmo.

Eu olhava, tentando ver o que estava além do cordão de guardas através do nevoeiro à deriva.

— O que acha que está ali atrás?

Jack esfregou o queixo.

— Algo que vale a pena guardar. Confira esses rifles. São equipados com baionetas. Pentes com balas — ele olhou ao redor, admirando as ameias. — Devemos estar na trincheira. Eles construíram esta fortaleza na beirada de uma queda, assim como eu construí Forte Arcana.

Dei um pulo quando um sistema de som criou vida. Um locutor disse:

— Por favor, permaneçam dentro do seu veículo. A quarentena começa agora.

Meu coração afundou.

— Quarentena?

— Vamos ficar bem — disse Jack. — Qualquer carro transportando uma vítima da praga provavelmente iria para Casa dos Doentes. Não aqui — ele acariciou meu joelho. — Este é um bom sinal, *peekôn*. Primeiro lugar que vi com uma zona de contenção ativa. Talvez a vida ainda seja possível aqui. Estamos num assentamento de verdade.

Como aquele que sonhamos em construir em Haven — pelo menos, antes da ameaça de *nevemargedon*.

— Por quanto tempo durará essa quarentena?

— Acho que um dia ou mais.

— E acha que será seguro e bom dentro deste lugar? — Que tipo de líder teriam? Um monstro como o pai dos Enamorados? Ou uma milícia ao longo das filas de Cou Rouge? Uma aberração como o Hierofante com seus mineiros canibais?

Tudo que eu sabia sobre o líder do Jubileu? Provavelmente não seria um ótimo.

— Não. Não penso necessariamente isso. Mas e se?

Uma meia dúzia de homens com equipamento de proteção passou pela fila de guardas indo na direção dos veículos. Carregavam o que parecia equipamento médico.

Fiz uma careta para eles.

— Acha que vão testar a praga?

Jack ficou tenso em seu assento.

— Kentarch, ninguém tira o sangue dela.

O Carro colocou a mão na caminhonete, preparando-se para se teletransportar.

— Entendido.

Os homens se aproximaram de nós, depois caminharam em frente. Voltei a cabeça para vê-los parar em outros veículos, aparentemente ao acaso, para tirar amostras de sangue.

Joules bufou.

— Ninguém está interessado na gente? Cuidado para não me sentir desprezado.

— Por que as amostras aleatórias? — Kentarch se perguntou. — Talvez possuam algum tipo de nova tecnologia.

Enquanto esperávamos, tentei bloquear os gritos das pessoas encostadas na parede de metal do Jubileu, suas chamadas frenéticas:

— Por favor, deixem-nos entrar!

— Estamos morreremos de fome aqui!

— Deve haver espaço!

Perguntei:

— O que acontecerá com eles?

Jack deu de ombros.

— Podem ter uma segunda chance, caso alguns de nós sejam cortados.

Nem vinte minutos depois, o locutor disse:

— Deixe seu veículo e entre no estabelecimento. Bem-vindos ao Jubileu!

Quando os guardas abaixaram seus rifles e deixaram seus postos, as pessoas saíram de seus carros, apressando-se para entrar.

Joules bufou.

— Tanto para uma quarentena.

Mordi meu lábio inferior.

— Talvez haja outro lugar de preparação.

— Vou entrar com Joules — Jack pegou sua besta, colocando-a sobre seu ombro. — Kentarch, você fica aqui com Evie. Esteja pronto para dar o fora.

— Olha — aponte uma mulher com uma criança entre os recém-chegados. — Eles podem saber algo que nós não sabemos. — Não estava confiante quanto a isso, mas não queria que Jack fosse para outro lugar sem mim. — Vou entrar.

Ele esfregou uma mão sobre a boca, pesando claramente os riscos.

— Certo. Coloque o capuz. Mochila nas costas. E tente manter a cabeça baixa — ele se virou para Kentarch. — Mantenha um olho nela o tempo todo. Se nos separarmos, tente voltar para a caverna onde nos encontramos. Esse será nosso ponto de encontro.

O Carro assentiu.

Uma vez que cobri meu cabelo e coloquei minha mochila de sobrevivência, Jack me lançou um olhar cauteloso.

— Vamos ficar atentos. — Ele engajou as medidas de segurança da *Besta* e saímos para a plataforma arenosa.

Com Jack na liderança, Kentarch e eu os próximos da fila, e Joules na retaguarda, entramos em Jubileu.



Os outros recém-chegados tagarelavam e se empurravam excitadamente, agindo como se acabassem de ganhar na loteria. À medida que a névoa mudou e o assentamento apareceu, comecei a ver o porquê.

Luzes e música nos cumprimentaram dentro das paredes de uma cidade se alastrando à beira mar. Ao longo do que parecia a via principal, os navios sentavam-se em berços enferrujados, alguns conectados por pontes de cordas metálicas.

Os *containers* foram empilhados no alto, com escadas agarradas aos lados como hera subindo. Roupas lavadas eram penduradas pra secar ao lado de portas e janelas improvisadas. Pessoas viviam nessas latas finas?

Ao pé de um prédio-container havia um restaurante ao ar livre com velas sendo usadas como toldo. Os aromas de comida me fizeram salivar.

O olhar atento de Kentarch varreu a área.

— Eles têm combustível aqui. Um monte.

Jack assentiu.

— Devem estar estocando num navio de cruzeiro abandonado ou algo assim. Todos os barcos que passamos na plataforma provavelmente tinham suprimentos apenas para funcionar.

Ele me disse uma vez que as pessoas muitas vezes esqueciam dos navios ancorados em doca seca. Mas esses Jubileus foram inteligentes o suficiente para ir até este lugar desolado e pegar todos esses navios destruídos. Um movimento ousado.

Entre as centenas de moradores que vimos, muitos estavam sorrindo enquanto cuidavam de seus negócios e acenavam quando passavam um pelo outro.

Até espiei algumas mulheres. Cutuquei Jack.

— As mulheres andam livremente.

— Significa que eles têm ordem aqui.

Kentarch perguntou:

— Como estão fazendo?

— Boa pergunta. — Algo estava errado com os moradores, algo que eu não conseguia colocar meu dedo.

Foi então que percebi. Além dos indivíduos com traje de proteção, ninguém estava armado. Sem machetes, rifles ou coldres de pistola. Jack e Kentarch pareciam cheios de acessórios.

Quando seguimos a rua principal para o que devia ser uma praça central, os vendedores vieram pra nós como um enxame.

— Arroz quente! Recém-saído do Queen Mary!

— Espaguete *Raio de Sol do Carnaval!*

— Atum em lata!

— Frango da Princesa dos Mares.

— MREs¹³ do USS Stryker.

Um comerciante não tinha nada além de pêssego em conserva e frascos de azeitonas. Outro vendia litros de bebida.

Joules girou num círculo.

— Não vi tanto rango num só lugar desde que o mundo virou de pernas pro ar.

Jack levantou uma sobrancelha para uma garrafa de Jack Daniels.

— Tenha piedade de mim — Parecendo se sacudir de sua sede, perguntou a um vendedor de espaguete: — Quem é o chefe por aqui?

Imaginei um tipo de milícia. Com uma grande barriga, papada e olhos brilhantes.

— Ciborium governa o Jubileu e todos os oceanos — ele piscou quando disse: — Um Ciborium em particular. Você vai ver.

Um *o que?* Levantei um dedo para corrigir esse cara. Na verdade Circe *governa os oceanos* — mas pensei melhor.

O locutor falou mais uma vez:

— A orientação começa agora. Faça seu caminho em direção ao *MSY Calices* e juntem-se na praça fora do Arco.

Doze homens de aparência oficial, todos com braçadeiras vermelhas, moveram-nos em direção a rua principal, passando por

¹³ MRE são rações militares, refeições prontas para comer.

mais edifícios de *containers*. Os homens carregavam rifles com aquelas malditas baionetas. Suspeitava que os indivíduos com trajes de proteção tinham feito uma mudança de guarda-roupa.

No final da rua, um iate gigantesco estava ancorado.

Kentarch disse:

— Deve estar alinhado paralelamente ao extremo da trincheira.

Plataformas elevadas foram anexadas ao redor. Holofotes no chão iluminavam amorosamente o exterior.

A embarcação imaculada parecia totalmente fora de lugar entre os outros destroços fritados pelo Flash.

Jack estreitou seu olhar.

— Parece algo que meu pai iria querer.

Mesmo o Sr. Radcliffe não poderia se dar ao luxo de um mega iate de estrela de rock assim.

Na plataforma dianteira espaçosa havia um trono de concha digno da própria Sacerdotisa. Bandeirolas coloridas estalavam na brisa.

Além de todos os recém-chegados, uma multidão estava se reunindo. Enquanto aguardávamos a “orientação”, Kentarch manteve-se próximo ao meu lado, Jack de pé do outro.

Os caras com a braçadeira entraram no convés. Eram os Ciborium? De idades variadas, flanqueavam o trono, mas nenhum deles estava sentado nele.

Uma moreninha com um vestido de baile prata extravagante saiu do interior do iate parecendo deslizar pelo arco. Usava brincos de cavalo-marinho e um cinto de concha, e tinha um olhar deslumbrado e desfocado em seus olhos. Era atraente de um modo suave, como uma modelo *de alta costura*.

Ela sentou graciosamente no trono. A líder de Jubileu era ela? Uma jovem? A garota não podia ser muito mais velha que Jack.

Quando ovações estouraram, olhei ao redor. A maioria dos homens na audiência parecia como se estivessem apaixonados por ela.

Ela acenou com uma mão frágil e todos ficaram em silêncio.

— Bem-vindos, novos jubileus — ela disse numa voz mal elevada. Até os ventos pareciam se acalmar por ela.

Queria que Sol estivesse aqui para experimentar o espetáculo. O mestre da autoexpressão apreciaria seus temas. Assim como Circe.

— Como muitos sabem, sou Lorraine Ciborium. Meus guardas — ela indicou os homens de braçadeiras — são todos Ciborium também.

Nossa família lhes dá as boas-vindas ao nosso assentamento, um lugar de sonhos. Sempre que temos mais recompensas que mãos para colher, sinalizamos para a antiga costa, para os fiéis aguardando, e abrimos nossos portões. Vocês são os últimos a receber a sorte de entrar. Aqui não há escravidão, praga ou canibalismo. Aqui recuperamos tudo que algum dia poderíamos desejar. Todas as coisas boas fluem para nós.

Os caras das braçadeiras e a maioria da multidão repetiu:

— Todas as coisas boas fluem para nós.

O que parecia um pouco assustador. Ainda assim, fiquei animada por ver uma mulher líder. Ela teria que ser melhor que aquelas com quem cruzamos espadas antes.

Certo?

Lorraine continuou:

— Os Ciboriuns estão disponíveis para ajudar os recém-chegados a se aclimatar à vida em Jubileu. Nossa moeda é comida e combustível. Além de muito para comer e fogo para todos, temos um restaurante para preparar festas, alfaiates para roupas novas e mecânicos. Temos religiosos e um médico.

Jack me deu um olhar significativo.

— Talvez alguém para fazer o parto de *Tee*?

Desviei o olhar. Por quanto tempo ele achava que ficaríamos aqui?

Lorraine disse:

— Jubileu se tornou possível por causa da criatividade, ingenuidade e sonhos. — Ela parecia distante, quase destacada, nada como o líder carismático que Jack tinha sido, mas as pessoas aqui pareciam reverenciá-la.

Talvez uma garota líder fosse exatamente o que o mundo precisava.

— Usem sua imaginação e sigam seus corações — ela disse de forma grandiosa, depois adicionou num tom mais sombrio — junto com as *regras*. Se quebrar as leis de Jubileu, caminhará na prancha. — Um holofote no chão se acendeu, dirigindo nossa atenção para a trincheira ao lado do navio.

Dois mastros de veleiro foram soldados ao convés lateral, saltando para fora em ângulos de quarenta e cinco graus sobre a trincheira, uma prancha presa entre eles. Como uma ponte suspensa para lugar nenhum.

Dois guardas com braçadeiras e baionetas empurravam um homem amarrado para aquela prancha.

— Por favor! Não! — Implorava o preso de aparência maltratada. — Não fiz nada de errado! Eles armaram pra mim!

Lorraine falou acima dele:

— Embora todas as coisas boas fluam para nós, esse ladrão tentou contrabandear três latas de atum, proteína valiosa, da trincheira.

Ao nosso redor, a multidão entoou: *Prancha! Prancha! Prancha!*

Ela assentiu com a cabeça para os guardas. Eles cutucaram essas baionetas em seu prisioneiro, forçando-o na prancha.

A meio caminho, ele gritou:

— Por favor, não! Não fiz o que eles disseram... — A tábua girou no meio como um trampolim, despejando o homem.

Ele gritou todo o caminho até embaixo — o que pareceu um minuto inteiro de horror. Quão profunda era essa trincheira?

Olhei para as expressões satisfeitas dos Jubileus e sussurrei:

— O roubo de três latas merece a morte?

Kentarch respondeu:

— Tem leis rigorosas e justiça rápida. Considerando as alternativas...

Sequestro generalizado, estupro, assassinato.

Lorraine levantou-se, a brisa soprando seu vestido. Parecia frágil, não combinava com um apocalipse — ou um assentamento composto principalmente de homens. Como mantinha o poder?

— Obedeçam as regras, meus queridos, e sonhem com as recompensas. Meu coração está com vocês — ela se virou para ir, seguida de mais saudações.

— *“Amamos você, Lorraine!” “Todas as coisas boas!” “Vida longa a Ciborium”*. — Ouvi uma mulher gritar: *“Nossa rainha dos corações!”*

Quando a multidão dispersou, Kentarch disse:

— Hora do reconhecimento. — Ele empurrou o queixo para o que parecia ser um deck de observação erguido na beirada da trincheira.

Jack assentiu.

— Vamos.

Escalamos os escorregadios degraus de metal, depois giramos na direção do corrimão montado para espreitar abaixo.

Cobrindo a parede da trincheira estavam velhas redes e detritos pendurados. Conchas brancas leitosas se agarravam contra a gravidade. Holofotes de grande porte em sentido inverso brilhavam como luzes de estreia de filmes, iluminando a fenda.

— Jesus — Joles suspirou. — Dê uma olhada nisso.

No que devia ser centenas de pés abaixo, naufrágios se espalhavam pela trincheira... petroleiros, navios de cruzeiros, submarinos. O oceano que se recuperava batia entre eles e reclamava alguns, mas os navios ainda eram visíveis tanto quanto os olhos podiam ver.

Jack disse:

— Quando o Flash atingiu, devem todos ter sido sugados ali pra baixo, empilhando-se.

Ondas batiam entre as paredes dos navios, uma máquina de ondas gigantes. Os ventos uivavam nos confins desses penhascos artificiais. Quedas de espuma flutuavam acima como neve.

Com batidas rítmicas e faíscas de solda, dezenas de homens trabalhavam nos destroços. Uma rede de sistemas de polias se esticava descendo até o cemitério de navios.

Os olhos cinzentos de Jack brilharam.

— Por certo, eles têm mais recompensas do que sabem o que fazer com elas.

Perguntei-lhe:

— Quanto poderia haver?

— Um desses submarinos — indicou um enorme equilibrado precariamente no topo — poderia estar com provisões para uma missão de um mês de duração debaixo de gelo. Muitas latas e embalagens congeladas liofilizadas. E estamos falando de três refeições completas por dia.

Joles disse:

— Esse navio de cruzeiro ali estaria equipado para que milhares de ianques se estufassem.

Jack apontou para a escada em ziguezague presa à parede da trincheira.

— Vêm os degraus que conduzem a esse transatlântico? Deve ser o portal para toda a operação. — Fios metálicos e escadas levavam ao convés de outros navios. — Conectá-los para ter acesso é inteligente. Aposto que até mesmo cortaram pedaços do casco para chegar aos navios abaixo. Deve ser como um labirinto para trabalhar. — A possibilidade de navegar claramente o deixou animado.

Não consegui convocar o mesmo entusiasmo.

— Parece perigoso para mim. — Não vi nenhuma mulher descendo para o salvamento, mas não fiquei surpresa. Havia poucas de nós; duvidava que Jubileu o permitisse.

Kentarch disse:

— Grande risco, grande recompensa.

Quando um súbito jato de faíscas de solda caiu em cascata abaixo, Jack me mostrou um sorriso.

— Buscar recursos em naufrágios? Este é meu maldito trabalho dos sonhos. Vou me inscrever. — Ele amava todas as coisas inventivas. Jubileu era como um altar para a inventividade. Ele quase vibrava de entusiasmo.

— Como isso deve ser legal — com sua pele quase faiscando, Joules disse: — Nunca estive num navio antes! Muito menos num submarino.

— Gosto aqui — disse Jack. — Parece como uma indústria. Como *possibilidade*.

Naquele momento, ele e Torre pareciam adolescentes.

Kentarch permaneceu reservado.

— Por quanto tempo vamos ficar aqui? Preciso retornar à missão.

Joules corou como se tivesse esquecido brevemente sobre Gabriel e agora se sentia culpado.

— Eu também.

Pensei, *somos três*, mas não disse nada.

Jack me lançou um olhar de avaliação.

— Você também tem um tempo nos seus interesses. Então estabelecemos um limite de tempo?

— Como podemos? — Enxuguei a névoa do mar da minha cara. — Tudo depende de Circe.

Kentarch fez um gesto para a trincheira.

— Como você disse, deve ser onde a Sacerdotisa queria que você fosse. E agora chegamos. Pode sentir sua proximidade, Imperatriz?

Nem um pouco. Sim, meus instintos me disseram para vir aqui; eram tão vacilantes quanto meu senso de direção?

— Hmm, neste momento não. — De fato, o oceano parecia morto. Eu não tinha nenhuma conexão especial com o mar ou suas criaturas, mas podia sentir a vida. Esta água não tinha nenhuma — como se o oceano estivesse dormente.

Não era de admirar que Circe parecesse cada vez mais exausta. Talvez sofresse mais do que o frio amargo. Talvez sofresse porque não havia mais mistérios nas profundezas.

Joules cruzou os braços em cima do peito.

— Diga para a Sacerdotisa encontrar uma arma para matar o Enforcado. Eu e Kentarch não podemos ajudar Evie a empunhá-la ou correremos o risco de ser pegos pela esfera. — Ele olhou para Jack. — Vai deixar a Imperatriz atacar o castelo para lutar sozinha com os Arcanos?

— Enquanto está grávida e impotente? *Non*. De jeito nenhum no inferno — lendo minha expressão, ele disse: — Mostre-me alguns carvalhos ou algum grande poder e vamos conversar. Até então, precisa descansar num lugar seguro. Se uma arma chegar no nosso caminho, então *eu* vou estar usando-a.

Joules virou-se para mim.

— Vai deixar Jack ir contra quatro Arcanos, incluindo o três vezes vencedor?

Contra Morte?

— Nunca.

Jack e eu trocamos olhares determinados.

— Então, o que estamos fazendo? — Joules ergueu as mãos. — Qualquer arma é inútil sem um herói para empunhá-la.

— Isso é para Circe descobrir — eu disse. — Nosso trabalho é ficarmos vivos tempo suficiente para usar tudo que ela trouxer. Olha, ela pode descobrir como dar um curto-circuito na esfera. Nesse caso todos podemos atacar com força total. Vamos dar uma chance à dama. Só faz alguns dias — virei-me para Kentarch. — Enquanto esperamos, você podia continuar sua busca por Issa. Estive ouvindo todos os tipos de sotaques, o que significa que pessoas vem pra cá do outro lado do país. Pergunte a eles. Mostre a foto dela. Alguém pode tê-la visto. Com boa nutrição você pode se deslocar daqui a cada noite.

Kentarch inclinou a cabeça.

— Muito bem. Mas uma vez que minhas pistas estiverem esgotadas, vou ser forçado a seguir em frente. Issa me aguarda...



29

Mais tarde, naquela noite, deitei uma cama cheia de calombos ouvindo as rajadas de vento que abalavam nossa nova casa: o maior contêiner em uma pilha deles.

Nós conseguimos as piores acomodações porque o Carro de Guerra se recusou a vender sua caminhonete e não tínhamos nada para trocar além de armas.

— Você poderia trocar — Jack disse. — Se precisarmos da caminhonete, você pode simplesmente roubá-lo de volta do estacionamento. — Eles já estavam planejando teletransportar através da parede do arsenal de Jubileu e roubar suas armas — provavelmente a única razão pela qual Jack desistiu de sua balestra, com grande relutância.

Kentarch tinha balançado a cabeça com firmeza.

— Preciso possuí-la para que eu possa oferecê-la como recompensa por informações que me levem a Issa.

Jack abriu a boca para argumentar, mas surpreendentemente recuou.

Outra rajada de vento. Apertei os olhos com força. Será que seríamos soprados para dentro da trincheira?

Pense em outra coisa. Coloquei as mãos na minha barriga, mas rapidamente as tirei. Esta gravidez não era conforto. O contrário disso.

Mesmo com os ventos ouvi os roncos suaves de Joules. Jack e Kentarch também estavam dormindo? Os rapazes tinham catres na outra extremidade do aposento, dando-me o palete atrás de uma cortina nesse canto.

Quando o vendedor dessas latas finas, um guarda Ciborium, havia nos mostrado esse lugar, ele perguntou ao pessoal:

— Ela está com todos vocês? — Descobrimos que quatro geralmente moravam em um desses recipientes, uma esposa e maridos — plural. Porque Jubileu incentivava mulheres a se casar com no mínimo três.

Enquanto Jack estava momentaneamente perplexo com a pergunta do homem e Kentarch incrédulo, Joules tinha resmungado:

— Por aí — *Idiota*.

Antes de sair, nosso vendedor havia avisado os garotos sobre os equipamentos usados nas trincheiras — roupas impermeáveis, botas de trabalho e luvas, coletes acolchoados de néon e capacetes de mineiros — seriam descontados dos seus achados futuros.

A loja da empresa Ciborium exigia oitenta por cento de tudo o que os trabalhadores recuperavam.

Também recebemos algumas caixas de macarrão e queijo, já que Lorraine insistia que todos os recém-chegados recebessem uma boa refeição. Esta foi a primeira vez desde o Flash que qualquer estranho havia oferecido comida — além de carne humana ou chá envenenado, que o Eremita tinha me oferecido.

Achei suspeito — isso era um *banquete quando nossos estômagos se retorciam?* — mas nada de ruim aconteceu.

A lata fina veio com alguns utensílios de cozinha e um fogão à lenha com bastante madeira colocadas em caixas para iniciar um fogo para ferver água. Jack tinha me ajudado a preparar a comida, dando-me mais de sua parte. Como sempre. Eu estava prestes a protestar, mas ele olhou para meu estômago e disse:

— Tee precisa disso mais do que eu.

Outra rajada de vento balançou o contêiner. Eu virei para um lado, depois para o outro. Ansiedade borbulhava dentro de mim. Finalmente, sussurrei:

— Jack?

A cortina foi puxada imediatamente.

— Estou aqui — ele estava só esperando ali? — Eu esperava que você estivesse já dormindo. — Sem camisa e descalço, ele usava apenas um jeans baixo e seu rosário.

Estendi a mão para ele. Ele fechou a cortina atrás dele, depois se deitou ao meu lado na cama.

Mesmo com o fogo baixo do fogão, eu podia distinguir a nova cicatriz em seu peito. A última vez que eu o vi sem camisa, ele tinha acabado de aceitar o conselho de Aric para apagar a marca dos Enamorados, queimando-a.

Estiquei-me pra frente para tocar a cicatriz.

— Isto curou bem.

— Coloque na minha coleção — ele suspirou. — Poderia também acabar com esta — ele virou-se para revelar cicatrizes em suas costas.

Abafei um ofego, incapaz de imaginar aquela dor. *Não chore, não chore.*

— O que aconteceu? — Tracei uma, fazendo com que ele estremecesse.

— Eu era um escravo desobediente.

Aqueles traficantes de escravos tinham chicoteado meu Jack. Fechei meus punhos com força, minhas garras afiando.

— Eles fizeram uma bagunça em mim, não? — Em um tom brusco, ele disse: — Não é como você está acostumada com o Morte perfeito?

— Ele também tem cicatrizes, não é perfeito. Além disso, você acha que eu me importo com cicatrizes quando você está *vivo*?

Os ventos uivavam, balançando a pilha de contêiner mais uma vez. Jack me encarou, notando meu olhar cauteloso.

— Vou conseguir um lugar melhor em breve pra gente — em Jubileu você não trabalhava pra subir, mas sim descer.

— Sou grata por ter um teto sobre nossas cabeças e comida. Obrigada por nos trazer aqui.

— Você merece mais — sombras cruzaram sua expressão quando ele disse: — Quando Domīnija me contou como você estava “satisfeita”

em todos os sentidos naquele castelo, eu queria dar um soco na garganta dele, porque todos nós sabíamos que eu nunca poderia te fornecer a vida que ele poderia. Nunca serei capaz de te mimar como você estava acostumada. Você foi criada para esperar o melhor.

— Jack, essa não sou eu mais. Ninguém mais é assim agora — eu disse, embora pensasse que Lorraine estava indo muito bem sozinha dentro de seu mega iate. — Vamos nos concentrar no que temos agora.

— Não é minha natureza. Preciso estar pensando à longo prazo. Preciso estar trabalhando em relação a alguma coisa. Pelo menos poderemos mantê-la segura aqui.

Quando Lorraine havia explicado que eles tinham mais recompensa do que mãos para colher, ela tinha dito com um *toque* malicioso. Descobrimos que havia uma Fenda, o que os locais chamavam de mortes em massa, quando uma pilha de navios afundados prendia os salvadores debaixo da superfície. Foi por isso que os Ciboriuns enviaram um chamado de luz aos outros na nova costa.

Jack estaria em perigo amanhã e nada que eu dissesse poderia dissuadi-lo.

Tentei olhar para o lado positivo de Jubileu. Ninguém obrigava as pessoas a entrarem na trincheira. A patrulha de Lorraine com a braçadeira mantinha a ordem. Com sua prancha, ela era uma líder impiedosamente eficaz.

Por que minha intuição me dizia que ela era uma ameaça? Ou era minha paranoia nascida de uma experiência amarga?

Ecoando minhas dúvidas, o vento explodiu sobre esta caixa de metal, soando como o grito de um homem condenado.

Quando eu estremeci, Jack puxou o cobertor mais alto ao meu redor.

— Não se assuste. Estou com você.

Eu adorava quando ele dizia isso, mas...

— Não posso ajudar. Mesmo sem o vento e este lugar estranho, é o futuro — eu me enterrei no cobertor. — Embora eu desejasse ser destemida, não sou. Continuo com medo.

— Mas você faz coisas corajosas. É isso que importa.

— Somente quando não tenho outra escolha. — Qualquer coisa “corajosa” que eu algum dia fiz foi porque a alternativa era impensável.

Entrar no acampamento dos Enamorados para salvar Jack da tortura? Claro.

Acessar aquele poço sem fundo? Não, obrigada. Se emoção descontrolada podia virar uma carta, isso iria me reverter?

— Não importa *por que* você faz alguma coisa. Só que você *faz* — sua mão distraidamente foi para o seu rosário. Ele pertencia a mãe dele, mas nunca me revelou como ela havia morrido.

— Eu só queria ter um controle melhor sobre o que está por vir no meu caminho. Tenho medo do desconhecido. Do parto. De ter um filho quando não há sol. Estamos todos com o tempo contado. Por que eu colocaria outra pessoa nessa situação?

— Marque minhas palavras, Evangeline, haverá sol novamente um dia para o Tee.

Eu desejava poder acreditar nisso.

— Este limbo está prestes a me deixar louca — eu estava casada? Aric algum dia estaria na minha vida novamente? Uma lembrança surgiu dele dizendo: *eu me chamo Aric. Significa governante, para sempre sozinho*. Mas por algum tempo ele não esteve sozinho. Estava feliz comigo. Ou pensei que ele estivesse.

Real? Irreal?

— Talvez estejamos no limbo — Jack hesitou, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas. — Eu disse a você como as coisas estavam indo pra baixo. Mas agora, tenho novas informações.

— O que você está pensando?

Ele me encarou.

— Podemos ter outra opção além do castelo. Há trabalho aqui e um médico para o bebê. Você está mais segura do Richter na costa. Jubileu é melhor do que as Cinzas e morrer nas mãos de outros Arcanos.

— Jubileu é melhor? Eu não tive um bom pressentimento sobre Lorraine.

— Pensei que está tudo bem com ela. Ela conseguiu que este lugar funcionasse sem problemas.

Levantei uma sobrancelha.

— Olha, se você não gosta daqui, então me deixe conseguir suprimentos suficientes para durar alguns meses. Recebemos vinte por cento de tudo o que achamos. Com Kentarch poderíamos contrabandear ainda mais. Uma vez que estivermos equipados, iremos para o sul. O Louco insinuou que eu poderia conseguir alguns bens lá embaixo. — Ele segurou meu olhar. — Pense nisso: Morte não é sua única opção.

— Nós não podemos simplesmente deixá-lo sob o controle de Paul — eu ainda queimava para lutar por ele. Mas não sabia se eu queimava para *estar com* ele. Posso deixar no passado o ataque e meus pesadelos? — Aric disse uma vez que você era a coisa mais próxima que ele teve de um amigo desde que seu pai morreu. Você o abandonaria ao seu destino?

O músculo da mandíbula de Jack saltou. Como ele se sentia sobre essa admissão?

— Pensei que você sentia gratidão por ele por me salvar.

— Exatamente! Você e eu sabemos que Domīnija não gostaria de você em qualquer lugar perto desse castelo. Ele iria querer que eu mantivesse você e Tee seguros aqui comigo. Esse bastardo arrogante me imploraria para mantê-los a salvo.

Normalmente Aric faria.

— Como posso deixá-lo pra trás? Eu não abandonaria você.

— Você não está me ouvindo... eu gostaria que você fizesse isso, rezaria para que me abandonasse.

Quando permaneci impassível, Jack virou as costas e olhou para o teto.

— Lógica voa pela janela quando você está apaixonado, *non?*

O que dizer a isso? Claro, ainda amava Aric, mas minha necessidade de salvá-lo era mais do que amor. Não conseguia suportar o pensamento dele, Lark e Gabriel vulneráveis a Paul.

Jack soltou um longo suspiro.

— Pensei que eu estava amaldiçoado porque as pessoas do meu sangue só amavam uma vez. Mas você levou a pior. Está amaldiçoada a amar dois homens.

— Amaldiçoada — podia pensar em maneiras piores de descrever minha situação conflituosa. Quando Aric e eu passamos a noite na casa do chefe dos escravos, percebi que sempre que eu estava com ele, coisas me lembravam de Jack, o contrário também era verdade. O que significava que eu estava ferrada para sempre. Se eu escolhesse um, nunca deixaria de pensar no outro. Concluí que a dor me aguardava, não importava o que eu fizesse.

— Se a vida com um deles não é possível, *peekôn*, então você não tem o que fazer — Jack pegou minha mão. — Agora, isso é tudo o que vou dizer sobre este assunto. Você tem que descobrir seu destino, assumir o controle. Justo como eu preciso tomar o controle do meu.

Ele uma vez me disse que poderia lidar com toda essa besteira apocalíptica melhor do que poderia lidar com a vida antes do Flash, porque pelo menos agora ele tinha mais controle sobre o seu destino.

Mas assumir o controle do meu significaria cortar as variáveis que eu não podia afetar — como todas as incertezas que cercavam Aric.

Eu não apressaria uma decisão, apesar das emoções que eu sentia por Jack.

Apesar da falta de esperança que eu sentia por Aric.

— Amanhã, eu e os rapazes vamos sair cedo. Enquanto estivermos fora, você pode relaxar aqui.

— Quer que eu fique aqui dentro? Sozinha? — Eu ficaria louca nessa lata de metal fina. Podia aceitar de má vontade porque as mulheres não iam para o resgate, mas eu poderia fazer *alguma coisa*.

— Não estou dizendo pra sempre. Só até conseguirmos um pedaço de terra. Uma semana ou duas no máximo — ele cortou meu protesto:

— Se você estiver andando por aí no assentamento, ficarei preocupado demais com você para me concentrar no trabalho à mão.

— No *perigoso* trabalho à mão — Kentarch tinha mencionado que a água na trincheira era tão fria que podia matar em instantes.

Ele deu de ombros.

— É o que é.

— E sobre nos anunciarmos como Arcanos? Você costumava contar pra todo mundo o que nós somos.

— Aquilo foi... maldição, Evie, nossa situação mudou. A última coisa que eu quero fazer é chamar atenção para você.

Ah.

— Porque eu não tenho habilidades de fazer cair o queixo — ele testemunhou minha insignificante defesa contra o Imperador e não tinha discordado. — Jack, e se eu não *tiver pouco* poder? E se eu tiver muito? Em nossa última escaramuça com Richter, eu detectei sementes na Terra... centenas de milhares delas. Quando as invoquei, o chão tremeu.

Os olhos dele se arregalaram.

— Foi você? Você realmente assustou Richter! Pensei que ele tinha sentido Circe. Por que não o atacou?

— Porque vislumbrei do que realmente sou capaz e isso me aterrorizou. Não consigo controlar uma força desse tamanho. Ninguém poderia — ante seu cenho franzido, eu disse: — Você sabe que meus poderes são alimentados pela emoção, mas a raiva queima mais quente. — Como um foguete. Fácil de queimar, mas poluente. — E agora eu tenho um enorme potencial tóxico no meu colo.

Meu torniquete tinha me ajudado a sobreviver à tragédia. Mas sem nenhuma saída, minha ira tinha acabado crescendo dentro de mim.

— Você sempre se preocupou em se transformar na Bruxa Vermelha e nunca mais voltar. Me dê o pior cenário do caso. O que aconteceria então?

— Nem quero considerar a possibilidade — baixeí minha voz. — Ela adora matar Arcanos... como os meus amigos. Não te contei isso, mas de certa forma minha avó era odiosa. Ela me disse que para me tornar a Imperatriz que eu deveria ser, precisava recorrer ao meu ódio e dor. Ela me pressionou para matar Aric, Lark e Circe a sangue frio.

Jack estremeceu.

— Mas e se você não libertar a bruxa e morrer? Embora tivemos sorte com Richter, os monstros vão simplesmente continuar vindo. De alguma forma, você precisa aprender a ligar e desligar seu poder.

— *Esse [é um problema... porque *desligar* é o problema.*

— Você tem uma criança para pensar agora. Se esse poço tóxico salvar a sua vida, então beba dele, use-o, mergulhe nele. Não tem escolha.

Prendi seu olhar.

— Acho que vai chegar um momento em que vou mergulhar tão profundamente que posso nunca voltar à superfície. — Então me tornaria a Bruxa Vermelha para sempre. Minha avó realmente se surpreendeu com o fato de que meu cabelo não era vermelho nem meus olhos verdes.

A possibilidade me arrasou, porque esse futuro estava começando a parecer... inevitável.

— Naquela gravação, você disse que eu te ajudei.

Assenti.

— Você é meu lembrete de que quero ser boa. Você é meu link com a humanidade.

— Então posso estar ali para puxá-la de volta à segurança — ele viu minha expressão ansiosa e disse: — Só pense nisso. Continuaremos falando disso, ok? Enquanto isso, se não estiver pronta para usar isso, então precisa ficar fora de vista aqui.

— Esse é um grande pedido.

— Sei que é. Odeio até mesmo a ideia disso. Mas novamente, não temos escolha. — Quando outra rajada chacoalhou o contêiner, ele pareceu tomado por culpa, o que eu não podia permitir.

— Tudo bem. Vou ficar aqui dentro até você pensar que é seguro. — Eu passaria os dias praticando com minhas habilidades e tentando me comunicar com Matthew e Circe. Talvez eu ligasse para Aric novamente, só para ter certeza de que ele ainda estava seguro. — Você ganhou ok? — Coloquei minha mão na bochecha de Jack.

Ele inalou profundamente, e suas pálpebras ficaram pesadas. Eu esperava que ele me beijasse, daria boas-vindas a isso, mas ele não se mexeu. Jack podia ainda me amar; o que não queria dizer que ele estava atraído por mim.

Eu estava começando a temer que ele não me quisesse desse jeito. O que realmente era uma merda. Não que eu fosse do tipo “não foda comigo”, como Mel costumava dizer, mas ainda queria ser querida.

Ele pareceu se sacudir.

— Tanta coisa está por trás desses seus olhos. Mas você precisa descansar.

— Vai ficar comigo?

— *Ouais*. Estarei aqui, cuidando de você e do Tee.

— Você precisa dormir, estar pronto para amanhã... — Eu fiquei tensa, meu estômago de repente se sentindo estranho. *Tremor, tremor*. — Algo está estranho. — *Tremor, tremor*. Peguei sua mão e coloquei-a sobre minha barriga. — Pode sentir essa agitação? Oh, Deus, provavelmente envenenaram nosso jantar!

Ele sorriu.

— Ou pode ser seu filho se mexendo.

— Oh. Ohh — olhamos fixamente um para o outro. — Consegue sentir? — Ele não havia removido sua mão grande e quente. Relaxei sob seu toque reconfortante, sonolência me tomando.

— Pode ser muito cedo para eu sentir, *non?*

— Está perguntando pra mim? — Ambos sabíamos tão pouco sobre esse assunto. Uma vez que a sensação desapareceu, eu disse: — Que estranho.

— Talvez Tee esteja nos dizendo que está tudo bem.

— Talvez — comecei a assentir. Meu último pensamento antes do sono me levar: *Jack não removeu sua mão protetora.*



O enforcado

Dia 582 D.F.

Eu andava em uma linha fina com Morte.

Enquanto Gabe e eu nos sentávamos diante da mesa do homem em seu escritório iluminado, meu olhar percorreu o grande Ceifador.

Ele não usava armadura, e barba loira cobria sua mandíbula. Ele olhava fixamente através da janela a neve caindo, tendo pouco interesse em nosso jogo de cartas do Tarô.

Gabe levantou sua mão com garras nos dedos.

— É uma vida entediante sem batalha para temperar nossos dias — disse ele, seu discurso tão antiquado como sempre.

— Às vezes, entediante é bom — minha própria mão parecia promissora.

Morte não fez nenhuma observação. Suas cartas deitavam viradas pra baixo na escrivaninha, ignoradas.

Sim, uma linha fina. Por um lado, eu precisava que o Ceifador desprezasse Evie, então lhe enviava lembretes para estocar sua animosidade. Por outro lado, quanto mais a odiava, mais ele tinha vontade de acabar com ela.

Queria poder ler seus pensamentos. Infelizmente, minha telepatia era de uma via só, minha habilidade limitada para insinuações, sugestões, *comandos*.

Eu disse a Evie que não podia fazer lavagem cerebral. Para encurtar a história: menti. Por que todo mundo sempre supunha que os vilões diziam a verdade? *Eu sou o TRAIADOR, pelo amor de Deus, porra.*

Eu podia imaginar o que o Ceifador escreveria em suas anotações sobre mim. O Enforcado: *reversão de carta, invulnerabilidade absoluta, ocultação, telepatia, manipulação de emoção e confiança*. Mais ainda, minha esfera à mão, mais conhecida como a aura do mal.

Mas não conseguia ler mentes. Felizmente, eu era adepto da leitura de humor. Sob sua mesa, Morte corria os dedos ao longo de uma fita vermelha. Pelo que eu pude reunir, essa fita o lembrava de quando a Imperatriz foi tomada pela primeira vez por Jack Deveaux.

Mais de três semanas se passaram desde que Morte soube do encontro dos dois — semanas de seu ciúme se recolhendo.

Gabe jogou uma carta: o três de espadas.

— Como vai a busca de Fauna pela Imperatriz?

Eu respondi:

— Ela me disse que é como se eles tivessem desaparecido — *Não brinca, Lark*. Eu queria atacar seu rosto desconcertado. — O que, é claro, eles *fizeram*.

A Senhora da Fauna varreu as Cinzas, uivando por vingança contra a garota que ela acreditava ter envenenado seu companheiro. Pelo menos Lark fazia isso sempre que estava acordada.

Durante a maior parte das horas do dia ela dormia entre suas criaturas, como se estivesse hibernando, desligando do sofrimento. O que eu urgi que ela fizesse ao corpo de Finn parece ter sido o ponto de quebra para sua saúde mental.

Gabe disse:

— Eles podem estar de volta ao país de Kentarch neste exato minuto.

Morte se dignou a responder:

— Ele nunca retornaria ao Quênia sem sua esposa. Além disso, o jogo nos forçará a convergir.

O Ceifador ansiava por essa convergência. Ele era tão forte, crescendo cada vez mais, e *ansiava* sair e punir sua velha inimiga. Para mantê-lo aqui, eu estava me drenando.

Que paradoxo. Eu ganhava força com cada Arcano que aprisionava na minha esfera; mas manter um não desejoso de estar ali me drenava.

Minha esfera sofria também, não se expandindo tão rápido quanto eu esperava. Mas continuava a se espalhar em explosões inesperadas. Quase capturei Kentarch quando ele finalmente voltou para espiar meu progresso.

Eu joguei o cinco de Ouro.

— Lark também busca Issa. O cheiro da mulher teria sido útil, mas então, tem tão poucas mulheres nas Cinzas.

Gabe deitou na escrivaninha o cavaleiro de espadas.

— Kentarch trocaria a Imperatriz por ela?

Morte colocou a fita no bolso, interessando-se por esse assunto.

— Facilmente.

Então Evie assumia um enorme risco mantendo seu novo aliado por perto.

Gabe franziu a testa.

— E se essa troca ocorrer? O que aconteceria então? Suponho que seria justo apenas Morte acabar com ela.

Eu disse:

— Estive pensando nessa eventualidade. — Desde a fuga de Evie, mudei de ideia sobre o seu futuro. Não planejava matá-la; planejava mantê-la por um tempo. Meus poderes só continuariam a crescer com outros Arcanos dentro da esfera.

Eu já tinha abordado o assunto do cilício com Morte, pediria novamente:

— Você não preferiria fazer dela uma prisioneira, Ceifador? Nós temos o cilício; deveríamos usá-lo.

— A Imperatriz recentemente sugeriu isso também — o conflito dentro dele era palpável. — Ela provavelmente sabe o quanto estive perto de libertá-la da última vez. Você subestima os encantos dela.

E você subestima minha influência, Ceifador. Eu era presunçoso? Sim, mas tinha todos os motivos para ser. Quem era mais poderoso? O grande Ceifador? Ou o homem que controlava Morte?

Deixei o assunto do cilício... por enquanto.

— Falando na Imperatriz... — Eu joguei a carta Tarô dela, ganhando a rodada.

Morte estreitou os olhos com o ódio.

— Se olhar pudesse matar — Gabe riu. — Quantas vezes ela tentou matar você de qualquer forma?

— Ela quase foi bem sucedida duas vezes. É tão cruel quanto sedutora. Nunca mais posso esquecer isso.

— No fundo não somos todos cruéis? — Gabe perguntou. — Todos os Arcanos não foram feitos pra matar? — Ele certamente tinha se enfurecido por perder a garganta de Jack Deveaux com sua garra da asa. Enquanto Lark esteve uivando sobre a perda de seu leão, Gabe tinha usado suas asas crescentes para destruir seu quarto no castelo. Lascas e penas pretas em todos os lugares.

O Arcanjo uma vez foi conhecido como iluminado e direto, o mais justo de todas as cartas. Com sua inversão ele tornou-se hostil, desobediente e mesquinho.

Dependendo de como nossos recursos durariam ao longo dos anos, eu acabaria sendo forçado a abater meu rebanho. Começaria com a Lark. Então ele.

Richter e Zara seriam atraídos para cá logo, e então eu os comandaria e aos seus terríveis poderes. Que uso eu teria para Fauna quando eu tivesse o Rei do Inferno na minha escravidão?

— Claro que fomos construídos pra matar — disse Morte. — Os deuses nos selecionaram para um jogo com apenas um fim. Eles não escolheriam indivíduos pacíficos para representá-los. Acredito que o calor da batalha que todos nós sentimos é a necessidade inata de ganhar. Mas dominei o meu por séculos. — Ele franziu a testa, sem dúvida se perguntando por que perdeu o controle contra a Imperatriz.

Plantei pensamentos na sua cabeça: *ela tomou até mesmo isso de você. O que mais pode roubar? Sua honra. Sua fé nos outros. Sua esperança de uma linhagem depois de você.*

Apertando os punhos, ele voltou seu olhar inquieto para a janela novamente, todo eriçado para ir caçá-la. Quem precisava ler a mente quando eu podia ler expressões tão bem?

Usando cada vez mais poder para mantê-lo na linha, eu sentia a transpiração pontilhar meu lábio superior. Seu escritório estava quente — até mesmo o formal Gabe tinha tirado o casaco — mas usar minhas habilidades me deixou exausto.

O anjo se virou para mim.

— E você, Enforcado? É um assassino no coração? Quem sabe tenha tomado vidas mesmo antes do jogo começar?

— Nunca — *muitas vezes*. Desde pequeno reconheci o poder da traição. Para mim a traição era, imagino, como voar era para Gabriel.

Eu me elevava.

E terminar com uma vida era a derradeira traição. Meus lábios se curvaram em um sorriso irreprimível.

— Eu me importo apenas com o sacrifício e o dever. Ajudo os outros — eu disse, imaginando minha primeira namorada que eu levei a sério, uma atleta campeã. Eu a *ajudei* a ficar viciada em ópio, até mesmo injetando nela enquanto dormia.

Quando percebeu o que eu tinha feito com ela, era muito tarde. A garota uma vez orgulhosa tinha perdido tudo, reduzida a vender-se para sua próxima dose. Depois do meu primeiro ano na faculdade de medicina eu a localizei, oferecendo meu auxílio com a reabilitação. Por mostrar-lhe piedade condescendente, ajudei-a a virar outra esquina.

Ela teve uma overdose na mesma noite.

Estremeci com prazer ao tornar a lembrar o olhar traído em seus olhos. Havia um ponto em que o ressentimento tornava-se venenoso para o corpo e a mente, quando a amargura tornava-se letal.

Eu habilitava as pessoas a encontrar esse ponto. Com minha base médica, eu tinha sido como um vírus que espalhava suicídio e morte “acidental”.

Sempre que minhas vítimas me olhavam com percepção nos olhos vidrados, eu dizia a eles: *Nunca me tema, pois não sou o mal.*

— Ajudar os outros é o meu chamado — assumindo uma expressão preocupada, eu disse: — Tentei estar lá para Evie, mas ela me traiu. E, no entanto, ela caminha livre, sem repercussões. — Realmente, ela estava grávida ali fora nas Cinzas. Um tipo especial de inferno, imagino.

O corpo esguio de Morte ficou tenso, seu olhar na janela uma vez mais.

Eu o queria na minha aliança, meu escudeiro imortal. Mesmo que o perdesse, eu eventualmente o reclamaria — estava certo disso.

Esses Arcanos cobiçavam minha orientação. Precisavam disso. A vida era melhor comigo. Considerando como Morte, Gabe e Lark reagiram dentro da minha esfera, eles odiariam lá fora.

Após a segurança e a ordem deste lugar, como eles não poderiam achar as Cinzas chocante e incompreensível? Muito menos sem a minha clareza.

Se o Ceifador não ficasse louco de pedra, seria atraído de volta. Uma vez que eu enfiava minhas garras, eu as estabelecia a vida toda.

Ainda assim, eu não tinha intenção de simplesmente permitir que ele se fosse. Eu tomei precauções para manter todos eles aqui.

Uma noite, o Ceifador me disse:

— Vou me juntar à caça de Lark pela Imperatriz.

— Não — eu disse. — Essa não é uma boa ideia.

Em um flash de seu antigo lado arrogante, ele disse:

— Você realmente acha que pode conter Morte, homenzinho?

Sim, Ceifador. Sim, eu acho.



31

A Morte

O rosto do Enforcado estava pegajoso, a luz amarela atrás da cabeça dele cintilava. Ele provavelmente estava se esforçando até os limites de suas habilidades para me manter aqui.

Divertido. Ele não tinha entendido que eu permaneci aqui por escolha? Como estratégia?

A necessidade de sair cavalcando e matar minha esposa me rasgava por dentro — eu ainda fervia com suas palavras: *nosso jogo não é divertido se você está fraco* — mas eu me inclinava no Enforcado. Usava seu poder como uma ferramenta.

Alguns poderiam dizer, como uma droga.

À medida que o Arcanjo deitava mais cartas na mesa, perguntei-me por que tinha permitido que eles entrassem no meu santuário privado. Talvez porque me sentia fraco quando colocava uma mão sobre esta escrivaninha — onde eu tinha tomado a Imperatriz. Ou quando eu olhava para o sofá onde muitas vezes lemos juntos. Seu carinho gentil...

Meus deuses, sentia falta do seu toque. Sexo com ela tinha sido estratosférico, mas seu mero toque junto com um olhar suave me derrubou.

Corri meus dedos pela fita vermelha no meu bolso, uma lembrança de Deveaux que eu tinha recuperado da sua gaveta. *O que isso significa pra ela?* Antes de reivindicar a vida da Imperatriz, gostaria de forçá-la a me dizer o significado dessa fita vermelho carmim.

Sem dúvida, ela e o mortal tinham retomado sua relação. Embora o ciúme me sufocasse, eu tinha pena de Deveaux. Ele acreditava que a Imperatriz era gentil e boa.

Eu sabia a verdade.

Há uma semana ela me telefonou novamente, informando-me que eles encontraram um abrigo nas Cinzas. Ela estava sozinha na hora da chamada. Dava a impressão de estar ao mesmo tempo saudável e *solitária*, parecia precisar de alguém para conversar.

— Eu, uh, não saio muito aqui — ela admitiu.

Engoli o pior do meu rancor para mantê-la na linha, tentando descobrir seu paradeiro. Ela estava ligando de alguma área que fazia eco, fechada, mas eu também tinha ouvido ondas, vento, música e pessoas. Um assentamento na costa?

Num tom casual, ela me disse que Circe tinha entrado em contato com ela e havia revelado o sexo do nosso filho. Um menino.

Que plano brilhante da parte da Imperatriz. Embora não me importasse se eu tinha engendrado com um menino ou uma menina — o que teria sido um deleite — sua revelação me fez imaginar cenários, tal como ensinar a um filho tudo o que meu pai me ensinou sobre ser um homem.

Isso tornou a mentira mais real.

Isso fez a dor cortar mais fundo.

Finalmente, não consegui aguentar muito mais...

— *Vai continuar com essa charada?*

— *Charada? Oh, Aric, se fosse assim.*

— *Por que continua a ligar? Você está me dando pistas sobre sua localização, o que torna o trabalho de Fauna mais fácil. Fique atenta a predadores gigantes.*

— *Você não vai dizer a ela onde estou.*

— *Não vou? — Perguntei, relutantemente divertido.*

— *Quer reivindicar meu ícone pra você.*

É verdade, pensei, mas disse:

— *Está disposta a apostar sua vida nisso, linda?*

Silêncio por vários segundos. Então:

— *Não tem como alcançar você, tem? Não posso te incitar a vir atrás de mim. Não posso fazer você lembrar o que tínhamos. E não podemos alcançar você e todos os outros para montar um resgate. — Antes de desligar abruptamente, ela disse: — Tenho todas as informações que preciso para tomar uma decisão.*

Qual decisão? Repetidamente, eu revirava essas palavras na minha cabeça.

O Arcanjo se levantou.

— Está muito quente aqui — ao se dirigir para uma das janelas, meu olhar caiu sobre suas asas sem penas.

Quando estava dentro de casa ele as dobrava, mas sua envergadura era assustadora. Pareciam crescer com cada refeição saudável que ele desfrutava, os furos de bala curando com novas penas.

Como ele, eu estava ficando mais forte. Talvez todas as mortes de um lado a outro na terra alimentassem minha própria transformação. Logo meu poder e velocidade seriam inigualáveis entre os Arcanos.

Quando o Arcanjo abriu a janela, entrou o ar frio. Puxei uma respiração de ar limpo, mesmo enquanto lamentava o desperdício do precioso calor. Tanto ele quanto Paul mantinham seus quartos como saunas. Quando eu dizia alguma coisa a Paul, ele me lembrava que não precisávamos mais acumular nossos recursos para um filho fictício e uma Arcana supérflua como a Imperatriz.

O Arcanjo voltou murmurando:

— Melhor.

Assim que as palavras deixaram seus lábios, uma rajada explodiu e enviou as cartas na minha escrivaninha voando.

Olhei para a desordem, meus pensamentos virando em direções estranhas. Um Arcano permitiu o ar gelado entrar, deslocando todas

as cartas — como se esta sala fosse *Tar Ro*, uma arena manipulada por uma entidade misteriosa. Como os deuses, nós controlamos o tempo, o jogo das cartas. Causamos estragos neles.

Minha suspeita de que a Terra estava na fase inclinada havia se fortalecido.

Com uma visão surpreendente, o Arcanjo disse:

— É assim que os deuses jogam conosco. Eu sinto o retorno deles.

— Eu também — eu disse, lembrando da noite tumultuada quando eu reivindiquei a Imperatriz como minha. Então o que isso significaria para os Arcanos?

Paul olhou de mim para o Arcanjo. Ele havia lido o suficiente das crônicas para seguir o jogo.

Apenas uma carta permanecia na minha mesa. A Imperatriz. Arrebatei-a, ódio e luxúria guerreavam dentro de mim. Amassei sua carta e a joguei na lareira. As chamas lambeiram a imagem, sacrificando-a.

De repente senti que estávamos sendo observados. Fauna tinha despachado alguma criatura para nos espionar? Duvidoso; ela dormia o dia todo, feno em seu cabelo despenteado.

Não, este era outro Arcano. Murmurei mentalmente: *Você. Sempre conhece seu olhar sem piscar.*

— *Tredici. Tredici* — uma voz familiar ecoou na minha mente. Tredici, o nome do Louco para mim, significava *treze* em italiano. Ele se materializou ao meu lado. Ou uma projeção dele o fez. Ele usava protetor de orelhas, um casaco grosso e luvas sem dedos.

Pela falta de reação de Gabe e Paul, percebi que eles não podiam vê-lo ou ouvi-lo.

Eu me levantei para despejar uma vodka, dando-lhes minhas costas enquanto reunia meus pensamentos. *O que você quer?* Como a Imperatriz algum dia viu esse jogador como algo senão malevolente?

— *Você também deve ver o futuro, Tredici.*

Minha visão diminuiu, substituída por uma cena a uma certa distância. Água salgada. Ondas. Chuva. Frio.

Relaxe com a visão, facilitando o caminho para a visão do Louco. Eu vi a Imperatriz. Seu rosto estava pálido, seu cabelo molhado chicoteando ao vento.

Uma multidão de humanos com baionetas estava gritando:

— Prancha, prancha, prancha!

Ela olhou para mim com uma expressão contrita e sussurrou:

— *Jack.*

Senti uma sacudida, então percebi que eu devia estar experimentando essa visão através da perspectiva de Deveaux, os sentidos dele se tornando os meus, seus pensamentos conhecidos por mim.

Os humanos estavam forçando ele e a Imperatriz a atravessarem um caminho de algum tipo que estava posicionado acima de uma enorme trincheira.

Os homens seguravam baionetas. Deveaux tentou se esquivar de seus golpes, afastá-los, mas não podia aguentar por muito tempo.

Completamente imerso, deixei a cena desenrolar na minha mente.

— *Você não pode levar outra facada! — Evie avançou, puxando a minha mão. Já passávamos do meio da prancha.*

Quando a prancha balançou como uma gangorra, eu disse:

— *Aguente firme! Nem mais um passo. — Enfrentei as baionetas, inclinei-me para frente, mas travava uma batalha perdida. A prancha balançou novamente. — Putain! — Nós estávamos indo para um mergulho!*

Começamos a deslizar para trás, olhamos para o extremo oposto da prancha, prestes a terminar. Apertei sua mão com força.

Ela gritou:

— *Jack!*

A tábua girou; nós caímos...

Sem peso.

Estômago revirado. O vento chicoteou acima de nós. Caindo, caindo.
CAINDO...

FRIO. Nós atingimos o fundo, a temperatura arrancando a respiração dos meus pulmões. Peguei Evie e lutamos para chegar à superfície. Nós rompemos uma onda, ofegantes por ar.

Minha garganta apertou pelo choque. Ondas altas batiam em nós dois, mas nos agarramos.

Meu olhar frenético se lançou ao redor. Cercados completamente por ondas enormes formando uma parede. Lageado. Escuro.

— Não tem onde escalar! — Meus membros entorpecidos quase não nos mantinham à tona.

Suas pálpebras ficaram mais pesadas, seus lábios já estavam azuis. Seu rosto estava tão pálido quanto a neve.

— C-Circe vai vir.

Quando? O frio nos tomaria daqui a instantes. Eu implorei:

— Você consegue! Você é um t-terror na piscina, lembra-se?

Uma onda girando — um vórtice ao contrário — começou a se levantar abaixo de nós. Meus olhos se arregalaram. Estava vendo direito? Uma coluna de água, como um geyser se movendo lentamente nos ergueu.

— Circe? — Ela falou fracamente.

Continuamos a subir.

— É ela, Evie! Aguenta. Mais rápido, Sacerdotisa! Temos que levá-la pra terra firme.

Evie tremeu:

— F-frio d-d-deemais, Circe. Jack não pode aguentar muito mais.

— Eu não posso? — Eu a estava perdendo!

Uma voz aquosa soou da coluna.

— Não é sua hora, Evie Greene!

— *Circe, ela está enfraquecendo!* — *Eu gritei.* — *Ah, Deus, fica comigo, Evie.* — *O desespero me estrangulou. Eu queimava para lutar. Para salvá-la. Eu precisava dar a minha vida pela dela.*

Não podia fazer porra nenhuma. A coluna de Circe ondulou, sua voz distorcida.

— *Não posso segurar isso! O oceano exige o que lhe é devido. Ele sempre ganha!*

— *Então lute de volta, Sacerdotisa!* — *Mas não tínhamos tempo. Eu sabia.*

Circe gritou, seu controle perdido. Suas ondas começaram a aniquilar o lado da trincheira, atingindo-a.

Nós já éramos.

O olhar pesado de Evie ficou vazio.

— *A-Amo você, Jack. Muito...* — *Sua cabeça caiu, seu corpo mole.*

Agonia me dominou.

— *Não, Evie! NÃOOOOOO!* — *Agarrei seus ombros e a sacudi dentro d'água.* — *Volta para mim, bèbè, POR FAVOR!* — *Quando meus olhos encontraram os seus, a compreensão se apoderou de mim: ela se foi. Minha Evie estava morta.*

Um rugido explodiu do meu peito enquanto minha mente se entregava.

Quando seu corpo começou a afundar, beijei seus lábios.

— *Sempre será Evie e Jack.*

Então me juntei a ela no fundo.

Apertei meus olhos, emergindo da visão. A projeção do Louco estava à minha direita.

Exigi mentalmente, o que foi isso? A dor de Deveaux era até pior do que eu senti sobre a morte dela em jogos anteriores — porque eu nunca a amei no passado. Não como a amava agora. Ou tinha amado.

Apertei a ponte do meu nariz. Isso... ocorreu? A Imperatriz estava sem vida neste exato minuto? Meros humanos foram sua queda?

— *Ainda não. Em breve.*

Engoli em seco. Sua morte estava prestes a ser roubada de mim. Circe colheria seu ícone? Inaceitável.

Você me deu sua localização. Pela visão do Louco, eu sabia onde encontrar a Imperatriz — ela estava num assentamento à beira de uma trincheira, ao leste de onde localizei sua avó. *Por que me deixou ver isso? Porque ela pode me hipnotizar se eu deixar a esfera?*

Ele piscou como se estivesse esperando que eu me levantasse pra ir correndo com ele.

— *Ela pode?*

Olhei minha bebida considerando o que ele tinha falado. Ela não deveria ter sido capaz de influenciar os mortais que a condenaram e Deveaux? Seus poderes ainda deviam estar silenciados, não seria páreo para a animosidade escaldante que eu estocava a cada dia.

Uma vez ela me contou sobre seu brutal ataque contra Ogen, Fauna e a mim. Ela disse que se sentiu como uma marionete com ódio puxando as cordas. Eu me sentia da mesma forma agora.

O ódio me protegeria contra suas habilidades de manipulação tanto quanto Paul.

Sangue começou a escorrer do nariz do Louco, os olhos vazios.

— *Tredici, saiba disso: o único jeito de ganhar este jogo é reivindicar seu ícone você mesmo.*

Do contrário eu perderia? Uma vez realmente decidi me afastar desse jogo Arcano? Para sufocar em derrota? Sim, por causa da influência *dela!*

Se eu perdesse, reencarnaria sem conhecimento do seu mal. Ignorante e vulnerável, eu cairia por suas maquinacões mais uma vez.

— *Última chance. Ela vai morrer nas profundezas. Seu coração despedaçado vai parar.*

Quando isso vai ocorrer? Quanto tempo eu tinha? A urgência me atacou.

— *O quanto você a quer?* — Com isso, ele desapareceu.

Eu não tinha mais escolha senão partir. Deixando minha expressão vazia, voltei para os meus aliados. Em um tom casual, perguntei a eles:

— Gostariam de uma vodka?

Se eles se soubessem dos meus planos, tentariam me deter. Paul já havia desativado os veículos. Lembrei-me de estar indignado, até que ele explicou que Fauna ou o Arcanjo podiam estar tentados a escapar, enfraquecendo a esfera e, portanto, toda a nossa aliança.

Daqui a uma hora, eu roubaria um cavalo pálido — como Morte tinha feito tantas vezes ao longo dos últimos dois mil anos.

Assim que eu coletasse o ícone da Imperatriz, retornaria ao meu castelo e me instalaria em minha nova aliança.

Embora eu estivesse viajando além da esfera da clareza de Paul, seus poderes contra a Imperatriz poderiam aguentar. Se não...

O ódio puxaria as cordas.



A Imperatriz

— Oi, querida, seus maridos estão em casa — chamou Joules, enquanto os três entravam em nosso novo contêiner.

Olhei para ele do fogão.

— Isso nunca fica velho, Torre. De verdade.

Durante semanas, ele falava essa frase sempre que eles voltavam de seus turnos. Durante este mesmo tempo, eu respondia entredentes, sentindo-me como um dos vulcões de Richter explodindo.

Mas agora as coisas finalmente estavam indo mudar...

Meus colegas de quarto sempre pareciam exaustos depois de passar dezesseis horas de cada vez na trincheira. Às vezes Joules caía no sono na mesa. O contorno de Kentarch tremulava, seus poderes enfraquecidos por tirá-los de qualquer buraco para onde eles tinham rastejado naquele dia. Mas hoje à noite, os caras pareciam ainda mais exaustos do que o habitual.

Jack cruzou para mim, inclinando-se para me dar um beijo rápido.

— Senti falta dessa cara bonita.

Convoquei um sorriso. Seus olhares persistentes e comentários vagos finalmente me convenceram de que ele ainda estava atraído por mim.

Ele me queria; eu o queria. Mas nós tínhamos um fantasma entre nós.

Apesar dele e eu dividirmos esse palete, nunca nos tocávamos como nós dois precisávamos. A tensão entre nós enchia esta lata fina.

Enquanto nos deitávamos juntos, conversávamos por horas. Uma noite, perguntando-me se ele alguma vez faria um movimento, eu o provoquei.

— *Você não está todo amarrado e tenso? Lembra-se de me dizer isso na estrada?* — *Imitando sua voz, eu disse: — Fiquei tenso por dias, bébé.*

Ele exalou.

— *Eu cresci um pouco desde então. Você me chamou de egoísta, e eu era. Eu teria feito qualquer coisa para dormir com você e torná-la minha.*

— *E agora?*

Ele enfiou o cabelo atrás da minha orelha.

— *Agora eu daria qualquer coisa para você e Tee estarem felizes e seguros.*

Olhei para ele, vendo seu rosto orgulhoso e cansado, manchado com graxa de motor, e suspirei. Desde a primeira vez que vi Jack, soube que ele não só se tornaria um homem; ele se tornaria um grande homem.

Depois de tirar coletes, casacos e luvas, os três sentaram-se à nossa frágil mesa de jantar. Servi a eles macarrão com molho de tomates em lata. Fiz crescer os frescos de sementes, depois piquei-os pra enfeitar.

O que me levou horas para preparar levaria alguns segundos para comerem. Todos nós recuperamos peso desde a nossa chegada.

— *Vocês estavam seguros lá embaixo?* — *Eu perguntei, sentando com eles.*

Jack e Kentarch ficaram ainda mais próximos, dependendo um do outro nesse labirinto letal. Até o espinhoso Joules estava fazendo amizade com homens que não eram Gabriel.

Jack disse:

— *Sempre* — *Como previsto, eles estavam arrasando em salvar coisas. Apesar do perigo, ele apreciava o trabalho, considerava um novo enigma após o outro, e o homem adorava enigmas.*

Ele já havia nos movido da pior lata fina para a melhor no andar térreo, mais perto das comodidades de Jubileu — as quais eu nunca poderia usar. Ele ainda não queria que eu explorasse o assentamento sem ele.

Passava meus dias fazendo tarefas domésticas, o que eu odiava. Lavava a louça. Em um balde. E lavava as roupas. No mesmo balde.

E quando não estava tentando entrar em contato com Circe e Matthew por ajuda — eles nunca responderam — passava horas me perguntando por que Aric não me amou o suficiente para se libertar de Paul.

A cada segundo me convencia: *ele não está vindo para você, Evie*. Nosso último telefonema cimentou essa realização na minha mente.

Entre mordidas de tomate, Jack disse:

— Fomos na caverna hoje — Eles estavam usando o teletransporte de Carro de Guerra para contrabandear suprimentos de volta a essa caverna. — Está enchendo bem. E nós também enchemos o tanque da Besta.

Não era uma tarefa tão fácil. Todos os veículos que não foram canibalizados para peças de Ciborium foram estacionados em um lote vigiado.

Por mais que Jack gostasse daqui, ele ainda acreditava em se preparar para fugir. A Besta era uma máquina de fuga.

— Tudo bem? — Joules bufou. — O garoto Jackie tem um nariz para encontrar recompensas — ele olhou de lado para mim. — Nunca vi algo assim. Todo mundo está falando sobre o ás Cajun.

Kentarch levantou uma sobrancelha.

— Seu sentido de abastecimento é incomparável. Ele soou a sirene mais do que ninguém.

Sempre que um salvador encontrava mais do que sua equipe poderia descarregar, ele convidaria todos a vir partilhar. Essa sirene de *todas as mãos no deck* me lembrou o sinal de mudança de turno dos mineiros canibais.

Jack sorriu.

— Eu faço isso para que as pessoas não suspeitem que somos um grupo de contrabandistas egoístas. Além do mais, isso mantém todos os olhos indiscretos em um só lugar, enquanto nós vamos saquear ainda mais.

Um stratagema bem Finn. *Não olhe para esta mão...* Deus, eu sentia falta do Mago. Todos os dias em que me sentava aqui, eu tinha muito tempo para pensar em tudo o que perdemos. Não estava pronta para perder mais.

— Estamos chegando em uma fragata médica — disse Jack. — Tenho uma boa sensação sobre isso. Remédio é como ouro agora.

— Basta sobre nossas carreiras emocionantes — Joules sorriu pra mim. — O que *você* conseguiu hoje? Minhas meias sujas?

— Sim. Usei-as pra secar seu prato.

O sorriso dele desapareceu.

— *Prancha! Prancha! Prancha!* — Ecoou em todo Jubileu. De novo? Esta era a quarta execução desde que chegamos aqui.

Enrijei no meu assento quando a vítima gritou que ele havia sido enganado. Eles sempre diziam isso. *Onde há fumaça...?*

Os rapazes continuaram comendo, nem sequer reagindo — embora estivessem quebrando a lei rotineiramente.

Joules empurrou o macarrão dentro de sua boca.

— Lorraine veio ao no nosso turno hoje. Conversou conosco — ele tinha soado convencido?

Se eu ouvir outra palavra sobre a santa Lorena... meus companheiros estavam meio apaixonados pela mulher etérea. Sempre que ela falava com as tropas, ficavam fã durante horas.

Aparentemente, ela estudava para ser psicóloga antes do Flash, planejando ajudar o mundo um caso por vez. Agora, ela se considerava uma “protetora da terra”.

Evie ligou, quer seu ato de volta.

Minha excitação de curta duração sobre uma líder feminina diminuiu ainda mais. Sim, eu desconfiava de tudo depois do meu

período em uma clínica de doentes mentais, mas era mais do que isso. Minha atual impotência tornava impossível não invejar seu poder. Ressentir dele.

Eu estava me tornando um naufrágio aqui — assim como todos os navios ao nosso redor. Por que meus talentos foram gastos?

Dentro desta lata fina, revivi como se sentia estar em *chamas* com poder. A Imperatriz não tinha sido colocada em coleira ou contida.

Exceto para viver em um contêiner?

— Aposto que Lorraine motivou você. Ela precisa de todos vocês lá embaixo, arriscando suas vidas. — Embora os Ciborium se recusassem a compartilhar esses riscos, eles conseguiam oitenta por cento do salvamento! — Vocês são como ratos mordiscando o queijo em uma armadilha. Mais cedo ou mais tarde serão pegos. Vão morrer. A casa dela sempre ganha e ela sabe disso.

O rosto de Joules ficou vermelho quando ele vociferou:

— Ela tem um sonho de reconstruir a sociedade! Ninguém está nos forçando a ir lá embaixo.

— Algo não está certo sobre ela e os Ciborium — Lorraine e sua equipe podem não ser canibais ou cientistas loucos, mas a ganância também era uma forma de mal. Na minha cabeça, isso os tornava meus inimigos. — Precisamos estar em guarda.

— Pare de ser idiota. Você fica aqui escondida e nunca está perto dela. Por que devemos ouvir você?

Eu abaixei os olhos.

— Um dia, Joules. Um dia...

— Ei, agora, vocês dois — Jack afastou seu prato meio comido. — Pensei que estávamos manejando as coisas aqui. Nós temos um plano. Vamos ficar nele. — Desde que voltou da morte, sua paciência parecia não ter fim. Mas seu tom razoável estava me levando a subir pelas paredes metálicas.

Quando ele demonstraria frustração? Quando faria exigências sobre nosso relacionamento? Em vez disso ele nos manteve alimentados e conseguiu um lugar melhor. Sempre que eu tinha

pesadelos sobre a minha fuga do castelo, ele acariciava meus cabelos. Diligentemente procurava coisas para o bebê.

Ele dormia com a mão sobre a minha barriga crescente, confiante de que sentiria Tee chutando logo e não queria perder isso.

Jack podia estar controlando suas emoções, mas as minhas estavam prestes a se descontrolar. Eu pensei que, se eu consegui evitar gritar quando minha mãe estava morrendo, poderia me segurar em qualquer situação — mesmo nessa lata solitária. Mas não mais...

— Embaixo deste nível, eu posso ouvir as pessoas falando — hoje escutei os soluços de uma mulher.

Depois de deliberar, coloquei um capuz sobre meus cabelos e fui investigar. Chamei atenção dos homens jubileus, mas nada muito ruim. Ninguém tinha me incomodado ou qualquer coisa.

Encontrei uma mulher chorando com um véu preto e traje de neve bastante usado.

— *O que aconteceu? — Perguntei gentilmente.*

Ela fungou.

— *Dia do meu casamento. Com três homens estranhos.*

Finalmente! Prova de que Jubileu não era utopia.

— *Os Ciborium estão forçando você a casar?*

— *Forçando? — A mulher zombou. — Sou uma viúva com uma criança. Perdi três maridos na última Fenda.*

Agora encarava Joules, Kentarch e Jack.

— Hoje, senhores, descobri com que frequência Fendas ocorrem.

Amaldiçoando baixinho, Jack compartilhou um olhar com os outros.

— A cada vinte e um dias, em média — Tique-taque. Aproximadamente a cada três semanas, Jubileu sofria baixas em massa e convocava uma ordem para que mais trabalhadores os substituíssem. Como um arroubo, as pessoas corriam pra cá para morrer.

— Não estamos atrasados?

Joules falou apressadamente.

— O que você espera que façamos? Não trabalhar? Eu gosto de comer. Não quero voltar para os tempos de vaca magra.

Embora minha própria fome recente pesasse sobre mim, eu disse:

— Pelo menos, não façam turnos dobrados. Limitem a quantidade de tempo que estão na trincheira.

— Estamos mais seguros do que outros — Jack me assegurou. — Nós conseguimos que Kentarch nos ajudasse a sair de um aperto.

— Excelente — eu disse. — Ele pode teletransportar seu corpo de volta para mim.

— Evie, só seja racional sobre isso. Depois de encher a caverna, vamos sair. Você e Tee tem que comer. O que significa que trabalhamos em dobro.

Jack continuou a mostrar essa preocupação com o futuro da criança. Ele se encontrou com o médico do Jubileu para sentir o homem e voltou nada impressionado: *O médico gosta de ser pago em bebida e tinha vômito em seu jaleco.* Então Jack havia rastreado uma antiga parteira. Ele gostou mais dela, mas não tinha certeza se confiava nela para me examinar ainda: *talvez esta semana. Temos que ter muito cuidado.*

Depois de Paul, nenhum de nós estava ansioso para ver um profissional médico.

Nesse meio tempo, Jack tinha enchido a mulher de perguntas. Ele tinha aprendido como o estresse era ruim para uma gravidez e que tipo de alimento deve ser procurado. Com base nas informações que lhe dei, a mulher estimou minha data do parto em torno do Dia 730 D.F. ou no Ano Dois.

Meu próprio aniversário.

Ela havia fornecido a Jack uma lista de suprimentos que precisávamos até lá, e ele já havia desenterrado metade dos itens, armazenando-os na caverna — tudo, desde fraldas até alimentos para bebês e um anel de dentição.

Ele tinha até mesmo juntado uma pequena bolsa de emergência para ir com a nossa.

Um dos ditados favoritos da minha mãe era que *a diferença entre envolvimento e compromisso era como presunto e ovos. O frango está envolvido; o porco está comprometido.*

Jack estava pronto para qualquer coisa.

Mas se fôssemos fazer isso funcionar, eu precisava fazer minha parte.

— Vou conseguir um emprego — anunciei à mesa. — O restaurante tem uma vaga. Quando eu começar a receber gratificações de salvamento, vocês podem limitar sua exposição.

Jack recostou-se na cadeira.

— Não vai acontecer.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Não me lembro de ter um ponto de interrogação no final da minha declaração, Jackson.

— Os homens aqui são perigosos — disse ele. — Nós não queremos que você se preocupe, mas não é seguro o suficiente para você andar sozinha, muito menos se misturar. E quem sabe o que farão se virem uma mulher grávida?

Se eu botasse minha camisa pra fora da calça, não pareceria que estava grávida.

— Estive fora por várias horas hoje.

A expressão de Jack disse: *que porra é essa?*

— Ninguém mexeu comigo. Além disso, se alguém tentasse me machucar, então sua adorada Lorraine o faria andar na prancha.

Jack disse:

— A prancha vem depois que alguém te machuca. Você pode regenerar, mas e Tee?

Eu me virei para Kentarch.

— Se eu trabalhar, você poderia procurar mais.

Ele havia mostrado por aí a foto de Issa, obtendo novas pistas. A cada uma, ele se teletransportava pra longe, muitas vezes levando Joules com ele.

Sempre que o Carro de Guerra estava aqui, ele ficava andando de um lado pro outro dentro da noite. Se ele dormisse, dizia o nome de sua esposa.

Eu disse a ele:

— Eu poderia monitorar todas as fofocas, talvez até reunir mais pistas. — E informações sobre Lorraine. Maldição, algo não estava certo sobre ela. Ninguém podia ser tão perfeito depois do Flash.

Kentarch derrubou o garfo.

— Agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra para falar sobre o futuro. A Imperatriz está certa... passo mais tempo buscando comida do que minha esposa. — De sua maneira calmamente intensa, ele disse: — Todos nesta mesa conhecem a perda. Mas talvez eu possa reverter a minha, assim como a Imperatriz fez com Jack. Não quero ser desleal ou egoísta, mas vocês três devem entender a minha situação. — Ele perguntou Joules: — O que você faria para se reunir com Calanthe?

— Qualquer coisa. Sem ofensa, mas se eu te fritasse a trouxesse de volta, você seria fricassé.

Em um tom seco, Kentarch disse:

— Cada um de nós tem nossos limites pessoais, não? — Ele se virou para mim. — Em todo caso, quanto tempo mais podemos esperar por Circe? Eu não queria adicionar isso às suas preocupações — ele olhou rapidamente para Jack — mas não podemos continuar assim indefinidamente.

Por mais que eles tentassem limitar o estresse da garota grávida, eu ainda senti atoneladas disso.

— Circe está lendo cada parede em seu templo, todas as letras pequenas. Isso leva tempo. — Eu dizia isso a mim mesma repetidamente, mas ultimamente comecei a suspeitar que ela nunca iria aparecer, que seu caixão de gelo tinha se fechado sobre ela para sempre.

Não deveria começar a considerar a possibilidade de que possamos ficar presos aqui? Olhei para Jack. Ele deveria ter que viver com um fantasma entre nós?

Com uma expressão grave, Kentarch disse:

— Quanto tempo, Imperatriz?

— Quais são nossas opções? Tirando o fato de que você precisa das habilidades da Lark e eu preciso liberar Aric... todos nós precisamos dos recursos no castelo.

Kentarch tamborilou os cinco dedos na mesa, claramente querendo dizer mais. No entanto, ele se levantou abruptamente e colocou o prato no balde. Deixando o assunto morrer, ele disse:

— Tenho uma pista que quero ver, mas vai demorar algum tempo, talvez até amanhã. Também vou dar uma passada pelo castelo.

A influência do Enforcado continuava a se espalhar como uma praga. Mas Kentarch poderia encontrar um padrão de crescimento não discernível. Algumas noites Paul ganhava uma polegada, outras vezes uma milha.

— Eu vou te acompanhar — Joules saltou, deixando seu prato na mesa. *Idiota.*

Com um aceno de cabeça, Kentarch agarrou o ombro de Joules e eles desapareceram.

Jack exalou uma respiração.

— Estamos com o tempo contado com o Carro de Guerra. Assim que ele ficar sem pistas, ele vai embora.

— Não podemos perdê-lo — outra preocupação para colocar na lista.

— Entendo o que ele está passando. Quando Matthew me tirou da mina, eu teria feito tudo para ver seu rosto. Quase fiquei louco.

Eu me levantei para colocar outro pedaço de madeira no fogo. Por cima do ombro, eu perguntei:

— Então como você pode decidir me deixar para trás para sempre?

Ele cruzou a sala para ficar atrás de mim.

— Eu estava tentando protegê-la de uma decepção — ele me virou para encará-lo. — Nunca duvide que eu ansiava uma vida com você.

— E agora? Mais de um mês se passou desde que encontrei você, Jack. Um mês depois do Flash pode também ser um ano. Nós já estivemos no limbo durante todo esse tempo. Você está bem com isso?

— Inferno não, não estou bem. Você sabe que eu quero você pra mim — abaixando a voz, ele brincou: — *Corps et ame* — Corpo e alma. Esse calor combustível entre nós começou a ferver. — Mas no fim do mundo, a última coisa que você precisa é mais pressão.

— Talvez eu *queira* que você exerça pressão sobre mim. Se você acredita que o Jubileu é um ótimo lugar...

— Acredito que é um... lugar. Tem possibilidades. Você terá a parteira para ajudá-la com o parto. Você tem comida que pode manter na barriga sem vomitar. Um lugar acolhedor pra dormir. — Jack passou os dedos pelos cabelos. — O que mais você quer de mim?

— Limite seu tempo de resgate — Hoje, quando explorei o Jubileu, eu me dirigi para o que a noiva tinha chamado de caminhada da viúva, a plataforma de observação que escalamos da primeira vez que chegamos para ver a trincheira.

Olhei fixamente lá pra baixo para aquela profundidade revoltada, espuma do mar cobrindo os meus pés. Contra a força dessas ondas, a rede dos jubileus de passagens soldadas e andaimes tinha parecido tão leve. Uma teia de aranha tremendo antes de um furacão.

Eu seria a viúva com o bebê, casando com três estranhos?

— Eu não posso fazer isso — disse Jack. — Ter provisões armazenadas pode ser a diferença para nós. Para Tee.

— Por que você está trabalhando tão duro para nos fornecer? Quando você não tem ideia do que vai acontecer entre a gente?

Ele pareceu confuso com a minha pergunta.

— Porque é o que eu faço.

— Circe talvez nunca mais apareça. Preciso começar a aceitar isso. Ela não estava indo bem antes, e só está ficando mais frio lá fora — meus olhos começaram a marejar. — Convença-me a deixar Aric ir.

— Você não poderia desistir dele mais do que desistiu de mim. No segundo que descobrisse uma maneira de alcançá-lo, você se empolgaria para ir.

— Por que não berra comigo? Fica bravo? Pare de ser tão paciente e *lute* por mim! — Eu sabia que não era justo, mas estava frenética por resolução em pelo menos uma área da minha vida. — Diga-me, eu continuo com você, não importa o que aconteça no mundo dos Arcanos.

— E o filho do Ceifador?

— Você disse que se não pudéssemos salvar a Aric, então você e eu iríamos criar esse filho juntos. Você poderia amá-lo?

— Seu filho? — Jack se inclinou e encostou a testa na minha. — *Ouais*.

— Então me diga que você vai criá-lo como seu próprio filho. Reclamá-lo.

— Estou tentando fazer o certo por você, Evie. Você acha que isso é fácil pra mim? — Ele recuou, algo parecido com pânico nos seus olhos. — Estou morrendo de medo de ter esperanças. Morrendo de medo de ficar muito apegado. Eu sei como essa música termina.

O jubileu, a sirene mais alta sobre o convés, interrompeu suas palavras, sinalizando PILHAGEM! Mais do que aquele turno poderia carregar.

Jack murmurou uma maldição.

— Aposto que eles violaram nossa maldita fragata — ele caminhou até o equipamento. — Eu preciso chegar lá ou todos os medicamentos serão escolhidos.

Espere, o quê?

— Você não pode ir sem Kentarch.

Com um dar de ombros resignado, ele disse:

— Tenho que aprender a navegar nesses navios sem ele — ele colocou seu casaco e pegou seu capacete. — Eu dou a ele uns dois dias no máximo — ele se virou para a porta.

Eu me apressei adiante, agarrando seu braço.

— Não se atreva a sair!

— Você acabou de me dizer que quer que eu dê um passo adiante e reclame Tee como meu. Então me diz pra não sair e prover pra ele? Você não pode ter as duas coisas. Você fica aqui, me ouviu?

— Não — levantei meu queixo. — Não vou. Se você sair, eu também vou.

— Vou ficar tão preocupado com você que não serei capaz de me concentrar. Você quer minha concentração dividida?

Ele sabia o quanto eu temia perdê-lo novamente, e estava usando esse medo para me manipular!

— Claro que não, mas...

— Então *fique aqui* — ele bateu a porta atrás dele.

— Ugh! — Eu não me senti tão desamparada desde os dias logo após o Flash, quando eu gritei dentro do meu celeiro.

Se ele podia se arriscar na trincheira, então eu podia arriscar as mãos agarrando e os sobreviventes bêbados em um restaurante. Ou confiávamos nas leis da santa Lorraine — ou não.

Fui para a pia improvisada e me lavei, então coloquei minha melhor roupa: jeans novos e uma blusa vermelha que Jack achou para mim. Eu tive que me deitar na cama para fechar o botão sobre minha barriga arredondada.

De repente, o chão pareceu entortar. O metal fez um barulho agudo na trincheira e surgiram explosões.

Um soluço escapou dos meus lábios.

— *Jack.*



Morte

Bem dentro da esfera

Olhei por cima do ombro para o castelo ao longe e voltei a virar minha atenção para a estrada. A borda da esfera assomava nem sequer a meia milha de distância.

Não há tempo para dúvida, Domīnija.

Thanatos escoiceou com impaciência, como se me lembrando do que estava em jogo: a perda de tudo. E tão importante quanto, a perda da vingança.

Eu encontraria minha esposa antes dela morrer a tempo de coletar sua cabeça, e então eu usaria orgulhosamente seu ícone nos próximos séculos.

Como sempre fiz.

O quanto eu a quero, Louco? Muito mesmo.

Abaixei a viseira do meu capacete, exortando Thanatos a um galope. Sua respiração soltando vapor, seus cascos amassando a neve.

Ao acelerarmos, eu me inclinei para frente na sela, nossos movimentos inconscientes depois de todos estes anos juntos. Eu tinha sentido falta desse ritmo, tinha sentido falta do ar gelado rodeando meu capacete.

Nós nos aproximamos do limite amarelo. À proximidade... fiquei tenso quando cruzamos.

Liberado.

Fiz um inventário mental, então exaleei com alívio porque não me senti diferente. Meu ódio pela Imperatriz ainda se mantinha. Eu ri e corri minha mão ao longo do pescoço de Thanatos.

Meu riso desapareceu quando um sentimento de vazio cresceu lá embaixo no meu estômago. Longe da influência do Enforcado, minhas memórias começaram a tomar forma diferente na minha mente. Balancei minha cabeça com força, lutando contra a vertigem.

À medida que as emoções mudaram, endireitando-se, bile subia na minha garganta. Paul tinha... *me invertido*.

Ele havia enterrado tudo de bom em mim, como em uma sepultura.

Estimulei Thanatos em um ritmo vertiginoso. O que fiz com minha esposa e meu filho? Imagens da sua fuga passaram pela minha cabeça.

Rangi os dentes, meu interior em pedaços. *Queridos deuses, o que eu fiz?*



34

A Imperatriz

No caminho da viúva, olhei para a cena inimaginável.

— *Jack!* — Eu gritei, não esperando uma resposta.

Navios empilhados como brinquedos em uma banheira gigante. O fundo do oceano tinha derrubado uma fila, fazia um arco debaixo d'água e afundando rapidamente. Enormes hélices se arrastavam cada vez mais ao redor.

Grande parte do quadro de metal de trabalho tinha caído.

Jubileus encharcados de água juntavam-se nesta plataforma, murmurando através da multidão: “*Eles se foram*”. “*Eles acabaram de ir*”. “*A Brecha tirou o navio da entrada*”. “*Alguém preso lá está morto*”.

Todos os trabalhadores chegaram ao primeiro navio e além, mas sua única saída havia sido virada de cabeça para baixo.

Como um tableau invertido.

Um a um, Jubileus cambalearam para fora da plataforma, balançando suas cabeças. Nenhum cidadão montou uma brigada de resgate — as multidões que eram tão rápidas em pedir execuções ficaram quietas — porque não restava nada.

De minhas crônicas, eu sabia que uma Imperatriz passada tinha sido capaz de ver através de suas videiras. Será que eu poderia usá-las para localizar Jack no meio desse colossal emaranhado de destroços? Em caso afirmativo, como posso trazê-lo de volta para a superfície?

No final do meu juízo, gritei por Circe. Nenhuma resposta, como sempre. Minhas garras se enterraram em minhas palmas enquanto eu lutava contra a urgência de puxar meu cabelo.

O que posso fazer? Jack, não posso te perder de novo!

Com a mente correndo, escrutinei a superfície. O que eu podia fazer...?

Espiei algo com o canto do meu olho. Uma leve luz piscou logo acima da linha da água. Apertei os olhos contra a espuma e a chuva pungente. Uma luz de capacete?

Meu fôlego me deixou.

— *Jack!* — Ele se agarrava a uns destroços de andaimes.

Uma enorme onda retumbou ao longo da trincheira, ameaçando desmoronar sobre ele. Se eu não conseguisse tirá-lo do seu caminho, ele seria levado para sempre.

Fui transportada de volta a essa noite quando pensei que o vi ser queimado vivo.

Não posso perdê-lo novamente! Com os glifos ardendo, passei minhas garras sobre meu antebraço, veias sangrando. Sem me importar que eu pudesse ser vista, ordenei aos meus soldados que chegassem a superfície da trincheira. Eles se espalharam como relâmpagos se bifurcando.

Quando o alcançaram, percebi a vibração de seu berro aliviado. Enrolando ao seu redor, minhas videiras começaram a devolvê-lo para mim.

Eu o senti berrar:

— Vá mais rápido, Evie!

Essa onda corria em direção a ele. Em seu aperto estava o destroço mais letal. Ele seria esmagado, afogado.

— Não, não, não! — Apertei os punhos. Minhas vinhas responderam em ataques e sacudidas. *Está tão perto.* Por que não posso controlar meus soldados? Eles pulverizariam, mesmo enquanto essa onda encrespava...

Pânico martelava meu peito. Nada importava além disso!

Com um grito, levantei minhas mãos ensanguentadas.

— Obedeçam-me, soldados ou paguem! — Eles dispararam mais alto, como se tivessem medo.

A onda rugiu logo abaixo dos pés de Jack!

Eu caí contra a grade, murmurando:

— Traga-o para mim... — Logo ele estava perto o suficiente para nós trocarmos um olhar.

Seu rosto estava pálido, mas seus olhos estavam atentos a mim. Tão incrivelmente corajoso.

Mesmo com todo o tumulto, ouvi um ofego. Chicoteei minha cabeça ao redor. A viúva que conheci mais cedo me encarava com os olhos arregalados.

Eu disse:

— Você não pode contar a ninguém sobre isso — um olhar dela para Jack. Ele estava apenas a quatro metros mais ou menos de distância. Quase até a grade.

Com a boca entreaberta, ela recuou pra longe, depois acelerou descendo os degraus da plataforma. *Merda!*

Eu não podia me preocupar com ela agora. Jack ainda estava em perigo. Levá-lo para cima era apenas o primeiro passo. Eu tinha que aquecê-lo. *Mais perto de mim, mais perto...*

Aqui. Ele se lançou sobre as grades. De alguma forma me forcei a liberá-lo de minhas videiras de proteção.

— *Peekôn?* — Ele me puxou contra o peito, seus braços fortes se fecharam ao meu redor.

Contra seu casaco, chorei:

— Você quase morreu!

— Você me salvou. — Ele pressionou um beijo sobre minha cabeça, depois recuou. — Venha, vou levar você pra casa. Você deve estar congelando aqui sem um casaco.

— Eu? — Não senti nada além da adrenalina e do formigamento de regeneração em meu braço cortado pelas garras. — O que aconteceu?

— Embora o cavalo estivesse fora do celeiro em relação às minhas habilidades, ordenei que minhas videiras caíssem no fundo do mar. Soldados sacrificados.

Jack me ajudou a descer as escadas.

— Eu estava no andaime prestes a entrar no navio. Assisti quando ele partiu bem diante dos meus olhos. Os degraus acima de mim desabaram.

Enquanto nos apressávamos pela cidade, as pessoas ficaram em estado de choque, como Baggers sem presas.

— Cristo — Jack arrancou o capacete. — Eles todos se foram. Um turno inteiro de trabalhadores. Mortos — ele estava revivendo a devastação de seu exército?

Um pensamento estava se repetindo: *Quase o perdi de novo.*

Quase o perdi.

Quase o perdi.

Para evitar gritar, mordi o lábio até que quase sangrou. Finalmente, a casa estava à vista.

Assim que a porta da nossa lata fina se fechou atrás de nós, eu me virei para ele.

— Eu disse para você não ir! — Explodi em lágrimas enquanto batia no seu peito. — Você nunca mais vai descer nesse lugar amaldiçoado! Você me ouviu, Jack? *Nunca.*

— Pare com isso — ele agarrou meus pulsos. — *Acalme-se!* Você tem que se manter calma.

As lágrimas ficaram sem controle.

— Dane-se a calma! Você entende como foi? Ver você afundando... e essa onda chegando. E se você soubesse o que eu passei da última vez... — *Torcer, apertar, restringir.* — Quando pensei que você morreu, imaginei um torniquete ao redor do meu coração porque ele *estava sangrando!*

— Evie, *non.* Estou aqui — ele segurou meu rosto, usando os polegares para limpar minhas lágrimas. — Não vou a lugar nenhum.

Ele *estava* aqui. Mas neste mundo, quanto tempo podemos ter juntos?

— Jack, eu te amo. Não posso perder você de novo. — Adrenalina e medo se transformaram em calor. *Desejo*. Eu virei a cabeça para uma de suas palmas, beijando a pele com calo.

Ele respirou fundo, e seu corpo grande ficou tenso contra o meu. A combustão deu partida.

Quando eu o encarei, sua atenção caiu em meus lábios, então eu os molhei. Seus olhos se encontraram os meus, perguntando: *Você quer isso?*

O meu respondeu: *Tente me negar*.

Ele se curvou; eu já tinha me colocado nas pontas dos pés. Quando nossos lábios se encontraram, a lógica evaporou como um pingo d'água em uma frigideira fumegante. Experimentei frio e sal nos seus lábios. *Quase o perdi*. Aprofundei o beijo, puxando seu pescoço enquanto ele arrancava o pesado casaco.

A tensão que estava se construindo entre nós entrava em erupção. Eu bebi sua paixão, incapaz de ter o suficiente. Entre beijos, ele arrancou sua camisa encharcada, enquanto eu tirava seu cinto. Seu peito forte respirava pesado.

Fomos tropeçando para o palete. Mais beijos. Línguas girando. *Meu Deus, ele é um beijador como o pecado*.

Enquanto me ajudava a tirar minhas roupas molhadas, ele murmurava em francês o quanto me amava e sentiu minha falta, o quanto ansiava por mim.

— Agora você está em meus braços. Eu imaginei isso tantas vezes.

Os ventos sopravam forte, lembrando-me de quando eu estive com Aric. Assim que o pensamento surgiu, eu me senti desligando, minhas mãos se acomodando no peito musculoso de Jack.

Ele sentiu a mudança, recuando.

Meu olhar culpado foi para a minha aliança. *Aric não está vindo para você; você não pode ir até ele. Circe desapareceu. Faça uma vida com Jack, o homem que merece toda a felicidade que você pode lhe dar*.

Eu quase o perdi esta noite.

Tudo o que eu tinha que fazer era aceitá-lo, e me deleitar com o fato dele ter sobrevivido.

Ele agarrou minha mão.

— Vamos tirar isso — ele gentilmente tirou o anel do meu dedo, como um noivado ao contrário.

Uma anulação.

Mas eu o deixei.

Ele o colocou ao lado do palete.

— Fique comigo — ele disse, seu sotaque espessando. — *Fique* comigo — ele mordiscou meu lábio inferior, tão excitante e sexy como nunca foi. — Vamos parar de arrependimentos e começar a viver.

Com um aceno de cabeça sem fôlego, eu me permiti cair sob seu feitiço. Entreguei-me a isso, a ele.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Se eu vou amar apenas uma vez, fico feliz que seja você, *peekôn*.

Em resposta, pressionei meus lábios na fenda em seu queixo áspero. Dei beijos ao longo da mandíbula, então descendo por seu pescoço. Senti seu gemido sob meus lábios. Então beijei a marca no peito dele. Era parte de nossa história, aquela que continuávamos fazendo juntos.

Uma vez que estávamos nus, seu olhar aquecido me percorreu. Meu corpo estava mudando. O que ele pensaria da minha nova forma?

— *Mère de Dieu*. Você está tão bonita — nunca me senti mais nua, mais vulnerável, mas ele soava... admirado. — Uma *divinité*. Uma divindade.

Meus glifos brilhavam ainda mais, a luz refletindo em seus olhos cinza.

Sua cabeça mergulhou, sua boca arrastando por meu corpo aparentemente em todos os lugares. Meus olhos se arregalaram

enquanto ele me explorava com seus lábios e língua perversos. Entre beijos, ele mordia a parte interna das minhas coxas.

Eu me derreti por ele, meus dedos entrando em seus cabelos grossos.

— Jack... *Jack!*

À medida que suas mãos ásperas amassavam e apertavam, ele gemia seu deleite. Ele me provocou até que eu estivesse no limite, até que eu estava ofegante e me contorcendo por mais. Então ele se levantou entre minhas pernas, entrelaçando seus dedos com os meus.

Ele olhou para o meu rosto — como tinha feito quando tomou minha virgindade naquele momento suspenso do tempo.

— Eu tenho você, *bébé*. — Ele muitas vezes me dizia isso, sua maneira de dizer *não tenha medo; você está segura*. Agora essas palavras tinham um tom agressivo. Como se estivesse me dizendo: Eu nunca vou deixar você ir. Nunca

Esse tom me emocionou.

Seus músculos rígidos tremiam de antecipação.

— *À moi*, Evangeline. — Seus quadris se inclinaram.

Minhas costas arquearam com prazer. Seu beijo pecaminoso roubou meus gritos.

Pelo que deveria ser de manhã, Jack e eu estávamos deitados lado a lado, recuperando o fôlego enquanto o quarto parava de girar. Nós transamos quatro vezes durante a noite.

Em um tom atordado, eu murmurei:

— Isso é como vir pra casa.

Ele sorriu para mim.

— É isso que eu venho dizendo. Quando algo é bom entre a gente, é *muito* bom.

Bom? Ele fazia meus nervos pegarem fogo.

Quando dormimos juntos meses atrás, tudo tinha sido novo pra mim, nossos sentimentos ainda criando raízes. Dessa vez éramos duas pessoas diferentes, dois indivíduos completamente apaixonados — que pensavam nunca ter outra chance para expressar isso.

Levantando em um cotovelo, ele olhou para o meu rosto procurando algo na minha expressão.

— Como está se sentindo? Tenho que saber.

— Eu não me arrependo, se é o que está perguntando. — Mas agora a realidade caía sobre mim com toda a delicadeza de um transatlântico naufragado.

— E culpa?

Desviei os olhos.

— Um pouco — *toneladas*.

Ele pegou meu queixo, forçando-me a encará-lo.

— Nada disso, Evie. Não temos tempo pra isso.

Mesmo que eu concordasse...

— Não posso evitar — Aric era o fantasma entre mim e Jack. Como Jack foi o fantasma entre mim e Aric.

Para sempre ferrada, Eves.

Deixando o tom leve, ele disse:

— Contanto que a gente fale sobre esse elefante na sala... Você esteve com dois *beaux*¹⁴, e um deles é um cavaleiro sobrenatural.

Eu sabia onde isso ia dar, mas uma comparação entre os dois seria inútil. O que eu tinha com cada homem era diferente — e ainda assim perfeito em seu próprio modo.

E para mim não havia uma perfeição melhor que outra.

— Como o velho Jack se compara? — Ele estava em parte brincando, mas falando sério também.

Sua rara exibição de insegurança me deixou com vontade de abraçá-lo e nunca soltar.

— Você foi incrível e sabe disso, seu Cajún convencido — eu me encontrei sorrindo antes de poder evitar.

— Não, não se segure. Aproveite esta paz aqui comigo — em uma voz rouca, ele disse: — Ficar com você é a única coisa que me faz sentir assim, mas não é bom se você também não achar.

— Eu me senti. Antes. Agora estou só confusa. — *Eu não me arrependia* de ter transado com ele, e obviamente isso me transformava em uma pessoa ruim. Uma esposa infiel. — Jack, eu prometi “pra sempre” a Aric.

Ele sentou no palete, suas cicatrizes me enchendo com partes iguais de tristeza e carinho.

— Você fez essa promessa a ele quando achou que eu estava morto. E você *me* prometeu “pra sempre muito antes dele aparecer.

¹⁴ Namorados.

— Eu sei, eu sei — ao menos nesta vida.

Os ombros largos subiram e desceram num suspiro.

— Eu tô a ponto de me sentir culpado.

— Por quê?

— Por ter me aproveitado de você. O único motivo desta noite ter acontecido foi por eu quase ter morrido. Você teria passado a vida inteira fiel a ele, mas reviveu tudo de quando me perdeu.

Isso era verdade. Mesmo assim...

— Talvez *eu* tenha me aproveitado de *você*. Você estava apavorado por quase ter morrido. Não achou mesmo que era o fim?

Ele admitiu:

— *Ouais*.

— Não esqueça que eu devo ser uma sedutora/hipnotizadora insaciável. Um mero mortal como você não tinha chance.

Seus lábios se curvaram pra cima.

— Então o que vamos fazer agora, *séductrice*?

Apesar dos esforços de Jack, eu não conseguia relaxar. Suspirei.

— Depois de quase dois meses, preciso aceitar que Aric não vai vir atrás de mim. E salvá-lo de Paul parece ainda mais impossível quando mal conseguimos nos manter vivos — eu arregalei os olhos. — E se aquela mulher da plataforma contar aos outros o que ela viu?

— De qualquer forma não podemos ficar aqui. Esse navio nunca navegou. A infraestrutura está acabada.

— O que faremos?

— Quando nossos parceiros voltarem, vamos teletransportar a caminhonete para a caverna pra abastecer. Se conseguirmos convencer Kentarh a procurar uma nova área, nós quatro seguimos para o sul até o Golfo. Pode haver uma situação parecida com os navios na velha costa da Louisiana.

— Por que eles estão demorando tanto? Eles nunca passaram uma noite toda fora. E se a esfera de Paul capturou Kentarch? — Outro Arcano capturado?

— Não é para você se preocupar e sim relaxar para o bem da criança.

— Isso é possível depois do Flash? — Mal acabei de fazer o comentário Jack ficou imóvel, inclinando a cabeça.

— Temos companhia — nós dois levantamos, colocando as calças e nos vestindo às pressas.

— São os rapazes?

— Hã-hã — ele meteu os pés nas botas.

Enquanto eu pegava as minhas, vi minha antiga aliança no chão. Com uma dor no peito, coloquei-a no bolso.

Alguém bateu na porta com força.

— Abram! É o Ciborium.

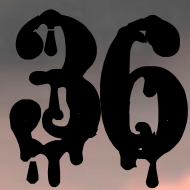
Eu sibilei:

— Aquela viúva deve ter me entregado — amarrei as botas. — Tem alguma arma escondida?

— *Non*. Roubamos as nossas de volta do arsenal, mas armazenamos todas na caverna. Escuta, a gente vai sair dessa, Evie. Enquanto estivermos juntos, podemos lidar com qualquer coisa. Lembra? — Assim que ele vestiu o casaco depressa, ele me jogou o meu e aí marchou para a porta. Um olhar pra trás para mim. — Está pronta?

Assenti e ele abriu a porta.

Cinco guardas Ciborium estavam do lado de fora com as armas apontadas para o seu rosto.



Morte

Centenas de quilômetros da esfera

Minha robusta montaria no fim das contas desabou sob o esforço. Abandonei-o e comecei a correr para o leste.

Assim que readquiri meu senso, a necessidade de retornar e massacrar Paul quase me consumiu, mas nunca mais poderia entrar naquela esfera.

Além disso, o tempo agora era uma ameaça maior do que O Enforcado.

Não conseguia governar minhas emoções, pensamentos caóticos me oprimiam.

Minha esposa estava vulnerável nas Cinzas. Passando fome. Quase morrendo. Agora em perigo mais uma vez — por causa de Paul. Ele vai morrer de maneira sangrenta. Ela e eu vamos ter um filho — se ela sobreviver tempo suficiente.

Eu vi sua morte. A visão do Louco se tornará verdade antes que eu possa alcançar minha amada esposa e filho?

Eu corri dentro da noite. Corri porque a vida deles dependia disso...



A Imperatriz

Cercados por guardas Ciborium, entramos no *MSY Calices*, dirigindo-nos a uma audiência com a própria Lorraine.

Os homens não tinham tirado os dedos dos gatilhos. Eles não nos tratavam como suspeitos — mas como criminosos convictos.

Caminhar pela prancha estava no nosso futuro?

Em Francês, murmurei para Jack:

— O que vamos fazer? — Há semanas eu sentia um mau pressentimento sobre Lorraine. Depois de ter usado meus poderes ontem, eu mal conseguia afiar minhas garras.

Ele me respondeu:

— Kentarch e Joules voltarão logo. Vão ver que desaparecemos e virão atrás de nós. Só aguarde um pouco.

As notícias das minhas videiras devem ter se espalhado; enquanto os guardas nos levavam pelo assentamento, pessoas começaram a se juntar do lado de fora do iate, sussurrando e apontando para mim. Eu ouvi a palavra *bruxa* algumas vezes.

A bordo passamos por uma cabine após outra, andando com dificuldade por um carpete fofo em direção à proa. Um piso suave guiava o caminho, e o ar morno soprava da ventilação. Escutei um zumbido leve de geradores. *Deve ser ótimo.*

Limpeza e ordem marcavam cada centímetro, o que me fez duvidar de minhas suspeitas sobre os Ciborium. Como vilões podem ter um refúgio *assim*?

Eu estava acostumada a tocas subterrâneas — não a mega iates de estrelas do rock. Eu desci no laboratório do Eremita, na dispensa do Papa e no santuário dos Enamorados. Em todas essas vezes, voltei à superfície e sobrevivi. Como uma planta.

Nós sobreviveríamos a essa próxima provação?

Passamos pela saída que levava à prancha. As duas torres de refletores projetavam sombras idênticas lá dentro. Prendi o fôlego quando elas passaram por cima de nós.

Os guardas nos forçaram a entrar em um salão de festas opulento, nossos passos fazendo barulho. Candelabros penduravam de vigas expostas, cintilando luz pelo espaço vazio. Uma enorme escadaria se curvava vinda de uma sacada até a pista de dança lustrosa.

Em cima de um estrado, Lorraine estava sentada naquele trono coberto por conchas, mais de seus guardas de cada lado. Imperiosa em outro vestido prateado, ela tinha trançado o cabelo castanho comprido por cima do ombro. De perto assim, vi que sua íris era de um castanho tão claro que parecia amarelado.

— Bem-vindos à nossa corte, meus queridos — ela no cumprimentou na sua voz suave e monótona. Havia um cálice de ouro em um braço do trono. No outro braço uma faca incrustada de pedras preciosas.

Jack questionou:

— O que quer conosco?

Ignorando-o, ela se voltou para mim.

— Tivemos pouco tempo antes de lançarmos nosso próximo sinalizador para os fiéis esperando na costa, e eu queria conhecer a Imperatriz pessoalmente.

Saltei à sua menção casual do meu título.

— Como sabia?

Com uma expressão sonhadora, ela disse:

— Como não ia saber? Eu sou uma Arcana.

Compartilhei um olhar chocado com Jack enquanto a ficha caía. Lorraine. *La Reine*. A rainha. Olhei para o cálice ao seu lado.

— Você é a Rainha de Copas. — Um dos dois Arcanos Menores sobre os quais minha avó tinha me alertado especificamente.

Por que eu não tinha juntado as peças antes? O nome desse navio — o *Calices* — era cálice em francês.

Havia treze guardas com tarjas nos braços. Com Lorraine formaria catorze.

— O naipe inteiro de Copas está aqui.

— Correto, Imperatriz.

Circe tinha dito que encontraria um *naipe* na costa. Bingo.

Aprendi que Arcanos Maiores raramente se encontravam com os Arcanos Menores, mas quando isso acontecia... não era bom. As palavras da minha avó: *Eles podem ser tão perigosos quanto os Arcanos Maiores. Especialmente as cartas da corte*.

Matthew tinha me dito que eles nos observavam, tramando contra nós. Foi isso o que senti na estrada?

Então o que Lorraine faria agora?

— Como me reconheceu?

— Não foi fácil. Você não parece nada com a antiga Imperatriz.

Por enquanto.

— Por que nos forçou a vir aqui? Não pode ferir um Arcano Maior.

Ela sorriu docemente, mas seu rosto se assemelhava a uma máscara. Agora que eu sabia o que procurar, conseguia ver fendas na superfície, o perigo espreitando por baixo — como aquela trincheira em um dia calmo. *Dê tempo*.

— Eu nem sonharia. Embora eu sinta que devo lembrá-la que também não pode nos agredir também. Do contrário arriscaria uma punição.

— Isso depende se vai nos deixar ir embora.

— Oh, não podemos machucar *você*, mas o seu belo companheiro não merece tanta consideração. — Os dois guardas agarraram os braços de Jack. — Uma pena, já que o Cajún é o meu resgatador mais valioso.

Enquanto ele lutava para escapar, eu disse:

— Você *não* vai querer machucá-lo — meu tom era feito de aço, como se eu ainda fosse a grande e poderosa Imperatriz. Na realidade, eu com certeza precisava de ajuda. Kentarch e Joules viriam por nós?

— Relaxa, Imperatriz. Se você cooperar, o Cajún sairá deste navio intacto. Os *dois* sairão.

Com isso, Jack parou de resistir.

Desconfiada, perguntei a ela:

— Onde está o Rei de Copas? Um Arcano Maior como eu não deveria estar negociando com o chefe?

Ela fez um gesto negligente com a mão na direção de um guarda.

— É ele — um homem mais velho com cabelo grisalho se curvou para ela. — Mas nós somos um reinado de *Rainha*. Funciona melhor assim.

Droga. Eu odiava gostar disso.

— Por onde os Arcanas Menores estiveram?

— Nós observamos. Nós perduramos. Nós nos preparamos para o futuro. Um dia este jogo acabará e estaremos prontos.

— Vocês têm poderes como os Maiores?

— Todos temos instintos bem aguçados. Sabíamos como sobreviver ao Flash e evitar a praga. E cada naipe tem um talento específico.

— Qual o de vocês? — Eu perguntei, voltando a mente para alguma das falações loucas de vovó. Ela não tinha feito um comentário estranho sobre Copas e... sangue?

Lorraine correu o dedo pela borda do cálice.

— Logo vou demonstrar.

Aquilo soava assustador.

Jack assentiu sutilmente para mim. Dizendo-me para continuar enrolando?

Embora não tivéssemos dormido e eu ainda estivesse abalada com os eventos da noite, eu tentaria.

— Onde estão os outros naipes? Por que não vivem todos no mesmo assentamento?

— Tivemos divergências. Um segredo pouco conhecido é que cada um de nós preferimos que certo Maior vença, ajudando ele ou ela na surdina.

— Vocês todos precisam se unir para apoiar um campeão que possa enfrentar Richter. De outra forma, ele trará o inferno para a terra. Eu testemunhei seus poderes pessoalmente.

— Também os vimos. Às vezes um Arcano é *de fato* a carta dele. Ele é tão imutável quanto uma rocha. Sua ira tão quente quanto a lava e tão destrutiva quanto. Porém, Arcanos Maiores já nascem maus.

Muitos que conheci sim.

— Eu não sou má — Ainda não. Neste jogo fiz coisas cruéis por razões justas: proteger meus amigos e aqueles que amava, ou preservar minha própria vida contra adversários mortais. Nunca feri um inocente. Ao menos, nunca com malícia.

Eu mantive a Bruxa Vermelha bem encoleirada.

As Copas riram da minha declaração. Lorraine parecia se divertir muito, como se eu fosse uma criança que tivesse acabado de falar algo muito engraçado.

— Está dizendo que os deuses a selecionaram há tantas eras porque tinha o coração bondoso? Não, todos eles escolhem um predador para empoderar e patrocinar.

Dúvidas fluíram, mas então me lembrei da doce Tess, que se destruiu tentando desfazer a carnificina de Richter. Até Gabriel quis muito que o jogo terminasse. E Finn? Ele nunca quis machucar nem uma mosca.

— Quanto à sua preocupação — disse Lorraine — os Arcanas Menores *estão* se reunindo. Estamos em contato com o Reino de Ouro. Eles controlam a Casa dos Doentes.

— Os que mandaram aquela mensagem de rádio bajuladora.

— Aquela mensagem *bem sucedida*. O assentamento deles é ainda maior que Jubileu. Eles ficaram muito interessados em saber que estávamos hospedando três Maiores, mas não surpresos. — Então os Copas também sabiam de Kentarch e Joules. — Começamos a conversar com os Ouro para nos unirmos, para que as coisas acontecessem mais rápido. Nós Arcanas Menores somos como supervisores da terra. Ela não retornará até que este jogo termine, até que todos os Arcanos Maiores morram, com exceção de um.

— Assumo pela sua atitude que não sou sua zebra desta vez.

— Alguns acreditam que precisaremos de você para voltar a semear a terra — ela revirou os olhos. — Podemos encontrar sementes. Assim que o sol retornar, podemos plantar o que for. De qualquer forma, estamos associados com a água. Preferimos que a Sacerdotisa vença. É isso que nossos corações e sonhos nos dizem pra fazer.

— E mesmo assim não fazem sacrifícios para ela?

— Fazemos oferendas semanais na prancha — ela me mostrou uma nova máscara, uma Lorraine bem satisfeita consigo mesma.

— Então aqueles homens diziam a verdade quando gritavam sua inocência? — Até lá embaixo...

— Claro — ela compartilhou uma risada com seus guardas. — Como eu disse, não há necessidade de roubar aqui. Temos em abundância. Até mesmo muitas oferendas.

Jack falou:

— Vocês têm uma rotina de assassinar homens inocentes? — Ele parecia arrependido de ter duvidado de mim.

— Inocentes não. Eles eram agitadores que falavam demais e ameaçavam nossa harmonia.

Os Copas eram assassinos em série. Eu sabia que havia alguma coisa errada com eles.

— Conversei com a minha boa amiga Circe exatamente sobre esse assunto, e ela reclamou que os colonos da costa não estavam fazendo "sacrifícios adequados". O que quer que estejam fazendo, estão fazendo errado. Não é um *sacrifício* se não *sentem* como tal. Talvez seja melhor tentar atirar o Rei de Copas da próxima vez.

Uma faísca de dúvida atravessou a máscara de Lorraine quando ela olhou para o homem mais velho. Ele puxou o colarinho da camisa.

Com a atenção de volta para mim, ela disse:

— Sua amiga Circe, é? E mesmo assim você continua a traindo em todos os jogos.

Já estava de saco cheio com esses lembretes.

— Como sabe disso? — Tentando parecer tranquila, falei:

— Você deve ter crônicas — *Eu as quero.*

— Com os nossos talentos, não temos necessidade delas.

Fadiga pesava em mim, irritação crescendo.

— Quais são esses talentos? Você disse que faria uma demonstração.

— O que mais quer no mundo? — ela perguntou. — Eu posso te dizer como obter.

Poderia me arriscar divulgando o que eu precisava?

— Por pura bondade de coração?

— Não. Você me dará outros segredos. Vou descobrir se vai deixar nosso assentamento em paz ou não. Saberei se fala a verdade ou se conta suas mentiras de Imperatriz.

— Como? — Com o canto do olho, avistei duas formas meio materializadas na sacada. Kentarch e Joules!

— Vou precisar do seu sangue — ela agarrou o cálice e a faca. — Não notou as tarjas vermelhas em nossos braços? Elas simbolizam ataduras.

Jack se debateu com os guardas que o seguravam.

— Ninguém vai beber o sangue dela.

— Beber? — Lorraine parecia horrorizada. — Claro que não! Parece que fazer isso leva ao canibalismo. — Mais uma vez, ela e eu concordávamos com algo. — Não, nós somos clarividentes. Podemos ver o passado, o presente e o futuro de um indivíduo...

— Em um cálice de sangue — terminei por ela. Vovó me disse isso, mas achei que ela estivesse delirando. Ela tinha me ensinado o tempo todo, até o fim?

Lorraine assentiu.

— Se o sangue é oferecido livremente, responderemos a uma única pergunta.

Matthew não era o único que podia ver longe. É por isso que as Copas tinham tirado amostras aleatórias na quarentena. Elas não estavam fazendo testes para descobrir se havia contágio; estavam fazendo previsões para saber se aquelas pessoas tinham uma epidemia em seus futuros.

Kentarch se materializou totalmente na sacada.

— Clarividentes? — Joules se formou ao seu lado.

Lorraine se virou para eles.

— Ah, o Carro de Guerra e a Torre — os guardas ficaram tensos apontando seus rifles. — Querem fazer mal às Copas?

Kentarch negou com a cabeça e depois se teletransportou para mais perto dela.

— Minha esposa está desaparecida — ele já estava enrolando a manga do braço mutilado. — Eu a estou procurando há meses. Pode me dizer onde ela está?

Se Lorraine ficou surpresa por ele ter perdido a mão, ela não mostrou.

— Eu posso dizer se vai encontrá-la e onde — ela posicionou a faca e o cálice.

Eu disse rapidamente:

— Kentarch, cuidado com ela. Não estava aqui quando ela se gabou de forçar homens inocentes a caminharem na prancha. Eles vêm executando uma vítima nova a cada semana.

— Imperatriz, preciso saber como encontrar Issa — ele disse para Lorraine: — Por favor, me ajude.

Ela inclinou a cabeça.

— Onde a viu pela última vez?

Ele explicou a situação na cobertura, como sua esposa tinha desaparecido de dentro de uma fortaleza impenetrável.

Lorraine escutou atentamente, depois disse:

— Não é de se espantar que esteja desesperado para localizá-la. Tudo que conhece é a vitória. Que frustrante para o eminente Carro de Guerra, a carta associada com destemida excelência, fracassar por tanto tempo — ela fez *tsc, tsc* com a língua. — Tudo o que quer é um inimigo para vencer. — *Ai dos malditos vencidos.*

Ele ofereceu seu braço.

— Eu não me importo com sucesso ou fracasso, contanto que ela esteja viva. — Suas sobranceiras se juntaram quando Lorraine passou a lâmina sobre a pele cicatrizada de seu pulso, mas ele não emitiu um som quando o sangue começou a cair no cálice.

— Aí — ela sorriu para o conteúdo fumegante. — Isso já serve — ela olhou para dentro do cálice como se olhasse por uma janela. — Eu posso veeeer você — ela murmurou em um tom estranho. — Encontrei-o aqui no sangue. Você leva uma garrafa com a cerveja favorita dela. *Tusker*, sim?

Ele arregalou os olhos.

— Sim! Vamos bebê-la juntos? Por favor, me diga.

Demorando-se, Lorraine disse:

— Sua cobertura moderna ainda tinha eletricidade.

Impaciência emanava dele.

— É lá que iremos nos reencontrar? Issa retornará para a nossa casa? — Como ela *poderia* se ele tinha bloqueado todas as entradas? Mas também, como ela conseguiu sair?

— O quebra-cabeça enlouquecedor daquela fortaleza trancada vai atraí-lo de volta para lá. Desesperado por uma pista, você usará uma picareta em todas as paredes.

Pela primeira vez, um mal-estar cruzou a expressão de Kentarch.

— Atrás de uma fachada, você vai descobrir um quarto do pânico escondido. Ela também o encontrou?

Ele fez um som parecido com um gemido. Do que ele estava com medo? Que dor estava vindo em seu caminho?

— Você recordará que a eletricidade desnecessária foi interrompida naquele último dia, e temerá que a interrupção tenha bloqueado a porta. Imaginará ela correndo até a saída, apenas para ser selada dentro da escuridão. Suspeitará que mesmo com seus sentidos aguçados, não poderia ter ouvido os gritos dela através daquelas placas grossas de metal à prova de explosivos. Estremecendo, quase louco, ficará intangível e passará pela porta. Dentro do quarto do pânico, encontrará... os restos mortais dela.

Meu fôlego fica preso na garganta enquanto divido um olhar espantado com Jack. Issa estava morta o tempo inteiro?

— Você lerá a carta que ela lhe escreveu no escuro — disse Lorraine como se comentasse o tempo. — Compreenderá que abandonou sua preciosa esposa, *você*, a única pessoa que poderia tê-la resgatado facilmente daquela tumba. — A rainha levantou os olhos para Kentarch. — E você, meu querido, perderá a razão.

Ele sacudiu a cabeça violentamente.

— *Não. Não. Não* — ele se afastou dela como se pudesse se distanciar de suas palavras.

Eu gritei:

— Ela tem que estar mentindo. — Mas como Lorraine saberia daqueles detalhes?

Joules veio correndo pelos degraus da sacada.

— Calma, Tarch!

Lorraine franziu a testa para o cálice, e depois levantou a cabeça bruscamente. Aquela era uma centelha de medo? Ela estalou os dedos e dois guardas correram para sua frente.

— Não é o *futuro* que estou vendo. É o *passado*. Você já fez essas coisas! Já enlouqueceu! Você voltou e descobriu o corpo de Issa pouco antes de partir para o castelo de Morte.

Meu queixo caiu.

O corpo forte de Kentarch estremeceu.

— Aquele corpo que eu encontrei não pode ser o de Issa. Meus olhos devem ter me enganado. O que quer dizer que esta carta — sua voz falhou quando ele enfiou a mão no bolso do casaco — não pode ser dela. Eu jamais a deixaria; Issa é tudo para mim.

Eu cambaleei.

— Kentarch... — Ele era um amigo que precisava de ajuda, um homem destruído pelo Flash.

Ele me perguntou se eu confiava no sussurro da minha esperança. O Carro confiou demais no sussurro da sua.

Ele passou o antebraço ensanguentado pelos olhos cheios d'água.

— Ela está por aí. Eu continuarei procurando pelas Cinzas — O contorno do seu corpo começou a oscilar. — Eu *nunca* vou desistir.

Jack começou a se debater de novo.

— Fica com a gente, parceiro!

Joules correu para o Carro de Guerra, segurando seu ombro.

— Não vá, chapa! — Mas Kentarch já estava desaparecendo.

Os dois sumiram.



A Rainha de Copas ficou olhando fixamente para o espaço vazio que Kentarch deixou, parecendo surpresa com o desenrolar dos acontecimentos.

— Como pôde fazer isso com ele? — Questionei.

Readquirindo compostura, ela disse:

— Ele me fez uma pergunta; eu respondi. O problema em ser um vencedor com ele é que, mais cedo ou mais tarde, todos perdem. Ele não conseguiu digerir uma derrota como aquela.

— Quem conseguiria? — Ele se sentia responsável pela morte da pessoa que mais amava no mundo. Poderíamos localizá-lo e trazê-lo de volta? Talvez para nós ele estivesse perdido para sempre. Se fosse assim, qual seria o destino de Joules? — Achei que gostasse de ajudar pessoas. Você ia ser psicanalista, poderia ter ajudado ele.

— Um Arcano Maior que não favorecemos? — Lorraine estalou os dedos outra vez e um guarda trocou seu cálice cheio por um vazio. Como se não tivesse acabado de destruir um bom homem, ela disse: — Sua vez, Imperatriz. Lembre-se: apenas uma pergunta.

Eu também era uma Arcana Maior que eles não favoreciam. Como Kentarch, eu não era o indivíduo mais saudável psicologicamente. E se ela me dissesse algo que servisse de gatilho para me enlouquecer de vez?

O que Jack viu em minha expressão fez com que se debatesse para se soltar.

— Não faça isso! — Ele me olhou nos olhos. — Você sabe o que está em jogo. Fica *comigo*.

Ele estava me dizendo para não dar meu sangue. Para não arriscar a insanidade. Não revelar minha gravidez. Para viver o resto dos meus dias com ele.

Mas se Lorraine podia revelar tanto a Kentarch, ela certamente poderia me dizer como matar o Enforcado. Circe não tinha dito que a resposta estaria na costa?

Eu senti que só teria uma chance de descobrir a fraqueza de Paul — e era essa.

Hora de decidir. Minha mão tocou minha barriga. Aric não iria querer que eu colocasse seu filho em perigo.

— Lute com eles, Evie!

Lutar significaria renunciar para sempre a Aric. Como eu contaria isso ao meu filho? *É, eu não pude salvar seu pai, mas desisti dele.*

Lorraine disse:

— O que gostaria de saber? Talvez como matar o Enforcado? Ele assumiu controle dos seus aliados, não foi?

Isso resolveu tudo. Eu fui até o trono.

— Sim.

— Droga, não! — Gritou Jack. — Tem que ser dos Copas que Cooyôn me avisou, os sonhadores do mal. O Flash deixou eles maus. Todos os saúdam como se eles fossem bons, mas não são!

— Realmente *acreditamos* em sonhos, Imperatriz — com um brilho desafiador nos olhos, Lorraine disse: — Talvez devesse me negar.

Ignorando os protestos de Jack, eu levantei a manga.

Ela ergueu a faca para o meu braço exposto.

— Muito bem, Imperatriz.

Eu me encolhi pelo corte. Lorraine e eu ficamos olhando meu sangue derramar, como dois passageiros no elevador olhando para os números dos andares enquanto subiam. *Quase chegando...*

Assim que o cálice encheu, ela nem sequer olhou para o meu sangue antes de dizer:

— Só há uma maneira de uma Imperatriz derrotar o Enforcado: você tem que enforcá-lo com uma corda que tenha tirado a vida de doze almas assassinas, seu número Arcano.

Era essa a arma da qual Circe tinha falado! Toda minha espera tinha valido a pena.

Ela deu um suspiro dramático.

— Infelizmente, a corda não existe mais. Um museu do Velho Oeste possuía uma, mas o Flash transformou a corda em cinzas.

Meu peito se contorceu. Então Aric estava perdido para mim para sempre.

— Você sabia que não existia mais e ainda tirou meu sangue.

— Nós conhecemos as fraquezas de todos os Maiores. Eu não precisava estragar uma oferenda de sangue.

Vadia!

— Me diga como matar Richter.

— Hãh-hãh — ela ergueu o dedo. — Apenas um questionamento. Agora é a minha vez. — De fazer o quê? Lorraine olhou para o meu sangue reunido, girando-o como vinho. *Notas de corpo de pesadelos*. — Que segredos a Imperatriz guarda que eu precise saber? — Ela cheirou por cima da borda. — Espere, o que é isso?

A máscara de Lorraine começou a cair.

Caindo...

Caindo...

Caiu.

Ela sacudiu seu olhar pra cima, os lábios num esgar, mostrando os dentes. Ela atirou o cálice na parede, sangue manchando o papel de parede luxuoso.

— Você carrega o filho *dele*! Está grávida da cria de Morte!

Olhei de um Menor a outro, medindo suas expressões de choque.

— Procura aquela corda porque quer salvar Morte, pra poder voltar para ele como esposa! — Lorraine cuspiu: — Todos menos um Maior devem morrer ou a terra não reviverá! Ainda assim quer viver com a sua prole Arcana? A terra deve perecer eternamente por causa do seu egoísmo?

— Meu filho não é um Arcano. Ele será um mortal normal. — Falar as palavras em voz alta quase me fez acreditar.

Um guarda disse:

— Uma união como essa viola os ditames dos deuses. Todos seremos punidos!

O Rei de Copas acrescentou:

— Você provocará a ira dos deuses sobre todos nós!

Jack berrou:

— Ou ela poderia salvar todo mundo! — Um dos guardas deu um murro em sua barriga. Jack se debruçou, ofegando.

Os homens que o seguravam o forçaram contra uma coluna, algemando seus punhos atrás dela.

Avancei neles.

— Não toquem nele de novo!

— Ou o quê? — Gritou Lorraine. — Eu vi o bastante do seu sangue para saber que seus poderes estão reprimidos.

Eles sabiam que eu era um navio afundado. *Mas eu tenho um segredo...*

Eu deveria tentar atacar um naipe armado de Arcanas Menores? Uma bala poderia matar meu filho, e eles tinham Jack de refém. Olhei nos olhos dele enquanto ele lutava para se livrar daquelas algemas.

Lorraine disse ao Rei de Copas:

— Mate-a.

Duas palavras que eu nunca mais queria ouvir.

— Não têm permissão para me machucar.

— Não temos escolha — falou Lorraine. — Está grávida de uma abominação!

Eu não discordava necessariamente. Mas Tee era a *minha* abominação.

Endireitando os ombros, ela disse:

— Você violou as regras; não merece mais ser protegida por elas.

Eu tinha violado as regras. Não era para eu ter ficado com Morte. Ou desafiado os ditames dos deuses. Nem amar dois homens ao mesmo tempo.

O rei ergueu as sobrancelhas.

— Fazer dela um sacrifício?

Antes que Lorraine pudesse responder, eu disse:

— Quer mesmo sugerir isso? — Eu podia não ser a Imperatriz que já fui, mas ainda tinha amigos poderosos. — Circe é a madrinha do meu filho, se me atirarem no fosso, sofrerão a sua fúria.

As Copas murmuraram ao mesmo tempo:

— *Abissal.*

— Leve-a para o continente — Lorraine disse ao rei. — Silenciosamente. Então retorne com sua cabeça.

Meus olhos estreitados absorveram as expressões dos guardas. Aqueles homens pareciam empolgados com a possibilidade de decapitarem uma adolescente grávida.

Meu Deus, isso nunca ia parar. Era como Jack disse — os monstros continuariam vindo. Richter, Zara, canibais, a Casa dos Doentes, outro Hal e Stache. E eu tinha lutado com todos eles com uma mão amarrada às costas.

Encarando esses idiotas, cheguei a uma realização chocante: que prefiro arriscar o poço tóxico.

Jack disse:

— Lute, Evie! Você não tem escolha.

Eu concordava. A Bruxa Vermelha se esticou dentro de mim piscou e abrindo seus olhos.

Lorraine ordenou:

— Calem a boca dele!

Um guarda deu outro soco, mas Jack continuou gritando.

— Levante ou morra! A bonequinha tem dentes!

Minhas garras cravaram e mminhas palmas, formando meias-luas de sangue. Minha respiração ficou agitada. Eles bateram em Jack, destruíram minha esperança de salvar Aric e planejavam acabar comigo. Uma Copa velha e nojenta queria me decapitar em uma praia escura.

Tee não existiria mais. A Bruxa Vermelha se enfureceu com a ideia. *Proteja o que é seu...*

— Eu te trago de volta, *bébé*. Eu sempre vou te trazer de volta.

Glifos faiscaram pela minha pele, meu cabelo mudando de cor. Eu disse a Lorraine:

— Um último aviso: nos deixe ir embora, ou vai pagar o preço.

— E condenar a terra para todo sempre? Nunca!

Então está feito. Antes que eu pudesse me entregar à minha raiva, ela deu um tipo de sinal.

— Evie, cuidado!

Eu me virei em tempo de dar de cara com a coronha de um rifle.



39

Tontura... dor... os gritos de Jack...

Eu não conseguia levantar a cabeça — ou fazer a minha mente golpeada entender o que estava acontecendo.

Minha testa latejava, mas sentia cócegas na bochecha e no nariz. Sangue escorrendo pelo meu rosto? Sim, meu cabelo estava molhado de sangue.

Guardas algemaram meus pulsos na minha frente. Outro cortou meu braço, derramando mais sangue em um cálice à espera. Eles estavam substituindo o que Lorraine jogou na parede ou me enfraquecendo mais para minha execução?

Como se de uma grande distância, ouvi Jack berrar que eu não podia perder mais sangue.

Quando o Rei de Copas me ergueu nos braços, Jack se debateu como um louco, então os guardas bateram mais um pouco nele. Ele deu uma cabeçada horrível em um deles, mas sem os punhos...

Lorraine deslizou sobre mim, o vestido esvoaçando. Em um tom tranquilizador, ela disse:

— Não deveria levar para o lado pessoal, querida. Apenas considere o dia de hoje um devaneio. Entregue-se ao sonho e isso logo vai estar acabado.

Tudo que você tem que fazer é se render, foi o que vovó me disse, atraia seu ódio e sua dor. Torne-se ela: a Imperatriz que nasceu para ser. Eu me torci contra os braços do rei.

— Acalme-se — a voz extasiada de Lorraine se afiou quando ela ordenou aos guardas: — Atirem no Cajún.

Jack de repente ficou calado.

Ah, não. Enterrei meus dentes no pulso do rei.

Ele me jogou longe.

— Sua puta!

Eu caí no chão de madeira ensanguentado e levantei a cabeça no mesmo instante. Um guarda tinha o rifle apontado para a testa de Jack.

— Evie — nossos olhares se encontraram enquanto a arma engatilhava.

Chão de madeira. Madeira... Com um grito estridente, meti as garras dentro do chão e revivi as tábuas. Lascas explodiram para cima como balas, empalando os Copas, perfurando membros.

Lascas de madeira imobilizaram cada um deles — como fiz com Cyclops no castelo. Alguma parte minha queria aqueles Arcanas Menores vivos?

Apenas Jack estava ileso. Ele parecia desnorteado com o meu trabalho; ele iria superar isso.

Do outro lado da pista de dança, os Copas estavam presos para o alto como borboletas alfinetadas, incapazes de pegarem as armas. Eles berravam em agonia, lutando para se soltarem, mas só conseguiam se machucar ainda mais.

Usei as garras para cortar as algemas dos meus pulsos. Tirando o cabelo encharcado de sangue do rosto, eu me levantei com dificuldade e andei até Lorraine.

Ela virou a cabeça para me manter em sua linha de visão, choramingando à minha aproximação.

— Não, nããão!

Ao passar pelos outros Copas, eles cuspiram sangue, sibilando que eu carregava uma abominação. Que eu estava condenando o mundo.

Palavras não me atingem.

— Não deveria ter previsto isso? — Perguntei a Lorraine. Se ao menos tivesse lido o futuro além da minha gravidez... *Isso que é*

esconder o jogo. — Mas por outro lado, ultimamente eu mal consigo prever o que vou fazer. Você não tinha a menor chance.

— Vá pro inferno! — Sangue escorria dos seus lábios. — Você vai so-sonhar com esta lembrança para sempre!

— Oh. Acha que isso é a pior coisa que eu já vi? Nem chega ao pódio. Além do mais, é apenas um devaneio, certo? Mas eu posso transformá-lo em um pesadelo. Devo fazer essa madeira crescer dentro de você? Substituir cada veia sua? — Eu bati na lasca que ultrapassava a perna direita dela, a vibração fazendo-a gritar. — Ou você pode falar. Realmente não existe outra maneira de matar o Enforcado? Você estava mentindo?

— Jure que vai poupar nossas vidas... e vou contar.

Inclinei a cabeça.

— Tudo bem. Dou minha palavra como Imperatriz que vou poupar vocês.

— A corda foi destruída... não existe mais! Fico feliz por isso!

Por alguma razão, eu acreditei nela. Depois de todas aquelas semanas esperando, minha missão tinha acabado? E Aric já era uma casualidade do jogo?

— Como matamos Richter? Como ele deve morrer no jogo?

— O Enforcado... convence o Imperador a se matar.

Abri os lábios. O que impediria Paul de fazer o mesmo com meus amigos — e com Aric? O Enforcado estava em posição de ganhar todo o jogo. O mal reinaria.

Eu não queria que Richter vencesse, mas tudo dentro de mim também se rebelava contra a vitória de Paul.

Estreitei os olhos quando uma ideia surgiu. Eu podia cultivar cânhamo¹⁵. Podia fazer uma corda com um laço. Só precisava das execuções.

¹⁵ Planta utilizada na fabricação de corda, papel e várias outras coisas.

Um naipe inteiro de almas culpadas estava convenientemente preso naquele lugar, oferecido a mim.

Se eu derrotasse Paul e libertasse Aric, poderíamos voltar toda a atenção para Richter mais uma vez. Mas primeiro eu tinha que obter a arma.

Eu era forte suficiente para fazer o que precisava ser feito aqui? Insensível o bastante? *Eu sou*, disse a Bruxa Vermelha. *Entregue-se a mim!*

Olhei para Jack. Seu rosto estava machucado e inchado a ponto de um olho estar fechado. *Ele vai me trazer de volta.*

Proceder com esse plano da corda não era necessariamente uma coisa muito "mocinha" de se fazer — mas era o movimento que eu queria fazer.

Para sobreviver neste novo mundo, eu precisaria ser mais fatal do que meus adversários violentos. Mais louca que os insanos. Mais monstruosa que todos eles.

Em outras palavras, *a porra da mãe do ano*. O calor da batalha me escaldava.

— Jack, acho que estou indo nadar um pouquinho.

O sorriso dele era sanguinário.

— Não vá muito no fundo, *bébé*.

Lorraine e os outros continuavam se debatendo para se libertarem. Seja o que for que ela viu em minha expressão deixou seus olhos enlouquecidos.

— Você jurou... não nos matar.

Bati as garras de uma mão na outra.

— Como todo mundo vive me lembrando, a Imperatriz é uma conhecida mentirosa. — Os desvios e torções da roseira selvagem e cheia de espinhos eram os meus. — Coloque-se no meu lugar. Basicamente estou pesando suas vidas de assassinos em série de um lado, e o futuro da humanidade do outro. Não deveria levar para o lado pessoal, querida. Apenas se entregue ao sonho.

Videiras brotaram da minha pele enquanto a raiva queimava. Olhei para aquele poço sem fundo com um pouco menos de horror do que antes — *está ficando mais fácil, Evie* — porque eu estava me tornando a Imperatriz que nasci para ser.

— Outros Arcanas Menores... sentirão nossas mortes. Os reinos se unirão... caçarão você e seu filho... caçarão todos os Arcanas Maiores.

— Vocês esmagaram meu rosto, planejando cortar minha cabeça fora. Ameaçaram as vidas de Jack e do meu filho. Os Copas não deveriam ter escolhido uma batalha que não poderiam vencer. — O caule de uma rosa sem espinhos surgiu do meu pescoço para circular minha cabeça, criando uma coroa. Folhas brotaram, e uma dúzia de brotos vermelhos combinaram com o meu sangue secando. Com uma voz sussurrante, eu disse: — Me reconhece agora? Lorraine, talvez no próximo jogo você se lembre: Uma Imperatriz sempre sobrepõe uma rainha.

Vovó ficaria tão orgulhosa. Pela primeira vez eu me entreguei à Bruxa Vermelha completamente.

Faça.

O.

Seu.

Pior.



PRANCHA, PRANCHA, PRANCHA!

Abri os olhos e me vi ajoelhada ao lado de Jack. Ele estava gritando comigo? Nos meus dedos apertados estava uma corda manchada de sangue. Eu mal podia mover os membros pesados, drenada do meu poder despendido.

— Jack? — Minha garganta estava pegando fogo. Dos berros da Bruxa Vermelha? Pétalas e espinhos afiados me cercavam como o desenho de uma vítima no chão da cena de um crime.

— Sai dessa, Evie! Eles estão vindo atrás de nós. Corte minhas algemas.

Eu me inclinei em volta dele, cortando as algemas.

Jack me puxou para perto.

— Voltou a me ouvir?

Assenti contra ele, sem ter certeza de nada.

— O que aconteceu?

— Temos que ir. — Ele tirou meus dedos da nova corda e estavam com as juntas brancas de tão apertadas que estavam, tomando o comprimento fibroso e o enrolando na sua cintura. Ele fechou o zíper do casaco por cima.

Peguei um relance dos Copas mortos antes de Jack segurar meu queixo e tirar meus olhos dali.

— Não olhe pra isso, *pee-kôn* — ele me ajudou a levantar.

— O que eu fiz? — Tudo era um borrão.

— O que precisava — fomos em direção à saída. No caminho, ele pegou o rifle de um dos guardas caídos.

Do lado de fora, Jubileus clamavam pela prancha.

— *Lorraine está morta!*

— *Todos os Ciborium foram assassinados pela bruxa e por aquele Cajún!*

— *Os criminosos ainda estão a bordo!*

— Jack, o que está acontecendo?

— Alguém apareceu durante... enquanto você estava... — Enquanto tentava colocar minhas ações em palavras, eu vagamente me lembrei de alguém entrando, vomitando e depois fugindo. — Não importa. Eles invadiram o arsenal. Ainda tem condição de lutar?

Um gemido saiu dos meus lábios.

— Era o que eu temia. Vamos. — Com o rifle erguido, ele agarrou minha mão e saiu correndo do salão de festas.

Quase conseguimos sair do iate, mas uma multidão armada bloqueou nossa passagem.

— *Prancha! Prancha! Prancha!*

Jack apontou a arma de um para outro.

Olhei por cima do ombro. Mais Jubileus nos circulavam por trás.

— Tem muitos deles.

Um homem alto e musculoso deu um passo à frente. O novo líder deles? Apontando uma baioneta para nós, Musculoso disse:

— Largue a arma, Cajún, ou nós atiramos na cara da bruxa.

— *Putain* — Depois de hesitar, Jack colocou o rifle no chão. — Mataria uma mulher rara?

— Depois do que ela fez lá dentro? — Os olhos de Musculoso tinham uma mistura de animosidade... e de medo. Na sua mente ele me preferia morta. — Pelo assassinato da nossa rainha e guarda real, os dois vão caminhar na prancha. Ou vão ser esfaqueados até a morte. — Ele apontou com a baioneta. — Conhecem o caminho.

Com grunhidos frenéticos, os homens foram nos cutucando. Não tivemos escolha senão seguirmos para mais perto da nossa execução.

Em francês, Jack me disse:

— Se sobrevivermos à queda, o frio nos matará em um piscar de olhos.

— Circe é nossa única esperança. — Mas como ela iria ajustar a temperatura do seu elemento? Ela foi incapaz de lutar com o gelo do castelo.

A multidão nos forçou a sair pelo convés enevoadado. Na escuridão gelada, a prancha se revelava.

Eu e Jack paramos de andar.

Forcei minha voz para gritar:

— *Circe!* — Ela estava em algum lugar perto de nós? Poderia ouvir lá no eco do seu abismo?

Musculoso gritou:

— Cale a boca, bruxa — Ele quis me ferir com a baioneta, mas Jack me defendeu com o braço.

Corte. Sangue escorreu.

— Você vai pagar por isso.

— Me poupe, Cajún.

Eles esfaqueariam a barriga de Jack em seguida? O coração?

— Eu prefiro arriscar a água. — Pisei na prancha, arriscando olhar para baixo. Minha respiração ficou presa. O fosso era uma fera faminta, esperando seu jantar.

Jack me seguiu, colocando-se entre mim e aquelas lâminas.

— Não tem mais para onde ir — ele plantou suas botas. — Se Circe vai nos salvar essa seria uma boa hora.

— *CIRCE!* — Bancos de névoa rolavam, obscurecendo minha visão em intervalos, mas achei ver o nível da água subir. Minha imaginação?

Jack me olhou e sua expressão solene partiu meu coração.

— Outra aventura juntos, *non?*

Agora eu sabia que estávamos prestes a morrer.

— Pelo menos estou com você.

Um cobertor grosso de névoa varreu dentro até que eu mal pude ver Musculoso e seus homens. Gritos vieram da multidão abaixo, seguidos por um grito forte que terminou abruptamente.

— O que está acontecendo lá embaixo?

— Talvez Kentarch e Joules tenham voltado.

Musculoso ordenou que alguns homens fossem investigar a confusão. Vários saíram correndo, mas ele e mais três continuaram focados na gente. Baionetas romperam aquela névoa densa, atacando Jack.

Outro corte em seu braço. Depois no pulso. Ele aguentou firme, recusando-se a recuar.

— Você não pode levar outro golpe! — Fui até o limite da prancha, puxando sua mão. A prancha fez um movimento de gangorra, fazendo meu estômago afundar.

— Aguenta firme! Não dê outro passo — ele inclinou para frente, mas era uma batalha perdida. — *Putain!* — A prancha balançou para cima e para baixo.

Pra cima. Pra baixo. Pra ciiiiima...

As baionetas desapareceram. Quatro *barulhos* altos soaram. Corpos tinham acabado de cair no convés?

Jack e eu começamos a deslizar para trás. Estávamos olhando para o fim da prancha — prestes a sermos jogados!

—*Jack!*

Acima do meu grito veio um barulho de pisadas.

A prancha estabilizou! Uma bota de metal estava alojada em cima da outra extremidade. Metal negro.

Oh, santo Deus. Levantei os olhos com pavor.

O Ceifador assomava na névoa, coberto em plena armadura, com as duas espadas ensanguentadas empunhadas. Sua cabeça protegida pelo elmo virou, o olhar preso ao meu. O homem que me decapitou duas vezes mais uma vez me tinha em mira.

Morte veio me reclamar...



41

Talvez isso fosse algum tipo de pesadelo. Talvez eu ainda estivesse inconsciente daquela pancada de rifle que levei.

— *Venha comigo* — sua voz rouca me deu calafrios.

Não era um pesadelo. O Ceifador estava curado? Ou Paul de alguma forma tinha despachado um assassino para nos matar?

Por trás de Jack, eu gaguejei:

— Ir com você? Para que possa beber meu sangue da sua espada? Prefiro que Circe fique com meu ícone! — recuei mais um pouco.

Morte sibilou suspirando, os olhos brilhando por trás do visor do elmo.

— Não se mova, *sievā*. O Louco me mostrou uma visão. Se você e o mortal caírem nessa água, você congelará e seu coração vai parar.

Com minha mão livre, enxuguei a água do mar que respingava e o sangue do rosto.

— Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diga?

— Estou aqui para te ajudar — ele olhou para baixo da trincheira. — Precisamos deixar este lugar imediatamente. Estamos ficando sem tempo.

— *Por Lorraine!* — Mais dois Jubileus atacaram com baionetas.

Aric se virou para manter a bota na prancha ao golpear os dois homens. Seus corpos se juntaram à pilha com Musculoso e os outros. Aric se voltou para nós.

— Vamos!

Seu *tableau* ondeou sobre ele, o lado certo para cima. Mas eu mal confiava em minha própria visão. Permaneci congelada até toda a plataforma continental parecer se mover. Outra Brecha?

Quando eu cambaleei para me equilibrar, Jack decidiu por mim, puxando minha mão para escapar da prancha. De volta ao convés, ele perguntou:

— Tem um veículo, Ceifador?

Ele sacudiu a cabeça.

— Precisamos conseguir a caminhonete de Kentarch lá no estacionamento, mas mais Jubileus vão estar nos esperando.

— Me diga onde está que vou liderar o caminho.

— Chegue no nível do solo, depois vire à esquerda — Jack apertou minha mão, dizendo: — Estou com você, *peekôn*. Se não confia nele, confie em *mim*.

Encontrei seus olhos e finalmente assenti. Nós corremos pelo iate, passando por corpo após corpo. Para nos alcançar, Aric tinha eliminado uns vinte homens.

Jack arrancou um rifle da mão de um cadáver. Balas das roupas de outro.

Quando Aric saiu para o lado de fora, tiros foram disparados, atingindo sua armadura. *PING PING PING*.

Jack me colou ao seu corpo, indo como uma sombra de Aric enquanto o Ceifador nos protegia.

De volta ao chão uma vez mais nós corremos, água batendo nos calcanhares. A areia sempre secava depressa; nunca mais parecia haver água parada. Ela parecia estar *subindo* pela areia.

A plataforma fez um estrondo, preparando uma inundação.

— O que está acontecendo?

Aric respondeu:

— A Sacerdotisa está perdendo o controle. — De seus poderes *catastróficos*?

Mais homens atacaram, testando estupidamente suas baionetas contra as espadas de Aric. Morte deixou para trás uma trilha de corpos para Jack e eu nos desviarmos.

Por cima do ombro, Aric perguntou:

— Onde está o Centurião e Torre?

— Partiram hoje — disse Jack. — Pode ser que para sempre. Longa história...

Quando chegamos na Besta, a água já estava na altura dos joelhos. Jack soltou minha mão, então localizou o esconderijo da chave debaixo de um refletor.

Aric se dirigiu para o outro lado.

— Eu dirijo.

Jack abriu a porta do passageiro, jogando o rifle dentro.

— Pra dentro, Evie! — Ele me ajudou a subir. — Pegue essa chave.

Eu tinha acabado de segurar a chave quando mais tiros choveram; como um borrão, Aric cobriu a distância até o nosso lado. Esticando uma das espadas, ele desviou uma bala prestes a penetrar no crânio de Jack.

— Entre logo, Deveaux!

Jack mergulhou dentro da cabine, fechando a porta com força.

— Jesus, essa foi por pouco.

Cuidadosamente destravei a porta para Morte entrar, então lhe entreguei a chave.

Ele a enfiou na ignição. Quando o motor não ligou, ele olhou para a fileira de interruptores pequenos. Ele arrancou sua luva e estendeu a mão para mexer nos interruptores — na mesma hora que Jack fez o mesmo.

Bati no braço de Jack com toda a minha força.

— Não!

— Nunca chegue tão perto da minha pele, mortal!

Jack ergueu as mãos.

— É mais fácil se eu só entrar com a sequência da ignição.

— Faça isso — enquanto Aric calçava a luva, Jack apertava os botões na ordem correta.

— Eu já destravei os eixos. Podemos ir.

Assim que o motor ganhou vida, Aric acelerou a Besta.

— Temos que chegar em um local mais elevado. — Ondas rolavam das rodas. Se essa caminhonete não fosse tão alta, já estaríamos presos.

Jack disse:

— Vá para o portão principal. Eles vão estar reforçados na entrada, não na saída. Duvido que tenha alguém vigiando.

Aric dirigiu a caminhonete com destreza até as margens do assentamento, aproximando-se do portão.

Eu prendi o fôlego quando ele acelerou ao máximo. Seu braço direito veio me proteger, bem quando o de Jack também veio pelo outro lado.

Ai, Deus, ai, Deus...

Batemos de frente na barreira de metal. *BUM!* Um dos portões voou das dobradiças. Nós passamos por cima do outro.

Livres de Jubileu! Soltei o fôlego, mesmo que não estivéssemos de modo algum salvos. A água que subia já cobria a pista de areia. Precisávamos colocar quilômetros entre nós e aquela trincheira.

Eu me virei para ver se Jack estava machucado. Ele tinha ferimentos no rosto e rasgos nos braços. O pior deles atravessava a cicatriz em seu antebraço direito.

— Precisa de um curativo — rasguei a bainha do suéter, depois amarrei o tecido em volta do ferimento.

— *Ma belle infirmière*. Você tá bem?

Deslizei os olhos para Aric.

— Tão bem quanto se pode esperar.

Ele removeu o elmo, tirando o cabelo da testa. Sua expressão continuava decidida, mas eu o conhecia bem o bastante para ver como ele estava perturbado. Se estava livre da influência de Paul, ele acreditava novamente na minha gravidez?

Quando eu me virei de novo para Jack, ele disse:

— Seus olhos estão ficando pretos — ele roçou o galo na minha testa. — Eles bateram feio, *non*?

Eu estava surtando e nas minhas últimas reservas de energia. Minhas emoções estavam em alto e baixo, como aquela prancha fazendo a gangorra.

— Estou de saco cheio de babacas me atacando — com os dentes cerrados, eu acrescentei: — Presente companhia *não* excluída. — Faróis altos cegaram nossas vistas refletiram nos nossos espelhos retrovisores quando pick-ups vieram atrás de nós e bugres saíam das dunas. — Está de sacanagem? Eles estão fugindo da trincheira ou nos perseguindo?

Quando uma bala acertou a tampa traseira, Jack disse:

— Acho que um pouco de cada.

Aric agarrou firme o volante quando o motor da Besta rugiu, jogando um jato de água para cima.

— O que aconteceu lá atrás? Por que esses homens estão tão empenhados em parar vocês? E por que sentenciar uma mulher à prancha?

Jack puxou a trava do rifle e checkou o câmera.

— Um naipe de Arcanos Menores queriam matá-la por causa de Tee.

— Tee?

Jack baixou a janela.

— *P'tee garçon.*

Aric se voltou para mim com o cenho franzido.

— Garotinho? — Suas luvas apertaram o volante. — Nosso... filho.

Acho que Morte voltou a acreditar.

— Seu filho... biológico. — Com essa indireta, Jack se pendurou para fora da janela, mirando com o rifle. Eu agarrei seu cinto, agarrando-o enquanto ele atirava nos nossos perseguidores.

Depois de furar o pneu de uma pick-up e acertar um motorista de um bugre, Jack voltou para dentro para recarregar.

— Eles planejavam decapitar Evie. Ela discordou do plano, então eliminou o naipe inteiro.

Mais pick-ups e bugres seguiam nossa trilha, levantando spray de água.

— Podemos falar disso depois? Eles ainda estão atrás da gente!

Aric murmurou:

— Não é com os mortais que estou preocupado. — Massas de areia molhada salpicavam o pára-brisa. Os limpadores não conseguiam acompanhar.

Nós voamos de uma duna, suspensos no ar por um longo momento; mais uma vez, dois braços se cruzaram sobre mim pouco antes de uma aterrissagem de bater os dentes nos levantar no ar pela segunda vez. Uma rachadura se espalhou pelo pára-brisa.

Aric disse:

— Eu não achei que fosse tão alto. Perdoe-me.

— *Perdoar?* — Uma risada histérica explodiu dos meus lábios.

Um bugre se aproximou, o passageiro atirando em nós. De volta à janela, Jack mirou e apertou o gatilho uma vez. Fogo subiu pela frente do veículo. Um barulho de explosão na direção do céu. As chamas refletiam um lençol de água que parecia se elevar a cada segundo.

— Boa pontaria — disse Aric, com outra olhada no retrovisor.

Jack fez uma careta.

— Faço o que posso.

Os veículos restantes afundando, os faróis retrocedendo atrás de nós.

— Eles estão ficando atolados!

Jack se virou para ver.

— Ei, Ceifador, é melhor você pisar fundo. Tipo, *agora*.

Aric se inclinou no volante, forçando a vista pelo pára-brisa melado.

— Não consigo ver nada — Mas ele afundou o pé, dirigindo cegamente. Logo estávamos fazendo aquaplanagem de um lado a outro na superfície.

— Não estou brincando, Domīnija — Jack prendeu o rifle no suporte acima de nós. — Vá para aquele morro. — Ele virou o refletor para marcar uma duna enorme mais à frente.

Na base da elevação, as rodas atolaram, o motor forçando. A perna de Aric estava reta, o pedal no máximo que poderia ficar.

— Vamos, vamos.

Os pneus tracionaram finalmente e nós saímos; a Besta subiu pela duna. Assim que alcançamos uma altura boa, eu olhei para trás.

As luzes brilhando em Jubileu começaram a cair. A plataforma encharcada de água inteira estava *cedendo*.

Assisti todo aquele chão ser sugado pela trincheira como se fosse devorado. Como retratada em seu templo, Circe tinha devorado outro porto.

Terror vem do abismo.



42

Jack, Aric, e eu seguimos em um atordoado silêncio até chegarmos em um solo mais alto. A cada quilômetro, eu esperava que aquela inundação sinistra nos alcançasse.

— Como você está... passando? — Aric finalmente me perguntou com uma olhada para minha barriga. Ele não teria como avaliar minha gravidez por cima do casaco.

Como eu estava *passando*? Uau, ele me deixou perplexa.

Quando eu não respondi, Jack disse:

— Ela está saudável, considerando tudo que aconteceu. Vem comendo bem desde a leoa.

Aric engoliu em seco, seu pomo de Adão subindo e descendo.

— Fico contente em ouvir isso.

Eu ainda não podia acreditar que estava sentada ao lado dele. Não conseguia acreditar no que tinha acabado de acontecer em Jubileu.

— Por que Circe fez aquilo? — Perguntei numa voz fraca.

— Ela nunca pretendeu te machucar, exatamente o oposto. Infelizmente, ela perdeu o controle de seus poderes. Já ocorreu em jogos anteriores.

— E não podemos *nunca* nos esquecer do que aconteceu no passado.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas deve ter pensado melhor. *Homem esperto.*

Mas o silêncio me deixava com muito tempo para pensar. Derrotei todos os Copas, principalmente para salvar Aric. Ele já estava a caminho daqui.

Uma futura Imperatriz leria sobre o meu ataque sangrento com horror? Eu disse a mim mesma que todos os Copas teriam morrido de qualquer maneira na catástrofe de Circe.

— Aqueles Arcanas Menores eram clarividentes — falou Jack. — Parece que deveriam ter previsto a perda do assentamento... e das suas vidas.

Aric negou com a cabeça.

— O futuro é fluído. Através de suas próprias decisões, eles alteraram seus destinos. Provocar dois Arcanos Maiores foi... imprudente.

Assim que alcançamos o que restava da velha rodovia litorânea, Aric parou a caminhonete.

— Que direção?

Jack deu de ombros.

— Não sei. Onde você quer que a gente te deixe?

Em um tom baixo, Aric disse:

— Eu sei que não tenho direito a... coisa nenhuma, mas farei o que for preciso para protegê-la.

— *Merci* pela ajuda lá atrás, mas esse não é mais o seu papel. Evie e eu vamos seguir juntos. — Depois da noite passada, Jack deve ter seguido meu conselho; ele estava exigindo o meu futuro. — Nós fizemos isso funcionar por um tempo em Jubileu. Podemos fazer novamente.

— Chama aquilo de *fazer dar certo*, mortal?

— Quem é você pra falar, hein, Ceifador?

Aric exalou.

— Você tem razão — pra mim, ele disse: — Se me propor que a deixe, eu vou apenas te seguir.

Jack debochou.

— Vai acompanhar essa caminhonete a pé?

— Você ficaria surpreso com o que sou capaz de fazer. Eu corri incontáveis léguas para chegar até aqui.

— Por que *correr*? — perguntei.

— Perdi Thanatos no caminho — perdeu? Aquele tanque em forma de cavalo de guerra tinha sobrevivido a uma onda escaldante e aos carnates dos Enamorados. Ele tinha parecido invencível.

Então entendi. Aric fez aquele garanhão poderoso correr até cair no chão. Quanto ele deve ter forçado Thanatos.

Como se tentando se convencer, Aric falou com a voz rouca:

— Ele ainda pode ter sobrevivido.

Uma pontada de tristeza me perfurou. Aric tinha compartilhado um vínculo místico com Thanatos que eu nunca poderia entender. Eles andaram juntos por mais tempo do que eu vivi.

— Meu ponto permanece — continuou Aric. — Vou cuidar de você de perto ou de longe. Meu sucesso será aprimorado com a proximidade.

Jack disse:

— E quanto à saúde mental dela? — Pergunta justa depois do meu comportamento com os Copas. — Para se fazer o melhor pra essa criança, ela precisa sofrer o mínimo de estresse possível. Depois do dia que acabou de ter, agora está mais tensa que uma tábua.

Verdade. Mesmo estando exausta.

— Eu prefiro vê-la tensa a morta — falou Aric.

— Sabe como é — Jack tocou o queixo — não foi o que eu ouvi.

As luvas de Aric estalaram quando ele apertou os punhos. Se o que denunciava Jack era o músculo da mandíbula, as mãos de Aric entregavam suas emoções.

— Eu me libertei do controle do Enforcado, o que significa que jamais a machucarei de novo. Posso protegê-la, como acabei de fazer.

Eu finalmente me meti.

— Por que agora depois de todo esse tempo.

— O Louco apareceu para mim e me mostrou o futuro caso eu não interferisse. O fim da sua vida.

— Deixou a esfera de Paul porque queria me salvar? — Eu odiava como eu soava esperançosa.

Ele me olhou com uma expressão dolorida.

— Eu parti porque não queria... por que desejava tomar seu ícone para mim.

Honesto como sempre.

— Para você mesmo me *decapitar* — Um soluço involuntário escapou dos meus lábios.

— *Sievā*, eu sinto muito mesmo. Estava dominado pelos poderes dele — ele tentou me tocar.

Mas eu me encolhi, inclinando-me para Jack.

— Dominado até certo ponto. O que é quase pior.

Ele abaixou a mão.

— Sim — Ele ficou olhando adiante, parecendo desmoronar por dentro. E ainda assim, admitiu: — Se o Louco não interferisse, eu ainda estaria lá.

— Gabriel *gostava* de estar na esfera. Não sente falta dela?

— Meus pensamentos não eram meus. Racionalidade desapareceu, substituída por uma raiva amarga. Assim que cruzei o limite da esfera, compreendi tudo. Tudo que fiz a você.

Jack disse:

— Não respondeu à pergunta da moça.

Meu olhar passou pelo rosto cansado de Aric.

— Talvez esta não seja sua reticência natural. Você pode sentir uma lealdade prolongada por Paul.

Aric se virou para mim com os olhos em brasa.

— Esse inimigo vil vai ter uma morte sangrenta. Isso eu prometo a você.

Bem, então meu cavaleiro estava de volta. Aric tinha voltado pra mim no dia depois de Jack e eu dormirmos juntos. Várias vezes.

— Como? — Jack questionou. — Sabe como matá-lo?

— Ainda não.

Eu disse:

— Você me disse todo convencido que não havia maneira de eliminar Paul.

— E você estava correta quando mencionou que deveria haver.

Jack disse:

— Talvez a gente tenha os meios. E se tivermos, parece que devemos deixar em segredo.

Antes de revelar qualquer coisa, eu precisava saber:

— Aric, você sente falta de ficar dentro daquela névoa?

— Estou agradecido de estar livre, mas há repercussões. Dentro dela é mais simples. E esta culpa que sinto pelas minhas ações é... é paralisante, como é o ciúme. Eu sinto falta de... não ter que pelear com essas duas emoções. — Para ele admitir até mesmo isso, dentro dele deveria estar puro caos.

Jack murmurou:

— Nada menos que o que você merece.

— Sim. Aceitarei de bom grado minha punição contanto que possa proteger minha esposa e filho.

Eu disse: — Obviamente as coisas são diferentes agora.

— Eu entendo isso, *sievā*.

Jack colocou o braço em volta dos meus ombros.

— Notícias de última hora, Domīnija. Nós ficamos juntos.

Revelar logo tudo? Claro! Por que não?

Aric disse entredentes:

— Acha que eu não sei disso?

Eu tinha que perguntar:

— Como?

— Se é possível, o mortal está ainda mais possessivo com relação a você — ele apertou a ponte do nariz. — Não peço nada além do privilégio de proteger a sua vida. E a dele também, então. Eu o salvei duas vezes mais cedo.

— E eu agradeço — Jack disse com sinceridade. — Deus sabe que sim. Mas mesmo que você tenha escapado do controle de Paul, o que acontece se for invertido de novo? Evie me contou o que aconteceu naquele castelo. Ela não ter perdido Tee foi um milagre. A gente prefere enfrentar os perigos nas Cinzas sem você do que arriscar ter você por perto.

— Eu não vou ser tomado pelos poderes do Enforcado. Isso não pode acontecer.

— Como pode ter tanta certeza? — Perguntei a ele. — Seu ódio veio da nossa história. O que significa que não há razão para que ele não possa mexer nisso e te voltar contra mim. É como se você tivesse uma bomba esperando explodir dentro de você.

Jack salientou:

— Kentarch disse que a esfera ainda está crescendo. Ela poderia te engolir.

— Não chegarei perto para permitir isso — as sobrancelhas de Aric se juntaram. — Para onde Kentarch foi? Precisamos encontrá-lo o mais breve possível. Não posso acreditar que ele se separou deste veículo.

Meus olhos lacrimejaram. Eu esperava que Kentarch não se teletransportasse com Joules de volta a Jubileu. Não haveria onde aterrissar.

Jack passou a mão pelo rosto e contou o que aconteceu.

Enquanto falava, a dualidade da carta do Carro de Guerra voltou a me impressionar. Kentarch era tão forte fisicamente, mesmo assim teve a alma tão ferida. Ele foi um guerreiro derrotado não pela violência, mas pelo amor.

A expressão de Aric registrou seu choque.

— Issa estava morta o tempo todo? Então Kentarch está perdido — ele falou palavrões na língua letã. — Precisamos dele na batalha contra o Imperador.

Jack disse:

— Ele não foi capaz de ajudar.

Aric pareceu duvidar.

— Enfrentaram Richter?

Eu murmurei:

— E Zara. Ela custou a mão direita de Kentarch. A única razão de termos escapado foi por causa de Circe. De qualquer modo, não há como lutar com o Imperador. Balas derretem. Raios e rochas também. Nenhuma arma pode alcançá-lo.

Franzi a testa. Pouco antes de eu matar Lorraine, a rainha não tinha sussurrado algo sobre Richter? O que foi?

Jack acrescentou:

— Aquele fils *de pute* tem Evie na sua mira agora, quer transformá-la na Imperatriz *dele*.

Outra enxurrada de palavrões de Aric.

— Então, qual é o seu plano, Ceifador? — Perguntou Jack. — Você sempre tem um.

— Desde que escapei da esfera, meu único plano era alcançar minha esposa e impedir sua morte. Agora eu não sei. — O cavaleiro infalível parecia mais incerto do que jamais o vi.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Nunca achei que essas palavras saíam da sua boca.

A vibe de Aric *tenho poder sobre tudo que meus olhos vêem* estava arruinada.

— Vamos precisar de comida e combustível. Posso atacar o assentamento mais próximo e roubar ambos. Se eles forem desorganizados suficiente, talvez eu possa me infiltrar e assumir o controle, garantindo o abrigo seguro.

— Que assentamento?

— A Casa dos Doentes.

Eu neguei com a cabeça.

— É comandada pelas cartas de Ouros. Lorraine, a Rainha de Copas, disse que os Arcanos Menores estavam se unindo para apressarem o fim do jogo e restaurar a terra. E isso foi antes que eu eliminasse um naipe inteiro. Agora eles vão atirar em mim e no meu filho. Não tem lugar mais perigoso.

Jack disse:

— Além disso, como vamos nos infiltrar sem Finn?

Todos ficamos quietos. Do lado de fora, a chuva começou a cair pingando no pára-brisa rachado do carro de guerra de Kentarch. Como lágrimas.

Perguntei a Aric:

— Como Lark está indo?

— Não está bem. Ela lamenta a perda do garoto que amava.

— Ela tentou reviver Finn?

— Paul a persuadiu a cremar o corpo.

Embora eu soubesse que Paul jamais fosse permitir a ressurreição do Mago, uma parte minha não deve ter aceitado que Finn se foi.

Até agora.

Fiquei revivendo a última noite dele quando nos deu aquela ilusão de tirar o fôlego da praia de Malibu. Eu nunca esqueceria a empolgação em sua voz nem sua expressão tão cheia de vida. Finn tinha prometido mostrar ao meu filho como era o sol.

Raiva borbulhou de um poço sem fundo cheio dela. Paul tinha roubado o mundo de ter o meu amigo.

Aric disse:

— Esse é um exemplo do controle total do Enforcado. Ele convenceu Fauna, uma carta conhecida por ser determinada, a seguir cegamente seus ditames. Quando ela se libertar...

Eu estava confusa em muitos aspectos — Aric tinha voltado, Jack estava vivo, e meu coração estava rasgado ao meio outra vez — mas uma coisa eu sabia com certeza: Paul precisava pagar.

— Ninguém ficará livre ou estará a salvo até que o Enforcado esteja morto. E é por isso que eu vou enfrentá-lo. — Agora que Morte não estava defendendo o castelo, eu poderia ter uma chance contra Paul e os outros. Ou ao menos, a Bruxa Vermelha teria. — Aric, nós temos os meios para matá-lo.

— Como?

— Lorraine nos contou que a única arma capaz de acabar com ele era uma força que tivesse executado doze almas assassinas. Infelizmente, ela foi destruída. Então percebi que poderia fazer outra corda, e por coincidência eu tinha um naipe inteiro de *serial killers* dentro do alcance.

Jack colocou a mão debaixo do casaco e desamarrou a corda da cintura, atirando-a no painel do carro.

— De jeito nenhum, Evie. A gente não sabe se essa coisa vai funcionar.

Eu precisava me vingar de Paul. Precisava salvar os meus amigos. Precisava de um lugar para dar à luz.

— Eu vou enfrentá-lo. E não tem ponto de interrogação no final dessa frase.

— Olha, a gente não tem que decidir nada agora — Jack pegou a minha mão. — Só aguenta aí. Eu tenho comida e combustível. Podemos pensar direito nas coisas depois.

Aric disse:

— *Que comida e combustível?*

— Trabalhamos no porto em Jubileu, saqueando navios afundados. Com a ajuda de Kentarch e Joules, armei um local para armazenar, muito bem abastecido. — Estreitando os olhos ele disse: — Você já se gabou demais daquele castelo, mas aposto que queria ter um lugar pra ficar agora.

Em vez de discutir, Aric perguntou:

— Conseguimos alcançar esse local com o combustível que temos?

— *Ouais* — parecendo tomar uma decisão, Jack disse: — Siga para o norte nessa estrada.

Aric rapidamente começou a dirigir. Ele escondeu bem, mas senti seu alívio.

— E o que acontece quando ficarmos sem suprimentos? — perguntei. — Estamos só adiando o inevitável: minha batalha contra Paul.

— Ele é protegido por Fauna, o Arcanjo e sua própria esfera — disse Aric. — *Sievā*, pense no bebê.

Saco cheio de ouvir isso! Virei a cabeça tão rápido que meu cabelo molhado bateu no meu rosto machucado.

— Como você pensou no bebê quando atirou suas espadas em mim? Você não tem direito de dizer isso pra mim! Não tem direito de falar nada de mim.

A dor em sua expressão...

— Eu tenho? — Jack apertou minha mão. — Tee vem primeiro, Evie. Você sabe disso. Eu sou super a fim de partir pra porrada quando não se tem *escolha* — ele me olhou de forma significativa — mas também não vamos correr atrás de briga.

— Lark iria me resgatar se nossas situações estivessem invertidas. E Gabriel ficou preso na esfera porque salvou a minha vida. Eu não vou pagar esse favor não fazendo nada. Ao menos Aric não está mais lá. Eu posso manejar eles três.

— Não pode esperar? — perguntou Aric. — Qual é a pressa?

— Circe acredita que essa criança é o meu escudo contra os poderes de Paul. Assim que eu der à luz, posso cair sobre o seu controle.

— E nosso filho será um escudo contra outros Arcanos? Gabriel está mais forte do que nunca. Mesmo que Fauna esteja sofrendo, os predadores dela ainda seriam mortais.

— Por que Paul não iria me querer viva? Desde que ele te perdeu, outro Arcano faria sua esfera crescer, certo? E ele tem o silício.

Aric admitiu:

— O Enforcado de fato sugeriu utilizá-lo.

Quando estremeci, Jack perguntou a Aric:

— Isso veio de sua armadura, certo? Neutraliza os poderes dela?

— Sim. Eu a forcei a usá-lo — uma sombra atravessou sua expressão. — Mesmo que Paul a queira viva, Fauna pode alcançá-la antes que tenha a chance de enfrentá-lo. O ódio dela por você é quase incontrolável. Se o controle do Enforcado escorregar, seu corpo poderia ser eviscerado.

Jack disse:

— E esse é por que *eu* vou entrar com a corda.

Eu olhei de cara feia pra ele.

— Nem pensar. Não vou perder você de novo.

— Quanta confiança em mim. Sou bom de mira.

— Eu não quero que Lark ou Gabriel morram também. Se eu puder manejar os esporos, posso colocar todos para dormir. As criaturas também. — *Um grande se, Eves.*

Aric salientou:

— Você não conseguiu produzir esporos quando estava fugindo do castelo.

— Fui pega desprevenida. Vai mesmo me lembrar daquela noite?

— Se precisar.

Jack me perguntou:

— Espera que eu fique sentado com o Ceifador enquanto você vai cuidar das coisas?

— Espero que você o mantenha longe da esfera. Para lembrá-lo do que está em jogo — minha cabeça estava começando a doer, fadiga

cobrando seu preço. — E espero que Aric te proteja enquanto eu estiver lá.

Jack cruzou os braços.

— Esse plano solo não dá certo. E quanto a Circe?

Aric disse:

— A Sacerdotisa ficará esgotada daquela demonstração de poder, quer ela tenha controlado ou não.

Eu acrescentei:

— De qualquer forma, como entraríamos em contato com ela? Me levou semanas para que ela respondesse no lago, e não podemos voltar lá e arriscar outro enfrentamento com Richter. — Eu me preocupava com o bem-estar de Circe, mas também não via como poderia ajudá-la. — Tenha em mente que eu não terei muito tempo até... dar à luz. — Primeira vez que já disse essas palavras em voz alta.

Durante toda essa confusão, não senti Tee se mexer. Será que meu encontro com os Copas foi a última gota para aquela gravidez?

Não, eu me recusava a acreditar nisso.

— Olha, estou cansada de debater algo que já está decidido — o aquecedor da caminhonete soprava o ar quente sobre mim. O sono chamava.

— Talvez o Ceifador e eu não vamos te levar pro castelo.

Meus glifos começaram a brilhar.

— Ou me ajudem ou saiam do meu caminho. Eu vou achar o castelo sozinha, se eu tiver que fazer. De algum modo. — Para minha completa irritação, Jack e Aric se entreolharam. Sim, eu fui desafiada em relação a direção, mas eles que se fodam! — Uau. Vocês dois não aprenderam até agora a nunca me subestimarem? Por que não perguntam ao Eremita, ao Papa, aos Copas como isso funcionou pra eles? Ah, não podem. — Olhei direto à frente. — Porque eles estão todos mortos.



43

O Caçador

Evie dormiu com a cabeça no meu peito, e meu braço em volta dela.

Enquanto Domīnija dirigia em direção à caverna, ele olhava algumas vezes com aquela expressão angustiada no rosto. A culpa estava matando o Ceifador.

— Ultimamente ela precisa de mais sono — eu disse, para tranquilizar tanto a mim quanto a ele. — Principalmente depois do que aconteceu com ela hoje. — Aqueles idiotas tinham batido na cabeça dela e tirado seu sangue. Seu olho esquerdo ainda estava preto do impacto, quase fechado de tão inchado.

Eu nunca esqueceria a visão do seu sangue escorrendo, sabendo o preço de cada gota.

— Posso imaginar que esta gravidez vem sido... difícil para ela — Domīnija continuava fazendo essas declarações estóicas, como se não confiasse em si mesmo para dizer qualquer coisa com emoção.

— É, passando fome, correndo perigo e tal. Mas as coisas melhoraram quando eu cheguei — não pude evitar, senão acrescentar: — Em Jubileu, ela me olhou como se eu fosse um herói quando achei picles pra ela. — Desejo por picles: não era um mito.

Eu sabia que o nosso tempo lá não poderia durar pra sempre — ela tinha ficado confinada e eu escapei por pouco dúzias de vezes, coisa que ela nunca ficaria sabendo — mas não tínhamos muita opção. Agora ela achava que ia enfrentar o mundo. Sozinha.

Sem chance de eu deixar isso acontecer. Evie era *ma fille*, meu futuro, meu lar.

E ela sentia o mesmo em relação a mim.

Lembranças de ontem entraram na minha mente, até *eu* quase sentir como se fosse corar. Os gritos dela, o jeito que seu cabelo formou um halo em volta da sua cabeça enquanto eu montava entre suas coxas. O calor da sua carne macia. A confiança naqueles olhos azuis enquanto ela me olhava com os lábios entreabertos.

Tivemos um ao outro quatro vezes, e tudo que ela fez foi aguçar meu apetite por mais. Não era surpresa. Quando eu entrava nela, aquela mesma sensação vinha sobre mim: *que ali era onde eu deveria estar*. Eu a puxei ainda mais perto.

Em voz baixa, Domīnija disse com raiva:

— Tente controlar seus batimentos cardíacos, mortal; é a *minha esposa* que você está segurando.

Disparei um olhar assassino para ele. Na primeira vez que fiquei com Evie, o Ceifador a roubou de mim. Agora ele estava de volta na vida dela mais uma vez. Como diabos alguém esperaria que eu fosse desistir dela de novo? Muito menos de Tee? Kentarch estava certo; eu comecei a pensar naquela criança como minha.

— Eu não vejo uma aliança no dedo dela, Ceifa — ela tinha deixado a aliança pra trás na confusão daquela manhã?

Fechando sua expressão, ele disse:

— Foi perdida?

— Você está esperando que tenha escorregado do dedo dela quando ela foi pega numa avalanche? Talvez que ela tenha precisado trocar por comida em Jubileu? — Frustração fervia e extravasava. — *Non*, eu tirei do dedo dela bem antes de dormir com ela da primeira vez. — Não era mentira, mesmo que eu tenha feito parecer que estávamos dormindo juntos há mais tempo.

Evie se mexeu, mas não acordou.

Eu esperava palavras de raiva do Ceifador, que ele explodisse. Queria muito uma briga. Mas ele não disse nada, só pareceu estar rangendo os dentes.

Depois de vários quilômetros de silêncio, ele perguntou:

— Qual a distância dessa caverna?

— Nos levou dias pra chegar de lá até a costa, mas a gente tivemos que esperar Kentarch recarregar seu poder de teletransporte. Veículos bloqueavam o caminho. Não sei como vamos desviar deles agora.

De jeito nenhum Evie podia seguir a pé. Ela não tinha luvas nem um casaco grosso o bastante. Eu armazenei kits de sobrevivência pra ela, eu, e até Tee na caverna. Mas como alcançar nosso equipamento?

— Deixe os obstáculos comigo. Vamos dirigir direto ao nosso destino.

Com certeza, Ceifador.

— Você parece acabado. — Alguma coisa me dizia que ele tinha corrido mais que o *humanamente* possível. — Eu posso pegar o volante um pouco.

Ele deu uma risada sem humor.

— Preocupado comigo, mortal?

— A última coisa que precisamos é de um acidente — Quanto mais entrávamos no continente, mas neve cobria o chão.

— Apesar da minha exaustão, meus reflexos são infinitamente superiores aos seus. Permanecerei onde estou, obrigado.

Revirei os olhos porque ele tinha razão. Ele desviou uma bala com a ponta da sua espada. Uma bala que era pra entrar no meu crânio.

Depois de mais uns quilômetros, ele disse:

— Como sobreviveu ao massacre de Richter?

Eu dei um sorriso convencido para ele.

— Eu disse a você que engano a Morte.

Ele não respondeu a isso, e pisar no calo dele não tinha graça se ele se recusava a revidar.

— Selenia me empurrou dentro de uma mina. Eu sobrevivi à lava e a inundação, mas traficantes de escravos me pegaram. *Coo-yôn* me resgatou da mina de sal pouco antes deles me matarem pra comer.

Domínija pareceu me avaliar.

— O Louco nunca demonstrou tanto interesse em um mortal antes.

— O que posso dizer? Sou especial em todos os sentidos.

— Ele não te disse que deveria descer até a Louisiana? — Domīnija e eu tínhamos falado disso na última vez que nos embebedamos juntos no Forte Arcana. — Desistiu do seu sonho de reconstruir Haven?

Não, mas...

— Meio difícil pensar nisso desde que Richter matou meu exército. Além do mais, você não vai se livrar de mim. Se acha que vou bater em retirada de novo...

— De novo? Está falando de quando deixou o forte?

Eu tinha marchado com minhas tropas enquanto Evie dormia para tornar mais fácil para ela ir embora com Domīnija, o tempo inteiro rezando que ela lesse a carta que eu tinha deixado e viesse correndo. Ela fez isso — e quase morreu no fogo de Richter.

— Depois que *coo-yôn* me salvou, nós partimos na direção do seu castelo. Ele me levou ao memorial que Evie fez para mim e Selenia. Por uma visão, ele me mostrou a dor dela. Quando pensei em todas as coisas que eu poderia oferecer, disse a ele pra deixar Evie acreditar que eu morri naquelas chamas. Depois disso me encontro com ela nas Cinzas, passando fome com pouco poder e uma criança a caminho. Pra mim, parece que você renunciou a qualquer direito em relação a ela.

Ele passou a mão pelo rosto, aquela luva pontiaguda chamando minha atenção. *Nem de perto tão perigosa quanto a pele que a cobre.*

— Eu sei disso. Não estou pedindo pra você bater em retirada. Tudo que espero é que trabalhe comigo para deixá-la a salvo. Depois pensamos no futuro.

Futuro? Meu olhar foi atraído para o rosto pálido de Evie no brilho dos eletrônicos da painel da caminhonete. *Ela é o meu futuro.*

Limpendo a garganta, eu disse:

— O que aconteceu quando se livrou do controle de Paul?

— Creio que estava bem perto de enlouquecer. Subitamente, fui de zero dúvida e confusão para mais pânico do que já senti em dois

milênios... somados. Não conseguia pensar. Não conseguia raciocinar — numa voz baixa, ele admitiu: — Cavalguei meu cavalo de guerra até que desabou no chão.

Enquanto sob o poder de outro Arcano, ele não tinha controle sobre si mesmo. Eu poderia continuar culpando-o por isso? Evie poderia?

Ele disse:

— Se eu tivesse chegado lá antes, poderia tê-la poupado dessa batalha com os Copas.

— Ela se virou bem sozinha.

— Eu vi o resultado. Aposto que ela estava gloriosa em sua fúria.

— Gloriosa? Esse é um modo de ver isso — Mesmo que tenha sido eu que a incentivei, ainda estava chocado. Eu nunca a vi tão assustadora. — Eles tiraram sangue primeiro, mas algo me diz que isso não vai importar a longo prazo.

— A Imperatriz destruiu um naipe inteiro; haverá consequências. Se os outros naipes se unirem, o perigo que ela corre se multiplicará. E ela já tem um alvo nas costas. — Sua expressão endureceu, como se ele se imaginasse eliminando todas aquelas ameaças a ela. — Quanto poder a Imperatriz foi capaz de despender contra os Copas?

— Bastante, mas se cansou rápido. Ela estava...

— O quê?

Diferente, eu pensei. Como se tivesse *gostado* da violência. Quando ela soltou a bruxa lá no santuário dos Enamorados, ela tinha cuidado do negócio. Desta vez, brincou com os inimigos. Não era de se espantar que ela estivesse preocupada em acabar do lado escuro da força. *E eu preparei essa bomba.*

— Nada — disse finalmente.

Ele deixou passar.

— Baseado no que viu, acredita que ela possa derrotar Fauna e o Arcanjo?

— Ela foi poderosa, mas eles também são. — Pensei na asa de Gabriel tentando me rasgar e disse: — Ela não pode bater de frente com

eles. Você e eu vamos ter que tirar esse plano da cabeça dela. Antes que cheguemos perto do castelo, temos que convencê-la contra essa ideia.

— Não exerço influência sobre ela. Mas tentarei.

Não parecia promissor.

— Suponho que *Coo-yôn* não deve ter oferecido qualquer informação quando te enviou a visão.

Domīnija negou com a cabeça.

— Nada que pareça importante.

Típico.

— Ouvi que ele matou Evie em uma vida passada.

— O seu maior arrependimento. Ele nunca foi o mesmo depois disso.

— Pelo que eu entendo, se ele tivesse me dado as coordenadas do castelo, eu poderia ter chegado a Evie antes de você levá-la pra cama. Ela teria voltado pra mim. Teria me escolhido.

Ele fechou os olhos brevemente.

— *Sim* — Parecendo se sacudir internamente, ele disse: — O que significa que tudo que está acontecendo conosco é por culpa do Louco. Ele deve ter desejado que a Imperatriz tivesse um filho.

Evie se aconchegou mais a mim. Sem nem pensar, dei um beijo em seu cabelo. Morte enrijeceu em seu assento.

— O ciúme está prestes a te comer vivo, *non?* Só posso imaginar o que está se passando por dentro de você agora.

— Meu servo roubou tudo pelo qual eu algum dia trabalhei, e você tomou tudo o que eu amo.

— Você com certeza tornou isso fácil — um olhar de pedra. — O que foi? Você é o seu pior inimigo.

Apertando o volante, ele disse:

— *Últimas notícias, Deveaux*, eu estava sob o domínio de outra carta.

— Não está agora. Vou te dar uma dica. Talvez no futuro, não se gabe dizendo que escapou do controle mental de um Arcano para que pudesse decapitar sua esposa.

— Deveria ter mentido? Como você tem o hábito de fazer?

— Ah, não, não, aprendi minha lição. Nada de mentiras. Mas caramba, cara, poderia ter tentado dizer a verdade de um jeito mais suave em vez de esfregá-la na cara. — Baixei a voz para dizer: — Ela está esgotada, assustada e grávida. Em vez de obedecer a esse seu senso de moral elevado, considere ela e o bebê. Pense: *suavizar*.

— Suavizar?

Ele estava mesmo dando ouvidos a mim? Aceitando o conselho de um homem bem — bem — mais novo?

— Não dê a ela nada pesado demais pra carregar. — Há semanas venho tentando proteger Evie do mundo, e consegui. Até hoje.

— Antes de Paul atacar, eu me esforcei para poupá-la, suavizar — Ele murmurou para si mesmo. — A Imperatriz é tão frágil quanto forte.

Um modo de olhar pra ela.

— Inferno, isso pode ser um ponto discutível.

— Por que? Do que está falando?

Encontrei os olhos dele.

— Antes dela eliminar os Copas, eles bateram na cabeça dela, jogaram ela no chão e tiraram sangue dela. Ela ainda pode perder Tee.

Toda luz sumiu dos olhos do Ceifador.

— Então cheguei tarde demais, no fim das contas.

— Talvez sim — eu disse, enquanto imaginava quanta culpa Domīnija poderia aguentar mais antes de se destruir.



44

A Imperatriz Dia 584 D.F.

— Onde estamos? — Eu me sentei, piscando os olhos turvos.

Aric tinha acabado de estacionar a caminhonete.

— Do lado de fora da caverna.

— Sério? — Eu não reconheci os arredores cheios de neve.

— Gostaria que os dois ficassem aqui enquanto eu preparo a área. Permitam-me acender uma fogueira, se possível.

— Com certeza — Jack aumentou o aquecedor antes que Aric saísse. — A entrada fica ao norte daqui. Procure por ossos de leão. Lá dentro, tem uma bolsa pra Evie com roupas de frio.

— Voltarei com ela — olhando pra mim, Aric saiu do carro.

Enquanto o observava desaparecer na noite, disse:

— Chegamos aqui rápido assim?

— *Ouais*. A beleza de não ter que parar.

Aric tinha simplesmente removido os obstáculos. Na primeira vez que nos deparamos com uma estrada bloqueada, Jack quis muito ajudar. Aric tinha lhe dito:

— Sem os trajes apropriados, você ficará com geladuras¹⁶. Além de que, não preciso de assistência.

Jack tinha começado a discutir, mas Aric o interrompeu:

— Estou pedindo para não ficar no meu caminho, mortal.

— Então fique à vontade, Ceifador. Vou ficar aqui dentro mantendo minha garota quente.

Enquanto víamos Aric empurrar a primeira leva de entulhos, Jack ficou boquiaberto.

— Ele sempre foi forte *assim*?

Sacudi minha cabeça.

— Sempre teve uma força sobrenatural. Mas não assim.

Ao longo da noite, eu acordava com o choque do frio sempre que Aric abria a porta para mover outro veículo. Mas em seguida, eu prontamente voltava a apagar.

Ergui as mãos para a saída do ar quente.

— Está ficando mais frio.

Jack me abraçou com os braços fortes, seu calor delicioso penetrando em mim.

— Porque estamos subindo em direção às montanhas.

— Você sabe que esse não é o motivo de estar *tão* frio assim — O tempo continuava a deteriorar. A ideia de continuar nas Cinzas durante um *Nevarmagedon* era ridícula. Eu não tinha escolha senão enfrentar Paul. A minha coragem do tipo sem opção seria forçado a agir outra vez.

— Eu também sei que a parteira disse que você não devia se preocupar com coisas que não pode controlar.

Ah, mas talvez eu tivesse algum controle sobre o tempo. Com o fim do jogo, a terra retornaria. Talvez todas as cartas Menores unidas realmente declarassem caça as Cartas Maiores, apressando as coisas.

¹⁶ Ferimento formado na pele em climas muito frios.

Jack colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Então, vamos falar do que aconteceu com os Copas?

Se tivermos que falar.

— Você não tinha que se arriscar daquele jeito, Evie. Deixando que ela tirasse o seu sangue.

— Sim, tinha.

— Porque faria qualquer coisa para salvar Domīnija? A alternativa era tão ruim assim, viver uma vida comigo?

Eu me afastei dele.

— Aric disse a mesma coisa quando tentei voltar no tempo para te ressuscitar. De todas as coisas que eu fiz a ele durante milênios, acho que isso foi o que o magoou mais.

Jack olhou na direção de Aric, como se tentando imaginar como o homem deve ter se sentido.

— O que aconteceu com seus poderes em Jubileu?

— Eu mal me lembro do ataque.

— Você apagou?

— Não, não exatamente — como explicar o que eu senti? — Foi como uma experiência fora do corpo com a Bruxa Vermelha no controle. — Fragmentos de memórias ficavam escorregando pela minha consciência.

O som de minha nova corda apertando. De ossos estalando. O cheiro do medo deles misturado com o cheiro das minhas rosas.

Prática para quando chegar a vez do Enforcado?

Lorraine tinha sussurrado algo sobre Richter pouco antes de matá-la. *O que? O que?*

— Fico assustada com o que consigo lembrar.

A expressão de Jack dizia que ele também ficava.

— Eu te incitei, mas dessa vez pareceu diferente das outras no passado.

— Lembra quando você surrou aquele homem que queria machucar sua mãe? Parecia que um tipo de força tinha te dominado. Eu senti a mesma coisa. Fora de controle. Horrorizada comigo mesma depois do fato. Mas na hora...

— Tudo estava certo no mundo?

— É.

— Evangeline, nunca vai ser fácil com você, vai?

— Não — Ele já tinha me perguntado isso antes, e minha resposta não mudou.

— Não importa o que aconteceu, estou orgulhoso de você por ter cuidado das coisas — ele apontou para a caverna com o queixo. — Como está se sentindo com ele por perto?

— Em conflito. Você?

— O mesmo. Embora verdade seja dita que ele é bem útil de ser ter ao lado. Mas isso tem que estar mexendo com sua cabeça. Não sei se conseguiria me sentar ao lado de alguém que tentou me matar recentemente.

E que foi bem sucedido no passado.

— A Bruxa Vermelha não era exatamente fã de Aric *antes* dele quase me espetar, e ela não consegue discernir. Se ela escapar da coleira...

— Eu com certeza sentiria falta dele.

Cajún engraçadinho.

— Parte minha quer machucá-lo por tudo que fui forçada a suportar. Mas não como ela iria. Nunca assim.

Jack suspirou.

— Ainda apaixonada por dois.

— Eu queria não estar. De verdade.

Ele disse com irritação:

— Sempre que a gente começa, ele aparece e nos separa. Tínhamos uma coisa boa rolando antes dele dar as caras.

Uma coisa boa? Jubileu nunca teria durado. Mas o castelo era suporte de vida, a nave espacial na superfície da lua. E Paul agora o comandava.

O Enforcado dormia no quarto que eu dividia com Aric? Bile subiu pela minha garganta. E se ele tentasse algo com Lark? Controlar sua mente para que deitasse com ele?

— Jack, nós vamos dar um jeito. Mas primeiro preciso dar um jeito em Paul. Você não vai me convencer de não fazer isso, e não vou deixar você ir no meu lugar.

— Vamos ver — ele passou as costas dos dedos cheias de cicatrizes no meu rosto. — Eu te beijaria pra que você não pensasse mais nessas coisas, mas fiz uma promessa de não te pressionar. Considerando como você responde a mim, bem, não seria justo com o Ceifador.

Meus lábios se curvaram.

— Muito maduro da sua parte.

— Se soubesse o quanto eu quero mais do que tivemos... — Ele se abaixou para cheirar o meu pescoço, a barba por fazer me dando arrepios. — Isso é um sacrifício sem igual. Mulher, você me revirou do avesso.

Eu preendi a respiração.

— É mútuo.

Neve sendo esmagada do lado de fora. Levando em conta o quanto Aric conseguia ser silencioso, ele deveria estar fazendo barulho de propósito. *Não suporta nos ver juntos? Deveria ter decidido vir pegar meu ícone antes.*

Jack se afastou de mim, exalando com decepção.

— Já voltou?

Aric tinha duas mochilas na mão e a balestra de Jack pendurada no seu ombro com a armadura. Eu me preparei para o frio que entrou quando ele subiu na caminhonete. Ele me passou a minha, depois jogou a de Jack.

— Seu estoque é impressionante, mortal.

Jack pareceu surpreso, e relutantemente agradado pelo elogio.

— Kentarch tornou possível.

Eu calcei luvas, coloquei um chapéu, um cachecol e uma parca mais grossa.

— Mas foi ideia de Jack — por causa dele, eu agora tinha uma porção de roupas.

— Não gosto de colocar todos os ovos em uma cesta — Jack também vestiu mais roupas e prendeu a balestra no ombro. — Vamos abastecer a Besta antes de partirmos e levar um pouco dessa nossa herança conosco.

Aric disse:

— A neve está alta, tornando a trilha traiçoeira. Posso levá-la mais rápido do que ela iria andando. — Ele tirou as luvas. Em preparação? Ele não sentiria a temperatura como nós, e provavelmente aceitaria o frio só para ter menos camadas de tecido entre nós.

Jack não gostou nem um pouco.

— Ou eu posso carregá-la. — Com a sua perna ruim e meu peso extra?

— Venha, *sievā* — Aric ofereceu sua mão, como fez quando se inclinou pra fora da janela do castelo me coagindo a me aproximar.

Eu fitei sua mão, querendo lhe dizer que não precisava de ajuda. Mas eu não precisava? Dormi pelo que pareceram doze horas, mas ainda estava exausta e morrendo de fome mais uma vez. Quando saí daquela caverna há semanas, precisei que Joules me ajudasse a chegar na estrada.

— *Peekôn?*

— Vou ficar bem — apertando os lábios, aceitei a mão de Aric.

Ele subiu o preço do favor.

— Eu gostaria de falar com você lá dentro. A sós. Mortal, demore o quanto quiser.

Olhei para Jack.

— É melhor resolver logo isso.

Tique, tique, tique.

Antes que Jack pudesse dizer qualquer coisa, Aric me pegou nos braços e me tirou da caminhonete para dentro da noite gelada.

Eu não sabia onde me segurar nele. Ele não tinha qualquer problema com isso; uma de suas mãos agarrou minha cintura com gentileza, a outra palmeando a parte de trás de uma coxa. Ele me carregou como se nada tivesse acontecido entre nós, como se tivesse acabado de me pegar para levar para a cama.

Ele estava usando aquele contato como um viciado em abstinência que consegue um pouco de droga? A ideia me fez estremecer.

Ele entendeu mal a minha reação.

— Quase lá, amor. Estará quente próximo ao fogo.

Ainda que eu estivesse nervosa ficando perto assim dele, meu corpo se lembrava. Mesmo com a sua armadura, nós encaixávamos. Eu ainda sentia a nossa ligação de almas, quase conseguia ouvir aquela onda sem fim junto à praia.

Assim que a ideia surgiu, eu me lembrei do seu tom depreciativo ao me dizer:

— Por todos os deuses, suas lágrimas me alegram.

Ao entrarmos, passamos pelos ossos de leoa. Eu nunca esqueceria o gosto daquela carne. O quanto fiquei desesperada para comer...

Quando entramos na caverna iluminada pela fogueira, fiquei de boca aberta com o tesouro de suprimentos. Comida. Latas de gasolina. Lenha para fogueira e móveis de madeira para queimar.

Apesar de orgulhosa pelo espólio dos rapazes, meus arredores me perturbaram. Havia lembranças demais ali. Meu olhar dardejou de uma área a outra.

Naquele tufo de terra foi onde eu desmaiei me perguntando se iria acordar.

Foi naquele banco de pedra que contemplei beber o sangue de Kentarch. Nosso amigo estava sumido, sofrendo por sua amada esposa, e provavelmente insano.

Foi ao lado daquela fogueira que eu comi *comida de gato*. Umas duas latas vazias restavam numa pilha de lixo jogada de lado.

— Pode me pôr no chão — falei com o tom afiado.

Ele foi até a fogueira e me colocou de pé.

— Como desejar — respondeu, sempre galante.

Tirando minhas luvas, sentei perto das chamas e estendi as mãos para o calor.

— Queria conversar.

Seu olhar caiu sobre minha mão esquerda.

— Não usa mais minha aliança? — Achei que ele mordeu o interior da bochecha; se arrependendo de sua linha de abertura?

Eu tirei o anel do bolso e ofereci de volta.

— Talvez eu devesse tê-lo destruído para me vingar. Se você soubesse quanto tempo e esforço eu passei entalhando o seu...

— Posso apenas imaginar. Eu *lamento* por isso. — Ele alcançou minha mão, fechando meus dedos em volta do anel. O contato de nossa pele fez sua voz ficar rouca quando ele disse: — Por favor, me dê a honra de continuar com ele por enquanto.

Eu fingi dar de ombros como se não me importasse, e depois coloquei o anel no bolso.

Limpando a garganta, ele disse:

— Não fez um para Jack? — Ele provavelmente odiava sua voz ter um tom tão esperançoso.

— Andei um pouco ocupada — menti. Eu tive tempo demais naquela lata fina, mas uma parte minha deve ter esperado que eu conseguisse Aric de volta. E uma garota não poderia estar comprometida com dois caras, certo?

Quando eu pensava nas últimas semanas, sentia uma nova onda de tristeza. Eu não acreditei em Jubileu, odiei ficar confinada, mas ao menos tive Jack ao meu lado.

Conversando comigo todas as noites. O calor dos seus braços a minha volta enquanto as tempestades rugiam. Tee estremecendo um pouco até Jack jurar *quase* sentir ele se mexer.

Meus olhos se arregalaram. *Tee*. Fiquei tão sensível aos seus movimentos que sempre acordava, mas não acordei durante horas e horas na caminhonete. Ele ainda não tinha se mexido?

Ergui a mão para tocar minha cabeça. O galo desapareceu, mas foi severo. E eu perdi muito sangue. *Quanto essa criança consegue aguentar?*

Aric olhava para a entrada da caverna. Sentindo-se pressionado pelo tempo?

— Você me disse ao telefone que me escolheria se eu viesse atrás de você. Estava falando sério?

— Na época, sim. Sei que não vai acreditar nisso, mas Jack e eu não ficamos juntos até duas noites atrás.

— Eu acredito em você. Por que não iria?

— Porque me considera uma "meretriz" mentirosa há mais tempo. Ele se encolheu.

— O que a fez decidir... dar esse passo com Deveaux depois de esperar tanto tempo?

— Não importa o por quê.

— Pretende ficar com ele? Eu sei que vocês dois planejaram um futuro antes do massacre de Richter.

Olhei para o fogo, não conseguia sequer pensar naquilo agora.

— Não sei o que vai acontecer — o que Aric tinha dito? *O futuro é fluído.*

Ele sentou ao meu lado.

— Por favor, fale comigo.

Sério? Tenha cuidado com o que deseja.

— Espero não ter passado dos limites quando prometi a Joules que você ajudaria ele e a Gabe assim que retomássemos o castelo, o *seu* lar. Se não fosse por Torre, eu teria sido devorada viva por lobos antes que Kentarch tivesse a chance de nos resgatar. Lembra disso, não lembra? Quando ficou de pé naquele morro, pronto para assistir sua esposa grávida ser despedaçada.

Os olhos dele ficaram desolados.

— Mas na época você não acreditava que eu estivesse grávida. Acreditava que só era mais uma das minhas *conspirações* de Imperatriz.

— Quando deixei a esfera e meus pensamentos voltaram a ser meus novamente, percebi que você esteve aqui fora, morrendo de fome e carregando um filho... *nosso* filho... — Sua voz ficou áspera. — Eu revivi tudo que te fiz. *Sievā*, não há palavras.

Por que eu estava descontando tanta raiva nele? Porque fui magoada? Ele também foi. Porque eu não queria mais estar na posição de escolher? Se eu nunca perdoasse Aric pelo que aconteceu comigo no inferno dos últimos dois meses, então minha vida seria mais fácil. Minha dor diminuiria.

— Devo a vida a Patrick Joules. Diga-me, ainda se arrepende de eu ter poupado a vida dele lá em Requiem, no Tennessee? Você fez eu me sentir estúpida me dizendo, "Perdeu o bom senso, criatura?" Paul não te controlava nessa época.

— Você está me ensinando, *sievā*. Entendo agora que os jogadores podem mudar. Não estamos presos ao passado. Tanto Joules quanto Gabriel são bem-vindos ao castelo. Tenho débitos com ambos que jamais poderei quitar.

— Mais bocas para alimentar? Você já estava racionando.

— Ainda temos cinquenta anos. Eu ansiava uma ou duas décadas a mais, para que nosso filho pudesse viver uma vida completa.

— Como Paul vai administrar os recursos com você está longe?

A expressão de Aric me dizia que ele tinha preocupações.

— Bem assim, é? Eu sei que você e Jack vão tentar me fazer desistir de desafiá-lo, mas não vão conseguir. Não temos escolha. Está sentindo o quanto está frio hoje. Eu não planejo dar à luz nesta caverna.

— Em vez disso planeja arriscar nosso filho em uma batalha Arcana.

— Aqueles que ameaçam meu filho não vivem muito tempo. — Eu continuava dizendo *meu filho*. Não parecia certo incluir Aric dizendo *nosso*. E Jack não tinha o mesmo direito em reclamar a paternidade? Sem ele, não haveria criança. — Se estiver em perigo suficiente — e irada o bastante — a Bruxa Vermelha deve se levantar. — O truque era não sair da extremidade mais rasa.

— Deve? *Deve?* — Aric se levantou, começando a andar de lá para cá.

— Ela me possuiu completamente na batalha com os Copas. Foi como uma experiência fora do corpo.

Ele diminuiu o passo.

— Ah, foi isso que o mortal hesitou em me contar.

— De fato, não recomendo baixar a guarda perto de mim. Quando apaguei você da última vez, a bruxa queria te matar. E se eu perder o controle novamente? Poderia te envenenar enquanto você dorme.

— Você já a libertou antes e retornou ao normal.

— O retorno fica mais incerto a cada vez. — Raiva *era* um tipo de loucura, e eu tinha guardada o suficiente para enlouquecer umas mil vezes. — Estou começando a acreditar que eventualmente me transformarei nela. Só uma questão de tempo. Eu sou ela e ela sou eu.

— Não acredito nisso. Você chegou até aqui. E não vi me machucar. Mesmo em autodefesa, hesitou em me atacar.

Meus olhos brilharam naquelas malditas latas de comida de gato. A visão acentuou ainda mais a minha fúria.

— Eu não tinha tanta raiva assim dentro de mim antes. Enfrentar você me fez entender isso melhor do que nunca. Quando você atacou, seus olhos estavam cheios dela.

— Eu não tinha controle de mim mesmo!

— E quando me sequestrou a primeira vez pra longe de Jack todos esses meses atrás? Ou quando esfaqueou minha foto? Você me odiava naquela época, e não teve *nada* a ver com Paul!

— *Sievā*, eu sinto...

— *Evie!* — Eu saltei me levantando. — Meu nome é *Evie*. Mas você não me chama assim, porque sou passível de troca com qualquer outra Imperatriz, certo? Os nomes mudam, mas a vadia do mal continua a mesma? Então observe esta vadia do mal aqui resolver tudo.

— Eu a chamo de *esposa*. Estou orgulhoso e honrado em fazer isso.

— E eu gostava, mas não posso ser mais do que ou uma esposa ou uma inimiga? Porque agora não me encaixo em nenhuma das categorias que você quer me enquadrar!

— Eu não desejo fazer isso — Em uma voz pesada de arrependimento, ele disse: — Só desejo compensar o que fiz, resolver as coisas entre nós.

Sua paciência só aumentava minha fúria. Meu Deus, emoções de gravidez eram *malucas*. Eu não conseguia recuperar o fôlego, sentia-me rodar como no carrossel de Tess. Mais rápido. *Mais rápido*. Até eu ser arremessada no nada.

— Compensar? E se você não puder compensar o que aconteceu? E se perdemos demais? — Por que Tee não se mexeu de novo? Eu apertei a barriga. *Droga, garoto, faça alguma coisa*. — Eu não consigo lidar com isso! Eu só não posso...

— Ei — Jack entrou correndo, colocando-se entre nós. — Vamos deixar um pouco dessa briga para os dias que virão.

— Ficar dentro desse lugar me faz lembrar de coisas. Como lamber uma lata de comida de gato vazia enquanto falava com *ele* ao telefone — apontei de modo acusatório para Aric. — Ou como Kentarch tentando me fazer beber do seu sangue. Eu devia ter tentado beber. Se não por mim, então por... — Minha voz se partiu.

Eu ainda esperava um filho? Imediatamente, explodi em lágrimas.

Jack me puxou para os seus braços. Pude sentir ele mandar Morte ir embora com um gesto da mão atrás das minhas costas.

Com a voz áspera, Aric disse:

— Por favor, perdoe-me — suas esporas não fizeram barulho quando ele deixou a caverna.



45

Morte

Andei de um lado pro outro, inalando grandes golfadas de ar. O peso de um meteoro descansava no meu peito. Deve ser isso — meu coração não podia doer assim de outra forma.

Eu podia ouvir minha esposa soluçando nos braços do mortal. No entanto, eu não podia fazer nada para confortá-la. Quando nós falamos ao telefone, ela tinha previsto que a culpa me torturaria.

Torturava.

Ouvi o murmúrio Deveaux:

— Shh, estou com você.

Com os punhos apertados, olhei fixamente para o céu. Uma vez ela me disse que eu costumava dizer isso a ela. Ciúmes batalhavam com desânimo.

— *Bébé* — ele continuou num tom apressado — você pode ter pegado um toque de Transtorno Pós-Traumático. Não é surpreendente, *non?* Mas lembre-se, não há nada que não possamos atravessar contanto que a gente esteja junto.

Eu me encolhi ao ouvir isso, amaldiçoando minha audição aprimorada.

— Só respire — ele disse a ela. — É isso, *ma bonne fille*.

— Eu... não posso mais fazer isso.

— Se você não pode estar aqui, então vamos. Vou levá-la a qualquer lugar que quiser — eu meio que esperava que Deveaux saísse e me dissesse que os dois estavam caindo fora: *Au revoir, Ceifador*.

Ela chorou:

— V-você sabe onde eu quero ir. Confrontar Paul. Você me d-disse que se eu pudesse te mostrar alguns poderes, você me apoiaria. Eu matei todos os Copas — ela chorou ainda mais depois disso.

Quanto mais violência e sofrimento era esperado ela sofrer? Concluí que ela teria passado por trauma demais antes mesmo do Enforcado ter tecido sua rede insidiosa.

A morte dele era minha. E, ainda assim, eu *não podia*. Depois de estar no controle durante milênios, eu não podia fazer nada além de aguentar essa miséria, para que eu não fosse controlado por aquela esfera uma vez mais.

O mortal estava certo — *eu* era a maior ameaça a eles.

— Shh, shh, *calme-toi*. Você tem que respirar.

Depois de todas as provações, estar perto de mim, principalmente naquela caverna, empurrou um limite dela que eu nunca soube que existia.

Ela me inundou no aroma de suas rosas mortíferas. Talvez me envenenasse no sono. Eu não merecia nada menos.

No dia que ela fugiu do castelo, descontei toda a raiva combinada ao longo dos tempos, e a afligi com isso.

Dos meus muitos pecados passados, isso me doeu mais — e eu tinha sido um filho assassino. Coloquei minha cabeça dentro das mãos e apertei.

Tantos pecados. Deixei-a desprotegida contra Ogen, seus poderes bloqueados pelo cilício. Ela quase morreu nas mãos desse diabo — meu aliado! Eu tinha mantido Paul no castelo, apesar de suas dúvidas, apesar da gravidez dela. Enquanto Deveaux continuava tentando suportar todas as cargas para ela, eu tinha deixado o assassino de sua avó viver em nossa casa.

Não tinha confiado no julgamento da minha esposa quando ela mais precisava de mim.

Olhei de volta para a caverna onde ela quase morreu de fome. Ao telefone, ela me pediu para voltar para casa e eu ri. *Casa? Você quer dizer meu castelo?*

Se Deveaux não tivesse vindo, minha esposa e meu filho estariam mortos. O bebê pode estar morto inclusive agora. E como ela poderia esquecer isso? Comigo como uma lembrança da nossa história sangrenta? Ou com a compreensão de Deveaux?

Que direito eu tinha a ela? E se essa sempre tivesse sido sua história com Jackson Deveaux, e *eu* verdadeiramente era o vilão?



46

A Imperatriz

Dia 585 D.F.

Um borrão de movimento do lado de fora da caminhonete chamou minha atenção, justo quando Jack e Aric ficaram tensos. Eu me endireitei no meu assento entre eles.

— O que foi isso?

Estivemos viajando em silêncio desde que deixamos a caverna. Fiquei mortificada com a minha ruptura. Eu costumava lidar com minhas coisas melhor do que isso. E qual foi o ponto da minha fúria? Eu não podia punir Aric mais do que ele estava punindo a si mesmo.

Ele franziu a testa, seus olhos injetados de sangue.

— Um Bagman apressado — eu me perguntei quando Aric tinha dormido pela última vez.

Na noite passada, nem o fogo foi o suficiente para me manter aquecida, então Jack entrou no meu saco de dormir. Eu estava cochilando quando Aric finalmente voltou, horas depois que ele partiu. Apesar de nada ter acontecido entre mim e Jack, Aric sentou-se do outro lado do fogo, e seu olhar encontrou o meu com pura angústia em sua expressão.

— Lá na frente — Jack agarrou sua balestra do banco de trás. — Três horas.

Quando Aric freou, estreitei os olhos na neve escura. Dezenas de Bagmen enxameavam ao longo da estrada. Por que eles se reuniram?

— Meus deuses — murmurou Aric, exatamente quando eu peguei a visão da refeição deles.

Um cavalo branco. *Thanatos*.

Ele estava de lado na neve ensanguentada — mas ainda estava se movendo!

Aric parou completamente a caminhonete, depois saiu. Puxou as espadas com um berro. Metal faiscou nos faróis; cabeças de Baggers e entranhas saíram voando.

Uma vez que Aric limpou o caminho e vimos o que restava, Jack suspirou:

— Jesus.

Coloquei minha mão em cima da boca. Os olhos vermelhos de Thanatos estavam enlouquecidos com medo e dor, suas pernas nada mais eram do que tocos ensanguentados dando coices no ar. Sua armadura negra tinha sido arrancada, pedaços de pele faltavam de sua carne. Marcas de mordidas contavam uma história de horror — horas de tormento.

— Esse cavalo é imortal como Domīnija?

— Não. Qualquer cavalo que ele reivindique como seu está conectado misticamente a ele, mas não é imortal. — Ainda assim, Thanatos sobreviveu tanto que eu pensava nele como imortal. — Aric vai ter que dar um fim nele.

— Fique aqui — Jack saiu correndo da caminhonete para se juntar a Aric.

Ignorando-o, eu o segui.

Aric caiu de joelhos ao lado de Thanatos.

— Uau, garanhão. Fica calmo. — Seu olhar manteve o de Thanatos, o que parecia acalmar o cavalo, aliviando os movimentos de olhos selvagens. — Estou aqui. Vou fazer a dor acabar — enquanto acariciava suavemente uma faixa estreita de carne não mordida, Aric apertou seu outro punho.

Eu cheguei mais perto deles.

— E Lark? Você poderia usar os poderes dela — eu disse, mesmo enquanto imaginava os olhos vagos que esse pardal tinha.

— Nunca — ele respondeu. — Nunca isso. Ele ganhou seu descanso. Ele ganhou muito mais do que eu lhe dei neste fim amargo. Eu o deixei meio morto com ameaças à espreita.

— Então me deixe ajudar. Eu posso tornar isso indolor. Ele vai apenas dormir.

— Estaremos a uma curta distância do castelo amanhã. Você deve poupar cada gota de seu poder se você ainda estiver seguindo no mesmo plano.

— Estou.

— Então vou acabar com isso — Aric colocou a ponta de uma espada contra o peito do corcel. Para Thanatos, ele murmurou: — Adeus, meu velho amigo. Descanse bem. — Aric mergulhou a espada.

O cavalo soltou um grito agudo, e eu poderia jurar que Thanatos pareceu... traído. Ele estava se perguntando por que seu cavaleiro de cabelos dourados o abandonaria? Depois de todo o seu interminável serviço?

Os olhos vermelhos de Thanatos cintilaram. Uma vez. Duas.

Eles se fecharam para sempre.

A fachada estoica de Aric nunca vacilou, mas eu podia sentir sua completa agonia. Ele deve estar se afogando na tristeza e culpa.

Coloquei minha mão em seu ombro com a armadura.

— Sinto muito.

Ele inclinou a cabeça, não parecia encontrar palavras.

Jack disse:

— Vou ajudar você a enterrá-lo. Evie, está muito frio para você aqui fora.

— Vou ficar bem.

— Não sabemos se mais Baggers vão cheirar o sangue.

Aric disse distraidamente:

— Não é seguro.

Jack me levou de volta para a caminhonete, então me ajudou a subir na cabine. Em voz baixa, ele disse:

— Deixe-o lamentar sem ter que estar em modo de proteção — ele estava certo.

— Ok. Eu vou.

Jack fechou a porta atrás dele. Depois de buscar uma pá na traseira da caminhonete quase cheia, ele conseguiu um local para enterrar.

Pela linguagem corporal deles, eu podia dizer que Aric insistiu em cavar a sepultura, sem dúvida querendo se punir.

Quando ele enterrava seu cavalo, Jack guardou o equipamento, a armadura, e alforjes entre as muitas caixas que foram carregadas da caverna. Juntando-se a mim dentro da caminhonete, ele puxou o frasco de bebida de dentro do seu casaco. Prestes a beber, ele disse:

— Achei que também devia dar ao Ceifador um pouco de espaço.

Eu assenti.

— Ele compartilhou um vínculo com Thanatos por mais tempo do que eu estive viva. Na sua carta, Morte está montado em um garanhão. Agora ele é um cavaleiro sem corcel. — Morte estava incompleto. — Aric adorava aquele cavalo, ainda assim ele correu até deixá-lo exausto e nem sequer poupou uma espada para acabar com ele.

— O que significa que o Ceifador estava fora de si para te alcançar — outro gole. — Maldito.

— Maldito — eu ecoei.

— Muito mais difícil odiá-lo.

— Bem-vindo ao meu mundo.

— O que nós vamos fazer com ele?

— Inferno se eu sei. Mas não quero magoá-lo mais — eu me arrependo profundamente de perder a cabeça na caverna. — Ele já deve estar ruindo por dentro por causa do que fez comigo, e então empilhei mais na noite passada. Agora isso.

— Não é culpa sua. Você passou por muita coisa. Está fazendo o melhor que pode em uma situação de merda.

— É pior do que você pensa. Jack, quando os poderes de Aric se manifestaram pela primeira vez, ele acidentalmente matou pessoas inocentes... inclusive seus pais. Sua mãe estava grávida no momento.

Jack praguejou baixo.

— Para ele ter chegado tão perto de matar eu e Tee... — Parei quando Aric se virou, voltando para nós.

Seus olhos estavam sombrios e brilhantes, seus ombros caídos.

Jack murmurou:

— Nunca pensei que eu diria isso, mas *il tombe em botte*. O Ceifador está caindo em ruínas.

Quando Aric tornou a se juntar a nós, ele tinha uma trilha congelada pela bochecha. Uma lágrima.

Oh, Aric. A dor que eu sentia me convenceu de que ainda estava tão apaixonada por ele como sempre estive.

Isso significava que eu estava bem de volta onde eu tinha começado com os dois? Sem pensar, coloquei minha mão na sua bochecha e lhe dei uma expressão simpática.

Num tom dolorido, ele disse numa voz rouca:

— Um toque e um olhar suave. Estou derrubado.

Jack ficou tenso ao meu lado, quebrando o feitiço.



Dia 586 D. F.

Eu não podia acreditar que tinha concordado em vir para este lugar.

Enquanto a caminhonete serpenteava subindo pelo caminho cheio de neve até a cabana onde Aric e eu tivemos sexo pela primeira vez, as emoções se agitaram dentro de mim.

Sim, estava estrategicamente localizada com um gerador, uma pequena cozinha e água corrente. Poderíamos tomar um banho e cozinhar alguns dos alimentos que transportamos da caverna. Pela primeira vez em meses, eu teria uma cama de verdade para dormir.

Mas a cabana também guardava muitas memórias. Quando Aric havia sugerido pela primeira vez, eu disse:

— Está a menos de um dia de carro do castelo. Quão próxima estará a esfera?

— A alguma distância. E essa névoa pode até ter diminuído com minha ausência. — Durante a longa viagem, Aric pareceu enterrar seu sofrimento sobre Thanatos em um ponto dizendo: *Você vive. É isso que importa.* Mas ele ainda estava parecendo vazio.

— Ou não. Aric, o risco...

— *Sievā*, nunca mais serei controlado por isso.

Ele e Jack pareciam exaustos, então concordei, mesmo enquanto me perguntava se eu conseguiria esquecer o que esse lugar significava para mim.

Aric estacionou na frente. A cabana foi construída no lado de uma montanha com um estábulo próximo. Da última vez que estive aqui, Thanatos estava dentro.

A enorme antena parabólica veio à vista, iluminada pelos contínuos relâmpagos. As minhas peças de roupa ainda estavam espalhadas pela base?

— Olhe para essa torre! — Exclamou Jack. — Isso funciona?

— Infelizmente, não — Ao pegar meu olhar, Aric murmurou: — Uma tempestade de granizo a danificou além do reparo.

Minhas bochechas esquentaram. Seu rosto também estava corado. Então nós dois estávamos reproduzindo os detalhes daquela noite?

Tee provavelmente tinha sido concebido aqui. Aric juntou isso? Quando sua atenção mergulhou para minha barriga, tive minha resposta.

Jack saiu da caminhonete com a balestra em prontidão. Enquanto ele me ajudava a descer, eu não pude encontrar seu olhar. Vir aqui tinha sido um erro.

Do lado de fora da cabana, eu estava prestes a expressar mais oposição, mas Aric disse:

— É seguro aqui. É confortável. A batalha vem amanhã, e este é um ponto de partida estratégico. Permita-me entrar primeiro e garantir que ninguém ou nada tenha tomado residência.

Meu olhar de olhos arregalados lhe disse: *Certifique-se de que não pareça um ninho de amor.*

Poucos minutos depois, Aric gesticulou pela porta, e Jack e eu o seguimos para dentro. Olhei dentro do quarto dos fundos. Aric usou sua velocidade sobrenatural para fazer a cama e arrumar o quarto. Ele poderia ter exibido o que tinha acontecido aqui, mas estava sendo um cavalheiro.

Se a caverna tinha me lembrado da minha raiva em relação a Aric, este lugar me lembrava de promessas. Recordava perfeitamente a forma como sentia acariciar a barba loira por fazer no maxilar definido. A maneira como seus lábios cobriam os meus, exigindo tudo de mim.

O modo como ele tinha tentado explicar seus sentimentos — desajeitadamente, porque ele não tinha experiência com coisas assim.

Quando ele jogou madeira na lareira, Jack explorou o equipamento de rádio na mesa.

— Como você encontrou este lugar, Ceifador?

— Mandeí construir a antena e a cabana antes do Flash — em instantes, ele acendeu o fogo. — Eu suspeitava que as comunicações cairiam no início do jogo.

— Então você tinha um local alternativo seu.

— No entanto, eu tolamente não o estoquei.

Jack bateu no cobre cobrindo as paredes e depois virou-se para inspecionar o mapa de constelações. — Quanto custou algo como essa antena? Milhões? — Quando Aric não negou, Jack disse: — Então você era um multimilionário?

Dar de ombros.

Perceptivo Jack estreitou os olhos.

— Bilionário, então?

— Olha o bem que isso está me fazendo agora.

— Jesus. Não posso sequer imaginar esse dinheiro.

Aric encostou seu ombro com armadura na parede.

— Eu teria abandonado cada centavo para não ser imortal.

O sorriso de Jack era amargo.

— Você pode dizer isso porque nunca foi pobre.

— E você pode dizer isso porque nunca viveu para sempre.

Com um olhar contemplativo, Jack acenou, e algo pareceu se passar entre eles.

Por mais diferentes que eles fossem, ambos tinham mais do que eu em comum. Eles compartilhavam um relacionamento que provavelmente ambos odiavam. Mas estava lá, mesmo assim.

Deus, eu amava os dois. Jack virou-se da mesa.

— Vou pegar comida para nós.

Uma vez que a porta se fechou atrás dele, eu disse:

— Aric, não gosto disso. Vir aqui parece dissimulado. Odeio manter segredos de Jack.

— Também não gosto disso. Mas faz sentido.

— Ainda assim, eu... oh! — Meus olhos se arregalaram. Senti esse revirar dentro mais forte do que nunca. Alívio me inundou, e meus olhos se encheram de lágrimas. *Decidiu ficar por aí, garoto?*

— O que é? — Aric correu para o meu lado.

Olhei para ele.

— Tee está chutando. Eu estava preocupada que o tivesse perdido. Isso foi parte da razão pela qual eu surtei tanto na caverna.

— Posso? — Ele tirou a luva.

Acenei com a cabeça antes de pensar melhor. Aric engoliu com nervosismo, depois colocou a mão sobre minha barriga. Seus olhos âmbar ficaram estrelados de emoção.

— Eu o sinto, *sievā!* — Ele disse maravilhado. — Eu posso sentir nosso filho. Ele é forte.

Enquanto olhava para o rosto nobre de Aric, meus glifos tremiam sobre mim, brilhando cada vez mais. Esse velho sentimento de unidade entre nós floresceu. Eu senti tanta falta disso. Sentia falta da vida que tínhamos juntos.

— Forte como seu pai.

Jack estava de pé na entrada, uma caixa de suprimentos em suas mãos. Seu olhar perturbado mediu a cena.

Eu recuei com culpa.

— Tee chutou. Forte — depois de todas aquelas noites, Jack esperou pacientemente para sentir isso...

Onde está sua cabeça, Evie?

— Bom, bom. — Antes que Jack escondesse sua expressão, vi sua decepção. Ele sem falar começou a descarregar comida na pequena kitchenette.

Eu corri pra me juntar ao lado dele.

— Deixe-me ajudá-lo.

Ele sacudiu um pouco do seu mal-estar, até mesmo administrando um sorriso para mim. — Tem certeza? Dois cozinheiros e tudo isso?

— Nas últimas semanas, tornei-me muito versada em cozinhar macarrão.

Em um tom seco, ele disse:

—Não, *bébé*, você realmente não é boa.

Bati no peito dele.

— Idiota.

Aric assistiu avidamente essa interação, então se desculpou. Enquanto Jack e eu preparamos a refeição, ele trocou a armadura por roupas que tinha nos alforjes. As luvas de costume, é claro.

Em frente ao fogo crepitante, nós três comemos em silêncio. Assim que o alimento quente atingiu meu estômago, a exaustão voltou a se estabelecer. Novas dúvidas sobre o amanhã surgiram. Eu seria forte o suficiente para fazer o que precisava fazer?

Aric estudou meu rosto, lendo-me com tanta facilidade.

— Você deve descansar alguns dias antes desta batalha. Discrição é a melhor parte da valentia.

— Estarei no limite até que Paul esteja morto — esfreguei minha nuca. — E estamos mais perto da esfera do que eu gostaria de estar. Aposto que você pode vê-la de cima da antena do satélite.

— Seria capaz sim. Mas temos dezenas de quilômetros entre nós e ela.

Jack me perguntou:

— Você tem um plano para amanhã?

— Claro. Esmagar e agarrar.

Aric beliscou a ponte do nariz.

— Estou brincando — Não mesmo. — Conte-nos um pouco sobre o terreno, Aric. O que eu preciso saber?

— Lark normalmente dorme durante o dia, então uma incursão precoce seria aconselhável. Assim que você atravessar a fronteira, o Arcanjo provavelmente irá encontrá-la. Se tivermos sorte, ele irá escoltá-la até Paul, em vez de exigir sua própria vingança por jogos passados.

Jack sacudiu a cabeça.

— Arriscado demais.

— *Sievā*, se Jack a acompanhar com o rifle...

— Ele fica. Não posso vê-lo morrer novamente. E não posso vê-lo colocar uma bala em nossos amigos para me proteger. — Eu perguntei a Jack: — Você atiraria em Lark se eu estivesse com problemas?

Ele exalou, mas disse:

— *Sans doute* — Sem dúvida.

— Então vou sozinha. Uma vez que eu estiver dentro, vou incapacitar todos com esporos, depois estrangular Paul com o laço enquanto ele estiver dormindo. — Eu parecia confiante, embora os esporos pudessem ser complicados.

Aric disse:

— Durante o ano passado, você me pediu coisas que eu não me sentia capaz de fazer. Tirar seu cilício. Confiar que você não me atacaria. Deixar você ir. Mas agora está me pedindo para endossar o plano para desafiar um trio de Arcanos... quando está grávida com mais de quatro meses do nosso filho. E não importa o que aconteça no castelo, não vou poder ajudá-la.

— Sei que é pedir muito. Mas vai precisar confiar em mim — suavizando meu tom, eu apontei: — Você não confiou em mim sobre Paul e olha o que aconteceu.

— Se você me disser que se sente cem por cento confiante de que pode prevalecer amanhã, então vou acreditar em você.

— Eu me sinto cem por cento confiante de que não temos escolha. Se você encontrar um plano melhor, vou ouvir. Mas de outra forma, já decidi...

Depois do jantar, Jack começou a se preparar para o frio.

— Vou checar essa esfera — ele parecia tão desconfortável perto disso quanto eu.

— Se eu cair no sono, você vai se certificar de que isso não se esgueirar perto demais esta noite?

Ele agarrou sua balestra.

— Tô dentro. Enquanto isso, talvez o Ceifador possa colocar um pouco de bom senso em você — eles compartilharam um olhar antes de Jack sair.

Eu me levantei e fui até a janela. Enquanto o observava partir para a paisagem invernal, pensei na pequena sacola de emergência que Jack meticulosamente preparara para Tee. Maldição, ele deveria ter sido o primeiro a sentir um chute. Em vez disso, tinha testemunhado um momento entre mim e Aric.

Na carta que Jack tinha deixado para mim antes do massacre, ele escreveu: *Você e Morte tem algo que eu não entendo, e tenho que começar a tentar te superar. Para puxar seu espinho da minha pele.*

Ver pistas do vínculo entre mim e Aric emergindo de novo devia estar matando-o.

Ele provavelmente sentiu meu olhar, mas não olhou para trás. Jack ainda estava tentando tirar o espinho da sua pele?

Ele sofria? Estava sangrando por dentro? Ele não entendia; nós podíamos estar separados, mas eu nunca liberaria meu controle sobre ele. Apenas justo, já que nunca o superaria.

Como eu, Jack Deveaux sangraria por toda a vida.

— Como você se sente? — Perguntou Aric hesitante. Ele devia estar lembrando o quanto nossa conversa foi mal na caverna.

Eu me virei para ele, ainda não pronta para estar sozinha com ele. Esse momento anterior entre nós tinha se deslocado para mim tão totalmente, mas agora eu estava no limite.

— Estou bem, acho.

— Você não precisa fazer isso amanhã.

— Concordo em discordar — Eu não queria magoá-lo mais, mas não conseguiria esquecer magicamente tudo o que eu tinha passado. Levaria tempo. — Provavelmente preciso descansar. — Peguei minha mochila e fui até o quarto dos fundos.

Na porta, ele disse:

— Eu gostaria de cuidar de você enquanto dorme.

A ideia enviou minhas emoções em espiral. Memórias de seu ataque estavam frescas demais.

— Aric, não estou pronta para isso. É muito cedo — eu tive pesadelos com ele por meses.

As pontas loiras de seus cílios brilhavam à luz da fogueira quando ele disse:

—Você tem medo de mim?

Eu queria proteger seus sentimentos, mas também precisava ser honesta com ele. Honestidade ganhou.

— Assim perto da esfera? Sim. — Talvez eu tivesse Transtorno Pós-Traumático. — Além do mais, eu te avisei sobre a bruxa.

— Embora ela não seja parcial sobre mim, aparentemente ela esteve cuidando do nosso filho. Se precisar amanhã, deixe-a fazer isso uma vez mais.

— E se ela não parar em Paul?

— Você não vai machucar Lark ou Gabriel por capricho.

Eu queria ter certeza.

— Aric, não consigo prever o que acontecerá comigo. Ela realmente pode te machucar.

— Uma ponte para cruzar outra hora. — A maneira de Aric dizer *chutar a lata pela estrada*. Ele abriu a boca para dizer mais, fechou-a e tentou novamente. — Ao longo desses meses, cometi tantos erros. Eu deveria ter feito uma série de coisas diferentes. Mas você sabe que posso aprender com os meus erros, se for caso. Sabe que pode ser bom entre nós de novo, amor. — Ele estava fazendo parecer que poderíamos seguir exatamente de onde tínhamos parado. Como poderíamos encontrar nosso caminho de volta? — Mesmo quando estava sob o controle do Enforcado, ansiava por você. Sentia falta da minha esposa — ele deu um passo mais perto. Eu dei um passo atrás.

— Devo esquecer tudo o que aconteceu e retomar a vida com você no castelo? Devemos enviar Jack de volta às Cinzas? Você pode condená-lo depois que ele salvou a mim e a Tee?

Ele exalou.

— Não tenho solução para esta situação. Não uma com a qual todos nós podemos viver.

Eu também não.

— Aric, você vai me dar um pouco de espaço para respirar? Eu preciso pensar.

Seus olhos ficaram escuros e melancólicos mais uma vez.

— Eu vou. Para deixá-la mais confortável, não vou retornar sem o mortal.

—Leve seu tempo.

Antes de fechar a porta, ele parou e disse:

— Eu não quero que você vá ao castelo sozinha.

Esfreguei minhas têmporas.

— Este é o meu destino. — Agora eu tinha uma missão: destruir Paul. Se eu ganhasse o dia, reavaliaria o resto. — Aceitei isso.

Ele manteve meu olhar enquanto dizia:

— Nosso filho é forte. Como a *mãe* dele.

Oh, Aric. Ele me deixou, a porta clicando por trás dele.

Soltei uma respiração reprimida, perguntando quando — ou se — eu me sentiria confortável com ele de novo. O Transtorno Pós-Traumático estava me deixando tão ansiosa? Ou a esfera? Gravidez?

Meu voto: todos acima.

O que eu estava indo fazer a respeito dele? Deles?

Ponderando sobre este enigma, usei um pouco da reserva de água da cabana para tomar banho e me preparar para a cama. Entrei debaixo das cobertas, suspirando pela maciez do colchão e lençóis caros. Comparado com o palete em que eu dormia, essa cama deveria ter sido celestial, mas estava faltando Jack.

Eu estava sentindo falta dele.

E de Morte. Quando senti o cheiro de Aric sobre o travesseiro — sândalo e pinho — as lembranças da nossa noite fatídica aqui me tomou, até sentir que estava traindo Jack.

Eu adorava sua paixão crua, mas ansiava a intensidade fervorosa de Aric. Um amor destinado. Um amor sem fim. Desde perfeito para mim não poderia ser superado, como eu poderia viver sem isso?

Jack, o amor da minha vida, me disse:

— *Peekôn*, sempre será Evie e Jack.

Aric, minha alma gêmea, havia falado:

— Somos para sempre.

Em quem acreditar?

Cheguei em um círculo completo, voltei a essa noite no Forte Arcana quando eu lutava por decidir entre eles. Quando eu fiz então, imaginei minha vida como uma estrada. De um lado estava Jack, do outro Aric.

Mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, eu tinha coberto apenas algumas desprezíveis milhas.

Uma coisa que eu sabia sobre o amanhã? Nada seria o mesmo.



O Caçador

— Onde está Evie? — Perguntei quando Morte se juntou a mim em cima da antena parabólica. Eu estava bebendo uma garrafa de uísque que eu tinha surrupiado em Jubileu. Desta altura, eu podia ver a esfera à distância.

Uma constante lembrança do que estava em jogo.

— Ela queria algum tempo para si mesma. Vou saber se alguma ameaça se aproximar.

Eu já tinha meu olho na única porta da cabana. Entreguei a ele a garrafa.

— Deve ser bom pra ela ter uma cama de verdade novamente — eu não era estúpido. Sabia que esses dois estiveram juntos nela. Ciúme surgiu.

Coloquei minha mão coberta com luva no bolso do meu casaco, fechando-se sobre minha mais valiosa posse: o telefone que eu tinha roubado do meu meio-irmão. Eu o guardava, e fita com a história gravada da vida de Evie na minha mochila na caverna — *merci mon Dieu*. Pelo modo como Domīnija e Evie estavam se olhando mais cedo, provavelmente precisaria de uma maneira de ouvir sua voz em breve. Porque eu estaria de saída.

— Suponho que você falou com ela pra deixar pra lá o plano dela?

— Ela continua determinada.

— Eu não vou deixá-la sair sozinha. Eu vou sem uma arma se tiver que ir.

Ele bebeu.

— Ela quer que eu o mantenha fora da luta.

— Mas você vai?

— Eu poderia — ante minha cara feia, ele disse: — Talvez eu apoiasse mais o plano dela se pudéssemos fornecer um chamariz, distraindo seus inimigos. Eu podia atrair alguns dos animais de Fauna e neutralizá-los. Com sorte, eu poderia até mesmo fazer com que Gabriel cruzasse a fronteira.

— Você? Tão perto da esfera imprevisível? Se fosse pego, mataria Evie e a mim. Você é uma bomba relógio, lembra-se?

— Não vou ser pego. Sou muito rápido.

— Ser rápido vai fazer diferença? Não acho que é possível pra você ficar longe dela, não importa o que você ouça. Pense nisso: se os lobos de Larka partirem pra dentro dela, você ainda não poderia passar por essa barreira.

— Permanecer longe seria a coisa mais difícil que já fiz. Lutar é fácil. Encarar minha morte também. Negar minha necessidade de protegê-la seria extenuante. Mas eu convocaria a força — ele me passou a garrafa.

Eu a inclinei fazendo um brinde e perguntei:

— Em jogos passados, a Imperatriz algum dia se perdeu para a bruxa? Tipo permanentemente?

— Não havia separação entre as duas, nenhum nome para um alter ego. Ela era a Bruxa Vermelha. Seu cabelo era para sempre vermelho, seus olhos muito verdes.

E por todas as contas, esse era um estado muito ruim. Então, o que nós trouxemos à tona em Jubileu? O que ela conseguiria fazer amanhã?

O vento soprou novamente, balançando a antena e enviando a neve soprando de um lado a outro pelo chão. Puxei meu casaco mais apertado e disse:

— Evie está certa sobre uma coisa. Ela tem que conseguir entrar nesse castelo.

— Se eu tivesse desenvolvido um lugar alternativo, esse castelo não seria tão importante. Pensei que eu tinha antecipado cada possível contingência, mas não consegui. Ninguém poderia. E agora deixei minha esposa e filho tão vulneráveis que realmente tenho que considerar a perspectiva de deixá-la retomar o controle dessa fortaleza.

— Você nunca jogou com a ideia de um covil?

— A história me disse que não precisava. Fui criado em uma fortaleza. Uma espada forte suficiente significava que tudo estava protegido. Eu sou a espada mais forte viva. Então, coloque essa falha na conta da arrogância.

— Fui criado em um lugar que não podia ser defendido, e aprendi cedo que a vida era imprevisível. Então, culpa esta falha à arrogância.

— Eu fui criado em um lugar que não poderia ser defendido, e aprendi bem cedo que a vida é imprevisível. Então, culpe minha cautela à experiência.

— Isso te serviu bem, mortal.

Tipo o que Evie dissera sobre minhas dificuldades antes do Flash. Poderia minha vida difícil no passado ser um presente neste futuro?

— Digamos que ela possa matar Paul. E aí? — Eles esperariam que eu os deixasse continuar com o casamento deles? Quando eu precisava dela como precisava da minha próxima respiração?

— Lamentavelmente, a vantagem é toda sua, mortal — Ele expressou meus próprios pensamentos: — Você é o único outro homem vivo que sabe como é cobiçá-la assim.

— Eu entendo que você a quer de volta, quer sua família. Mas eu me afastei antes, e você quase a matou.

Em um tom estrangulado, ele disse:

— Sim.

Eu disse a Evie que se pudéssemos confiar que Domīnija não se entregasse novamente à sua raiva, eu a deixaria voltar para ele. O que significava que eu precisava cavar um pouco.

— Eu quero olhar para isso do seu ponto de vista, me colocar no seu lugar.

Ele olhou fixamente para a esfera.

— Se colocar no meu lugar? Eu não desejaria isso a você.

Agora eu podia ver com muita clareza como foi sua longa vida. Eu não tinha mais família. Sem amigos próximos. Todos, exceto Evie, haviam morrido, e eu vivia, assim como esse homem havia feito por dois milênios.

— Quanto de sua fúria era de Paul e quanto era você? Faça-me entender o que aconteceu.

— Como posso, quando eu mesmo dificilmente compreendo?

— Você deve deixar o passado pra trás. Vocês dois estavam juntos e felizes, *non*?

— Eu sabia que ela estava sofrendo por sua causa, mas eu acreditava que podíamos superar quaisquer obstáculos. Então recebi a notícia que ela estava esperando bebê. Você não pode entender o meu choque. Por um tempo, pensei em mim mesmo como o homem vivo mais sortudo do mundo.

— Por um tempo, você foi. Quando cacei aquele leão, eu vi você através da janela. Eu me perguntei se você sentiu o que você perdeu. Pensei: *Eu iria preferir ter tudo e perder ou nunca conhecer essa felicidade?* — Tarde demais para mim. Eu não tive tudo, mas provei o suficiente para me arruinar.

— Mesmo então, eu senti a perda — ele me olhou. — Mortal astuto. Não pela primeira vez, sou lembrado de por que ela se apaixonou por você.

Eu odiava ter gostado do seu elogio. Mas ele *era* um sábio imortal, sábio muito além de seus anos sem fim.

— Sim, eu tinha tudo, mas então perdi tudo — ele fechou os punhos, como se quisesse socar a si mesmo. Ou Paul?

— Como isso começou?

— No começo, pensamentos perdidos entravam na minha cabeça, como uma ideia sem origem. Memórias de sua traição de tanto tempo atrás se sentiam mais viscerais. Comecei a pensar em nosso passado mais do que nunca. Agora sei que Paul já estava testando suas habilidades, semeando discórdia. Depois de ativar seus plenos poderes, ele me convenceu de que ela tinha me traído novamente, mentido sobre o bebê. Pensei que ela tivesse me hipnotizado. E ser mentalmente controlado é tão vil como uma maldição, como você pode imaginar.

— Eu posso imaginar muito — Sob o controle do Hierofante, Evie quase se tornou um canibal.

— No Tarô, minha carta invertida simboliza a incapacidade de mudar, o que fornece a base para o ressentimento crescer. Ele me fez queimar com isso, como eu nunca fiz antes. Se algum dia guardei ressentimento em relação a ela? Sim. Mas eu tinha passado por isso. Cresci. Seria como você a odiando agora porque vocês dois tiveram um começo difícil.

— Difícil é um modo de colocar isso — Eu levantei a garrafa, dizendo com um suspiro. — Eu a considerava uma vadia arrogante. — Eu não tinha ideia do que ela viria a significar para mim, chamando-a de *bonne à rien*.

Boa para nada, exceto fazer com que todos os meus sonhos se tornassem realidade.

— Sob a influência de Paul, você esqueceria todo o bem. Ele iria forçá-lo a ver apenas o negativo, aumentando sua amargura. — Cutuquei Domīnija para pegar a garrafa e ele bebeu. — Mesmo depois do que eu fiz em um passado muito distante, os entes queridos com quem eu errei, quase repeti meus pecados com aquela que eu amo acima de tudo.

— Evie me contou o que aconteceu com os seus pais. Você era próximo a eles.

Olhando para a esfera, ele disse:

— Muito. Adorava a minha mãe, e meu pai era meu melhor amigo. Eu planejava tomar uma esposa, e pensei que o novo bebê deles

creceria com o meu. Em vez disso, eu os matei da maneira mais dolorosa possível.

— Não foi sua culpa.

— E mesmo assim... — Ele ainda sentia angústia, sentiria pra sempre. Eu sabia disso, porque sempre sentiria isso pela *ma mère*.

Pigarreando, ele disse:

— Você era próximo de sua mãe?

— O máximo que eu podia ser. Ela não tornou fácil perto do fim. — Porque ela tinha desistido da esperança. Se eu não pudesse estar com Evie, eu desistiria? — Ela me disse que as pessoas da nossa família amam apenas uma vez. Ela amou e perdeu. Disse que isso se sentia como se algo estivesse faltando em seu peito a cada segundo do dia.

— O que aconteceu com ela?

Minha mão foi para o meu rosário. O Ceifador tinha acabado de admitir que tinha matado sua família. Eu poderia ser tão comunicativo? Como o homem tinha dito: *se você não pode falar seus atos, então não os faça*.

Estalei meus dedos pedindo a garrafa. Ele entregou, e tomei um gole.

— No dia zero, eu me separei dela. Ela estava presa em nossa velha cabana. Sem proteção contra o Flash.

O Ceifador ficou boquiaberto.

— Ela foi transformada.

Engoli em seco.

— Não se passou nem um dia, ela atacou Clotile, avançou na garganta da minha irmã. *Ma mère* era tão forte, tão frenética para beber. Eu... Eu a derrubei. Levantei uma mão para minha própria mãe. *Chère défunte mère*.

— Você não teve escolha. Em qualquer caso, ela já estava morta quando você agiu. A carta Sol pode considerar diferente, mas estes Bagmen nunca voltarão a como eles eram. Eu posso sentir a morte, e uma vez que a sede de sangue surge neles, eles já se foram.

Olhei para ele sobre o gargalo da garrafa.

— Isso é verdade?

— Sim. Deveaux, saiba disso: sua mãe morreu no Flash.

Meu Deus, isso aliviava minha mente. Outra coisa que eu devia a Domīnija.

— Nunca disse isso a Evie.

— Você deveria. Ela entenderia.

— É por isso que eu matei tantos deles — tomei outro gole. — Porque se eu algum dia tivesse me transformado, gostaria que alguém me matasse antes que eu ferisse qualquer um.

Entreguei o frasco de volta e ficamos sentados bebendo até que algumas nuvens vagaram passando por nós.

— Tem uma coisa sobre a qual estou curioso — ele disse. — Quando a primeira neve começou a cair, ela ficou triste. Deve ter alguma coisa a ver com você.

— A primeira vez que vi neve foi pouco antes de Richter atacar. Eu e ela estávamos falando no rádio, e ela podia ouvir minha excitação.

— Primeira vez? — Isso deve ser estranho para um homem que veio do norte nevado. — E o que isso significa para ela? — Ele tirou a fita vermelha do bolso.

Não pude tirar meus olhos disso.

— Eu dei isso a ela quando nós três estávamos na estrada para salvar Selenia. Disse a Evie que me devolvesse quando ela me escolhesse.

— Sei — Ele fechou sua expressão, mas peguei o brilho da dor. — Ela tinha a intenção te entregar isso antes do massacre. Peguei de sua gaveta depois que ela fugiu do castelo, mas vou devolver a ela. — Ele enfiou no bolso.

— Inferno, Ceifador, ela pode dar a você. Eu vi a maneira como vocês dois estavam se olhando quando seu filho estava chutando.

— Diz isso justo quando decidi que sou o intruso na história dela com você.

Sério? Refleti por um momento, suspirei.

— Todos nós temos nossas maldições. As pessoas da minha família são amaldiçoadas a amar apenas uma vez. Você está amaldiçoado a nunca tocar em ninguém, exceto uma. E Evie? Ela está amaldiçoada a amar a ambos. Ela realmente ama, você sabe.

— Ela amava. Antes...

— Ela ainda ama — Infelizmente. — Você sabe, Evie e eu só ficamos juntos por uma noite. Precizou eu quase morrer na trincheira antes que algo acontecesse entre nós. Ela não queria desistir de você.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Por que me diz isso?

— Isso prova que seus sentimentos por você nunca morreram.

— Obrigado. Isso ajuda — olhei para a cabana, imaginando-a adormecida. — Ela dará à luz no aniversário dela.

— Precisamente — Morte murmurou. — E se eu não tivesse escapado do Enforcado? Você estava preparado para criar meu filho?

— *De bom coeu* — Com todo o coração. — Eu disse a Evie que você teria preferido que eu mantivesse a ela e seu filho seguros como se fossem meus, do que arriscá-los no castelo. Eu estava errado?

Ele nivelou seu olhar como o meu.

— Você não estava — Por que ele tinha que ser tão correto?

Endireitando os ombros, ele disse:

— Você é um bom homem. Não consigo pensar em ninguém melhor para ser pai.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer com isso, seus olhos voltaram para a esfera novamente.

— Você continua olhando pra isso, Ceifador — *deixando este Cajun nervoso*. — Onde está sua cabeça?

Ele deu de ombros.

Não era a resposta que eu estava procurando.

— Você faz essa névoa parecer como uma espécie de droga. A vida ali dentro era mais *simples*, lembra? Estar aqui fora é *paralisante*. Você sente um puxão pra ela? E se você só andasse direto ali pra dentro?

— Se eu sentisse um puxão, cortaria minha própria garganta. Ouça-me, mortal, nunca mais serei tomado por aquela esfera. — Mesmo enquanto ele dizia isso pela enésima vez, seu olhar continuava ficando na luz. Seus olhos começaram a brilhar. — Um pensamento acabou de entrar na minha cabeça. Uma *ideia*.

Ele virou aquele olhar estrelado em minha direção, e os calafrios correram pelas minhas costas.

— Ceifador?



49

O Enforcado

Dia 587 D.F.

Ele é meu mais uma vez!

Morte estava de volta na manga. Minha esfera o atraiu de volta.

Através de uma janela de vidro fosco no escritório, eu o vi sair de uma caminhonete no pátio. Ele puxou a Imperatriz amarrada do carro.

— Eu te odeio! — Ela gritou para o Ceifador. — Eu sabia que isso aconteceria! — Os olhos dela estavam vermelhos, o rosto pálido. Ela tremia descontroladamente na neve caindo.

Ela ainda estava grávida? Eu não podia ver com o casaco. Apesar de sua fúria, seus glifos estavam escuros e seus cabelos permaneciam loiros. Ela devia estar cansada de lutar com o cavaleiro na armadura. Não que ela tivesse muito de suas habilidades até mesmo meses atrás.

A recaptura de Morte era tão previsível; ele deve ter *querido* que isso acontecesse. Sua partida tinha sido um golpe considerável para o meu ego. Sem meu fiel escudeiro imortal, eu tinha me sentido vulnerável, tomando medidas para me proteger. Mas agora sua carta estava na minha mão mais uma vez. Eu dei um sorriso convencido, vitorioso.

Quando Gabe pousou na frente dele, abri a janela para escutar.

— Salve, Ceifador. Estou feliz em ver que você mais uma vez encontrou clareza.

Morte deu uma arrogante levanta de queixo em saudação. Desta vez, eu faria mais para curvar essa arrogância. Não mais toleraria ser chamado de *homenzinho*.

Gabe perguntou:

— Onde está sua montaria?

— Perdida.

— Estou vendo. O Carro de Guerra e Torre?

Ah, sim — onde estavam Kentarch e Joules? Eu estava ganancioso por mais combustível para minha esfera.

— Tenha cuidado com eles.

Gabriel assentiu.

— E o Caçador?

Evie gritou:

— Jack está morto! — Ela virou para Morte, batendo em seu peito coberto pela armadura com as mãos amarradas. — Como você pôde? Ele confiou em você, e o matou!

Tão sublimamente satisfatório. Não apenas isso era uma vitória para a minha aliança, mas Morte ainda a alimentou pelo prato da traição, matando seu primeiro amor.

Falando de alianças... Meu olhar passou por eles para a o zoológico. Onde estava Fauna? Provavelmente dormindo, mesmo durante essa perturbação.

— Vou te matar pelo que você fez! — Evie lançou para Morte. — Eu disse que estávamos perto demais da esfera...

— Silêncio! — Ele ordenou.

Gabriel perguntou:

— O que você vai fazer com ela?

Ele respondeu:

— Um presente — *Eu adoro presentes.*

— O Enforcado está no escritório.

— Muito bom — Morte arrancou com um puxão as amarras de Evie. Com um grito, ela foi andando atrás dele. Gabriel alcançou voo, começando sua vigilância. O agitar de suas asas transformou o pátio em um globo de neve.

Afastei-me depressa da janela para a escrivaninha que eu tinha requisitado de Morte. Sentando-me, abri uma gaveta. Ao lado da minha nova arma estava o cilício da Imperatriz.

As esporas de Morte soaram no corredor enquanto ele vinha até mim. Eu gostava de estar aqui dentro de seu antigo escritório. A temperatura era brutal lá fora; no interior, o fogo irradiava calor. Joguei meus pés pra cima da *minha* escrivaninha e passei os dedos sobre as bordas afiadas do cilício.

Morte entrou com a postura ereta, armadura negra brilhando. Uma visão apavorante.

Levantei com o cilício na mão.

— Bem, bem. O que temos aqui?

— Um presente — ele disse com sua voz rouca.

E que presente ela era!

— Meus agradecimentos, Ceifador.

— Aric, o que você vai deixar que ele faça comigo? — Evie juntou suas mãos amarradas. — Saia disso. Estou te implorando.

— Silêncio! — Morte puxou a corda, fazendo com que ela cambaleasse, então me entregou a ponta.

Com um sorriso, eu aceitei, puxando-a mais perto. Com minha outra mão, levantei o cilício.

Ela empalideceu ainda mais.

— Afaste essa coisa de mim, seu louco!

— Vamos ter que amputar uma boa parte do seu braço para conseguir voltar a colocar isso, mas sua carne vai regenerar. Coopere e Morte não vai tirar sua cabeça. Por enquanto.

Com os olhos vidrados de raiva, ela disse:

— Estou te avisando, Enforcado. Você não quer fazer isso comigo — seu cabelo começou a ficar vermelho? Seus glifos emitiam luz!

Virei minha cabeça rapidamente para o cavaleiro.

— Ainda há alguma briga restante nela. — Ela não poderia me ferir, mas poderia ser capaz de envenenar Morte. — Faça alguma coisa!

— Como o quê? — Ele zombou com tanto desprezo que sua própria voz soava diferente.

Fiz uma cara feia.

— Apague-a para que eu possa colocar esse cilício nela...

— *Esse não é o chefe!* — O grito de Lark veio do zoológico até a casa.

Meu estômago caiu no chão olhei para esse estranho de armadura. Então quem estava assomando sobre mim, puxando a espada...?



Nosso plano estava em andamento.

Para evitar a detecção, estive esperando a léguas da esfera — mas ainda podia ouvir o grito de Fauna ecoar pela montanha.

Não havia mais necessidade para eu permanecer escondido. Comecei a sair de onde eu estava andando de um lado pro outro, através de um buraco para dentro do terreno.

Será que minha esposa e Deveaux poderiam se defender das criaturas de Fauna e do Arcanjo o suficiente para matar Paul?

Essa corda com a força iria funcionar? Tantos riscos.

Enquanto eu corria, tornava a lembrar desta manhã. Meu plano tinha sido um erro de julgamento colossal?

Esperei até que ela acordasse e se vestisse então disse:

— Tenho uma ideia, sievā, mas você não vai gostar dela.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Vamos ouvi-la.

— Envolve o mortal — eu disse.

Jack me lançou um olhar interrogativo.

— Finalmente vou ouvir o que você se recusou a me dizer na torre ontem à noite?

Eu precisava de tempo para analisar minha ideia.

— Você mencionou que queria se colocar no meu lugar. Por que parar por aí? Você e eu temos quase o mesmo tamanho. Você pode emprestar minha armadura e espadas, depois caminhar direto para dentro do castelo. Vão pensar que você sou eu. O ego de Paul é a sua fraqueza; ele vai assumir que eu vim rastejando de volta.

Os olhos de Jack começaram a brilhar com antecipação.

Mas Evie sacudiu a cabeça com veemência.

— Mesmo que Jack tenha um disfarce, não vou enviá-lo para enfrentar Arcanos. Por que ele deveria ter que assumir esse risco sozinho?

— Porque se ele for bem sucedido, eu vou lhe dar o castelo.

— O QUÊ? — Ela e Jack disseram imediatamente.

Com as sobrancelhas franzidas, ela perguntou:

— E, por extensão, você vai dar ele pra mim?

Apertei meus punhos para me impedir de alcançá-la, esforçando-me para não revelar o quanto essa perspectiva me destruíra.

— Eu o quero particularmente motivado para garantir o castelo. Como nos velhos tempos, se ele ganhar; ele o mantém.

— Você está falando sobre abandonar seu lar? Você é um maldito cara caseiro. Nunca deixaria pra trás todos os pertences que você guardou por milênios.

— Nada disso importa agora. Eu sacrificaria qualquer coisa para ter você e nosso filho seguros nessa fortaleza.

— Incluindo eu e Tee? — A mão dela foi até sua barriga arredondada.

Nunca vê-la? Nunca conhecer meu filho? Meu olhar aborrecido encontrou o dela, enquanto eu murmurava:

— Qualquer coisa.

— Oh, estou dentro — Jack disse rapidamente.

Ela apontou:

— Você estaria encarando três assassinos poderosos.

— Enfrentei chances piores uma tonelada de vezes menos preparado. Você estava preocupada comigo atirando nos seus amigos. Não vou levar uma arma, só estarei carregando espadas e um laço. Com esse disfarce, posso entrar e estrangular o Enforcado. Então, Gabe e Lark não serão ameaças.

Ela lançou um olhar penetrante de Jack para mim.

— O plano não vai funcionar. Se Lark estiver acordada, ela vai cheirar a diferença. Gabriel pode também.

Eu disse:

— Não se eles não chegarem muito perto, e Jack estiver usando minha roupa por baixo.

— Ele teria que soar como você. E Aric, você já comentou: como devo colocar isso?... o modo dele de falar.

Eu dizia que ele matava a língua inglesa sempre que ele tentava.

Os lábios de Jack se curvaram pra cima.

— Agora, qual a dificuldade em soar como um idiota arrogante da Rússia?

Estreitei meus olhos.

— Letônia.

— Qual é, peekôn — eu odiava quando Deveaux a chamava assim, porque ela claramente amava isso. — Eu posso aprender algumas frases curtas para usar e imitar seu sotaque.

Ela se virou para mim.

— Você adoçou o pote demais. Ele não vai pensar direito. Eu mesma preferia assumir o risco. Quero recuperar o castelo e depois pensar no futuro...

Jack e eu pressionamos nosso caso para ela, e uma meia hora de discussão se seguiu.

Finalmente ela disse:

— Tudo bem! Vou concordar com isso... se eu for como prisioneira de Jack. Vamos enrolar a corda ao redor dos meus pulsos, e ele vai me levar para dentro com ele.

— Bonne idée — disse Jack. Pensei que ele estava fazendo um valente esforço para não se vangloriar com a vitória.

— Vocês dois estão felizes? — Um flash de algo astuto cruzou os olhos azuis dela.

Suspeitei que ela tinha concordado com a estratégia da batalha, mas não com os meus termos. Não importa; se Jack fosse bem sucedido, eu manteria minha palavra e perderia meu lar.

O que significava que, independentemente do resultado do dia, de alguma forma eu estaria perdendo minha esposa.

— Não há tempo a perder — Jack começou a desabotoar a camisa.
— Vamos fazer isso.

Embora ela tenha visto nós dois nus, ela virou de costas enquanto trocávamos de roupa.

Mas hesitei em entregar a ele a primeira peça da armadura.

— Eu nunca... em dois milênios... permiti a outra pessoa usar isso.

— Primeira vez pra tudo. Vamos! — Ele mal podia conter sua excitação. E porque não? Ele estaria recebendo o que mais queria. O castelo era apenas uma fatia do bolo.

Usando as luvas de Jack, ajudei-o a amarrar as peças.

— Porra, esse metal é leve — Ele bateu os punhos de sua luva contra seu peito. — Estamos irritando alguma divindade da morte com este truque? — Jack sabia que eu tinha sido divinamente conduzido a este traje pelo meu patrocinador deus.

— Provavelmente.

Quando ele deixou a viseira cair, dei uma boa olhada. Não tinha me visto em um espelho usando uma armadura em eras. Era assim que eu parecia para os outros? Não é de admirar que todos ficassem aterrorizados comigo. Adicione os olhos vermelhos de Thanatos...

Então lembrei que meu corcel estava morto. Desligue sua mente dessa cena, da culpa.

Jack me perguntou:

— Você nunca fica, uh, claustrofóbico aqui dentro?

Ele não fazia ideia.

— Apenas tente não pensar no cadáver em decomposição de quem eu tirei o traje.

Ele murmurou:

— Beck moi tchew. — Morda minha bunda.

Lembrando de sua voz arrastada com sotaque, eu disse:

— A Imperatriz pode falar por você, mas você precisará aproximar do meu sotaque. Diga a palavra silêncio como eu faria.

— Siilenssssss.

Eu me impedi de me encolher.

— Pronuncie as sílabas, mortal.

Ela acrescentou:

— E soe mais arrogante. Como se você nunca cometesse erros — enrijei com isso, e ela percebeu. — Não estou dando pitacos, mas você normalmente soa infalível.

— Infalível? — Sufocando minha frustração, consegui dar uma risada áspera. — Eu matei meus pais, meu irmão não nascido, e quase matei minha esposa e meu filho. Infalível e eu não estamos no mesmo reino. — Lamentei as palavras assim que as pronunciei. A Imperatriz não era a única que tinha dificuldade em governar as emoções.

Ela disse suavemente:

— Aric, não.

Assumindo uma atitude brusca, eu disse:

— Vamos passar a próxima hora praticando algumas frases feitas. Você pode se acostumar com a armadura e as espadas ao mesmo tempo.

Outra milha debaixo das minhas botas. Lobos uivavam do castelo, preparando-se para uma caçada. Ainda havia tempo! Aumentei a energia na subida da montanha, dedos enterrando na neve...

Antes que ela e Jack partissem, eu disse:

— Estou confiando tudo o que amo a você, mortal. — Eu estaria fazendo algo muito mais difícil do que andar para salvar o dia. Estaria deixando-a ir. Dependendo de outro. Um rival.

— E vou cuidar disso, Ceifador. Mas quero anotado que você uma vez me disse que nunca precisaria da minha ajuda.

— Eu preciso mais do que algum dia precisei de qualquer coisa.

Com um aceno de cabeça, ele continuou indo para a caminhonete, dando-me um momento sozinho com minha esposa.

Eu disse a ela:

— Seja magnífica. A qualquer custo.

Ela olhou para mim por baixo de uma mecha de cabelo brilhante. Tão linda, que me doe.

— Aric, se eu não for bem sucedida, você vai ter que ganhar o jogo.

— Sei que não tenho o direito de pedir nada a você. Mas imagine o que os próximos séculos seriam se você não aproveitasse uma vitória. Algum homem poderia suportar tal culpa e perda por uma vida, o que dirá várias? Estou confiando em você para lutar muito e prevalecer. Estou esperando que mate nosso adversário.

O ponto de pulso na garganta dela vibrava. Nervosa sobre a batalha por vir? Ou minha proximidade?

— Acredito em você, amor. — Eu me inclinei e pressionei meus lábios nos dela, sabendo que seria nosso último beijo. Ela permitiu, o que fez meu coração trovejar...

Correndo impetuosamente, espiei o brilho da fronteira na distância.

A necessidade de entrar naquela luta fervia por dentro de mim. Eu não ansiava a falsa sensação de clareza do Enforcado — eu desejava lutar pela minha família.

Sentia como se minha existência eterna inteira tivesse levado a isso. Enquanto corria, eu apertava meus punhos impotentemente. *Por favor, deuses, deixe-a prevalecer.*

Quantas vezes eu tinha apertado meus punhos porque não podia tocar algo? Agora eu não podia sequer matar — a única coisa que eu nasci pra fazer.

— Evie, agora! — Jack berrou, sua voz distorcida por trás do elmo de Aric.

Enquanto eu deslizava das minhas amarras — o laço com a corda — a expressão de Paul se retorceu.

Aquela luz atrás de sua cabeça acendeu.

— Você não pode me matar — ele ainda segurava a outra ponta da corda.

— Isto é por Finn, seu babaca! — Com uma onda da minha mão, comandeí que o laço atacasse. Como uma serpente, a corda disparou subindo por seu corpo, enrolando em torno de seu pescoço.

— Nãoo! — Seus dedos apertaram a corda, cavando entre o cânhamo e sua pele.

O ícone de Finn estava gritante em sua mão direita. Eu mal mantive meu ato de donzela em perigo assim que vi isso.

Lobos uivavam, respondendo ao grito dele. Eles estavam dentro do castelo!

Assim que Lark tinha explodido nossa cobertura, Jack correu para a porta e a fechou, trancando-a.

O que parecia uma debandada se dirigia nessa direção. Nosso plano dependia da morte rápida de Paul. Eu poderia matá-lo antes que esses animais invadissem o escritório? Antes que Gabriel retornasse? Fiquei espantada pelo seu novo tamanho ameaçador.

Rangendo meus dentes, apertei o laço de Paul. Seus olhos arregalaram e sua luz brilhante piscou, mas ainda lutava contra mim.

Jack ergueu uma das espadas emprestadas de Aric, posicionando-se entre mim e a porta.

— Eles estão vindo, Evie! — Patas de lobo faziam barulho pelo corredor.

Mais apertado, mais apertado. Mas Paul permaneceu em seus pés, lutando contra o meu controle. Seu rosto estava roxo. Veias saltadas no pescoço e na testa.

Ele fazia sons ininteligíveis, seus olhos suplicando. Vasos explodiam no branco dos olhos. Por que ele não morria? A cada momento que passava, *eu* estava enfraquecendo.

E se a corda não funcionasse? Enquanto mantinha a pressão, eu tentava convocar esporos...

Nada. Eu apenas me enfraquecia.

Rosnados soaram do corredor pouco antes da porta se curvar. Certamente eles não podiam atravessar...

Com uma chuva de estilhaços, os lobos rasgaram a madeira, arrancando os pedaços com suas presas.

Jack espetou a espada através de um buraco na porta.

Latido de dor.

A lâmina voltou ensanguentada, mas os lobos continuaram atacando. Apertei a corda ainda mais, cortando o som gorgolejante de Paul.

— Morra já!

Uma cabeça peluda gigante quebrou a porta, com as mandíbulas estalando no ar. Cyclops. Ele jogou a cabeça para trás, justo quando Jack balançou a espada.

— Evie, seja o que for que você esteja fazendo, faça isso rápido!

Lark tinha alcançado o corredor.

— Imperatriz, liberte Paul e vou poupar você e Deveaux. Caso contrário, meus lobos vão limpar seus ossos... como você fez com o minha leoa.

— Você acha que matei Finn. Você nunca vai me poupar.

Ela gritou:

— Você não merece dizer o nome dele! Gabriel, chute a porta abaixo — o Arcanjo estava aqui também!

A porta bateu saindo das dobradiças, caindo no chão. Olhei boquiaberta para Gabriel e Lark no corredor.

As asas dele flexionavam ameaçadoramente, seus olhos enlouquecidos. Ela estava com os olhos tão selvagens quanto, com sua juba embaraçada, parecendo mais um animal do que nunca. Seus lobos se agachavam ao lado dela, saliva escorrendo de suas presas à mostra.

Jack preparou sua espada, deslizando-a de um lado para o outro.

Eu me mexi para trás de Paul, levantando minhas garras para seu rosto, mantendo a pressão sobre a corda.

— Não chegue mais perto!

Lark riu.

— Seus glifos estão escuros, o que significa que está sem poder. Além disso, ele não pode ser morto, idiota. Você pode estrangular ou envenenar tudo o que quiser, mas ele não vai morrer — ela disse a Gabriel: — A Imperatriz é *minha* pra matar.

O estranho olhar verde dele pousou em Jack e suas asas flexionaram novamente, essas garras tão afiadas.

Realização: *estávamos acabados*.

Gabriel golpeou, uma asa se aproximando lá de fora do corredor. Antes que Jack pudesse balançar a espada, seu corpo foi lançado do outro lado da sala.

— Ah, Deus, Jack!

Ele levantou-se de forma instável, de alguma forma conseguiu segurar sua arma.

— Não o toque novamente, Gabriel! — *Ou o quê?*

— ARCANJO — Aric berrou de longe. Ele devia estar no limite da esfera. — Me encare! Eu não tenho armadura. Sem espadas. Venha pegar meu ícone.

Gabriel morderia a isca?

— Morte não tem proteção — disse ele a Lark. — Não teremos outra oportunidade com esta. O alcance da minha asa é longo. Posso matá-lo sem cruzar o limite.

Então Aric estava mais vulnerável do que nunca esteve. *Preciso que Paul morra antes que Gabriel alcance a fronteira!*

Lark assentiu.

— Vá. Posso lidar com um mortal vestindo armadura e com uma Imperatriz sem poder — Cyclops entrou furtivamente, Scarface e Maneater atrás dele. Eles circularam a mim e Jack.

Gabriel foi embora, e Lark focou seu olhar vermelho e frio em mim.

— Eu vou fazer isso doer — Os lobos atacaram.

Eu joguei videiras na direção deles, amordaçando seus focinhos. Cada pingue de poder que eu usava para nos defender enfraquecia meu ataque em Paul.

Jack balançou a espada para Scarface, descendo um golpe em seu flanco. O lobo amordaçado saltou para ele, derrubando-o de costas.

— *Putain!*

— Jack!

Scarface se libertou das videiras e mordeu o braço levantado de Jack, presas atingindo metal. *Clang clang*. A espada faiscou novamente, golpeando o outro lado do lobo. Sangue derramou, mas seus olhos pareciam dementes.

Quando lancei outra videira para proteger Jack, Paul roubou umas poucas respirações sibilantes. Sua luta se fortaleceu.

Maneater meteu as patas nas videiras em seu focinho, livrando-se, então me atacou. Fui para trás, bloqueando o caminho dela com mais

vinhas. Durante todo o tempo, eu podia sentir Paul avançando para fora da corda.

Estávamos perdendo terreno, prestes a perder nossas vidas! *A qualquer hora, Bruxa Vermelha. Aqui está outro monstro para você.*

Jack teve o mesmo pensamento. Entre fôlego, ele falou:

— Deixe-a solta, Evie!

Com o canto do meu olho, espiei Paul alcançando algo dentro da gaveta da escrivaninha. O que ele estava...

Uma pistola.

Ele usou meu momento de choque para se arrancar para trás para longe de mim. Apertei o laço, mas ele ainda conseguiu segurar a arma, apontando bem para o meu estômago.

A arma disparou.

A dor ofuscante me fez gritar. O rugido angustiado de Aric se ouviu à distância.

Olhei de boca aberta descendo por meu corpo. A bala tinha entrado e saído do meu braço. Paul tentou estabilizar sua mão trêmula. Tarde demais; uma videira saltou da minha pele, derrubando a arma no chão.

Paul tinha apenas ferido minha carne, mas podia ter atirado na minha barriga vulnerável. A Bruxa Vermelha soltou um grito estridente de vingança, levantando-se dentro de mim, uma febre terrível. Atrair minha ira se sentia bem. Render-me à fúria era como viver na esfera de Paul: mais simples.

Poder surgiu. A cada uma de suas exalações, eu aumentava o aperto da corda. O cheiro de rosas encheu o ar. O calor da batalha era um inferno.

A luz atrás da sua cabeça diminuiu enquanto ele caía de joelhos. Ele agarrou sua garganta, seus olhos implorando.

Ah, celestial.

— Venha, Paul. Toque. — Quando um globo ocular saiu pra fora, eu ri com prazer. *Como nos velhos tempos.* — Mas você vai pagar um preço — eu sacudi meu pulso.

O laço se contraiu. TAC. Um som de estalo.

O corpo mole de Paul desabou no chão, e sua língua rolou de sua boca aberta e frouxa. *Por fim!*

Eu ri novamente quando uma sensação de calafrio formigou na minha mão. Então outra. *Ícones.*

Arrancando minha luva, olhei fixamente para as novas marcas: um laço para o Enforcado e o Ouroboros de Finn. *Quero mais.*

Lentamente me virei para Lark. Eu poderia matá-la, assim como minha avó queria. Então Gabriel. Quatro ícones em um dia!

Por que parar ali? Morte não tinha armadura...

Com uma expressão perplexa, Lark se colocou de costas contra uma parede, seus lobos cambaleando para ela.

— Que diabos? — Seus olhos vermelhos faiscaram com realização. Seus lábios se curvaram para trás, revelando suas presas. — Paul fez isso? Ele matou Finn! Ele me fez queimar... ah, Deus, eu cremei Finn.

Os lobos pularam no cadáver do Enforcado, arrancando a carne, despedaçando-o.

Crunch, crunch. O sangue espirrou nas paredes, salpicando de vermelho as antiguidades e as lombadas dos livros. Empoçou no chão em torno dos restos de Paul, enquanto os animais lutavam por pedaços.

A violência excitava a Bruxa Vermelha. Enquanto eu media Lark, seus olhos estavam focados como laser no sangue coagulado.

Jack se arrastou pesadamente em direção a mim.

— Ei, ei. Volte pra mim — ele apertou meu queixo e virou meu rosto. — Lark já passou o suficiente. Vamos, você pode fazer isso.

Joguei minha cabeça para longe. *Nãoo.* Agora que despertou, a bruxa não tinha desejo de ceder. *Evie é um pedaço de mim! Eu posso proteger o bebê melhor que ninguém. Somos mais fortes assim.*

— Volte para mim, *peekôn.* A luta acabou.

Mas não *estava.* Os monstros simplesmente continuariam vindo. E eu não poderia continuar fazendo isso sem me afogar no poço.

— É melhor deste modo, Jack — minha voz até soava diferente, ofegante e má.

Nunca me senti afinada com a Bruxa Vermelha, tão unificada. Talvez minha personalidade dividida estivesse se fundindo. Talvez *devesse*.

— Estou bem aqui, bébé. Você tem que voltar para mim.

A cada segundo que eu lutava contra a bruxa pelo controle, Lark parecia estar emergindo de sua própria batalha interna. Olhos perdidos, ela soltou um soluço de partir o coração.

Esse som foi como um alarme despertando dentro de mim, avisando do perigo.

Eu era o perigo.

Droga, Lark era minha amiga! Eu nunca quis machucá-la. Levantei os olhos para Jack, segurando seu olhar, respirando fundo.

A bruxa finalmente começou a recuar.

— *Ma bonne fille*, é isso. Você conseguiu.

Na hora, encontrei os olhos de Lark.

— Você está conosco de novo? — Seu tableau apareceu, o lado certa pra cima.

Ela assentiu.

— Sim. Estou de volta agora.

Olhei através da janela. A esfera se dissipou. A mortalha se foi, mas eu matei o Enforcado a tempo de parar Gabriel?

— Você pode ver se Morte está seguro?

Procurando por ele através de suas criaturas, ela disse:

— O chefe está se aproximando rápido.

O alívio me tomou.

— Sinto muito mesmo, Evie — ela disse, lágrimas brotando. — Por tudo.

— Você não pôde evitar. Não é sua culpa.

— Ótimo truque, a propósito. — Sua voz quebrou quando ela disse:
— F-Finn teria adorado. — Ela se lançou pra longe.

Corri atrás dela.

— Lark, espera.

Olhando por cima do ombro, ela ergueu os dedos com as garras para me deter.

— Preciso lamber minhas feridas. Sozinha. — Seu olhar me percorreu ao ver o sangue. Ela estava encarando pra isso com fome? *Vermelho de dentes e garras*. Talvez eu não fosse a única a lutar com o calor da batalha. — Apenas me dê um tempo. — Ela se virou uma vez mais. Seus lobos a seguiram, membros cortados pendiam de suas mandíbulas.

Jack agarrou meu ombro, envolvendo-me em seus braços o máximo que a armadura permitia.

— Deixe-a ir. A morte de Finn provavelmente a atingiu de verdade pela primeira vez.

Eu nem podia sequer compreender como ela devia estar se sentindo. Oh, espere... sim, eu podia.

Jack tirou o elmo, colocando-o na escrivaninha de Aric.

— Você está bem? Não posso acreditar que esse canalha atirou em você.

— Sim — verifiquei a ferida. Regeneração estava chutando lentamente. — Não é nada. Já está curando.

— Se Domīnija estivesse aqui, ele poderia ter impedido isso.

— Estava perto. *Você está bem?* — Sem essa armadura, ele podia ter morrido.

— Eu estou bem. — Jack recuou e começou a remover as peças de ônix, empilhando-as ao lado da armadura. Peitoral. Protetor de braço esquerdo. — Mas eu quero isso fora de mim. — Ele estendeu a mão embaixo para desamarrar a última proteção da perna.

Franzi o cenho para a armadura descartada.

— Essa armadura provavelmente salvou sua vida. O golpe de Gabriel poderia ter quebrado suas costas. Por último, Scarface teria arrancado seu braço.

— Usar isso me fez entender algumas coisas — ele se endireitou. — Esta armadura não é apenas a proteção de Morte contra o mundo; é a proteção do mundo contra ele... uma gaiola. Domīnija me disse que eu caminharia uma milha em seus sapatos, ou seja, me colocaria no lugar dele. Eu fiz. E dentro desta armadura é o lugar mais solitário que já estive, o mais separado de tudo o que eu já senti.

Eu pensei em todas as vezes que pedi a Aric para usá-la.

— Ele deve odiar isso — Mas ele ainda a usava para dissipar meus medos.

— *Ouais* — Pela primeira vez, a atenção de Jack se desviou de mim. Os detalhes do escritório chamaram sua atenção, os livros e pergaminhos, os cetros e coroas em exibição. Sua curiosidade era claramente evidente. — Então este é o covil do Ceifador. Surpreendente, *non*? Uma coisa é ouvir sobre isso; outra é ver por dentro. Fiquei de boca aberta o caminho inteiro pra dentro. Quase esqueci de agir como um babaca com você.

E agora, por direito, o castelo do tempo perdido era dele. No entanto, por mais que eu tentasse me imaginar vivendo aqui com Jack, eu não podia ver isso.

Ele deve ter percebido minha mudança de humor.

— Você nunca pretendeu mandar Morte fazer as malas, não é?

— Não tomei nenhuma decisão sobre ele ou você, mas parece errado expulsá-lo de sua casa.

— Verdade — outro olhar ao redor da sala. Uma exalação triste. — Lugar legal para visitar...

Apesar de tudo, Jack me fez querer sorrir.

— Quando Aric trouxe à tona sua ideia, mantive minha boca fechada e fui junto com ela.

Ao mesmo tempo, ambos dissemos:

— Chute a lata pela estrada.

Eu dei uma risada fraca.

— Sim — Ele pegou minha mão na dele. — Mas agora estamos no final da estrada. Castelo ou não, expulsando ou não, como você está se sentindo? — Ele deu um passo mais perto. — Apenas para deixarmos claro sobre como *eu* estou me sentindo... — Ele se inclinou para pressionar seus lábios nos meus. O beijo terno me disse mais do que as palavras jamais poderiam.

Eu amo você. Desejo você. Preciso de você. Ele recuou para olhar dentro dos meus olhos, deixando-me sem fôlego.

— Jack...

— Perdoe-me — disse Aric da porta, sua expressão aflita, sua respiração pesada. Com seu cabelo desgrenhado e ainda vestindo as roupas de Jack, ele parecia tão longe do nobre perfeito como eu jamais o vi. — Ouvi uma arma disparar. — Suas sobrancelhas estavam franzidas, seus olhos buscando. — E seu grito.

Eu disse:

— Tenho apenas um corte no meu braço.

Ele assentiu solene.

— Muito bom. Estou aliviado em ouvir isso. — Ele engoliu em seco e seu olhar mergulhou até onde Jack segurava minha mão. — Vou reunir alguns suprimentos e seguir meu caminho.

Eu nem tinha notado que estávamos de mãos dadas.

Jack franziu a testa.

— E sua armadura e espadas?

Seus olhos cintilaram sobre o que tinha restado de Paul.

— Você vai precisar delas mais do que eu. Para protegê-la — com um último olhar, ele nos deixou.

Jato assobiou baixo.

— Ele realmente desistiria de tudo por você. Tudo — ele murmurou: — Porra de Morte honrado.

Eu disse:

— Essa armadura pertence a ele.

— Eu que não quero essa porra.

Gabriel correu para dentro da sala, seu olhar frenético.

— Imperatriz, sinto muito. Seu bebê? A avalanche! Você perdeu tanto sangue.

— Ainda estou grávida. — Eu precisava alcançar Aric. Eu ouviria seu rugido angustiado pelo resto dos meus dias. O que ele deve ter pensado? Eu disse distraidamente: — Você me salvou, Gabe. Você *nos* salvou.

Gabriel colocou a cabeça dentro de suas mãos com garras, então deslizou pela parede, perdendo um par de penas pretas.

— Meu Deus, meu Deus. Eu teria esfaqueado você.

Jack me soltou, apressando-se para o lado do anjo.

— Calma, podna. Só respire.

— E quase matei você, Jack. Estive por um fio de cabelo de cortar sua garganta.

— Mas você não fez.

Ele agarrou o braço de Jack.

— Onde está Patrick?

— Com o Carro de Guerra. Eles estavam bem até uns dias atrás. Mas nos separamos. Acho que eles podem estar na área de Washington.

— Eu o ameacei — Gabriel enrolou as asas ao redor de seu corpo, parecendo se abraçar. — Eu teria matado meu melhor amigo. Como vou encontrá-lo?

Jack virou para mim.

— Eu cuido disso, Evie. Droga, vá atrás de Domīnija.

Eu acenei, então corri atrás de Morte.



52

Quando o alcancei, Aric já havia mudado de roupa e estava usando sua velocidade sobrenatural para descarregar todos os suprimentos que Jack havia transportado da caverna. Comida, combustível e uma tonelada de coisas de bebê.

Coisas de bebê. Porque Jack estava comprometido.

Aric abriu uma das portas da garagem, estava empilhando caixas contra a parede. Perguntei a ele:

— Você está com pressa?

Um aceno curto.

— Por quê?

— Até mesmo minha força de vontade tem limite — ele carregou outra caixa para dentro.

— Pensando em faltar com a palavra?

Seus ombros enrijeceram e ele diminuiu a velocidade.

— Antes você nunca teria perguntado isso, saberia que sou um homem de palavra. Se nada mais...

— Oh, acho que você vai desistir da propriedade do castelo. Eu estava apenas esperando que você estivesse pensando duas vezes sobre deixar a mim e nosso filho pra trás. — Aí. Eu disse *nosso filho*.

Ele deixou a caixa de lado e virou para mim.

— Ficou claro que você e Jack pertencem juntos. Percebi a emoção entre vocês dois quando você olhou dentro dos olhos dele.

— E quanto ao meu relacionamento com você?

Ele cruzou para mim.

— É isso que estou tentando dizer. Percebi que eu estava errado sobre nós. Eu não pertencço a ninguém. Este sempre foi meu destino.

— *Um governante, para sempre sozinho.*

— Para sempre sozinho, Aric? Tarde demais — apontei para o meu estômago. — Tarde demais.

Ele tirou uma luva e roçou minha bochecha. Suas pálpebras ficaram pesadas com o contato.

— *Es tevi mīlu* — Eu amo você. — Mas minha alma está manchada demais para estar com outra.

— Não concordo — Eu não sabia por que estava aqui para lutar. Só sabia que não estava pronta para perder Aric.

Ainda não tinha ideia de onde isso deixava a mim e Jack.

Aric procurou no bolso do casaco e me entregou a fita vermelha.

— Dê isso a ele.

Encarei a fita em choque. Jack deve ter lhe contado seu significado. Ver isso disparou minhas emoções descontroladas, mas eu precisava ser racional a respeito disso. Coloquei-a no bolso, pigarreando pra dizer:

— Você não pode partir, Aric.

— Ele não vai — Jack entrou a passos largos no pátio. — Sou eu quem vai.

Gabriel o seguia, parecendo mais calmo.

Aric puxou sua cabeça para trás.

— Você também pensa que vou faltar à palavra com a barganha que fiz com você?

— De modo nenhum. É por isso que não posso fazer isso.

— Não entendo.

— Eu fiz uma promessa a Evie: se eu tivesse certeza de que você voltou ao normal e iria se livrar dessa raiva, eu desistiria. Quando abriguei dúvidas sobre você, não tive problemas em me imaginar te roubando, tirando tudo que é seu. Mas agora... — Ele acenou para indicar a mim e a Aric. Quando cheguei tão perto dele? — Droga, cara, você está de volta ao normal.

— Eu não tenho nada a dizer? — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— *Non, peekôn.* Por uma vez, *non.* Eu disse a Kentarch que no final, eu faria o que fosse melhor para você. O fato é que Morte pode protegê-la melhor do que eu. O homem está pronto para entregar sua esposa e filho ao seu rival só para mantê-los seguros; você acha que não estou pronto para fazer exatamente o mesmo sacrifício? Tenho que colocar você e Tee na melhor situação que eu puder. Não importa o quanto isso doa.

Minhas emoções estavam por todo o lado com esta gravidez e pelo trauma que eu tinha passado. Se eles deixassem a decisão para mim, talvez *isso* me colocasse no limite. Porque esta era uma escolha que eu nunca seria capaz de fazer, perfeito para mim não podia ser melhorado.

— Você está partindo porque consegue controlar o resultado. Você precisa controlar seu destino.

— Não importa *por que* eu estou. Só que *sou* — ele disse, ecoando o que ele tinha me contado na nossa primeira noite no Jubileu.

Dei um olhar impotente para Aric. *Conserte isso, como você normalmente faz.* Mas como ele poderia? Eu queria os dois.

Enquadrando seus ombros, ele disse a Jack:

— Eu fiz uma barganha com você. Eu vou honrá-la.

— Eu e Gabe estivemos conversando. Ele está vindo comigo encontrar Joules e Kentarch. Então nós vamos para o sul para montar outro assentamento. Isso pode afastar Richter desse lugar.

— Você vai agir como isca? — Disse Aric. — Eu posso tão facilmente assumir essa missão, deixando você aqui com ela. Apenas dois Arcanos permaneceriam então.

— Inferno, Ceifador, a que distância você vai para descer essa estrada com *Joules*?

— Eu vou lidar.

Jack sacudiu sua cabeça.

— Você sabe que isso faz mais sentido. Nós concordamos que Evie e Tee vinham em primeiro lugar.

Agora eles estavam brigando por quem tinha que partir. Confusão me inundou. Tentei imaginar uma vida aqui com Jack. Agora eu estava de volta a criar um filho aqui com Aric?

— Seu filho precisa estar com seu pai — Jack virou-se para mim. — Se meu pai quisesse alguma coisa a ver comigo e outro homem o afastasse, eu terminaria odiando esse homem. Não quero ser aquele que separa Domīnija de um filho que ele está desesperado para criar.

— Eu... Eu... — Oh, Deus, eu não tinha nenhum argumento contra isso.

Para Aric, ele disse:

— Você esperou dois milênios para conhecê-lo, e agora vai se afastar alguns meses antes dele chegar aqui? — Jack inteligente. — Olha, nós concordamos que você precisa de um covil para Evie e Tee. Se me equipar com lâmpadas solares, combustível e comida, posso fazer isso acontecer. Me dê um emprego, Ceifador. Coloque-me pra trabalhar — Prendendo o olhar de Aric, ele disse: — Vou me mudar por minha decisão. Juro *pela alma da minha mãe* que isso é o que está acontecendo.

Um olhar passou entre eles, algo que indicava que essas palavras eram mais do que um juramento pesado. A postura desafiante de Aric mudou. Por quê?

O que ele diria? O que *eu* diria?

Silêncio se estendeu — tantas emoções passaram sobre o rosto de Aric — até que finalmente ele assentiu:

— Como você quiser, mortal.

Eu estava atordoada demais para falar.

Jack disse:

— Me dê um minuto com ela, pessoal.

— É claro — com um último olhar para mim, Aric virou-se para ir.

Gabriel o seguiu, mas parou alguns passos para dizer:

— Imperatriz, uma vez eu lhe disse que queria muito que você pudesse acabar com este jogo, mas não acredito mais que seja possível.

— Por quê?

Tristeza encheu seus olhos.

— Porque estamos quase no fim dele — com isso, ele deixou Jack e eu sozinhos na noite cheia de neve.

Gabriel sabia sobre o fim. Ele tinha os sentidos de anjo e animal. Então, como eu poderia ser separada de Aric quando o jogo estava indo para sua conclusão? Não ser capaz de cuidar dele?

Mas então, como eu poderia viver sem Jack? As lágrimas caíram sem controle enquanto eu fechava a distância entre nós.

— Estou apaixonado por você, e vai me deixar? E a noite que passamos juntos?

Ele engoliu em seco.

— Torna isso tudo ainda mais difícil.

Fiz um gesto para todo o equipamento de bebê.

— Acho que uma parte de você já ama essa criança. *Você* está bem em nunca mais encontrá-lo?

— Estou bem em fazer sacrifícios para manter vocês dois protegidos — ele enrolou o dedo debaixo do meu queixo. — Pense nisso: trazer você a salvo para seu destino sempre estava em mim. Esse era o meu trabalho. Eu fiz isso, Evie; você está aqui. Deixe-me ter isso.

— Jack...

— Agora vou voltar para onde tudo começou. Eu vou para casa.

Bem quando eu estava prestes a implorar: *Me leve com você!*, ele disse:

— Deixe-me ir, bebê. Eu tenho uma lâmina dentro do meu coração.

Como um espinho em sua pele?

— Eu nem sei se Morte e eu podemos voltar a ser como antes. — Eu amava Aric, mas tivemos tanta dor entre nós. Eu não acreditava que ele deveria estar para sempre sozinho, mas também não estava otimista em recuperar o que compartilhamos.

— Eu sei que você pode. Vi vocês dois juntos. O vínculo de vocês ainda está lá, esmagado, mas ainda lá. Junte-o. Só dá uma maneirada de chutar a bunda dele muito. Ele também teve um tempo ruim com isso.

— E a Bruxa Vermelha? Você deveria estar aqui para me puxar de volta à segurança.

— Se você se meter em problemas, vou vir correndo — Jack disse com um sorriso triste. — Mas confio em você para não machucar ninguém que não mereça, incluindo o Ceifador.

Eu não estava convencida. Mesmo agora, os gritos estridentes da bruxa ainda ecoavam dentro de mim, um sino tocava.

— *Peekôn*, parece que você está perdendo todo mundo, exceto Domīnija.

— Gabriel e Lark não me mataram no passado. *Duas vezes*.

Jack olhou para o meu rosto com expectativa, como se estivesse esperando que eu percebesse algo. O quê? Eu estava tão sobrecarregada demais para entender isso. Senti que o estava decepcionando.

— O que estou perdendo? Apenas me diga. Eu tive um dia ruim, sabe?

— Se culpa o Ceifador por jogos anteriores, então está fazendo a mesma coisa que você o acusou: se segurando num passado amargo, numa raiva não resolvida.

Meus lábios se separaram.

— Oh, meu Deus — Jack estava certo. Consegui perdoar a Lark, Gabriel, até mesmo Matthew por me aniquilar. Eu tinha perdoado Selena e Sol.

Eu estava me perguntando como poderia reparar as coisas com Aric. Ele tinha se perguntado a mesma pergunta sobre mim? De alguma forma, ele tinha trabalhado sua desconfiança passada — depois das *minhas* tentativas de assassinato — para me amar. Se não fosse um demônio como Paul, Aric nunca teria parado.

Justo como eu nunca parei de amá-lo. *Eu* podia deixar ir minha desconfiança e nosso passado? Não devo tentar isso por essa criança?

Mas onde isso deixaria Jack?

— Responda-me uma pergunta, Evie. Responda não, e está vindo comigo.

O que ele perguntaria? Eu não respirei.

— Metade do seu coração ainda pertence ao Ceifador?

Embora *todo* meu coração estivesse partindo, eu sussurrei:

— *Sim.*



53

A caminhonete estava funcionando. Jack tinha os dedos na maçaneta da porta.

Gabriel já estava dentro da cabine, as asas dobradas enquanto esperava. A parte de trás tinha uma lona guardando os suprimentos. Eles até atrelaram um trailer utilitário para mais carga.

Porque isso estava acontecendo. Jack estava me deixando. E eu estava permitindo isso?

Eu tinha ido para dentro por causa do frio, enquanto eles tinham embalado. Depois que Aric terminou de ajudá-los, ele tinha se retirado para o seu escritório para me dar privacidade para dizer adeus.

Quando saí, ele murmurou:

— Por favor, guarde suas lágrimas. Para ele. Eu me afastei de você uma vez... sei por experiência que ele está passando por uma dor inimaginável. Não torne isso mais difícil para ele.

De alguma forma segurei minhas lágrimas, mas agora elas estavam ameaçando novamente. Perguntei a Jack:

— Você está indo tirar meu espinho da sua pele?

Ele virou para olhar para mim.

— *Jamais*. Nunca. Nem sequer estou indo tentar.

— Você me disse que precisava me sentir a cada passo seu. Você me *disse* isso.

— Eu vou. Enquanto você estiver viva e segura — sua voz baixou. — Tenho que ir. Antes que eu perca isso. — Esse músculo saltou em sua mandíbula, o dique prestes a entrar em colapso.

— Como você pode partir depois do que sentimos? Eu disse que estar com você era como voltar para casa.

Ele se inclinou e esfregou seus lábios pelos meus. Levantei a mão para aprofundar o beijo, mas ele se afastou.

— Esta é a coisa sobre casa, bebê. — Olhos cinzentos brilhando, voz rouca, ele disse: — Ela sempre estará lá esperando por você. — Ele se virou e subiu na caminhonete.

Ofeguei quando ele pôs a marcha e começou a dirigir para longe de mim. Eu ainda podia sentir o calor de seus lábios nos meus, mas o estava deixando ir.

Suas luzes traseiras ficaram mais fracas, a neve tentando bloquear minha visão dele. Lágrimas derramaram dos meus olhos enquanto eu desejava que ele se virasse.

Eu queria gritar que isso era um erro. Ele parecia pensar assim. No meio do caminho descendo a colina, suas luzes de freio perfuraram a noite. Dois faróis em uma tempestade. Eu queria correr até eles.

A caminhonete parou na ponte que atravessava o fosso congelado de Circe. Ficou parado, a fumaça do exaustor no ar fresco. *Volte para mim, Jack.*

Talvez ele tenha encontrado o presente que deixei escondido atrás do visor do quebra-sol da caminhonete: a fita vermelha envolvida em um ramo de madressilva. Uma vez, ele chamou isso de seu *porte-bonheur*, seu amuleto de boa sorte, dizendo que isso dizia a ele que nós estaríamos juntos novamente.

Eu tinha escolhido Jack *acima* de Aric? Não. Mas a fita pertencia a ele do mesmo jeito.

Tee começou a chutar forte. Sentindo meu desespero? Coloquei as mãos na minha barriga e um calor estranho me tomou.

Jack estava indo para o perigo, então por que eu tinha a sensação de que o veria de novo? Mesmo em meio ao meu pânico, uma incandescente e bem-vinda certeza estava dentro de mim.

Jackson Daniel Deveaux e eu nos encontraríamos de novo.

Eventualmente, a caminhonete seguiu. Talvez Gabriel estivesse lhe dizendo o mesmo: *você a verá mais uma vez, Caçador. Acredite nisso.*

Vi essa caminhonete até desaparecer na cortina de branco. Até que os ventos abafaram o som do motor, envolvendo-o.

Até que a noite o roubou de mim.

Observei muito tempo depois, não havia sinal dele. De Jack. O amor da minha vida. Observei até que minhas lágrimas estivessem congeladas nas minhas bochechas. Apertei o torniquete mais uma vez, sabendo que um dia quebraria e eu sangraria ali fora na neve.

Pior.

Mas se ele podia se sacrificar por Tee, eu também podia. Enxugando minhas lágrimas, voltei para o castelo.

Minha alma gêmea, o pai do meu filho me esperava lá. Eu tinha um relacionamento para reparar, alianças a serem reconstruídas e uma casa para defender.

Tão certa como eu sentia que voltaria a ver Jack, estava ainda mais certa que o jogo estava girando para um final sangrento.

Eu estaria pronta.

— *Imperatrizzzz* — Um sussurro no meu ouvido como um sopro de gelo. O Louco estava me contatando através do meu link mental.

Parei no mesmo instante. *Estive esperando por você me responder.* Sondei minhas emoções. Como eu me sentia sobre meu ex-aliado agora?

Em conflito novamente. Sentia falta dele, e devia a ele por salvar Jack dos vendedores de escravos. Eu devia a ele por ajudar Aric a se livrar de Paul. Mas Matthew também permitiu que coisas terríveis acontecessem aos nossos amigos.

A Finn...

— *Você sabe o que realmente quer? Eu vejo longe, Imperatriz.*

Então me diga o que está por vir.

— *Os deuses ventilam sua ira. As Cartas Menores se unem. Inferno na Terra. Terremotos. Todos estarão vindo por você.*

Em voz alta, eu disse:

— Deixe-os vir — minhas garras brotaram e afiaram. O cheiro de rosas encheu o ar gelado.

— *Imperatriz?*

— Matthew, finalmente entendi o que você queria que eu aprendesse o tempo todo — Olhei para a minha mão marcada, então de volta para a estrada solitária em que Jack agora viajava. Naquela voz ofegante e malvada, eu disse: — Pra melhor ou pra pior, qualquer pessoa que me toca paga um preço.

Eu me dirigi para dentro.

Fim

Caro leitor,

Muitas vezes me perguntam se eu sou Time Jack ou Time Aric. Como Evie, acho que cada um é perfeito para ela do seu próprio jeito.

E assim escrever este livro foi agri-doce. Meus olhos se enchem de lágrimas cada vez que leio a despedida de Jack ou reflito sobre a dor persistente dentro de Aric.

O Flash está acabando com a esperança, e um futuro perigoso está à frente da mulher que eles amam. Mas as peças para o confronto final nas Crônicas Arcanas estão agora no lugar. Todos remanescentes tem uma parte a desempenhar na batalha para salvar o mundo.

Evie pode ser importante, mas a que preço? A semente da esperança já foi plantada?

Muito obrigada por continuar nesta jornada e por confiar em mim para pastorear esses personagens para um amanhã melhor.

Fique ligado; o fim está começando. Desejos mais calorosos,

KC